

***As Ilhas Desconhecidas e The Unknown Islands:* um estudo comparativo**

Dissertação de Mestrado

Verónica Gil Alves Pereira Lázaro

Mestrado em

Tradução e Assessoria Linguística



Ponta Delgada
2022

As Ilhas Desconhecidas e The Unknown Islands: um estudo comparativo

Dissertação de Mestrado

Verónica Gil Alves Pereira Lázaro

Orientadora

Professora Doutora Dominique Almeida Rosa de Faria

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Tradução e Assessoria Linguística



ÍNDICE

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Introdução	8
1. Os Desafios da Tradução Literária: Fundamentos Teóricos	21
2. Léxico Regional	32
2.1. Regionalismos de Várias Ilhas dos Açores	32
2.2. Léxico Corvino	38
2.3. Léxico Madeirense	41
2.4. Incorreções Linguísticas	43
3. Linguagem Popular	48
3.1. Manutenção da Forma e do Sentido	49
3.2. Manutenção da Forma com Perda de Sentido	55
3.3. Perdas na Forma e no Sentido	56
3.4. Linguagem Corrente Traduzida por Expressões Idiomáticas	66
4. Festividades	69
4.1. Culto do Espírito Santo	69
4.2. Festa de São Marcos	73
4.3. Celebrações do Ano Novo	75
5. Tradições e Ofícios	79
5.1. Tradições e Costumes Locais	79
5.2. Ofícios	90
6. Referências Culturais	109

6.1. História, Mitos Populares e Religião	110
6.2. Economia e Sociedade	115
6.3. Arte: Pintura e Arquitetura	121
6.4. Literatura: Intertextualidade	126
Conclusão	139
Bibliografia	144
Anexos	149
Tabela 1. Vocábulo regionais não traduzidos	150
Tabela 2. Vocábulo açorianos sujeitos a domesticação	154
Tabela 3. Léxico corvino traduzido por meio de equivalência formal	157
Tabela 4. Vocábulo madeirenses não traduzidos	158
Tabela 5. Vocábulo madeirenses sujeitos a domesticação	159
Tabela 6. Tradução de incorreções linguísticas	160
Tabela 7. Expressões com equivalência na língua-alvo	163
Tabela 8. Expressões sem equivalência na língua-alvo	167
Tabela 9. Linguagem corrente traduzida por expressões idiomáticas	173
Tabela 10. Festividades	173
Tabela 11. Tradições/ costumes locais	177
Tabela 12. Ofícios/ profissões	185
Tabela 13. Referências históricas, míticas e religiosas	194
Tabela 14. Referências à organização económica e social	197
Tabela 15. Referências à arte (pintura e arquitetura)	202
Tabela 16. Referências intertextuais	204

AGRADECIMENTOS

Abraçar este projeto foi isolar-me do mundo nas horas do dia que me restavam do meu trabalho como docente do Ensino Básico e Secundário. Na minha bolha, não recorri a muitas pessoas, porque aquelas que me estenderam a mão o fizeram incondicionalmente ao longo de todo o percurso.

Estou grata ao meu marido, Márcio Lázaro, pelo amor, calma, paciência, carinho e alento que têm sido a minha bússola e a minha força motriz.

Agradeço à minha orientadora, a professora Doutora Dominique Faria, cuja orientação foi muito além de todas as minhas expectativas. Extremamente célere, esclarecedora e incansável na resposta às minhas frequentes dúvidas, nunca deixou que me sentisse perdida ou desacompanhada. Além de me orientar, soube motivar-me e as suas palavras fomentaram a minha perseverança.

Devo a minha gratidão também à minha mãe, Olinda Gil Alves, e ao meu pai, Carlos Pereira, que me inculcaram a valorização do trabalho, da educação e da cultura.

RESUMO

O presente estudo consiste numa análise comparativa entre *As Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*, um clássico da literatura portuguesa de viagens que narra a incursão do autor, Raul Brandão, pelas ilhas dos Açores e da Madeira, e a sua tradução para língua inglesa – *The Unknown Islands: Notes and Landscapes* – levada a cabo por David Brookshaw, professor emérito de Estudos Luso-brasileiros na Universidade de Bristol. Após uma reflexão sobre a componente extratextual, composta pela génese da obra, pelo contexto em que ocorre a tradução, os agentes envolvidos e o papel que desempenham, procede-se à análise de alguns casos de tradução considerados mais representativos, os quais se agruparam por categorias, tendo em conta aspetos linguísticos e culturais que colocam desafios ao tradutor, nomeadamente relativos ao léxico regional, à linguagem popular, às festividades, às tradições e ofícios e às referências culturais. A finalidade última do estudo é compreender que condições possibilitaram a tradução da obra para língua inglesa e em que medida a versão inglesa difere da versão portuguesa.

Palavras-chave: *As Ilhas Desconhecidas*; *The Unknown Islands*; Raul Brandão; David Brookshaw; literatura portuguesa; Açores; Madeira; tradução literária.

ABSTRACT

This thesis is a comparative analysis between *As Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*, a classic work of Portuguese travel literature which narrates the incursion of its author, Raul Brandão, in the islands of the Azores and Madeira, and its translation into English – *The Unknown Islands: Notes and Landscapes* – carried out by David Brookshaw, emeritus professor of Luso-Brazilian studies at the University of Bristol. Considerations about the extra-textual components, consisting of the work's genesis, the translation's context, the agents involved and their role, are followed by the analysis of some excerpts, thought to be more representative, which have been gathered in categories, considering linguistic and cultural features that are challenging for the translator, such as regional lexis, popular language, local celebrations, traditions and occupations, and cultural references. The ultimate aim of this study is to understand the conditions that enabled this work's translation into English and to what extent the English version diverges from the Portuguese one.

Keywords: *As Ilhas Desconhecidas*; *The Unknown Islands*; Raul Brandão; David Brookshaw; Portuguese literature; Azores; Madeira; literary translation.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação constitui um estudo comparativo entre *As Ilhas Desconhecidas*, um clássico da literatura portuguesa de viagens, da autoria de Raul Brandão, e a sua recente tradução para língua inglesa – *The Unknown Islands* – editada pela Tagus Press e levada a cabo por David Brookshaw, professor emérito de Estudos Luso-brasileiros na Universidade de Bristol de 1978 a 2011, ano em que se reformou.

Para confrontar com a versão de Brooksahw, usou-se como base de trabalho a segunda edição de *As Ilhas Desconhecidas* da editora açoriana Artes e Letras, dada a relevância dos paratextos aí contidos, aos quais nos reportaremos nesta tese, e o “[c]ritério desta edição” que Machado Pires explicita:

O exemplar de que nos servimos para a fixação do texto estava anotado a lápis pelo próprio Raul Brandão. (...) Procurámos aproveitar as notas que nos parecerem inequívocas e não fazer qualquer alteração que pudesse mutilar o texto, a partir de riscos a lápis à margem. (Pires, 2018b: 37).

Com esta análise, pretende-se evidenciar o contexto em que surge a tradução da obra, os agentes envolvidos nesse processo e o papel que desempenharam, de que forma o texto de Brandão é apresentado aos leitores anglófonos, bem como as opções de tradução que determinaram a versão final do texto, e ainda a forma como a tradução representa um contributo para a divulgação da cultura e identidade do povo açoriano, inclusivamente das idiossincrasias das diferentes ilhas do arquipélago.

As Ilhas Desconhecidas são o produto de uma viagem de Raul Brandão, no mesmo navio em que seguiam outros intelectuais da época, entre os quais o escritor terceirense Vitorino Nemésio, aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, no verão de 1924. Na Introdução de *The Unknown Islands*, traduzida para inglês por Mário Pereira, Urbano Bettencourt refere que o próprio Brandão afirma numa entrevista¹ que “os outros” (escritores, artistas, professores, políticos, jornalistas do *Diário de Notícias*, de *A Época* e de *O Século*) não viram verdadeiramente os Açores. Quer isto dizer que as restantes personalidades oriundas de Portugal continental que faziam parte do que ficou conhecido como a “Missão Intelectual” e que foram convidadas pelo *Correio dos Açores* para visitar o arquipélago passaram muito

¹ De acordo com Vasco Medeiros Rosa, tratava-se de uma entrevista dada ao *Diário dos Açores* a 31 de agosto de 1924, publicada a 15 de setembro do mesmo ano (Rosa, 2019: 92).

pouco tempo em terra em cada uma das ilhas, não tendo tido a paciência de Raul Brandão para observar a alma dos homens e mulheres ilhéus:

Speaking to an interviewer two days later after his return to Lisbon, Brandão commented, ‘The others passed through there, but...they didn’t see the Azores.’ By others he meant the Portuguese intellectuals, experts, and artists who had taken up the invitation from Correio dos Açores and its director José Bruno Carreiro to visit the Azores but who had spent much less time there, sometimes only two or three hours at each port of call. (Bettencourt, 2020a: 6).

No grupo dos “outros”, dos que não prestaram a devida atenção aos Açores, não incluímos (e é nossa convicção que Raul Brandão também não o terá feito) Vitorino Nemésio por ser ele próprio açoriano e pelo facto de o conhecimento travado com o autor de *As Ilhas Desconhecidas* ter marcado profundamente o do *Corsário das Ilhas*, obra publicada trinta anos depois da de Brandão, mas na qual Nemésio também narra as suas impressões de viagens interilhas. Em “Raul Brandão Íntimo”, o próprio Nemésio reconhece a marca que deixou no seu o espírito “grave de força interior” que conheceu “a 8 de Junho de 1924, a bordo do *San Miguel*, da carreira das ilhas²” ao confessar: “Em toda a viagem desenvolvi uma espionagem convicta em torno do seu vulto pernalta” (Nemésio, 1995: 139) que “[a]pontava as emoções de bordo em carteiras de papel comercial de capa negra” (Nemésio, 1995: 140). Está também registada a primeira reação de Vitorino Nemésio a esta obra do amigo Raul Brandão, que reportada no *Diário de Lisboa* a 14 de maio de 1927, ilustra, com emotividade, o impacto que a prosa deste livro teve num homem de letras, nado e criado nas ilhas que Brandão deu a conhecer:

Acabo de ler duas centenas de páginas d’ *As Ilhas Desconhecidas*, e confesso que nunca me senti tão comovido e deslumbrado. É o meu Coração de escritor que se deslumbra, a minha alma de ilhéu que se comove. Está ali o pico que toma todas as cores como um camaleão de pedra brava, o corvo minúsculo e comunista, São Jorge dos inhumes e paseigos. Está a Graciosa entre os dois montes, as Flores como

² Vitorino Nemésio nota também, na mesma passagem, a importância da datação nesta obra de literatura de viagens ao acrescentar: “posso precisar a data porque é a que ele dispõe às primeiras impressões d’*As Ilhas Desconhecidas*” (Nemésio, 1995: 139).

um cestinho, a minha ilha Terceira um pouco esfumada e delida. (Nemésio, in Rosa, 2019: 107, 108)

Não obstante o capítulo dedicado à mais conhecida e turística Madeira, mesmo à luz dos anos vinte do século passado, é sobretudo a perplexidade que Brandão experimenta não só a bordo do *San Miguel*, mas sobretudo, ao ver e vivenciar as ilhas dos Açores, para o autor e para a época praticamente desconhecidas, que está na origem destas notas de viagem, redigidas entre oito de junho e vinte e nove de agosto, que posteriormente se consubstanciaram numa breve nota introdutória – “Em três linhas” – e nos dez capítulos da obra. O primeiro capítulo destina-se à narração da viagem em si, os oito seguintes são dedicados aos Açores e o capítulo final é respeitante à Madeira, intitulado-se, por esta ordem: “De Lisboa ao Corvo”, “O Corvo”, “A Floresta Adormecida”, “A Ilha Azul”, “O Pico”, “A Pesca da Baleia”, “Homens e Barcos”, “As Sete Cidades e as Furnas”, “O Atlântico Açoriano” e “Visão da Madeira”. *The Unknown Islands* segue a mesma estrutura interna, abrindo com a nota de autor – “In Three Lines” – à qual se seguem os dez capítulos: “From Lisbon to Corvo”, “Corvo”, “The Sleeping Forest”, “The Blue Island”, “Pico”, “Whaling”, “Men and Boats”, “Sete Cidades and Furnas”, “The Azorean Atlantic”, “Vision of Madeira”.

Quanto ao que motivou a excursão em si e o projeto de escrever sobre as regiões insulares portuguesas, em *Raul Brandão e os Açores*, Vasco Medeiros Rosa aponta várias razões: o sucesso editorial de *Os Pescadores*, que terá levado Brandão a perspectivar uma obra sobre os Açores e a Madeira como continuidade “do seu livro litorâneo e continental” (Rosa, 2019: 18); o desejo de contribuir para “o conhecimento e auto-estima do país” (Rosa, 2019: 18), ligado à doutrina da Revista *Seara Nova*, que Brandão fundara em 1921; a possibilidade de a viagem ter sido impulsionada pelos seus editores – Aillaud e Bertrand – que terão procurado aproveitar o “mediatismo que os Açores viriam a ter no futuro próximo, a cavalo da cobertura jornalística feita pelo *Diário de Notícias*, *Época* e *Diário de Lisboa*” (Rosa, 2019: 21); e, finalmente, “o seu interesse específico pelo Corvo” (Rosa, 2019: 2). Esta última motivação é o próprio autor que a reconhece em entrevista concedida ao *Diário de Notícias* a trinta de agosto de 1924, um dia após o seu regresso a Portugal Continental. Quando questionado pelo jornalista³ sobre como tinha pensado ir aos Açores, Raul Brandão responde: “Uma ideia velha. Projectei a minha viagem há muito tempo. Depois de ter lido o testamento de Mouzinho da Silveira...” (Brandão, in: Rosa, 2019: 90, 91).

³ Embora a entrevista não seja assinada, Vasco Medeiros Rosa presume que tenha sido conduzida por Artur Portela (Rosa, 2019: 88).

Exemplo paradigmático da literatura portuguesa de viagens, *As Ilhas Desconhecidas* são testemunho da riqueza do arquipélago dado que, de acordo com Urbano Bettencourt, mais do que tirar notas e descrever paisagens, como sugere o subtítulo da obra, Brandão foi aos Açores para descobrir e entender as suas gentes e a relação das mesmas com o meio envolvente.⁴ É, justamente, nessa capacidade para caracterizar em simultâneo o espaço físico e social, que reside a intemporalidade de uma obra que nos faz sentir a solidão dos açorianos de então e continua a cativar o leitor atual, não obstante os Açores terem sofrido intensa evolução socioeconómica nos últimos cem anos:

The islands have undergone many changes in the intervening decades, such as an improved standard of living, more extensive interisland relations, and expanded contact with the world. Yet today *The Unknown Islands* maintains its capacity to surprise and captivate us. (Bettencourt, 2020a: 2).

Para contextualizar essa forma de relatar e descrever as ilhas, principiamos por apresentar sumariamente o autor, o seu estilo e alguma da sua bibliografia.

RAUL BRANDÃO: O PINTOR DE PALAVRAS

De origens humildes – filho e neto de pescadores – Raul Brandão nasce na Foz do Douro a 12 de março de 1867, vindo a falecer aos 63 anos, em Lisboa, a 5 de dezembro de 1930. Pertencente à geração de 90, tal como António Nobre, Camilo Pessanha, entre outros, as influências finisseculares da estética decadentista-simbolista e impressionista marcam a sua obra. A ficção brandoniana (romance e teatro) dá mais relevo à dor, ao sonho, à dualidade entre idealismo e sentimento de decadência do Homem, entre esperança e desespero, do que ao enredo propriamente dito. O interesse pela questão social é também transversal à sua obra, sendo notória uma preocupação com a natureza humana e uma empatia para com o sofrimento dos mais desfavorecidos.

A escrita não-ficcional surge numa fase de maturidade do autor com *Os Pescadores* e *As Ilhas Desconhecidas*, exemplares da literatura de viagens. Nestas obras Brandão mantém-se fiel à estética impressionista, mas a vertente noturna da sua prosa é substituída por uma vertente apolínea em que as referências à cor e à luz são constantes. O pendor contemplativo, o

⁴ “Rather than simply recording what appears on the surface and taking notes on the landscape of the islands as a simple hurried traveler and collector of impressions might, Brandão went to the Azores to discover a land and to understand its people in their relations to the space around them.” (Bettencourt, 2020a: 2)

sentimentalismo exacerbado e a compaixão pelos pobres e explorados são também características do estilo autoral que acompanham Brandão na transição da ficção para a literatura de viagens.

Com *Os Pescadores* (1923), Raul Brandão inicia o que planeava ser uma trilogia de viagens: a primeira pela costa continental portuguesa, a segunda pelos arquipélagos dos Açores e da Madeira e uma terceira (não concretizada) pelos territórios ultramarinos portugueses.⁵ As duas viagens que levou, efetivamente, a cabo originaram “das melhores páginas do impressionismo literário em Portugal.” (Machado Pires, 2018b: 22).

Descendente de homens do mar, sente a atração do azul e parte à descoberta da costa portuguesa, das suas paisagens, das tradições e dos tipos sociais: assim nasce *Os Pescadores*. A obra abre com uma dedicatória que encerra em si o destino trágico dos marítimos e suas famílias: “À memória do meu avô, morto no mar” e reúne as notas de uma viagem que Raul Brandão empreende pela costa de norte a sul do país (primeiro a Foz do Douro e depois de Caminha em direção a sul, até à ponta de Sagres). O próprio autor explica no prólogo de *Os Pescadores* o deslumbramento que lhe causa o mar e a génese da obra: “Quando regresso do mar venho sempre estonteado e cheio de luz que me trespassa. Tomo então apontamentos rápidos – seis linhas – um tipo – uma paisagem. Foi assim que coligi este livro, juntando-lhe algumas páginas de memórias.” (Brandão, 2020b: 7) Também *As Ilhas Desconhecidas* partiram de apontamentos de memórias fixados em sete cadernos, cujo conteúdo nem todo foi usado na obra e que se encontram preservados no espólio do autor, na Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães, podendo consultar-se uma cópia em microfilme desses cadernos na Biblioteca Nacional (Rosa, 2019: 51).

As Ilhas Desconhecidas partilham com *Os Pescadores* o género literário, a estética e a temática. Nas gentes humildes que se aventuram no mar dos Açores, em toda a sua imensidão e tragicidade, Raul Brandão encontra um reflexo dos pescadores da Foz do Douro, dos poveiros e de outras gentes da costa, ainda que caracterize tipos sociais distintos a cada paragem. Numa e noutra obra a “sensibilidade aos desgraçados mantém-se viva” (Machado Pires, 2018b: 19), seja quando descreve as duras condições dos pescadores poveiros, obrigados a pedir esmola quando o Inverno é longo (Brandão, 2020b: 32), seja quando dá voz à “queixa baixinha do homem mais desgraçado dos Açores” (Brandão, 2018b: 212), o paupérrimo pastor jorgense, explorado pelos grandes proprietários, para nomear dois dos variados exemplos. Raul Brandão

⁵ “De resto, as duas obras completam-se e procuravam, como se sabe, dar-nos a imagem de um Portugal de conjunto a que faltou o então ultramar, ao qual Brandão chegou a planear uma viagem, que a sua saúde já não lhe deixava empreender.” (Machado Pires, 2018b: 22)

conclui, com amargura, que a era moderna trouxe lucro para uma pequena burguesia às custas da exploração do povo: “Como temos o condão de estragar tudo, empobrecemos as populações da beira-mar, para enriquecer meia dúzia de felizes.” (Brandão, 2020b: 32).

A sensibilidade estética é também comum: tanto *Os Pescadores* como *As Ilhas Desconhecidas* retratam ambientes e panoramas em que prevalece o tom, o colorido, os contrastes de sombreados, a impressão, mais do que imagens precisas e fotográficas. Pintor amador, Raul Brandão serve-se de vocabulário do campo lexical das artes plásticas, sobretudo da pintura, para descrever o que observa. As referências à luz e à cor são recorrentes em ambas as obras, embora em *Os Pescadores* o autor dê primazia à primeira e n’*As Ilhas Desconhecidas* à segunda⁶, já que a luz dos Açores e mesmo a da Madeira, quase sempre filtradas pela neblina, não o fascinam tanto como a luz da costa continental portuguesa, chegando mesmo a perturbá-lo para o final da viagem: “Começo a andar inquieto. Não pude dormir: toda a noite desejei com sofreguidão outra luz – a luz que me criou. Nem na Madeira a luz me satisfaz.” (Brandão, 2018: 308).

A aproximação às diferentes ilhas do arquipélago ao nascer do sol, em pequenos “barcos de boca aberta”, nos quais “fazia as viagens entre as ilhas” (Nemésio, 1995: 139), forneceu a Brandão um vislumbre da sua geografia entre a luz e a névoa, fazendo-o distinguir uma policromia de azuis, doirados, verdes, roxos, rosas, negros, brancos... enfim as cores que hoje atribuímos a cada uma das ilhas dos Açores. Machado Pires intitula Raul Brandão de “pintor impressionista por meios verbais” e acrescenta que “[p]or não ser ilhéu, Brandão ainda melhor contribui, na surpresa de visitante maravilhado, para enriquecer a experiência estética e documental de uma literatura de significação açoriana” (2018a: 8). A suma importância desta obra para a literatura e cultura açorianas é também atestada pelo poeta florentino Pedro da Silveira, cuja reprodução do testemunho sobre esta obra de Brandão encontramos publicado “no suplemento literário d’*O Comércio do Porto* a 23 de junho de 1953” (Rosa, 2019:29):

E foi Raul Brandão, com *As Ilhas Desconhecidas*, quem me desvendou o mistério disto tudo. E também das vidas dos homens e mulheres simples do Corvo, das Flores, do Pico. Ele e os velhos marinheiros coevos da *Moby Dick*, os emigrantes mais ou menos falhados da Califórnia, do Oregon e da Nevada - deram-me as primeiras lições de uma realidade açoriana que, até aí, ninguém me soubera

⁶ “Ao contrário d’*Os Pescadores*, n’*As Ilhas Desconhecidas* não é a luz que surge mais referida, mas sim a cor. No Continente a luz é «mais forte» que a cor; nas ilhas, o que é facto, é a cor que mais o impressiona.” (Machado Pires, 2018b: 23)

mostrar. Primeiro que Roberto de Mesquita e Vitorino Nemésio, Raul Brandão foi o meu mestre da Geografia sentimental das ilhas. (Silveira, *in Rosa*, 2019:30)

THE UNKNOWN ISLANDS E DAVID BROOKSHAW

Em 2020, passados quase cem anos da primeira edição d’*As Ilhas Desconhecidas*, chega às bancas *The Unknown Islands*. A capa da obra tem uma composição simples, com poucos elementos. Sobressaindo do fundo azul-atlântico, entre as espirais turquesas que imitam a agitação das ondas, surgem as ilhas, *The Unknown Islands*, o título traduzido. Os únicos dois outros elementos que figuram na capa são o nome do autor, em letras vermelhas, abaixo do título grafado a preto, e a inscrição “[t]ranslated by David Brookshaw”, no canto inferior esquerdo, com a mesma cor do título, mas com letras bastante mais pequenas. Mesmo o subtítulo – *Notes and Lanscapes* – é relegado para a folha de rosto. Elemento paratextual fundamental, a capa, muito embora de simples composição, cumpre um duplo propósito estético e comercial, pois apela ao leitor evocando o mar dos Açores com um fundo azul e ondas revoltas. Tendo em conta que “we form opinions about texts based on surrounding or apparently superficial elements” (Batchelor, 2018: 2) os componentes da capa influem diretamente na abordagem da obra pelo leitor.

Com o seu nome a figurar na capa, o destaque de David Brookshaw chega a ser superior ao da coleção, editora e outras entidades responsáveis pela edição, relegadas para a folha de rosto e para a contracapa, a qual contém também uma crítica sumária à obra, uma curta sinopse e informação biográfica sobre o autor e sobre o tradutor, colocadas lado a lado e com extensão similar. Sobre Brandão, além da data do nascimento e da morte, a informação biográfica da contracapa menciona o facto de, afora a sua dedicação à escrita, também ter sido jornalista e oficial do exército. São, ainda, destacadas diversas qualidades do escritor, tais como “the powerful realism of his literary descriptions”, “the moving lyricism of his language” e “his sensitive and sympathetic portrayal of the human condition”. Quanto a David Brookshaw, realça-se o título académico de professor emérito na Universidade de Bristol, bem como as suas publicações no âmbito dos estudos brasileiros e lusófonos pós-coloniais. Enumeram-se, ainda, algumas das suas traduções recentes de autores de renome da lusofonia, como *Woman of the Ashes* (2018), de Mia Couto ou *The Archive of Confessions* (2019), de Carlos Morais José.

Este realce dado ao tradutor contraria a seguinte tendência identificada por Venuti: “...translators receive minimal recognition for their work – including translators of writing that is capable of generating publicity” (Venuti, 1995:8). Não é, pois, irrelevante o facto de o

tradutor ter sido, durante várias décadas, professor emérito da Universidade de Bristol, uma das mais prestigiadas do Reino Unido, e ter ampla investigação publicada no campo dos estudos da literatura lusófona pós-colonial, nas variantes europeia, brasileira, africana e até macaense, para além de ser tradutor de prosa ficcional e poesia de autores de renome da lusofonia, como o moçambicano Mia Couto, o angolano Pepetela, o açoriano Onésimo de Almeida ou o português residente em Macau, Carlos Morais José.

Na página da Universidade de *Bristol, School of Modern Languages*, o próprio professor David Brookshaw revela o seu interesse pela condição da diáspora, do exílio, da etnicidade, e da multiplicidade de vozes na expressão literária em língua portuguesa:

My main research interests lie in the area of migrant, colonial and postcolonial literary discourses. Within this broad framework, I have a particular interest in themes related to the diasporic condition, such as the expression of exile, ethnicity and hybridity in the literatures of the Portuguese-speaking world.⁷

Acedendo ao pedido de colaboração com este estudo por correio eletrónico, David Brookshaw pronunciou-se acerca do seu interesse de longa data pela cultura e literatura lusófonas: “Firstly, my immersion in Portuguese began in 1965, when I was 19. I lived in Portugal for three years, working and studying the language at Lisbon and Coimbra Universities, while teaching English.”⁸ De regresso a Inglaterra, depois de três anos em Portugal, David Brookshaw formou-se em Estudos Ibéricos pela University College London e, posteriormente, fez doutoramento em Literatura Brasileira. A sua carreira académica, sempre ligada ao ensino do Português e da literatura lusófona, principiou em 1974, na Queen's University de Belfast. Quatro anos depois, foi para Bristol onde lecionou até se reformar, em 2011. Para além de uma vida profissional ligada ao português, também estreitou laços com a língua portuguesa na sua vida pessoal, vivendo num lar bilingue, uma vez que a sua esposa nasceu e cresceu em Moçambique.

Foi também o próprio tradutor que melhor nos elucidou a respeito do público-alvo desta tradução reconhecendo que grande parte dele estaria entre a diáspora portuguesa na Nova Inglaterra que, já não tendo o português como primeira língua, se sentiria mais confortável a ler literatura portuguesa traduzida para inglês. Conquanto considerasse que o público desta

⁷ (<http://www.bristol.ac.uk/sml/people/david-r-brookshaw/overview.html>)

⁸ Testemunho do tradutor dado por e-mail enviado por David Brookshaw à autora da presente dissertação a 13/05/2022.

tradução seria, sobretudo, de ascendência lusa, David Brookshaw ressaltou que o seu objetivo ao aceitar o projeto era também tornar a obra de Brandão acessível a visitantes ou turistas anglófonos de passagem pelas ilhas atlânticas portuguesas.⁹ Pelo menos no que toca à crítica, conseguimos já encontrar uma receção positiva à tradução para inglês d'*As Ilhas Desconhecidas*. Na recensão incluída no suplemento literário da revista *Times* de 3 de setembro de 2021, além do elogio à sensibilidade por que prima a tradução de David Brookshaw, Bernhard Malkmus compara Raul Brandão a Bruce Chatwin, autor inglês célebre no género da narrativa de viagens, tomando parte pelo primeiro:

As Ilhas Desconhecidas (1926) – Raul Brandão’s beautifully crafted account of the social life and natural history of the Azores archipelago – is one of the greatest travelogues in the Portuguese language. Its crystalline realism and supple lyricism would have left Bruce Chatwin green with envy had he known it; David Brookshaw’s sensitive and nuanced translation – the first in English – was worth the wait. (Malkmus, 2021)

A PUBLICAÇÃO DE *THE UNKNOWN ISLANDS*

Raul Brandão foi um escritor que alcançou bastante sucesso em vida e as suas obras tardias, como *O Gebo e a Sombra*, *Os Pescadores*, e *As Ilhas Desconhecidas* foram bem recebidas no meio editorial. No entanto, a morte do autor, “a emergência e domínio de novas correntes literárias e a não reimpressão dos seus livros acabariam por submergir *As Ilhas Desconhecidas* do panorama literário” (Rosa, 2019: 37). Isto explica, pelo menos em parte, a falta de interesse em verter para inglês este notável livro de viagens, ainda que à data da primeira publicação em português tenha tido algum contacto com o público da diáspora. Vasco Medeiros Rosa afirma que os anúncios de livreiros portugueses na imprensa de New Bedford da época comprovam que *As Ilhas Desconhecidas* foram divulgadas entre os emigrantes portugueses na América do Norte (Rosa, 2019: 55) Todavia, nas últimas décadas (desde que a obra entrou em domínio público em 1980), diferentes editoras portuguesas têm reimprimido a obra e os leitores mais jovens passaram a tomar contacto com ela a partir de 2015, quando passou a integrar a lista de livros proposta pelo Programa e Metas Curriculares de Português do ensino secundário para o PL (Projeto de Leitura).

⁹ “In bearing in mind the target readership, I was aware that many of the book’s readers would be from the Portuguese diaspora in New England who no longer had Portuguese as their first language, and were more used to reading English, but I also wanted to make it readable to Anglophone visitors to the islands, whether or not they were of Portuguese ancestry, or American.” (Brookshaw, 13/05/2022)

Restaurado o interesse pel' *As Ilhas Desconhecidas* a nível regional e nacional, *The Unknown Islands* vem, agora, ampliar-lhe o público. A tradução levada a cabo por David Brookshaw permitirá que a obra de Brandão penetre no mercado americano, tradicionalmente pouco aberto a autores estrangeiros. Pese embora o facto de David Brookshaw, o tradutor, ser de origem britânica, a obra traduzida segue a norma ortográfica americana e resulta de uma parceria entre o Governo Regional dos Açores e o Centro de Estudos Portugueses e Cultura da Universidade de Massachusetts Dartmouth, constituindo um volume de Bellis Azorica, uma coleção da Tagus Press estritamente dedicada à literatura, cultura e história dos Açores, que, não só republica clássicos já esgotados (como por exemplo *Stormy Isles: An Azorean Tale*, a tradução de *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio), mas também visa publicar novas traduções de clássicos da literatura açoriana ou de literatura sobre os Açores, como é o caso da obra em apreço, bem como estudos e investigações inéditos, segundo a informação que figura no *Website* da editora.

Este título – *The Unknown Islands* – da coleção Bellis Azorica é um dos seis que à data a integram¹⁰, da iniciativa conjunta das Universidades de Brown e de Massachusetts Dartmouth¹¹. Todos os seis volumes foram publicados pela Tagus Press, com o cofinanciamento do Governo dos Açores e da Direção-Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), uma organização da República Portuguesa.¹²

A coleção tem como diretor-executivo Mário Pereira, que dirige também a própria editora Tagus Press e é descendente de açorianos¹³. Bellis Azorica conta também com a direção do Professor Emérito da Universidade de Brown Onésimo de Almeida, natural dos Açores e um dos responsáveis, conjuntamente com Francisco Cota Fagundes pela editora Gávea Brown, cujo propósito é homólogo ao da Tagus Press: a divulgação da literatura lusófona na cultura anglo-americana.

As publicações Gávea-Brown surgiram em 1980 sob o patronato do Center for Portuguese and Brazilian Studies da Universidade de Brown, membro da famosa Ivy League, situada em Providence, uma cidade do Estado de Rhode Island que é também o lar de uma grande

¹⁰ As restantes obras desta coleção, listadas por ordem alfabética, são: *Dark Stones*, de Dias de Melo; *In America, I Discovered I Was European*, de Natália Correia; *Poems in Absentia & Poems from The Island and the World*, de Pedro da Silveira; *Smiling in the Darkness*, de Adelaide Freitas; e *Stormy Isles: An Azorean Tale*, de Vitorino Nemésio.

¹¹ Na página do *Facebook* da *University of Massachusetts Dartmouth Center for Portuguese Studies and Culture* refere-se, justamente, a cooperação com outras instituições irmanadas pelo objetivo: “The center for Portuguese Studies and culture is designed to liaise between the University of Massachusetts Dartmouth and other institutions involved in Portuguese studies abroad and in the United States. (consultado em: 7/1/2022, in: https://www.facebook.com/CenterPortugueseStudiesCulture/about/?ref=page_internal)

¹² Informação que consta na contracapa de *The Unknown Islands*.

¹³ Três dos quatros avós de Mário Pereira eram açorianos.

comunidade açoriana nos Estados Unidos. Com o ambicioso intento de difundir a lusofonia¹⁴, esta editora tem publicado obras de diferentes campos, tais como os Estudos Portugueses; traduções de literatura portuguesa; e trabalhos originais em inglês ou português que sejam testemunho da interação entre as culturas portuguesa e norte-americana, em especial trabalhos criativos que retratem a experiência portuguesa na América do Norte, segundo assevera a página de *Internet* da editora supranomeada.

A Tagus Press é a editora da University of Massachusetts Dartmouth Center for Portuguese Studies and Culture, localizada em North Dartmouth, Massachusetts, estado fronteiriço ao de Rhode Island, também na costa Leste dos Estados Unidos, entre New Bedford e Fall River, duas cidades onde a comunidade de emigrantes açorianos é também extensa. A UMass Dartmouth é uma das quatro instituições que formam a Universidade de Massachusetts. O Centro Universitário que esta editora integra é multidisciplinar e dedica-se ao estudo e difusão da língua, literatura e cultura do mundo lusófono. O seu predecessor, o Center for Portuguese-Speaking World, foi criado em 1975. Para além da área da educação e cultura, onde estão incluídas a literatura e a tradução, este Centro de Estudos universitário visa também promover as artes, o desenvolvimento económico, a saúde e as relações internacionais entre os Estados Unidos da América e os países da lusofonia.

Ainda de acordo com informação que consta na página de *Internet* da Tagus Press, o ramo editorial da University of Massachusetts Dartmouth Center for Portuguese Studies and Culture é reconhecidamente líder na divulgação da literatura, história e cultura portuguesas junto dos leitores de língua inglesa. Mais se acrescenta que as suas pioneiras traduções e publicações periódicas tratam tanto a portugalidade, quanto a vida do emigrante português em solo americano.

Considerando as condições em que foi produzida e divulgada a tradução *d'As Ilhas Desconhecidas*, destacamos o surpreendente facto de uma obra literária portuguesa que, ao contrário de outras publicações do mesmo autor¹⁵, durante quase um século não despertou interesse além-fronteiras, ter penetrado recentemente no mercado norte-americano. O papel desempenhado pelos patronos foi, decisivamente, imprescindível para que *The Unknown Islands* visse a luz, isto é, para que a tradução fosse produzida, publicada e divulgada.

¹⁴ Essa finalidade está patente no próprio site da editora: "...with the purpose making Portuguese literature and culture better known in the English-speaking world." (consultado em: 7/1/2022, in: <https://www.brown.edu/academics/portuguese-brazilian-studies/publications/gávea-brown-publications>).

¹⁵ Obras como *A Farsa*, *Humus*, ou *Os Pescadores* conheceram traduções para castelhano ainda durante a vida de Raul Brandão.

Pelo que foi dito, não é difícil entender a escolha de David Brookshaw para tradutor desta obra, alguém que dedicou toda uma vida ao estudo e ensino do português e da lusofonia e que chegou, inclusivamente, a residir no nosso país, para além de ter feito numerosas visitas a Portugal e a outros países de expressão portuguesa ao longo da sua carreira. A confiança depositada no tradutor é confirmada pelas palavras do próprio que assegura que: “I was given no specific directives by Tagus, when invited to do the translation.” (Brookshaw, 13/05/2022). O tradutor acrescentou, ainda, que já traduziu contos da autoria do diretor da coleção, Onésimo de Almeida, e que o conhecimento mútuo de longos anos lhe permitiu inferir que os responsáveis o consideravam capaz de arcar com o projeto sem interferência externa.

Em suma, tendo em conta que a obra de Raul Brandão é publicada pela primeira vez em 1927, segundo Vasco Medeiros Rosa¹⁶, mas a tradução para língua inglesa surge no mercado norte-americano apenas em abril de 2020, quase um século após a primeira edição, é inegável o contributo de *The Unknown Islands* para tornar acessível uma obra incontornável da literatura lusófona de viagens e, simultaneamente, difundir traços do caráter identitário do povo açoriano. Possivelmente, sem o contributo do patronato, que segundo André Lefevere¹⁷ constitui o elo de ligação entre a tradução e o público-alvo, a obra de Raul Brandão continuaria a não estar disponível para o leitor anglo-americano. Na obra *Raul Brandão e os Açores*, Vasco Medeiros Rosa chega a lamentar “o facto de um livro tão relevante para o arquipélago não ter ainda sido objeto de tradução e publicação em línguas de máxima projeção, como o inglês, permitindo a sua leitura e comentário num panorama internacional de interesse crescente pela literatura de viagens.” (Rosa, 2019: 13)

O lamento deste estudioso de Brandão parece ter sido escutado, pois no ano que se seguiu ao da publicação de *Raul Brandão e os Açores*, obra centrada nas condições de produção, edição e receção d’*As Ilhas Desconhecidas*, chegou ao mercado anglófono a tão aguardada tradução para inglês: *The Unknown Islands*.

¹⁶ Outras fontes apontam para a edição da obra em 1926, data com que o próprio autor termina a nota prefacial da primeira edição. No entanto, o estudioso de Raul Brandão Vasco Medeiros Rosa afirma que essa é a data da produção e não da edição (Rosa, 2019: 13), anexando como prova uma página do Diário de Lisboa de 14/05/1927 contendo uma crítica literária da autoria de Vitorino Nemésio sobre *As Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão.

¹⁷ “Not all features of the original are, it would seem, acceptable to the receiving culture, or rather to those who decide what is, or should be acceptable to that culture: the patrons who commission a translation, publish it, or see to it that it is distributed. The patron is the link between the translator’s text and the audience the translator wants to reach.” (Lefevere, 2003: 6).

Findamos este capítulo introdutório expondo a organização que subjaz a este trabalho. Tal como figura no índice, após esta introdução, apresentam-se os fundamentos teóricos que permitem chegar às conclusões sobre as soluções de tradução discutidas nos cinco capítulos subsequentes.

Tendo recolhido um *corpus* de trabalho bastante extenso, procurámos centrar-nos nos exemplos que ofereciam maiores dificuldades de tradução, agrupando-os em temáticas cujas estratégias de tradução eram comuns e/ou que punham em evidência os mesmos aspetos da cultura de partida. Ainda assim, tendo obtido grande número de temáticas e receando não dar o devido destaque a todas elas, restringimos o âmbito do nosso estudo àquelas que apresentavam uma quantidade significativa de casos a discutir e que considerámos mais relevantes para um estudo da área de tradução. Deste modo, seleccionámos exemplos atinentes às particularidades regionais veiculadas na obra de Brandão e às diferenças linguísticas e culturais entre o português e o inglês, repartindo-os pelos seguintes temas: léxico regional; linguagem popular; festividades; tradições e ofícios; referências culturais.

Após a conclusão e a referenciação bibliográfica, podem ser consultados os anexos, contendo tabelas nas quais figuram os exemplos discutidos ao longo da dissertação. Nas tabelas, as citações retiradas do texto de partida e do texto de chegada são apresentadas em colunas paralelas e integradas em passagens mais extensas que permitem ter acesso ao contexto em que se insere cada um dos exemplos previamente debatidos.

1. OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Previamente à parte central desta dissertação em que serão discutidos diversos aspetos pertinentes em termos de tradução, contrapondo o texto de partida e o texto de chegada, ou seja, a obra portuguesa e a versão em inglês, importa clarificar alguns conceitos essenciais frequentemente mencionados, tendo como base a teorização conceptualizada por autores como André Lefevere, Antoine Berman, Friedrich Schleiermacher, Lawrence Venuti, Keith Harvey, entre outros. Tratando-se de uma tradução publicada por uma editora norte-americana, principiamos por apresentar, sumariamente, a tradição americana de tradução, centrando-nos, depois, nas noções de invisibilidade do tradutor e de transparência do texto traduzido. Seguidamente, clarificamos os conceitos de métodos de tradução que mencionaremos, amiúde, nos capítulos 2 a 6, tais como domesticação, estranhamento, equivalência e compensação.

No caso específico dos Estados Unidos da América, país de grande diversidade cultural e linguística, a atividade dos tradutores tem tido um papel preponderante ao longo da história na origem e desenvolvimento do país, uma vez que o inglês, simultaneamente língua oficial e língua dominante, não é a única língua falada no país, convivendo a par com muitas outras e consubstanciando-se como “a fact of daily life for many Americans”. (Venuti, 2001: 305).

Desde o século XVI, época da colonização, que os intérpretes têm facilitado a comunicação em território americano. Venuti destaca o papel significativo dos intérpretes nativo-americanos no auxílio dos colonos e dos religiosos puritanos que traduziam o inglês para as línguas tribais, salientando que a tradução beneficiava ambos os povos, mas sobretudo os colonos, apostados em expropriar os índios e em alterar ou até suprimir a cultura indígena, considerada inferior porque pagã (Venuti, 2001: 306).

Após a independência, a tradução continuou a exercer um papel fundamental na América do Norte, facilitando muitos tratados de cedência de terras aos Estados Unidos por parte de tribos indígenas, durante a expansão para Oeste. Concomitantemente, o século XIX assistiu a vagas de imigração massivas, oriundas de várias nações europeias, mão-de-obra impulsionadora do desenvolvimento agrícola e industrial do país, pelo que a tradução influenciou diretamente no crescimento económico dos Estados Unidos (Venuti, 2001: 307, 308). A necessidade premente de traduzir a língua inglesa para muitas outras línguas, que aflorou com a chegada dos imigrantes europeus, mantém-se até aos dias de hoje, visto que os Estados Unidos da América continuam a receber imigrantes dos cinco continentes, sobretudo da América central e do Sul, do sudoeste asiático e do médio oriente (Venuti, 2001: 306). Para além de necessária nas relações internacionais e na interação social e económica dentro do

próprio país, a tradução tem servido, nas últimas décadas como forma de expandir as empresas americanas além-fronteiras, contribuindo para a supremacia americana no mercado global (Venuti, 2001: 310).

No entanto, o relevo dado à tradução nas áreas da política e da economia não é o mesmo que tem alcançado no meio editorial. Na verdade, a indústria livreira tem investido pouco na tradução e, inversamente ao aumento do volume global de livros editados desde os anos quarenta do século passado, a percentagem de livros traduzidos tem-se mantido baixa.

Contrariamente ao que acontece em muitos outros países, nos quais se inclui o caso português, a maioria dos livros publicados na cultura anglo-americana não são traduções. Venuti salienta que “very few translations are published in English” (Venuti, 1995:12). Na verdade, nas últimas décadas do século XX a percentagem de traduções publicadas ficou aquém dos 5% relativamente ao total de livros publicados, quer nos Estados Unidos da América, quer no Reino Unido (Venuti, 1995: 12). Trata-se de uma cultura essencialmente exportadora e não importadora, uma vez que abundam as traduções de obras inglesas para outras línguas, mas o inverso não se verifica: “Since World War II, English has been the most translated language worldwide, but it isn’t much translated into, given the number of English-language books published annually.” (Venuti, 1995: 14). Esta exportação massiva das literaturas inglesa e americana por meio da tradução contribui para a hegemonia cultural anglófona, tornando-a, simultaneamente, pouco aberta ao estrangeiro. Venuti afirma, até, que a relação da cultura anglo-americana com as outras culturas chega a ser imperialista e xenófoba: “The translator’s invisibility is symptomatic of a complacency in Anglo-American relations with cultural others, a complacency that can be described – without much exaggeration – as imperialistic abroad and xenophobic at home.” (Venuti, 1995: 17).

O parco investimento na área da tradução literária tem sido acompanhado por interesses intrínsecos que excluem muitas nuances culturais alocêntricas, isto é, o tipo de romance selecionado para ser traduzido serve, frequentemente, interesses sociopolíticos americanos, fazendo com que o leitor aceda apenas a traduções de obras de determinadas nações e não de outras e de géneros e temáticas que se prestam a veicular valores pré-definidos, estereotipando-se e minorando-se as culturas exógenas. Mais, os editores americanos consideram as traduções como sendo “risky ventures” (Venuti, 2001: 311), em termos de lucros de vendas, o que sujeita a tradução a condicionantes de ordem economicista¹⁸, preterindo-se muitas obras literárias em

¹⁸ “Apart from such political motivations, American publishers have generally issued translations for both literary and commercial reasons.” (Venuti, 2001: 311).

prol de best-sellers estrangeiros ou obras com adaptações para filmes e teatro (Venuti, 2001: 312).

Para além de serem em número reduzido, as obras traduzidas na cultura anglo-americana são, ainda, sujeitas ao critério da fluência, imposta por editores, críticos e leitores que tendem a recusar livros que não sejam de fácil leitura.¹⁹ Embora Venuti refira que na última década do século passado a prevalência da fluência como critério orientador das traduções tenha vindo a perder parte da sua força e se tenha começado a notar o gosto pela manutenção das peculiaridades culturais e pela polifonia de vozes em algumas traduções recentes, este teórico ressalva que a cultura americana “continues to exhibit a strong current of what can only be called xenophobia, a fear that multilingualism and the translating that a Multilingual population must daily perform will undermine national unity.” (Venuti, 2001: 312).

A imposição de fluência ao texto traduzido conduz, muitas vezes, a uma domesticação (conceito que clarificaremos adiante) do texto-fonte para o tornar transparente para o leitor. Na cultura anglo-americana contemporânea, o próprio tradutor, ao criar a ilusão de uma voz autoral, procura ocultar a sua personalidade da tradução, o que acaba por contribuir para a falta de reconhecimento do seu trabalho.²⁰

Esta invisibilidade do tradutor nas traduções levadas a cabo após a Segunda Guerra Mundial contribui ainda, segundo Venuti (1995: 8), para o estatuto marginal conferido à atividade de tradução. As recensões críticas raramente referem o tradutor e a grande maioria das capas de obras traduzidas tende a omitir o nome do responsável pela tradução.

A relação hegemónica da cultura anglo-americana com outras culturas pode, portanto, condicionar as condições de tradução. Quanto ao trabalho do tradutor, essa supremacia em termos de influência cultural tem também efeitos nas estratégias de tradução propriamente ditas, pois para se proceder à comunicação de um texto estrangeiro há uma sujeição intrínseca às condições impostas pela tradição de tradução e pelo leitor-alvo, pois, como salienta Venuti “[T]ranslation can be considered the communication of a foreign text, but it is always a communication limited by its address to a specific reading audience.” (Venuti, 1995: 19). Traduzir não é, portanto, um exercício atemporal, varia histórica e geograficamente, consoante

¹⁹ “(...) while producing cultures in the United Kingdom and the United States that are aggressively monolingual, unreceptive to the foreign, accustomed to fluent translations that invisibly inscribe foreign texts with English-language values and provide readers with the narcissistic experience of recognizing their own culture in a cultural other.” (Venuti, 1995: 15).

²⁰ “The translator’s invisibility is thus a weird self-annihilation, a way of conceiving and practicing translation that undoubtedly reinforces its marginal status in Anglo-American culture. (...) translators receive minimal recognition for their work” (Venuti, 1995: 8).

o público a que se destina, submetendo-se, assim, a contingências de ordem vária: cultural, como é evidente, mas também política, económica e social.

Para que tenha aceitação, quer junto da comunidade de leitores, quer no meio editorial, a tradução na cultura anglo-americana contemporânea é caracterizada, essencialmente, pelo fenómeno da invisibilidade do tradutor, segundo Lawrence Venuti. Essa invisibilidade requer “[t]he illusion of transparency” (Venuti, 1995: 1). Como referido anteriormente, para ser bem recebido no meio anglófono, o texto traduzido, independentemente do género textual, deve pautar-se pela fluência discursiva, de tal forma que pareça ao leitor natural: “the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”. (Venuti, 1995:1)

Tendo levado a cabo um levantamento do léxico da crítica literária pós Segunda Guerra Mundial, Venuti verificou que as referências à fluência discursiva são recorrentes: “The critical lexicon of post-World War II literary journalism is filled with so many terms to indicate the presence or absence of a fluent translation discourse: ‘crisp,’ ‘elegant,’ ‘flows,’ ‘gracefully,’ ‘wooden.’ (Venuti, 1995: 3,4). Observou também que os critérios padronizados de uma tradução fluente implicam inteligibilidade e passam pelo recurso a sintaxe comum, a linguagem contemporânea de uso generalizado, num registo de língua corrente, evitando-se estrangeirismos ou vocábulos específicos de determinada variante geográfica da língua, “giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text” (Venuti, 1995: 1). Estes critérios consubstanciam-se na domesticação dos textos estrangeiros, o que Venuti condena veementemente quando afirma que “the translator’s invisibility at once enacts and masks an insidious domestication of foreign texts, rewriting them in the transparent discourse that prevails in English” (Venuti, 1995:17). Ao invés da domesticação dos textos estrangeiros, Venuti advoga uma base teórica em que as traduções sejam encaradas como traduções, desmistificando-se a transparência do discurso como finalidade primordial dos textos traduzidos. Este teórico acrescenta que o propósito de uma tradução, o de procurar tornar familiar um texto estrangeiro reconstituindo-o na língua-alvo, acarreta necessariamente o perigo de domesticação: “The aim of translation is to bring back a cultural other as the same, the recognizable even the familiar; and this aim always risks a wholesale domestication of the foreign text” (Venuti, 1995: 18)

O conceito de domesticação como método de tradução diametralmente oposto ao estranhamento já havia sido apresentado pelo filósofo alemão Friedrich Schleiermacher perante a Academia de Ciências da Prússia em 1813. Schleiermacher mostra que a primeira estratégia discursiva não implica esforço por parte do leitor, já que o texto de chegada lhe parece natural

na sua língua, ao passo que isso não acontece no caso do estranhamento, estratégia segundo a qual é o leitor que vai ao encontro do autor, pois a tradução torna propositadamente visíveis as diferenças culturais e linguísticas que caracterizam o texto-fonte:

Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, and ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad. (Venuti, 1995: 20)

No âmbito da terminologia apresentada por Schleiermacher, Venuti advoga o estranhamento – “foreignizing” – como uma estratégia de tradução crucial nos dias de hoje para refrear “the ethnocentric violence of translation” (1995: 20), isto é, para preservar as idiossincrasias de diferentes línguas e rebater a hegemonia da cultura anglófona. Não se regulando pela transparência, o método do estranhamento foca-se sobretudo no significante e não no significado, pondo em evidência as diferenças linguísticas e revelando a heterogeneidade discursiva.

Estas metodologias de tradução, “domesticação” e “estranhamento”, ainda que contrárias, não se excluem mutuamente. Veja-se o exemplo referido por Venuti da versão de Pound (1912) da elegia poética “The Seafarer” em que a fonética, fonologia e métrica anglo-saxónica são imitadas, mas as referências ao cristianismo são omitidas para destacar a individualidade do herói. Assim, coexistem no mesmo texto diferentes técnicas de tradução: “foreignizing” (estranhamento) ao nível da forma e “domestication” (domesticação) ao nível do conteúdo. (Venuti, 1995: 36).

Uma obra como *As Ilhas Desconhecidas*, em que as referências à geografia insular, à organização social, às ocupações profissionais, às festividades, às variantes dialetais, entre outros aspetos da cultura local, são abundantes e explícitas, “constitui um desafio para o tradutor, pois a compreensão do texto depende muitas vezes de vocábulos inexistentes na língua de chegada e de pressupostos sobre rituais e perceções do mundo que o leitor da versão traduzida desconhece provavelmente.” (Faria, 2016: 169). Deste modo, em *The Unknown Islands*, o tradutor procura conciliar estranhamento e domesticação, dando a conhecer a cultura portuguesa e açoriana, abordando, levemente a cultura madeirense, e preservando muitas das suas particularidades, sem, contudo, provocar a ininteligibilidade e extenuar o leitor ao confrontá-lo a todo o momento com o desconhecido. Em resposta a um pedido de colaboração

com a presente dissertação, David Brookshaw declarou que a domesticação não é necessariamente a sua estratégia de tradução preferencial, mas que, no caso de *The Unknown Islands*, foi usada com frequência²¹, em face dos desafios que a obra lhe colocou.

Berman declara que “qualquer grande prosa mantém laços estreitos com as línguas vernáculas”, uma vez que “a perspectiva polilíngue da prosa inclui, forçosamente, uma pluralidade de elementos vernáculos” e acrescenta que “a prosa pode ter como objetivo explícito o retomar da oralidade vernácula” (1997: 53). Parece-nos ser, justamente, um dos propósitos desta grande obra da literatura portuguesa de viagens do século passado: retratar a “língua vernácula”, considerada por Berman como “mais corporal, mais icônica do que a língua comum, a língua culta”, (1997: 53) e também a cultura da população insular. É nesta linguagem profusa em metaforismo, sugestão e plasticidade que residem os principais desafios de tradução.

Segundo o mesmo teórico, “[n]uma obra em prosa, (...) as superposições de línguas são de dois tipos: dialetos co-existem com uma língua, várias línguas comuns coexistem”, sendo “a superposição das línguas (...) ameaçada pela tradução.” (Berman, 1997: 54). A heterogeneidade linguística patente n’ *As Ilhas Desconhecidas* é essencialmente do primeiro tipo, decorrente da coexistência do português-padrão com os dialetos das diferentes ilhas dos arquipélagos dos Açores e, em menor escala, da Madeira, que o tradutor, contrariando as tendências enunciadas por Berman²² e Venuti, conserva em muitos casos que adiante veremos, através da manutenção de variados exemplos da língua vernácula, preservados em português e italicizados. Por outras palavras, David Brookshaw não se rege cegamente pelos ditames da transparência, ainda que afirme que se pautou por uma estratégia domesticante. No e-mail que enviou à autora deste estudo, explicou que a tradução das formas sentenciosas e de expressões e cantigas populares se revelou particularmente árdua, pelo que teve de ponderar entre uma tradução mais literal e a procura de alguma forma análoga na língua inglesa, optando, globalmente pela segunda estratégia, fazendo-se valer dos seus conhecimentos do dialeto falado na Cornualha, região do extremo sudoeste da Inglaterra onde passou muito tempo na sua infância:

Some of the most challenging aspects were when Brandão describes local turns of phrase, and even cites, ditties and songs (especially on the island of Corvo,

²¹ “In terms of translation theory, I tried to domesticate the translation as much as possible rather than “foreignize” the English. As a translator, that is not necessarily a tactic I always use.” (Brookshaw, 13/05/2022)

²² “(...) na maioria dos casos, a tradução não deixa de apagar esta perturbadora superposição.” (Berman, 1997: 55).

which struck him in particular). I had to decide whether to translate these literally, or to evoke their spirit, by turning them into some roughly English equivalent - again using my familiarity with Cornwall and Cornish dialect. (Brookshaw, 13/05/2022)

Também o estilo impressionista do autor, com as suas descrições ricas em tonalidades, se revestiu de desafios para o tradutor, mas as reminiscências que guardara da paisagem da Cornualha, recortada pelo mar, e o facto de os seus pais serem artistas, favoreceram uma ligação emocional ao texto de partida. No caso da topografia caracteristicamente açoriana e das passagens que se reportam à cultura local, o tradutor afirmou que teve de empreender aturada pesquisa para poder entender as suas especificidades, nomeadamente sobre o terreno vulcânico do Pico, as celebrações do Espírito Santo, a baleação, entre outros aspetos.

Em face destas dificuldades, assumidas pelo próprio tradutor, em verter trechos em que as marcas regionais são notórias, para além de muitas outras passagens que denotam especificidades do sistema linguístico português, isto é, que contêm efeitos linguísticos que não encontram equivalência total na língua-alvo, como é o caso das expressões idiomáticas, dos provérbios, dos trocadilhos, de determinadas figuras de retórica e de outros aspetos estilísticos, nos capítulos subsequentes serão discutidos exemplos concretos de tradução destas dimensões peculiares da língua.

A preservação do sentido, ou mesmo de determinada característica do texto de partida, poderá conduzir a uma modificação de outras particularidades linguísticas. Referimo-nos a qualquer tipo de alteração operada, consciente ou inconscientemente, relativamente ao texto de partida em prol de determinado objetivo. Tomámos por base, na utilização deste conceito, o que Berman designa por “sistema de deformação” (Berman, 1997: 55), do qual fazem parte treze “tendências deformantes” que formam um todo e que podem ser reconhecidas em “qualquer tradução, independentemente da língua, pelo menos no espaço ocidental.” (Berman, 1997: 43). Ao invés de fornecermos a definição de todas estas tendências em catadupa e sem exemplificação, optámos por definir cada tendência à medida que for sendo identificada nos exemplos de análise comparativa entre texto de partida e texto de chegada. Notamos, no entanto, que embora seja utilizada a nomenclatura da “sistemática deformante” de Berman (1997: 56), ao contrário deste teórico, não percecionamos a presença de algumas destas tendências de tradução como uma “destruição” do texto de partida, mas antes como uma alteração, geralmente justificada pela tentativa de salvaguardar outro aspeto do texto.

Uma vez que falamos da procura do tradutor por formas do dialeto da Cornualha que pudessem equivaler aos dialetos açorianos e, anteriormente, já mencionámos o termo equivalência, é determinante clarificar este conceito central em tradução, esclarecendo a forma como será usado ao longo da dissertação. Em *Teorias Contemporâneas da Tradução*, o estudioso australiano Anthony Pym afirma:

Em várias línguas europeias o termo ‘equivalência’ tornou-se uma marca das teorias da tradução ocidentais da segunda metade do séc. XX, tendo atingido o seu apogeu nos anos 60 e 70, particularmente no quadro teórico de referência da linguística estruturalista. De um modo geral, o termo significa que um texto original e uma tradução podem, a um determinado nível, partilhar o mesmo valor (‘equivalência’ quer dizer ‘igual valor’) e que esta suposta igualdade de valor é o que distingue a tradução de todos os outros tipos de texto. (Pym, 2013: 28)

Além da definição genérica de equivalência que importa reter, destacamos do texto deste teórico as expressões “a um determinado nível” e “suposta igualdade” pelo valor implícito que contêm. Começemos pela segunda expressão: o adjetivo “suposta” como qualificativo de “igualdade” pressupõe que o texto traduzido nunca terá o valor exato do texto original, ou seja, que a equivalência absoluta não é compatível com o ato tradutório. Não obstante, podemos ter equivalência a vários níveis. A primeira expressão permite-nos deduzir que a equivalência textual não se encontra sobre o cômputo integral de uma obra, mas sim que um segmento de dado texto pode ter a mesma função na tradução, ter as mesmas características formais, ou, até, reproduzir o valor formal e de conteúdo de um segmento do texto de partida: “Há, assim, uma relação de equivalência (“igual valor”) entre o texto original e a tradução, situe-se essa relação ao nível da forma, da função ou de ambas.” (Pym, 2013: 27).

Remetendo para algumas teorias de tradução em que o conceito de equivalência é apresentado, Pym explica que “Vinay e Darbelnet usaram o termo *équivalence* em 1958” para mostrar que dois textos podem ter a mesma função mesmo que o léxico diverja, assim, “Friday the 13th”, em inglês, e “martes 13”, em espanhol, são equivalentes na medida em que, culturalmente, o postulado é o mesmo: a representação de um dia de azar, que nas culturas anglófonas se associa à sexta-feira, mas nas de língua espanhola à terça-feira. A tradução em português – “sexta-feira 13” – seria o que Eugene Nida, o linguista norte-americano e estudioso da Bíblia, viria a designar, anos mais tarde, por “equivalência formal” (Nida & Taber, 1969), pois, nas palavras de Pym, “copia a forma do que é dito”. Em “martes 13”, como tradução da

expressão inglesa, encontramos aquilo a que Nida chama “equivalência dinâmica”, “já que ativa a mesma função cultural ou uma função muito semelhante” (Pym, 2013: 30).

Outro teórico mencionado por Pym, John Catford (1965) ressalta que a equivalência não precisa de se ater a todos os níveis linguísticos de um texto simultaneamente, isto é, podem ser encontradas “equivalências a nível da fonética de um texto, do léxico, do sintagma, da frase, da função semântica, etc.” (Pym, 2013: 35).

Anthony Pym salienta que o facto de diferentes teóricos mencionarem “diferentes tipos de equivalência” tornou o termo “muito mais abrangente, passando a referir-se a uma relação de valor a qualquer nível” (Pym, 2013: 31). É neste sentido que Pym usa equivalência e é também desse modo que nos reportaremos a este conceito daqui em diante, falando, nos capítulos subsequentes, quer de equivalência ao nível de determinado aspeto da forma, quer de equivalência ao nível da função semântica, ou seja, do sentido contido numa unidade textual.

A ausência de equivalência absoluta na tradução, à qual nos referimos quando citámos a definição do termo de Anthony Pym, conduz muitas vezes a perdas relativamente ao texto-fonte que, em regra, o tradutor procurará compensar de alguma forma.

Note-se que quando empregamos o termo equivalência cingimo-nos internamente aos textos, comparando-se segmentos textuais do texto de partida e do texto de chegada, o que não implica uma análise dos sistemas globais das línguas portuguesa e inglesa, nem pressupõe que termos equivalentes assim se mantenham quando retirados do contexto. Dorothy Kenny afirma que a generalidade das teorias da tradução da atualidade se reporta a equivalência como sendo a relação entre dois textos e não das línguas entre si, reconhecendo que, deste modo, se evitam debates sobre a tradutibilidade de determinados vocábulos ou sequências textuais e também que a situação contextual limita o campo semântico das palavras, permitindo eliminar grande parte das suas possíveis conotações e duplos sentidos (Kenny, 2001: 78). Tivemos também em linha de conta a perspetiva de Venuti de que o significado “is a plural and contingent relation” (Venuti, 1995: 18) e, portanto, não é possível analisar o valor de uma tradução unicamente com base na equivalência ou correspondência, seja formal ou semântica, entre dois textos: “a translation cannot be judged according to mathematics-based concepts of semantic equivalence or one-to-one correspondence” (Venuti, 1995: 18). Ao pormos lado a lado segmentos textuais do texto de partida e de chegada nos capítulos seguintes, não pretendemos estabelecer juízos de valor, mas antes evidenciar características dum e doutro textos.

Refletindo sobre os princípios seguidos na sua tradução de *Mau Tempo no Canal* (em inglês, *Stormy Isles: An Azorean Tale*), de Vitorino Nemésio, Francisco Cota Fagundes nota que as expressões idiomáticas e o registo de língua são componentes da naturalidade da

expressão numa obra literária e podem variar grandemente entre o português e o inglês, pelo que “sometimes being faithful to both the author and the reader means compromising.” (Fagundes, 2019: XX) Assim, para tentar colmatar eventuais perdas, David Brookshaw, tal como Francisco Cota Fagundes, procura um compromisso entre as diferentes culturas, línguas, e entre autor e leitor, pelo que a compensação é uma das estratégias a que recorre frequentemente.

Segundo Keith Harvey: “Compensation is a technique which involves making up for the loss of a source text effect by recreating a similar effect in the target text through means that are specific to the target language and/or text.” (Harvey, 2000: 37). Esta técnica não é usada indiscriminadamente, mas de acordo com uma racionalização bem definida por parte do tradutor. Harvey explica que “[g]iven that the transfer of meanings from one language to another continually involves some degree of loss, the translator must decide if and when compensation is warranted.” (2000: 38). Desta forma, consciente da impossibilidade de manter todos os efeitos criados pelo texto-fonte, o tradutor pesa se é ou não necessário compensar esse facto e como fazê-lo procurando atingir um certo nível de equivalência seja ela ao nível da intenção (humorística ou sarcástica, por exemplo), do sentido, da fonética, do ritmo, entre outros aspetos, mas perdendo-se, impreterivelmente, alguma da informação ou dos aspetos formais do texto de partida.

Tendo em conta que a transposição integral de conteúdo e forma do original é impossível em tradução, já que “línguas diferentes veem o mundo de maneiras diferentes” (Pym, 2013: 33), não sendo sequer desejável, porque agrediria substancialmente o texto tornando-o demasiadamente “foreignized”, as estratégias através das quais o tradutor procura compensar as perdas de informação conduzem, em maior ou menor grau, a uma divergência relativamente ao texto de partida. Assim, aquando da comparação analítica de vários trechos *de As Ilhas Desconhecidas* e *The Unknown Islands*, mencionar-se-ão ferramentas das quais o tradutor se socorre correspondentes a “tendências deformantes” evocadas por Antoine Berman, as quais não têm como consequência “a destruição (...) da letra dos originais, em proveito exclusivo do ‘sentido’ ou da ‘bela forma’” (1997: 43), mas constituem um afastamento do texto de partida e produzem efeitos ao nível da leitura e recetibilidade por parte do público-alvo.

Não vamos tão longe como Berman que entende por “letra (...) todas as dimensões atacadas pelo subsistema da deformação” e considera que “[q]ualquer teoria da tradução é a teorização da destruição da letra em proveito do sentido” (Berman, 1997: 55), contudo reconhecemos que em *The Unknown Islands* nem sempre se consegue transmitir simultaneamente sentidos denotativos e conotativos, estilo, linguagem e estrutura do original.

Tal não implica, necessariamente, uma destruição do texto de partida, mas antes uma transformação, decorrente da necessidade de o tradutor dar resposta aos desafios que lhe são colocados pela obra.

2. LÉXICO REGIONAL

Sendo o autor da zona do Porto, exprime estranheza ao deparar-se com os vocábulos regionais. Receando que essa estranheza viesse a ser também experienciada pelo leitor-alvo, natural de Portugal Continental e, por conseguinte, desconhecedor da cultura regional, Raul Brandão faz, quase sempre, acompanhar os regionalismos de equivalentes em português-padrão ou explanações, através de uma estratégia de compensação que faz parte da tradução intralinguística segundo a terminologia utilizada por Jakobson (Jakobson, 1959: 64) isto é, operada pelo próprio autor entre o falar regional e o português-padrão.

A tradução propriamente dita, isto é, interlinguística requer a conversão de signos verbais de uma língua noutra (Jakobson, 1959: 65), no entanto a equivalência total entre as unidades linguísticas do texto de partida e as do texto de chegada é algo impossível, pelo que a interpretação e a operacionalização de escolhas interpretativas é algo inerente ao processo de tradução. São essas escolhas o principal objeto desta análise.

Tendo em conta a abundância de regionalismos característicos do Corvo, optou-se por analisá-los separadamente. Foi feita outra subdivisão de natureza geográfica para a análise relativa aos vocábulos pertencentes ao léxico madeirense, contemplados no último capítulo da obra. Os exemplos recolhidos foram agrupados de acordo com as diferentes estratégias de tradução utilizadas.

2.1. REGIONALISMOS DE VÁRIAS ILHAS DOS AÇORES

NÃO-TRADUÇÃO SELETIVA

O levantamento dos regionalismos encontrados na obra permite confirmar que o tradutor tende a manter o termo sem o traduzir (a lista completa destes casos pode ser consultada na tabela 1). O próprio Raúl Brandão acompanha frequentemente o termo, na versão de partida, com uma breve explicação. Verifica-se, pois, que algumas ocorrências de vocábulos regionais surgem, no texto de partida, com uma referência explícita ao facto de se tratar de uma forma de expressão típica dos Açores. O tradutor reproduz essa informação, tornando assim claro, para o leitor do texto de chegada, que está perante um termo português, mas que não pertence ao português-padrão. Trata-se de uma solução encontrada por David Brookshaw para lidar com o hibridismo linguístico que passa pela preservação dos regionalismos na língua de partida. Margarida Vale de Gato denominou esta estratégia “selective non-translation”, que traduzimos

por não-tradução seletiva, explicando que a mesma permite que o plurilinguismo seja preservado na tradução literária (Vale de Gato, 2018: 324).

“**solteiras**²³, como se chamam aqui as **sardinheiras**” (AID²⁴: 54)

“*solteiras*, which is what they call geraniums here” (TUI²⁵: 18)

“**limonete**, que aqui se chama **Luísa**.” (AID: 130)

“**beebrush**, which they call *luísa* here.” (TUI: 74)

“Um deles tem nas mãos, para se não cortar, um pano chamado **nepa**, por onde a corda passa e pelo **moirão**, pau saliente à proa (AID: 192,193)

“a cloth called a **nepa** so that the hemp will not cut his hands as he pays it out through the **moirão**, a wooden chock on the boat's bow” (TUI: 122)

No que concerne ao penúltimo exemplo apresentado, note-se que, apesar de o nome “Luísa” não ser traduzido, no texto de chegada a letra inicial passa a minúscula o que opera uma mudança na subcategoria gramatical do nome: de próprio a comum.

Para além da visível alteração da ordem dos grupos frásicos no último exemplo transcrito, é de salientar que os regionalismos “nepa” e “moirão” são testemunhos da gíria dos baleeiros açorianos. O tradutor não procura arranjar equivalentes na linguagem característica dos baleeiros ou pescadores americanos. Mantém os vocábulos usados no texto de partida destacando-os a itálico, optando pela não-tradução. Tal como Brandão, David Brookshaw precede (no caso de “nepa”) ou pospõe (no caso de “moirão”) ao regionalismo uma curta explicação. Ressalte-se, ainda, que “nepa” é um estrangeirismo que é também uma corruptela da palavra inglesa “nap”, popularizada na gíria baleeira por via da influência americana. *O Dicionário de Falares do Açores* refere “a enormíssima influência da língua inglesa (americana) na linguagem dos baleeiros açorianos, com termos como: *ampo, bajaneque, blous, cafre, drogue, espato, fatelingue, graplim, janco, lògaéte, maciar, nêpa, pèguim ou peguinho, queisse, raituel, speire, tofe*, etc.” (Barcelos, 2008: 27).

Nestes casos, não há perda de informação relativamente ao texto de partida. O mesmo acontece nos seguintes em que, embora não se indique explicitamente que se trata de uma marca do falar regional, se torna claro que é um termo estrangeiro, sendo o seu significado indicado pela informação contida no modificador apositivo do nome:

“no **gorjão**, carro de bois sem rodas.” (AID: 124)

²³ Os destaques a negrito nos exemplos transcritos são da responsabilidade da autora deste trabalho.

²⁴ Sigla que designa *As Ilhas Desconhecidas* nas passagens textuais analisadas.

²⁵ Sigla que designa *The Unknown Islands* nas passagens textuais analisadas.

“a *gorjão*, an oxcart with no wheels.” (TUI: 70)

“Fui sempre terraço (pescador)” (AID: 198)

“I was always a fisherman, a *terraço*” (TUI: 127)

“O que pode ficar ao pastor, que vive **pobre** numa **rautilha (casa velha)**” (AID: 215)

“What's left for the cowherd, who lives **with his family** in a *rautilha* (little old cottage)” (TUI: 139)

“o **cafuão** – colmado onde seca o milho e que serve de arrumo e muitas vezes de habitação” (AID: 235)

“the *cafuão*, a thatched shelter where the corn is laid to dry and which is used for storage and sometimes even as a room” (TUI: 153)

“até os *biscoitos* – restos de lava – produzem lenha” (AID: 234)

“even the *biscoitos* – the remains of lava fields – produce timber” (TUI: 152)

“chegando o **ambaque (baleia preta)**” (AID: 187)

“the *ambaque*, or black whale”, (TUI: 119)

Não obstante a reprodução do regionalismo no texto de chegada, no terceiro exemplo apresentado desta sequência assinalámos também a discrepância entre as duas versões relativamente à forma como vive o pastor jorgense. N’ *As Ilhas Desconhecidas* refere-se que vive “pobre” e em *The Unknown Islands* que vive “with his family”.

A respeito do penúltimo caso da sequência acima, será relevante notar a etimologia da palavra “biscoitos”. Na língua de chegada não é possível perceber que a designação “biscoitos” aponta, metaforicamente, para as semelhanças entre o formato da lava e bolachas duras, cozidas várias vezes, como as que serviam de alimentos aos navegadores quinhentistas.

Finalmente, note-se que a palavra “ambaque” foi incluída no *Dicionário de Falares dos Açores*. Trata-se de um regionalismo que designa a baleia de bossa e provém da deturpação da palavra inglesa “Humpback”, introduzida nos Açores por influência americana, integrando, à semelhança de “nepa”, a gíria da baleação. A tradução mantém o regionalismo, destacando-o em itálico, mas sem que seja perceptível o facto de o vocábulo ser, na verdade, um inglesismo. À semelhança do que acontece no texto de partida, é feita uma correspondência do vocábulo em língua-padrão, mas o tradutor opta por a colocar entre vírgulas ao invés de parênteses.

No caso da tradução de “alparado”, ainda que se preserve o vocábulo regional, podemos observar que a estratégia de tradução é ligeiramente diferente:

“**alparado (amanhecer)**” (AID: 118)

“as dawn approaches (the *alparado*, as they call it)” (TUI: 66)

O regionalismo “alpardo” é explicado pelo próprio autor que indica entre parênteses o seu significado em português-padrão. Na tradução opta-se por usar o padrão “dawn”, mas incluir o vocábulo regional entre parênteses acompanhado pela indicação de que é essa a designação dada pelos locais. O facto de se inverter a ordem do regionalismo e de este surgir entre parênteses não é inócua para o ato de leitura, pois que é diluído o estranhamento causado ao leitor da cultura-alvo pela introdução de vocábulos estrangeiros no discurso.

Por vezes, o tradutor acrescenta informação, embora o autor do texto de partida não o tenha feito:

“o armário, a que chamam **amassaria**” (AID: 131)

“a cupboard, which they call an **amassaria, or dough store**” (TUI: 74)

Apesar de Brandão fazer anteceder o termo “amassaria” da indicação de que se trata de um armário, devendo o leitor português compreender a sua função pelo sentido do nome, o tradutor, sabendo que o leitor do texto de chegada não compreenderá o sentido de “amassaria”, apõe-lhe, ainda, uma tradução literal, usando, a par com a não-tradução seletiva, uma estratégia de compensação.

Também relativamente a “vinho de cheiro”, o tradutor considerou essencial acrescentar informação relativa à sua tonalidade, optando por “light red *cheiro* wine”:

“a Isabella e o Verdelho, o **vinho de cheiro** e o branco que tem fama” (AID: 61)

“the **light red *cheiro* wine** as well as the well-known white from two varieties of grape, the Isabelle and the Verdelho.” (TUI: 23)

Conclui-se que neste grupo de casos, o tradutor opera aquilo que Berman designa por “exotização” (1997: 53) do texto de chegada ao conservar o vocábulo estrangeiro em registo vernáculo e apresentá-lo em itálico, acrescentando também uma explicação similar. Nos últimos exemplos analisados, a “exotização” do discurso é ainda mais notória por ser o tradutor que acrescenta informação ao léxico regional vernáculo, quando o autor não o faz.²⁶

DOMESTICAÇÃO

Ao comprometer-se a veicular o melhor possível o discurso, a mensagem e a cultura de uma obra literária, o tradutor, necessariamente, realiza escolhas que podem implicar, num grau maior ou menor certo nível de domesticação do texto de partida. Venuti alerta para esse risco da tarefa do tradutor quando esclarece: “The aim of translation is to bring back a cultural other

²⁶ “Primeiro isola-se, através de um processo tipográfico (o itálico), aquilo que, no original, não o é. Depois, - de um modo mais insidioso - “acrescenta-se”, para “tornar mais verdadeiro”, sublinhando-se o vernáculo a partir de uma imagem estereotipada deste.” (Berman, 1997: 53).

as the same, the recognizable, even the familiar; and this aim always risks a wholesale domestication of the foreign text” (Venuti, 1995: 18).

Ao contrário do que acontece com os regionalismos apresentados na tabela 1, os vocábulos que abaixo se apresentam são traduzidos de forma literal, embora, nalguns casos se mantenham as explicitações do narrador que permitem a sua identificação como constituintes de uma variante regional.

“céu inalterável, névoa **que se chama alforra**” (AID: 57)

“a changeless sky, a **mildewy mist**” (TUI: 20)

“com o mar **chocalhado**, como se diz nos Açores.” (AID: 69)

“with the sea **rattling**, as they say in the Azores.” (TUI: 29)

“mas hoje está nordeste fresco e sem sacadas, a que lá chamam **vento geral**. (AID: 219)

but today it is a northeasterly, fresh but not gusting too hard, what they call a ‘**general wind**.’” (TUI: 142)

Do *Dicionário de Falares dos Açores* consta o adjetivo “alforrento” cuja designação - “tempo húmido que pode trazer alforra” (Barcelos, 2008: 56) – remete para a névoa açoriana que ocorre com a concentração de humidade. O tradutor limita-se a traduzir e caracterizar a “névoa” – “mildewy mist”, substituindo o regionalismo “alforra” e, conseqüentemente, eliminando toda a oração relativa restritiva que esclarece tratar-se o vocábulo de uma designação regional. O mesmo tipo de substituição ocorre com a tradução de “chocalhado”. No entanto, ainda que o regionalismo não seja contemplado no texto de chegada, utiliza-se um adjetivo inusitado para qualificar o mar, provavelmente para manter algum hibridismo linguístico, mesmo porque se reproduz a explanação que atribui o termo à variante açoriana do português: “as they say in the Azores”. Também a terceira expressão deste grupo se faz acompanhar de explanação que a precede – “a que lá chamam” e que o texto de chegada mantém – “what they call” – alertando o leitor para o facto do termo usado para designar o vento não pertencer à língua-padrão.

O caso que se segue difere dos demais na medida em que se traduz o regionalismo, mas procurando um equivalente em língua inglesa:

“- É muito **mamantona** – explica.” (AID: 131)

“‘She’s a little **milksop**,’ she explains.” (TUI: 74)

O *Dicionário de Falares dos Açores* identifica o adjetivo “mamantão” como sendo um regionalismo da ilha das Flores, dando deste vocábulo a seguinte definição: “Mimado; aquele que crama com frequência” (Barcelos, 2008: 344). O sentido figurativo de “milksop”, que

ordinariamente designa uma sopa de leite, pode ser cobarde, mas também “menino da mamã”, o mesmo valor semântico do adjetivo florentino.

Noutros casos, ainda que não haja substituição ou omissão de expressões, os regionalismos são traduzidos por meio de generalização:

“E fomos para **descaldear** o ferro e desviar-nos... E vimos outro navio correndo à popa, que mareou para **outra banda**.” (AID: 203)

“So we went over to **detach** our anchor and get out of the way... Then we saw another ship on our bow that turned away in **another direction**.” (TUI: 130)

É o próprio Raul Brandão quem salienta o hibridismo linguístico nesta passagem, evidenciando a confusão que lhe causa não só o desconhecimento de alguns vocábulos, mas a própria organização discursiva (ou falta dela) de quem passou grande parte da vida no mar: “Muitos homens passaram a vida sempre no mar e ignoram tudo no mundo. Chega a ser difícil entendê-los.” (AID: 202) Assim, a reprodução do discurso do baleeiro (que, embora corvino, usa expressões regionais comuns ao restante arquipélago) revela-se de particular importância nesta passagem.

Não obstante o relevo dos regionalismos neste excerto, ao contrário de outras passagens em que David Brookshaw opta pela não tradução, explicando-os tal como faz o autor, estes não são mantidos. Talvez por Brandão não fornecer uma explicação sobre os mesmos (dada a sua já mencionada confusão), David Brookshaw traduz os dois regionalismos, recorrendo a vocábulos correntes, sem qualquer especificidade regional. Acresce que “detach” é um vocábulo mais genérico do que o regionalismo empregue; “descaldear” implica o ato de tirar os nós da corrente da âncora, que se havia emaranhado. Não é meramente separar.

A expressão “outra banda” ocorre novamente num diálogo com um pastor de S. Jorge: - “Andamos por aí, **por uma banda e a outra**, a entreter a vida... Levamos o mais do tempo acarrear água para os bichos beberem.” (AID: 215). A expressão é novamente traduzida, mas por uma expressão diferente, o que lhe retira qualquer especificidade regional, ainda que se trate de uma expressão idiomática na língua-alvo: ‘We spend our life **going hither and thither**... most of our times spent carrying water for the animals.’ (TUI: 139)

A tradução por meio de generalização ocorre também com o regionalismo “albarcas”:

“e **albarcas** nos pés – um pedaço de sola grossa, segura por tiras de couro, uma presa aos dedos e a outra dando a volta ao tornozelo.” (AID: 220)

“and **sandals** on their feet – a thick sole attached by leather straps, one over the toes and one round the ankle.” (TUI: 142)

Inicialmente de solas de corda e presas com tiras de couro à semelhança das tradicionais alpercatas e, em meados do século XX, de solas feitas com pneus velhos (o espaço museológico etnográfico da Adegas “A Buraca” em Santo António do Pico possui uma mostra significativa deste calçado tosco), as albarcas eram o calçado de trabalho dos homens picarotos. Optando-se por traduzir “albarcas” por “sandals” – as genéricas sandálias – suprime-se o hibridismo linguístico desta passagem.

Apresenta-se um último caso de domesticação na tradução dos açorianismos no qual a tradução é feita por meio de um circunlóquio:

“Casar tarde, enviuar cedo, não comer salgado nem azedo, nem ser *aprofiadeiro*.” (AID: 221)

“I’ll tell you **how it’s done**... Marry late, get widowed early, don’t eat salty or sour things, and **stay out of arguments**.” (TUI: 143)

O autor do texto de partida destaca a itálico a palavra “*aprofiadeiro*”, salientando com uma marca gráfica o hibridismo linguístico. Ignorando esse destaque, o tradutor optou por substituir o vocábulo regional por uma expressão perifrástica que denota a interpretação que fez do adjetivo usado pelo contramestre da embarcação em que o autor fez a travessia Faial – Pico.

2.2. LÉXICO CORVINO

Em “Raul Brandão in the Azores: Between Wonder and Enchantment” a introdução de *The Unknown Islands*, Urbano Bettencourt reporta-se ao facto de ter sido a curiosidade a respeito do Corvo o principal motivo que originou a viagem do escritor.²⁷ É na mais pequena ilha dos Açores que Brandão experiencia o choque do encontro com uma terra e uma gente que para ele são estrangeiras²⁸ e se depara com uma variante do português com características anacrónicas.²⁹

Deste modo, se os regionalismos das diversas ilhas dos Açores merecem o comentário do autor, maior é o espanto que denuncia perante a variante regional da ilha do Corvo, cujo isolamento, vivência rural, costumes tradicionais e arcaicos têm reflexos a nível linguístico: “E empregam-se frases e termos que nunca ouvi e desconheço.” (Brandão, 2018: 79). O destaque dado ao dialeto do Corvo é salientado pelo linguista corvino João Saramago no capítulo - “Falar Corvino” – incluído na obra *Retratos Sociais da Ilha do Corvo (do povoamento ao século XIX)*:

²⁷ “In an interview he gave shortly after his return from the Azores, he said that the visit had been planned for many years. Curiosity about Corvo had been his main impetus.” (Bettencourt, 2020a: 2).

²⁸ “It is on Corvo that Brandão experiences the shock of encountering the Other (in this case, the Azorean)” (Bettencourt, 2020a: 3).

²⁹ “... its version of the Portuguese language preserved in one of its historical variants,” (Bettencourt, 2020a: 4).

“Quanto ao léxico, a primeira referência deve-se a Raul Brandão na obra *As ilhas desconhecidas*.” (Saramago, 2016: 170)

Debruçar-nos-emos sobre os vocábulos e expressões tipicamente corvinas que o autor reproduz em discurso direto, fruto da sua convivência com o povo local. Grande parte destas expressões surgem em sequências dialogadas, particularmente complicadas de reproduzir na tradução sem que os diálogos pareçam pouco naturais e desajustados.

EQUIVALÊNCIA FORMAL

Na Introdução (“Introduction”) de *Stormy Isles: An Azorean Tale* (com o título original *Mau Tempo no Canal*) Francisco Cota Fagundes, responsável pela tradução da obra em língua inglesa, defende que, ressaltando os casos em que tal não é possível, uma tradução deverá conter o significado do original e, simultaneamente, parecer familiar ao leitor (Fagundes, 2019: XX), um objetivo difícil de atingir nos diálogos, que não permitem, ao contrário das descrições, por exemplo, traduções literais sem que a sua artificialidade seja gritante.³⁰ Também David Brookshaw, apesar de procurar fazer equivaler texto-fonte e texto-alvo em termos de nível de língua, procurou construir diálogos que o leitor-alvo reconhecesse como naturais em inglês, embora não se trate da língua-padrão, já que, como esclarecemos no capítulo anterior, o tradutor se baseou nos seus conhecimentos sobre o dialeto da Cornualha, na Inglaterra, para fazer equivaler o falar corvino a um dialeto da língua-alvo.

Muitos dos vocábulos e expressões que poderiam deixar o leitor na ignorância são explicados entre parênteses ou após travessões/ vírgulas pelo autor, recorrendo o tradutor à mesma estratégia, embora os regionalismos não sejam mantidos. Veja-se o exemplo da palavra escolhida para tradução do regionalismo “Uai”: “Hey”. Ainda que o sentido em o que o vocábulo é empregue seja explicitado tanto no texto de partida, como no de chegada, e exista sinonímia entre ambos, verifica-se uma padronização na língua de chegada, ou seja, embora o tradutor mantenha o registo de língua familiar, “Hey” é uma interjeição de conhecimento e uso generalizado, ao passo que a maioria dos falantes de português desconhecem o vocábulo que o autor atribui a um corvino.

“- **Uai** – como quem diz: sim.” (AID: 99)

““**Hey,**’ as if the reply were ‘yes’ ” (TUI: 50)

³⁰ “(...) a translator must make sure, for example, that the dialogue sounds natural, not like a wooden replica of the original. I single out dialogue because, in my view, it is particularly difficult to render smoothly into a target language. Descriptions, in contrast, often transfer with a higher degree of literalism.” (Fagundes, 2019: XX)

Na página 78 de *As Ilhas Desconhecidas* ocorre uma sucessão de vocábulos e expressões tipicamente corvinas com a introdução do discurso direto, as quais comprovam a diferença linguística relativamente ao português padrão. O autor reproduz as expressões corvinas e sente a necessidade de as explicar ao leitor (à exceção de “adregar”), salientando a estrutura frásica simples, o cariz arcaizante e a estranheza que lhe causam. Os próprios tipos corvinos, que neste excerto não são nomeados, representando figuras do povo anónimo, são vistos como personagens anacrónicas: “Mas fisionomias e palavras exprimem outra vida que quer falar e não pode, outra vida que não compreendo...” (AID: 78)

“- **Poda puz!** (com o que tu vens agora!)” (AID: 78)

“‘**Wouldn’t I now?!**’ (What are you on about now?!)” (TUI: 35)

“- **Axe!** (inda melhor).” (AID: 78)

“‘**Tidy!**’ (Good, all the better.)” (TUI: 35)

“Morreu, mas **engraçada!** Engraçada criança que foi para o Céu! (engraçada é sinónimo de feliz).” (AID: 78)

“‘She died, but **wondrous!** My wondrous child who’s gone to heaven!’ (Wondrous is a synonym for happy).” (TUI: 35)

“- **Vai-te a requer e Deus diante!** (vai para o Diabo mas com Deus!)” (AID:78)

“‘**Go whistle before God!**’ (Go to hell but God be with you!).” (TUI: 36)

“Diz-se **avezada** por habituada, emprega-se **bradou** por chamou, **guindo** por salto, **adregar**, etc.” (AID:78)

“They say **wonted** for accustomed, they use **holler** for call, **buck** for jump, **happenstance**, etc.” (TUI: 35)

O tradutor veicula parcialmente o estranhamento discursivo procurando expressões arcaicas e popularizantes na língua inglesa, através das quais traduz os regionalismos corvinos, explicando-as, de seguida, na língua-padrão, tal como acontece no texto de partida. Outra opção para conservar o hibridismo discursivo seria a não-tradução, mantendo-se a explicação do significado das expressões corvinas, mesmo porque em algumas das expressões nota-se uma ligeira diferença no sentido veiculado. Por exemplo, “Poda pus!”, uma interjeição que pretende denotar a admiração do corvino perante o que o conterrâneo se lembrou de lhe pedir, é traduzida por “Wouldn’t I now?!”, uma frase interrogativa ligeiramente mais longa que revela, tal como a expressão corvina, admiração por parte da personagem, mas não denota o seu carácter regional. Curiosa é também a tradução de “engraçada” por “wondrous”, um vocábulo cuidado que foge ao registo popular do restante diálogo e que significa sensacional, maravilhoso, afastando-se semanticamente de “engraçada”.

Além dos vocábulos desconhecidos por parte do autor, é de notar que as personagens utilizam extensões semânticas do adjetivo “engraçada” e do verbo “bradou”, usados com um sentido diferente do dicionarizado, mas que dele deriva. A tradução não contempla estas características morfológicas.

Tal como se referiu anteriormente, em alguns casos os termos corvinos não são clarificados pelo autor. É o que acontece com o verbo “adregar”, traduzido por “happenstance” que significa acaso ou coincidência. Este regionalismo surge na boca de uma das personagens de José Ruy na obra de banda desenhada *A ilha do Corvo que venceu os piratas* e, neste caso, a nota de rodapé atribui a “adregar” o significado de “Não chegar a fazer uma coisa.” (José Ruy, 2018: 23), aceção bem distinta do vocábulo que surge na tradução. Para além do verbo “adregar”, apresentam-se outras expressões corvinas não explicitadas no texto de partida:

“Um a quem falo do padre explica: - **É uma bás de virtude!**” (AID: 78)

“One of them, when I mention the priest, explains: ‘**He’s proper wholesome!**’” (TUI: 35)

“- **Alhore...** - diz-me um. Acordo. - Alhore o quê?! E não há mais nada!” (AID: 80)

““**Well, now...**,’ one of them says to me. I awaken to my surroundings. ‘Well, now what?!’ And that is all!” (TUI: 36)

A expressão “uma bás de virtude” é traduzida através de uma expressão popular, mantendo-se quer a conotação semântica, quer o nível de língua, porém a origem especificamente corvina da locução não é perceptível no texto de chegada.

Relativamente ao último exemplo, ambos os textos procuram veicular a ideia de que o narrador, absorto nos seus pensamentos, é abordado por um corvino que lhe fala sem dar prosseguimento ao diálogo. Contudo, “Well, now” é uma expressão coloquial conhecida de todos os leitores da cultura-alvo, o que não acontece com “Alhore”. O estranhamento com que narrador e leitor do texto de partida são confrontados perante o inusitado e desconhecido regionalismo não é partilhado pelo leitor da tradução.

2.3. LÉXICO MADEIRENSE

Ainda que dos dez capítulos de *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens* somente um seja dedicado à Madeira, o léxico madeirense é igualmente contemplado na obra, o que se representa, tal como o léxico açoriano, uma dificuldade acrescida em termos de tradução.

NÃO-TRADUÇÃO SELETIVA

As soluções apresentadas são as mesmas que as utilizadas na tradução dos regionalismos dos Açores. Primeiramente, apresentam-se os casos de não-tradução:

“A parte onde se fazem as culturas ricas, a mais agasalhada e onde não cai neve a que eles chamam **folhelho**, é o sul” (AID: 288, 289)

“The best, most sheltered area for agriculture, where snow, which they call *folheto* here, never falls, is the south” (TUI: 190)

“e encontro logo a água **minha amiga** numa **levada** que gela e refresca todo o caminho.” (AID: 295)

“and I come across **my beloved** water in a *levada*, which cools and refreshes us throughout the journey.” (TUI: 195)

O regionalismo usado para designar a neve é mantido em português na tradução, com destaque em itálico. Contudo, “*folheto*” poderá ser uma gralha que surge na versão das Edições Vercial (p.82) e que o tradutor terá reproduzido na tradução. Este regionalismo parece ser uma extensão semântica do folhelho que envolve a espiga de milho, uma folha fina e esbranquiçada ou da película que também assim é designada e que envolve bagos de fruta e leguminosas (uva, ervilha, fava). Neste contexto, parece improvável que um regionalismo para neve tenha o mesmo nome de um panfleto com informação publicitária.

No segundo caso apresentado procede-se de acordo com o mesmo critério, isto é, o regionalismo é mantido em português e destacado em itálico. Contudo, não se fornece qualquer explicação quanto ao significado de “levada”, ficando o leitor da cultura-alvo no desconhecimento relativamente a estes cursos de água propositadamente escavados na rocha e no terreno para se poder irrigar as culturas agrícolas nas zonas mais íngremes da ilha da Madeira. Possivelmente, o tradutor considerou que o significado se poderia deduzir do contexto, visto que o vocábulo “levada” ocorre também nas páginas 196 e 197 de *The Unknown Islands*.

DOMESTICAÇÃO

Na tradução de alguns dos termos madeirenses presentes na obra foram utilizadas estratégias com impacto significativo na cultura de origem, tais como o decalque e também a generalização e a substituição, as quais implicam um grau elevado de intervenção por parte do tradutor, segundo a classificação de Pedersen (2011: 101, 102): “more marked intervention includes generalization, substitution and omission.” (apud. Katan, 2020: 134, 135).

“- **Iá! Iá!**” (AID: 293)

“**Yaah! Yaah!**” (TUI: 193)

Neste exemplo a expressão madeirense não é mantida, mas o decalque é uma forma de assegurar a equivalência semântica e estilística entre os dois textos. A interjeição que serve para espicaçar os bois, embora diferente na escrita, é foneticamente equivalente na versão portuguesa e na inglesa. Assim sendo, o decalque verificado decorre da incompatibilidade entre as duas culturas que reproduzem graficamente sons semelhantes através de signos distintos.

Quanto ao emprego da generalização, atente-se nos excertos seguintes:

“o rapaz mete um rolo de pano ensebado debaixo do **cursão**, para as travessas da caranguejola deslizarem melhor.” (AID: 293)

“the boy places a roll of waxed cloth under the **sled**, for the old cart’s boards to slide more smoothly.” (TUI: 193)

A primeira ocorrência de “cursões” na tradução (TUI: 191) é mantida em português, mas o critério aí adotado não é o mesmo nesta passagem em que o meio de transporte característico da descida do Monte – o “cursão” é traduzido por “sled”, que em português encontra correspondência no genérico trenó. Ao referir-se ao “cursão” na mesma frase como “caranguejola”, denuncia-se o cariz singular desse meio de transporte, distinto do comum trenó. A tradução do vocábulo popular “caranguejola” também não denota a especificidade autóctone do “cursão”, pois procura expressar o significado da palavra através de vocábulos correntes “old cart’s”.

Na tradução do último regionalismo madeirense analisado, operou-se uma substituição lexical por dois vocábulos na língua-padrão. Ao substituir-se “semilha” por “seed potatoes”, privilegia-se a fluência em detrimento do hibridismo linguístico.

“moços com cestas de batata doce ou de **semilha**” (AID: 294)

“young boys with baskets of sweet or **seed potatoes**” (TUI: 194)

2.4. INCORREÇÕES LINGUÍSTICAS

A razão pela qual se optou por estudar à parte este último grupo de casos prende-se com o facto de não constituírem termos especificamente regionais, mas variantes regionais de palavras e expressões do português-padrão que n’*As Ilhas Desconhecidas* surgem com erros de vária ordem (fonética, ortográfica, sintática).

DETURPAÇÕES

Os três primeiros casos analisados correspondem a vocábulos da língua-padrão que sofreram deturpações no arquipélago dos Açores, fruto do uso, isolamento, e evolução diacrónica.

“gritam às vacas: - **Ougá** trigueira!” (AID: 91)

“shout at the cows, ‘**Mind yourself, blondie!**’” (TUI: 44)

“- **Manares** de Deus!” (AID: 98)

“‘**Manna** from Heaven!’” (TUI: 50)

“- Lá vai a **arça!** – exclamam.

A **arça** é o fim da linha” (AID: 193)

“‘There goes the **ark!**’ – they exclaim.

The **ark** is the end of the line” (TUI: 122, 123)

A apóstrofe dirigida às vacas principia com a interjeição “**Ougá**”, registada como regionalismo no *Dicionário de Falares dos Açores*. Julgamos tratar-se de uma deturpação de “oulá” ou “houlá”, formas que também se prestam a chamamento ou apelo. Na tradução, esta interjeição é substituída por uma expressão mais extensa que mantém o registo popular, mas não o regional por ser de conhecimento generalizado e apresentar correção linguística. A interjeição é seguida pelo adjetivo “trigueira”, cuja tradução nos parece inusitada (“blondie”). Na verdade, “trigueira” é um termo coloquial usado popularmente para designar as moças morenas, bronzeadas³¹, e “blondie”, que pode ser traduzido por “loira”, tem um sentido diametralmente distinto.

A tradução do segundo exemplo respeita tanto a semântica quanto a extensão do texto original e possui, até, semelhança fonética entre os vocábulos “manares” e “manna³²”, porém, recorre a um vocábulo cuidado (característico das celebrações hebraicas) e não a uma deturpação de manjares, isto é, alimentos que fariam o deleite dos convidados do casamento corvino. Assim, pela escolha do vocábulo verifica-se um certo nível de “enobrecimento” discursivo, usando a terminologia de Berman (1997: 47), “que aniquila, em simultâneo, a riqueza oral e dimensão polilógica informal da prosa” (Berman, 1997: 48).

O nome “arça” surge no *Dicionário de Falares dos Açores* (2008) como corruptela de “alça”, sendo o primeiro significado que aí consta coincidente com o contexto em que é usado

³¹ “Trigueiro - adjectivo e nome masculino 1. Que ou quem é da cor do trigo maduro. = MORENO”, in: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2021, in: <https://dicionario.priberam.org/trigueiro> (acedido em 18-11-2021).

³² “Definition of manna: food miraculously supplied to the Israelites in their journey through the wilderness”, in *Merriam-Webster Dictionary*, in: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/manna> (acedido em 17/11/2021).

no capítulo “A Pesca da Baleia”: “1. N. f. Argola feita no extremo de um fio ou de uma corda, às vezes feita de madeira ou de osso, que serve para enfiar a outra extremidade quando se quer apertar uma carga.” (Barcelos, 2008: 76) A tradução por “ark” (arca) não corresponde ao texto de partida nem se coaduna com a explanação dada nos parágrafos seguinte em ambos os textos, já que tanto o texto de partida como o de chegada clarificam que a “arça” / “ark” é o fim da linha e que vai passando de mão em mão até se esgotar ante o desespero dos baleeiros. Uma possível explicação para esta tradução seria o tradutor ter ignorado a cedilha em “arça” ou ter tido acesso a alguma edição com uma gralha de grafismo em que esta tivesse sido elidida.

PROBLEMAS DE SINTAXE

Conquanto abundem as marcas da oralidade na prosa brandoniana, raramente o autor inclui trechos com sintaxe incorreta, a não ser algumas hesitações e ideias truncadas. Casos isolados no cômputo da obra, os dois exemplos seguintes apresentam sintaxe incorreta.

“- Se a vaga nova desfaz a vaga velha, **a gente não somos vivos** – o que quer dizer que o temporal seria tanto que não se aguentariam na canoa.” (AID: 211)

““If the new wave undoes the old one, then **we're done for,**’ which means the storm is going to be so strong that the boat will be unable to withstand it.” (TUI: 136)

“- **Coma (quando) ele vier...**” (AID: 213)

““**As (when) he comes...**” (TUI: 137)

Transcreveu-se um trecho maior para o primeiro exemplo de falta de concordância porque o autor terá entendido que a incorreção gramatical na sequência da referência à ação das vagas poderia obscurecer a passagem, tornando o seu sentido pouco claro, pelo que acrescenta à frase uma oração subordinada adjetiva relativa explicativa.

Neste excerto, Raul Brandão reproduz o discurso de um pescador terceirense, mantendo os seus traços de registo popular. O tradutor procura usar também linguagem coloquial, servindo-se, inclusivamente, de uma expressão popular fixa (“we’re done for”) semanticamente equivalente à portuguesa “a gente não somos vivos”. No entanto, a falta de concordância entre o sujeito singular “a gente” e a forma verbal da primeira pessoa do plural “somos” ocorre apenas no texto de partida. No texto de chegada não há estruturas sintáticas erradas, tornando-se acessória a oração relativa que também o tradutor acrescenta à expressão popular, já que o sentido da mesma é transparente. Pode-se assim falar de domesticação na medida em que a pessoa gramatical é alterada (do singular para o plural).

No segundo exemplo elencado, Brandão acrescenta “(quando)” à frase da personagem para a tornar gramaticalmente correta e mesmo inteligível, porque a relação de subordinação não é

perceptível sem o advérbio de tempo. David Brookshaw faz o mesmo ao acrescentar “(when)”, contudo omite o verbo comer, o que poderá deixar o leitor confuso quanto ao que o pastor pretende comunicar. No texto de partida percebemos que o jorgense se refere ao gado que só há de comer quando o seu filho voltar com a água para dar às vacas. (ver alínea e), tabela 6). No texto de chegada, o tradutor poderá ter julgado que “Coma” se trataria de uma gralha e que a personagem pretendia dizer “como”, o que explicaria a tradução por “As”. No entanto, ambas as versões portuguesas consultadas contêm a forma verbal no modo conjuntivo, além do que “como” tornaria a frase incongruente.

Tendo em conta os excertos apresentados, conclui-se que David Brookshaw não traduz o léxico regional seguindo sempre a mesma estratégia, umas vezes opta pela não tradução, mantendo em itálico o regionalismo, causando propositadamente um fenómeno de estranhamento que leva o leitor a reconhecer o heterolinguísmo na origem estrangeira do vocábulo. Os comentários elucidativos que o autor acrescenta aos regionalismos são mantidos, sendo traduzidos em inglês-padrão. No entanto, a não-tradução seletiva, expressão traduzida da cunhada por Margarida Vale de Gato que se serve da estratégia “selective non-translation” na sua tradução de *Lolita* de Vladimir Nabokov como forma de salvaguardar o hibridismo linguístico: “an option for addressing linguistic hybridity” (Vale de Gato, 2018: 322), não é usada de forma unívoca em todos os casos. Na tradução de alguns regionalismos é acrescentada informação aos termos portugueses que o autor não incluiu, noutras casos a ordem frásica é alterada, pelo que se atentou na aplicação desta estratégia com pequenas nuances em casos particulares.

Ao contrário do texto de partida, inteiramente monolíngue, ainda que nele confluam português-padrão e diferentes dialetos regionais, na tradução encontramos nestas passagens a convergência das línguas portuguesa e inglesa, verificando-se que o autor procurou preservar as variantes regionais do português em detrimento da fluência e da transparência, já que “Selective non-translation (...) refuses, however, the convention of transparency” (Vale de Gato, 2018: 322).

Noutras ocasiões, o tradutor recorre a uma estratégia inversa e opta pela substituição de vocábulos regionais por expressões em inglês-padrão, colorindo-as com um ou outro adjetivo ou nome para acrescentar expressividade, mas apagando os comentários explanatórios do autor, anulando, assim, o hibridismo discursivo e operando-se um certo nível de domesticação do texto-fonte.

Mencionou-se que os segmentos em que ocorrem incorreções linguísticas são, igualmente, alvo de uma estratégia de tradução domesticante. Visto que na obra *As Ilhas Desconhecidas* se detetou um número reduzido de ocorrências deste tipo conclui-se que a sua prevalência face ao restante léxico regional não é muito significativa, entendendo-se, deste modo, a opção do tradutor que se preocupa em manter o sentido e o registo da fonte, mas não reproduz as incorreções linguísticas aí patentes (mesmo porque em dois casos não as terá interpretado como tal) fazendo uso de um inglês gramaticalmente correto qualquer que seja a situação comunicacional.

Uma terceira estratégia na tradução de regionalismos é visível, sobretudo, nas passagens em discurso direto. As gentes da terra com quem se cruza Raul Brandão expressam-se de forma simples, usando um registo de língua familiar e expressões populares locais. O tradutor recorre a estruturas fráscas semelhantes, à mesma pontuação e a equivalência semântica e de registo de língua.

3. LINGUAGEM POPULAR

Optou-se por destriçar neste capítulo os vocábulos ou expressões que correspondem a linguagem tipicamente popular, característicos dos falares locais (açorianos ou madeirenses), mas, na sua maioria, comuns a outras regiões do país. Ainda que não estejamos perante vocabulário inusitado de invenção regional, as expressões populares originam, de igual modo, problemas de tradução por não serem passíveis de tradução literal de cada uma das palavras que as compõem e por apresentarem marcas singulares da cultura em que foram produzidas, as quais dificilmente encontram uma correspondência integral na cultura de chegada.

Referimo-nos a linguagem popular dado que nesta temática se incluirão todas as expressões encontradas que traduzam “a voz do povo (...) a filosofia baseada na experiência de vida” (Costa, 2007: 65). Incluímos nesta categoria vocábulos isolados, expressões idiomáticas e fixas e aquilo que Jean-Claude Anscombe (2008) designa por “formas sentenciosas”, uma categoria em que integra provérbios, adágios, e ditos populares. Não é nosso intuito classificar os exemplos de formas sentenciosas identificados no texto em estudo, mas sim salientar as características que têm em comum e que explicam a relevância do seu estudo no contexto da análise de uma tradução: brevidade, concisão, autoria anónima, transmissão oral, cariz moralizante e facilidade de memorização.³³

As expressões populares de origem secular, exemplos da tradição literária oral portuguesa, não foram ignoradas por Raul Brandão que as reproduz, quer no discurso do narrador quer na boca das personagens e, dada a sua abundância no texto, importa perceber como se procedeu à sua transposição para a língua e cultura de chegada.

A maioria dos provérbios e ditos populares de uma língua tem equivalente noutra língua,³⁴ até porque muitos provêm da mesma base latina:

En effet, l'utilisation massive du latin comme langue véhiculaire ainsi que l'importance de la culture classique gréco-latine dans notre enseignement ont fait que le domaine sentencieux indo-européen provient majoritairement d'un fonds

³³ “Tomando a título exemplificativo adágios e provérbios (...) ambos têm caráter breve, estrutura concisa, são textos anónimos veiculados oralmente, possuem unidade sintática e semântica autónoma, são instrumentos didáticos e têm cariz mnemónico.” (Costa, 2007: 64)

³⁴ “Assentando numa experiência em princípio idêntica, os provérbios de uma língua têm quase sempre equivalentes numa outra língua.” (Berman, 1997: 16)

commun latin, que ce soit au niveau de l'idée de base, ou même de la forme.
(Anscombre, 2008: 257)

Contudo, a sua tradução não se opera sem dificuldade, pois essa equivalência raras vezes é integral. Sendo formas fixas, provérbios, expressões idiomáticas e outras expressões populares não se podem traduzir tendo em conta apenas o sentido veiculado. Atentemos nas palavras de Berman a este respeito:

O tradutor vê-se, pois, diante de um provérbio estrangeiro, colocado numa encruzilhada: ou encontrar o equivalente suposto, ou traduzi-lo 'literalmente', 'palavra-a-palavra'. No entanto, traduzir literalmente um provérbio, não é um simples 'palavra-a-palavra'. Também é necessário traduzir o ritmo, a extensão (ou a concisão), as eventuais aliteraões, etc. (Berman, 1997:16).

Para Antoine Berman a "estranheza específica" da prosa que integra linguagem popular é tendencialmente "ameaçada pela tradução" (1997: 55). Este teórico sublinha que a "relação de tensão e de integração existente no original entre o vernáculo e a língua comum, a língua subjacente e a língua de superfície, etc., tende a apagar-se." (Berman, 1997: 55). O intuito deste capítulo é verificar se essa tensão foi ou não apagada e até que ponto, no caso concreto em análise. Como afirma Berman, a "prosa abunda em imagens, locuções, construções, provérbios, etc., que provêm, em parte, do vernáculo. A maioria deles veicula um sentido ou uma experiência que se encontram em locuções, etc., de outras línguas." (Berman, 1997: 54). Todavia, Berman considera que "mesmo que o sentido seja idêntico, substituir uma expressão idiomática pelo seu equivalente é etnocentrismo que, repetido em grande escala, levaria ao absurdo" (Berman, 1997: 54).

A análise da tradução procurará verificar se houve manutenção ou supressão de expressões idiomáticas e fixas e de formas sentenciosas, se um provérbio foi traduzido por outro provérbio, por exemplo, se houve, simultaneamente, manutenção da informação transmitida, ou se a manutenção da forma implicou perdas a nível do sentido e vice-versa.

3.1. MANUTENÇÃO DA FORMA E DO SENTIDO

A tradução de muitas expressões idiomáticas portuguesas por equivalentes na língua inglesa visa uma tentativa por parte do tradutor de emular o estilo autoral, bem como o registo de língua utilizado no texto de partida. Esta estratégia de tradução é utilizada particularmente

para a tradução de expressões tipicamente portuguesas cuja equivalência semântica na língua-alvo se possa também expressar através de uma expressão idiomática ou de um provérbio, embora a manutenção do estilo e do nível de língua acarrete, por vezes, alguma divergência no que concerne ao sentido, como observaremos em 3.2.

Primeiramente, debruçamo-nos sobre os casos em que a equivalência não é apenas ao nível do registo de linguagem e estilo, mas também em termos de significado.

Vejamos as seguintes expressões:

“- **Coitadinha, tem pouco préstimo!**” (AID: 76)

“**Poor wee thing, she’s not much use!**” (TUI: 34)

Esta expressão corresponde a uma sentença das mulheres corvinas a respeito das mulheres que não sabem “talhar”, isto é, cortar e confeccionar as suas próprias roupas. Não obstante “coitadinha” corresponder a três vocábulos na tradução “Poor wee thing”, consideramos que a expressão portuguesa é traduzida por uma expressão equivalente na língua-alvo, em que é notório o léxico de registo popular.

Também encontramos equivalência formal e de sentido nas referências a distâncias:

“**a cem léguas** do mundo.” (AID: 109)

“**hundreds of miles** from anywhere.” (TUI: 59)

“Terra que cheira **a uma légua**” (AID: 163)

“a place you can smell **from miles away**” (TUI: 99)

Deduz-se que o tradutor reconhece que a alusão ao isolamento da ilha das Flores é uma força de expressão e não uma distância exata pelo que a naturaliza, usando uma expressão comum na língua-alvo ao invés de traduzir “cem léguas” por “one hundred leagues”. Acresce que a correspondência entre “do mundo” e “from anywhere” também não é literal, mas adquire o mesmo significado neste contexto uma vez que alude, recorrendo-se à sinédoque, a qualquer sítio minimamente civilizado. A tradução de “a uma légua” por “from miles away” segue o mesmo critério.

A expressão abaixo também apresenta vários vocábulos divergentes em português e inglês, não obstante, os pontos consentâneos entre língua de partida e língua de chegada são vários: o uso de uma forma fixa, de igual extensão, o recurso à mesma a pontuação expressiva; o significado análogo:

“Vá de **encherem-se até lhe tocarem com o dedo!**” (AID: 118)

“There is enough for **everyone to eat to their heart’s content!**” (TUI: 65, 66)

“e dum **molho de gente** que aproveitou a ocasião para ir às Flores.” (AID: 217)

“and a **crowd of people** who have taken advantage of the occasion to take a ride over to Flores.” (TUI: 140, 141)

Se tomarmos “dedo” e “heart” como termos isolados, não verificamos qualquer correspondência semântica, no entanto, quando integrados nas expressões citadas remetem para o mesmo significado, o de comer em demasia. Situação semelhante é a de “molho” (feixe) e “crowd” (multidão): denotativamente o seu sentido é diferente, mas ambos os nomes, inseridos nas expressões acima, transmitem o mesmo significado: aglomeração de pessoas.

Tratando-se, muito embora, de palavras isoladas, considerámos “fulano” e “cornudo” como vocábulos característicos da linguagem popular, ambos os termos traduzidos por linguagem do mesmo estrato em língua inglesa:

“Mas **fulano** – pergunta - de tanta consideração, que é?...” (AID: 167)

“But **so-and-so** - he asks - so well respected, what is he?... (TUI:103)

“- **É cornudo!** - brada num entusiasmo toda a turba.” (AID:167)

“**He's a cuckhold!**’ The throng yells enthusiastically.” (TUI:103)

A tradução de “cornudo” é particularmente interessante por ser a primeira vez nesta passagem em que o tradutor recorre ao calão: “cuckhold”. No texto-fonte, aquando da descrição da festa de São Marcos, Brandão já recorrera a um nome da mesma família – “corno” – três vezes (AID: 165), explicitando o facto de nesta festa se revelarem as infidelidades dos moradores da freguesia. Contudo, o tradutor usou o nome “horn”, sem qualquer conotação pejorativa ou sexual, em todas os casos (TUI:101), pelo que a alusão à conduta condenável dos habitantes só está patente a partir do exemplo discutido.

Na tradução das interjeições que se seguem, exemplos de discurso direto marcado pelo cariz popular e oral, encontramos também manutenção da forma e do sentido:

“**E viva! E viva!**” (AID: 168)

“**Hooray! Hip-hip hooray!**” (TUI: 103)

“**ou – ou - oupa-** empurrando as lascas negras.” (AID: 178)

“**heave – heave – heave ho** - pushing the chunks of lava into place.” (TUI: 112)

Os segmentos usados na língua de chegada - “Hooray! Hip-hip hooray!” e “heave – heave – heave ho”, embora mais extensos são também interjeições, para além de terem valor idiomático.

Vejamos agora uma expressão que assenta numa comparação conotada com preconceito racial:

“**Trabalhou como um negro.**” (AID: 178)

“**he worked like a slave.**” (TUI: 112)

A expressão “Trabalhou como um negro”, que em português assume as variantes verbo trabalhar + conjunção comparativa + determinante artigo indefinido + negro/ escravo/ mouro, possui equivalente na língua de chegada: “worked like a slave”. Ambas remontam ao colonialismo e seria polémico usá-las nos dias que correm, embora a expressão portuguesa, devido ao nome escolhido (“negro”), tenha um pendor racista, que a expressão inglesa atenua através do nome “slave”. Não obstante, trata-se de uma expressão fixa na cultura-alvo e não de um eufemismo do tradutor.

Nos exemplos da página 194 de *As Ilhas Desconhecidas* conjuga-se o discurso popular dos habitantes das Lajes do Pico com a gíria baleeira, ambos preservados a tradução:

“- **Trancou a baleia! Trancou a baleia!**” (AID: 194)

“- **The whale’s harpooned! The whale’s harpooned!**” (TUI: 123)

Note-se que a exclamação “Trancou a baleia!” surge quatro vezes em dois momentos do texto, sendo repetida em cada um dos momentos para ilustrar a excitação e eco da voz do povo. Na tradução, a expressão “The whale’s harpooned!” é repetida no primeiro momento em que ocorre, mas no segundo não, sendo pouco clara a opção de economia num dos casos e não no outro. (ver alínea 1), tabela 7).

Os dois últimos exemplos foram incluídos neste grupo por denotarem grande proximidade formal e de sentido entre ambos os textos:

“- **é hoje um dia de são Pedro!**” (AID: 194)

“- **today is Saint Peter's Day!**” (TUI: 124)

“- **os estômagos de ferro**” (AID: 200)

“- **They’ve got bellies of iron**” (TUI: 128)

Conquanto forma e sentido sejam extremamente semelhantes, repare-se na inclusão do determinante artigo indefinido “um” na primeira expressão, omitido na tradução. A presença do artigo presta-se a mostrar que não se trata do dia 29 de junho, data em que se comemora S. Pedro, mas de um dia igualmente festivo.

No exemplo final observamos que a expressão é exatamente idiomática é em tudo equivalente, mas que em inglês é precedida por um pronome pessoal e pelo verbo. A forma verbal é subentendida em português, língua em que é possível estabelecer-se a coesão textual através da elipse de elementos essenciais como o núcleo do predicado. Para além disso o sujeito é diferente: em português: “os estômagos”; em inglês: “They” (os pescadores).

Em seguida, analisam-se expressões idiomáticas que têm maior extensão na língua-alvo, nas quais se verificou o mesmo tipo de equivalência (a uma expressão idiomática na língua de partida faz-se corresponder outra com o mesmo sentido na língua de chegada), porém

as expressões no texto de chegada correspondem a segmentos mais extensos, expressando-se o mesmo que no texto de partida, mas por meio de uma expansão, e/ou em que ocorre mudança do nível de língua, abandonando-se na tradução o registo popular.

É este o caso das expressões retiradas da página 182 de *As Ilhas Desconhecidas*, exemplos do registo popular e familiar das mulheres dos baleeiros:

“- **Nosso Senhor Iha dê sem perigo!**” (AID: 182)

“**Lord deliver it to them and keep them save from peril!**” (TUI: 115)

“- **Nosso Senhor vá com eles!**” (AID: 182)

“**May Our Lord go with them!**” (TUI: 115)

Ainda que “Lord deliver it to them and save them from peril” e “May Our Lord go with them” sejam expressões recorrentes no contexto religioso, remetem para a sagrada escritura e não para o discurso popular.

O mesmo acontece no exemplo seguinte:

“- **Já arrearam as velas!...**” (AID: 194)

“**They’ve furlled the sails!**” (TUI: 123)

O verbo “furl” constitui linguagem técnica da marinha, ao passo que “arrear” é bastante mais coloquial. Também no caso seguinte se considera que “não ter mão em si” é uma expressão mais típica da linguagem oral do que a solução encontrada pelo tradutor:

“Uma senhora americana **não teve mão em si** que não desatasse a beijá-las transportada...” (AID: 156)

“An American lady was so transfixed, **there wasn’t a hand she didn’t throw herself at**” (TUI: 94)

Atentemos na forma sentenciosa presente no exemplo que abaixo se transcreve:

“- **O pão do meu José vai na canoa**” (AID: 182)

“**That boat is my José’s bread and butter,**” (TUI: 115)

Consideramos que a palavra “pão”, no contexto em que é utilizada (sustento), encontra correspondência em “bread and butter”, uma forma sentenciosa da cultura de chegada. Todavia a expressão em inglês contém outro nome coordenado a “bread”, o que poderá apontar para uma diferença socioeconómica nas duas culturas, isto é, na cultura de chegada, o sustento base não é apenas o “pão”, mas “bread and butter”.

No exemplo seguinte, a expressão oralizante “e sei lá” é traduzida por uma expressão que confere, além do tom popular, um cunho religioso à locução, “and goodness know what else”:

“pretos e chineses, portugueses **e sei lá**” (AID: 199)

“blacks, Chinese, Portuguese, **and goodness know what else**” (TUI:127)

Havendo uma profusão de expressões populares portuguesas com referências cristãs e sendo os açorianos profundamente devotos, a expressão reforça essa associação, já que introduz uma referência religiosa na tradução que não se encontra no texto de partida. Não obstante esta opção de fazer corresponder a expressão do texto de partida a uma expressão enraizada no cristianismo no texto de chegada ser facilmente explicada pela índole do povo açoriano, não deixa de ser uma diferença assinalável entre os dois textos.

Elencam-se separadamente três exemplos que correspondem a expressões idiomáticas tipicamente açorianas, distintas dos demais casos discutidos pois apresentam caráter regional.

Na descrição da cidade da Horta surgem as expressões “cidade de uma só rua” e “Cheguei-me ao ralo”:

“É uma **cidade de uma só rua, como eles dizem**” (AID: 135)

“It is a **one-horse town, as they say**” (TUI: 79)

“- **Cheguei-me ao ralo** - dizem as meninas.” (AID: 135)

“**I went to the confessional**, as the girls say.” (TUI: 79)

É de notar que as ocorrências de “one horse town” em inglês são também em contextos de discursos regionais populares, por exemplo, na letra da música country rock “One horse town” da banda “Blackberry Smoke”. À semelhança do que se expôs a respeito dos nomes “dedo” e “heart”, parece haver discrepância entre “rua” e “horse” quanto ao significado que expressam, mas ambas as expressões remetem para o tamanho reduzido da localidade.

Com a expressão “Cheguei-me ao ralo” sucede o mesmo: é também encontrada uma expressão idiomática em inglês referente a um postigo que servia o mesmo propósito: permitir que as raparigas confraternizassem com os seus pretendentes, mesmo que a expressão açoriana remeta para o buraco do escoamento das águas e a da língua de chegada aluda metaforicamente ao postigo dos confessionários.

O próximo caso reproduz um ditado das ilhas:

“- **Vento leste não dá nada que preste**” (AID: 219)

“**An east wind brings no good**” (TUI: 142)

Apesar de traduzida em linguagem coloquial, respeitando-se o nível de língua, o caráter breve e, inclusivamente, o sentido transmitido, a solução encontrada não tem a mesma cadência rítmica e rimática.

Na passagem em que são descritos os costumes fúnebres caricatos e arcaicos com que Raul Brandão se depara nas Flores o tradutor serve-se de uma estratégia de tradução a que no resto da obra se recorre apenas para a tradução de regionalismos. Esta técnica, a não-tradução seletiva, não é usada para as demais expressões ou vocábulos populares portugueses.

“**avantesmas**” (AID: 121)

“**avantesmas, or death witnesses**” (TUI: 67)

O nome “avantesmas” é mantido em português no texto de chegada, possivelmente para destacar o nível de língua popular do vocábulo. Para além disso, o tradutor demarca o termo em itálico e explicita-o entre vírgulas, acrescentando informação ao texto, logo, alongando-o.

3.2. MANUTENÇÃO DA FORMA COM PERDA DE SENTIDO

Este segundo ponto abarca todas as expressões populares traduzidas por expressões idiomáticas (mantendo-se a equivalência de estilo e nível de língua) cujo significado difere do veiculado no texto de partida. Passaremos a enunciar essas diferenças semânticas, ainda que subtis.

Atentemos na expressão popular dita pela esposa de um dos homens da confraria de S. Marcos, na freguesia de S. Mateus, na ilha do Pico:

“- Ide Para as vossas mulheres! **Ponham as mãos na cabeça!**” (AID: 166)

“Go home to your wives! **Hang your heads in shame!**” (TUI: 102)

Para o leitor português fica claro que a esposa do confrade, para além de admoestar os outros homens, dirige-lhes uma acusação, a de serem traídos pelas esposas. Na expressão idiomática em inglês opera-se uma ligeira modificação de sentido, dado que em “Hang your heads in shame!” a mulher do Cais do Pico apenas os adverte, dizendo que tenham vergonha dos seus atos.

No exemplo abaixo, David Brookshaw também faz uso de uma expressão popular em inglês semelhante à portuguesa, no entanto, a expressão escolhida ameniza as palavras usadas pela personagem Banzeca (um velho pescador florentino):

“**tudo gente do diabo**, pretos e chineses, portugueses e sei lá” (AID: 199)

“**the devil of a mixture**, blacks, Chinese, Portuguese, and goodness know what else” (TUI:127)

As duas expressões, aparentemente concordantes em termos de significação, revelam uma ligeira diferença decorrente da ordem em que se organizaram os constituintes frásicos. A expressão “the devil of a mixture” reporta-se ao produto da mistura de raças a bordo, não caracterizando diretamente a “gente” de forma pejorativa como acontece no texto de partida. Por outras palavras, em “gente do Diabo” o complemento do nome incide sobre a “gente”, os pescadores, ao passo que em “the devil of a mixture” o que é “do diabo” é a mistura de várias raças e não os pescadores em si mesmos. Assim, não obstante a equivalência detetada entre as expressões idiomáticas, julgamos que é também detetável uma certa “razionalização” (Berman,

1997: 44) do discurso. Segundo Antoine Berman a “racionalização re-compõe as frases e as sequências de frases de modo a arranjá-las segundo uma certa ideia da *ordem* de um discurso” (Berman, 1997: 44), o que, neste caso específico, contribuiu para alterar, de forma ligeira, o significado transmitido.

Tendo em conta que a “racionalização afeta, em primeiro lugar, as estruturas sintáticas do original, bem como (...) a sua pontuação” (Berman, 1997:44), daremos conta de outros exemplos, no decorrer da dissertação, em que os elementos da frase foram alvo de reorganização ou em que a pontuação foi modificada, dado que o tradutor se socorre desta estratégia com alguma frequência.

3.3. PERDAS NA FORMA E NO SENTIDO

Neste ponto proceder-se-á à análise das expressões populares portuguesas que não foram traduzidas por expressões idiomáticas da língua inglesa, tendo-se feito a tradução recorrendo a estratégias várias. Assim, nos trechos que abaixo se transcrevem são visíveis, entre o texto de partida e a respetiva tradução, mudanças estilísticas (nível de língua distinto, diferente cadência, estruturação frásica, extensão) a par com algumas diferenças ao nível do significado.

MUDANÇA NO REGISTO DE LÍNGUA

Começamos por atentar nas passagens em que é notório certo “enobrecimento” (Berman, 1997: 47) do texto de partida, isto é, em que se verifica que o texto da tradução é mais articulado e apresenta frases/ expressões esteticamente preclaras, relativamente ao original. Não queremos com isto dizer que o texto traduzido comete exageros de “retorização embelezadora” (Berman, 1997: 47), elevando excessivamente o registo discursivo. Não obstante, há, efetivamente, um afastamento do nível de língua popular, optando-se pelo inglês-padrão, que interfere com “a riqueza oral e a dimensão polilógica informal da prosa.” (Berman, 1997: 48).

Vejamus a seguinte passagem relativa aos impérios do Santo Espírito:

“uma vasta **comezaina**” (AID: 118)

“a huge **feast**” (TUI: 65, 66)

O nome “comezaina” não denota apenas abundância como “feast”, mas denuncia o caráter popular das festas do Espírito Santo.

A tradução do desabafo de uma pobre mulher florentina revela, igualmente, um afastamento da linguagem popular:

“- O homem trabalha e uma mulher **cobre os filhinhos com a sua sainha.**” (AID: 130)

““A man works and a woman **shelters her children behind her skirt.**” (TUI: 74)

A expressão portuguesa reveste-se de cunho popular, observável no tom de sentença universal e no uso dos diminutivos “filhinhos” e “sainha”, reveladores da autocomiseração da mulher da ilha das Flores. A tradução para inglês, porém, sem vocabulário valorativo, adquire um tom menos coloquial.

No próximo exemplo o abandono do registo popular acarreta acréscimo de informação, cuja relevância não colocamos em causa, mas sim o ponto em que surge no texto, como abaixo explicitaremos:

“coro de **piteireiros**” (AID: 168)

“chorus of **drunken revelers**” (TUI: 103)

Ao traduzir “piteireiros” por “drunken revelers”, David Brookshaw acrescenta um adjetivo que esclarece que “piteireiros” são foliões bêbedos, no entanto na página 100 de *The Unknown Islands* traduziu o mesmo vocábulo apenas por “revelers” (preferindo a tradução eufemística), pelo que não é clara a razão pela qual, sendo necessário esclarecer os leitores a respeito de que tipo de foliões se trata, não foi feito isso mesmo na primeira ocorrência do vocábulo neste contexto (o da festa de S. Marcos) e não na página 103.

Transcrevemos, ainda, mais três excertos em que se verificou que a expressão do texto de partida é substituída por outra em linguagem corrente, abandonando-se o registo popular e optando-se por vocábulos que não contemplam o sentido exato das expressões portuguesas:

“um postiguinho para a mulher *falar ao namoro*” (AID: 135)

“a tiny lattice door for the woman to **talk to her suitor**” (TUI: 79)

“- E **aquela canoa não larga?**” (AID: 182)

““And **isn't that boat there going to set off?**”” (TUI: 115)

“**de má catadura.**” (AID: 255)

“**menacing.**” (TUI: 167)

Há, efetivamente, diferenças semânticas entre os pares: “namoro” (namorado) e “suitor” (pretendente); “canoa” (mais específico) e “boat” (o genérico barco); “de má catadura” (expressão que personifica o mar por lhe atribuir um semblante revelador de mau ânimo) e “menacing” (ameaçador).

CLARIFICAÇÃO E ALONGAMENTO

Nos exemplos em apreço elencam-se os casos em que se verificou a tradução por meio de circunlóquio e, simultaneamente, clarificação, sendo as expressões traduzidas mais extensas e explícitas do que as expressões do texto de partida, tendo-se identificado a presença de duas

tendências “deformantes” em tradução, enunciadas por Antoine Berman: a clarificação e o alongamento (1997: 44).

Berman reconhece que a “clarificação é, sem dúvida, inerente à tradução, na medida em que qualquer acto de tradução é explicitador” (1997: 45), mas para além dessa inevitabilidade implicada pela transposição de uma língua para a outra, tornar explícito um referente propositadamente oculto empobrece o texto, interferindo, até, com a duplicidade significativa e a liberdade interpretativa do leitor.³⁵

Neste subtema referimo-nos também à tradução com recurso ao circunlóquio, no sentido em que o texto de partida é alongado, para além de haver adição de informação ao texto de chegada. Berman refere que “[q]ualquer tradução é tendencialmente mais longa do que o original” (1997: 46), sendo esta tendência decorrente da primeira tendência exposta – a clarificação – e inerente ao próprio ato de traduzir. Contudo, acrescentar informação que o texto de partida não possui é, necessariamente, deformá-lo, ainda que se considere que esta estratégia sirva o propósito de contribuir para a clareza do texto, dado que elimina eventual ambiguidade em alguns segmentos textuais. Noutros casos, evidenciam-se ligeiras dissonâncias no sentido, concluindo-se que a “tradução parafraseadora ou explicativa” (Berman, 1997: 46) obscureceu o original ao invés de o clarificar por permitir apenas uma interpretação unívoca e restringir o sentido de algumas passagens.

O primeiro exemplo integra o capítulo “O Corvo”:

“- **Ele é o poder do mundo!**” (AID: 76)

“**It is the most powerful force in the world.**” (TUI: 33)

A sentença “Ele é o poder do mundo”, ouvida aos populares corvinos, é reproduzida em discurso direto. O mesmo acontece na tradução, mas essa reprodução é expandida em linguagem corrente, substituindo o registo popular em que se expressaram os corvinos. O poder do vento também é esbatido pela escolha do pronome pessoal “it” para traduzir “ele”, perdendo-se a personificação do vento como entidade que move o mundo.

No capítulo seguinte - “A Floresta Adormecida” – encontrámos três expressões em registo popular que têm uma extensão visivelmente maior na tradução:

“se é **abonado** dá uma vasta comezaina a toda a freguesia” (AID: 118)

“if **the recipient is a person of means**, he gives the whole parish a huge feast” (TUI: 65)

“o imperador é **um americano que voltou à terra.**” (AID: 118)

“the emperor is **an American who has returned to his native land.**” (TUI: 65)

³⁵ “Mas, num sentido negativo, a explicitação pretende tornar “claro” o que o não é e nem quer ser no original. A passagem da polissemia à monossemia é uma forma de clarificação.” (Berman, 1997: 46)

“**a criatura agoniza**” (AID: 122)

“**the person enters their death agony**” (TUI: 67)

A palavra “abonado” e “um americano que voltou à terra” são referências a quem preside à festa do Espírito Santo. “[T]he recipient is a person of means” como tradução do adjetivo “abonado” torna este trecho no texto de chegada consideravelmente maior, para além de lhe acrescentar um vocábulo em registo cuidado (“recipient”), nível de língua ausente nesta passagem do texto de partida. Julgamos que a menção ao emigrante retornado se ampliou na tradução pela necessidade de clarificar a sua origem açoriana, subentendida no texto de partida.

Uma vez que na generalidade da obra o tradutor é fiel ao estilo autoral, é inusitada a tradução de “a criatura agoniza” pela perífrase “the person enters their death agony” em vez de “the criature agonizes”, que seria uma equivalência mais direta e com vocábulos igualmente coloquiais. Nos dois exemplos seguintes verifica-se, de igual modo, quer um alongamento do texto, quer um registo de língua mais cuidado na tradução:

“**Vale-me** alguém” (AID: 163)

“Someone **comes to my succor**” (TUI: 100)

“**os podres ocultos da freguesia.**” (AID: 167)

“**the hidden dissolutes of the parish to be named and shamed.**” (TUI: 102, 103)

O grupo nominal “os podres ocultos da freguesia” (referente a uma tradição da festa de S. Marcos na ilha do Pico, à qual já nos reportámos anteriormente), com a palavra “podres” usada em sentido figurado, para além de ser traduzido por um grupo frásico mais extenso e com vocabulário mais cuidado (“hidden dissolutes”), particulariza os alvos de chacota (“to be named and shamed”), algo que a mesma passagem no texto-fonte apenas indicia.

Nas transcrições abaixo, encontradas na mesma passagem referente à paisagem faialense, embora não possamos afirmar que o nível de língua seja mais cuidado na tradução, é visível o abandono do registo popular e transformação do texto em linguagem corrente:

“o Salão- **celeiro da ilha** dividido em retalhos de cores” (AID: 138)

“Salão – **the grain-growing parts of the island** divided into patches of color” (TUI: 81)

“A propriedade está muito dividida e quase toda **nas mãos de remediados.**” (AID: 138)

“Land is divided up in abundance, and almost all properties **belong to owners who have made good.**” (TUI: 81)

Relativamente à primeira das duas transcrições, salientamos que o texto de chegada, além de alongar o original, refere explicitamente o produto (“grain”) do plantio na freguesia do

Salão, não o fazendo de forma indireta através do lugar que o contém (“celeiro”), perdendo-se a imagem metonímica do texto de partida.

Na tradução da frase do segundo exemplo, evidenciamos a perda do valor metafórico ao traduzir-se na expressão que indica pertença “nas mãos de” recorrendo-se somente ao verbo “belong” seguido da preposição “to” (pertencem a); e a tradução do adjetivo “remediados” por uma expressão mais longa que procura decompor o seu significado, mas que torna mais bem sucedidos os agricultores na tradução do que no texto de partida, visto que o adjetivo em português revela apenas que os faialenses se governavam autonomamente, mas não que tivessem alcançado prosperidade, o que está contido no significado da expressão “made good”.

Transcrevemos novo exemplo de passagem alongada no qual consideramos que é a própria estrutura sintática que contribui para clarificar o significado da passagem traduzida:

“**o bicho resfolga**” (AID: 182)

“**expelled from the creature’s blowhole.**” (TUI: 115)

Na mudança da voz ativa em português para a voz passiva em inglês é acrescentada a informação de que “os esguichos de vapor” (AID:182) não saem do bicho em si, mas do seu espiráculo (“blowhole”) tornando o texto que é apresentado ao leitor-alvo mais técnico e mais específico do que o texto original.

A passagem seguinte é também exemplificativa de tradução clarificativa com acréscimo de informação:

“está ainda para os **bancos**. Andou na **baleia** quatro anos e volta **agora**” (AID: 202)

“he's still there on the **Grand Banks**. He worked for four years on **whaling ships** and **is coming home**” (TUI: 130)

Na tradução de “bancos” por “Grand Banks” é notória uma necessidade de especificação quanto à localização espacial da narrativa. O mesmo acontece na tradução de “baleia” por “whaling ships”, anulando-se a metonímia que remetia para a baleação e suas embarcações de modo mais indireto. O texto de chegada adiciona ainda a expressão “is coming home”, substituindo o advérbio de tempo “agora” pela indicação do lugar ao qual o baleeiro retorna.

As expressões transcritas da página 213 d’ *As Ilhas Desconhecidas* inserem-se na reprodução de uma conversa com um pobre pastor de S. Jorge:

“- **Vossa senhoria** como vai mais **a sua obrigação? (família)**” (AID: 213)

““How is **your lordship** and **his obligation (meaning his family)**?”” (TUI: 137)

“- **Anda muito somenos**, porque **teve há dias uma família (filho)**.” (AID: 213)

““**She is half spent**, on account of **having some family a few days ago (she had a baby)**.””(TUI: 137)

Todo o diálogo revela as origens humildes da personagem, que, inclusivamente, trata o narrador com exagerada deferência “vossa senhoria”. Na tradução, procura-se traduzir não só o título nobiliárquico, como também as expressões regionais da personagem. Algumas expressões são tão desusadas que Brandão esclarece o seu significado entre parênteses, de forma breve, recorrendo apenas a um nome comum por expressão: “(família)”; “(filho)”. O tradutor procede da mesma forma, mas não considera que os vocábulos “family” and “baby” bastem para elucidar o leitor da língua-alvo, por isso alonga as explicações, acrescentando-lhes mais informação que contribui para a clarificação desta passagem.

O último exemplo de alongamento corresponde também a uma mudança no nível de língua:

“**Toda a noite** não pude **pregar olho**” (AID: 288)

“I have been unable **to get to sleep these last few nights**” (TUI: 189)

No nosso entender, a expressão popular “pregar olho” é traduzida por linguagem corrente em inglês “to get to sleep”. Ressalte-se que há uma expressão idiomática em inglês com correspondência formal e de sentido à usada por Brandão: “sleep a wink”. Estranhamente, a tradução refere que o narrador foi incapaz de dormir nas últimas noites (“these last few nights”), quando o texto de partida se reporta apenas à noite anterior, uma divergência semântica que importa assinalar.

PARÁFRASE DE FORMAS SENTENCIOSAS

Outra técnica de tradução patente no texto traduzido é a tradução por paráfrase, ou seja, o tradutor procura reproduzir o significado da forma sentenciosa usando outras palavras, com ou sem modificações semânticas.

Primeiramente, enunciam-se os trechos em que, muito embora o léxico da tradução seja bastante próximo ao do texto de partida, as formas sentenciosas perdem ou veem atenuado o seu carácter oral, popular e regional:

“O leite **trabalha sempre**, como eles dizem;” (AID: 96, 97)

“Milk *never stops working*, as they put it:” (TUI: 48, 49)

“**Gastou o seu e o alheio**” (AID: 178)

“**He spent his own and other people’s money**” (TUI: 112)

“**para baixo, até cabra manca faz viage...**” (AID: 64, Edições Vercial; 230. Artes e Letras)

““**Even a lame goat can make the journey down...**” (TUI: 149)

No primeiro exemplo, para além da diferença na pontuação, é notória a transformação da frase na negativa pela introdução do advérbio “never” (nunca) e do verbo “stops” (para). Raul Brandão destaca o facto de se tratar de uma expressão do dialeto regional corvino ao apor à mesma “como eles dizem”. O tradutor não ignora o facto de se tratar de um regionalismo, visto que não só apõe à expressão “as they put it” como a demarca a itálico, o mesmo traço distintivo usado para os vocábulos portugueses que optou por não traduzir, tal como vimos no capítulo votado ao léxico regional. Todavia, a tradução poderá conduzir a interpretações dúbias, visto que não torna claro o facto de o leite ser o motor de ação do homem que é o que, por meio de metonímia, transmite a expressão corvina.

O dito popular “Gastou o seu e o alheio” não corresponde no texto de chegada a nenhum provérbio ou expressão idiomática em inglês, traduzindo-se por paráfrase a expressão portuguesa, mas acrescentando-se o que a expressão portuguesa deixa implícito, o nome “money” (dinheiro).

No terceiro e último exemplo, para além da troca dos elementos na frase, assiste-se ao apagamento do mimetismo fonético do dialeto local patente no texto de partida. Raul Brandão, embora enriqueça a prosa com o discurso direto, em registo popular, dos tipos sociais, não tende a imitar a fonética das expressões reproduzidas. No entanto, este ditado popular ilustra a pronúncia micaelense. Neste caso em particular, optou-se por transcrever um excerto de *As Ilhas Desconhecidas* das Edições Vercial, dado que a edição de Artes e Letras contém o nome “viagem”, sem qualquer incorreção, e não “viage”. No entanto, parece-nos significativa a tentativa do Raul Brandão reproduzir não só as palavras do seu guia, mas também o seu sotaque, cuja fonética suprime, caracteristicamente, sons e sílabas finais de muitas palavras, como é o caso da apócope do “m” no nome em questão. O texto da língua de chegada não contempla qualquer incorreção linguística, nem corresponde a nenhuma expressão fixa na língua de chegada.

Deparámo-nos ainda com expressões populares cuja tradução, para além de não constituir uma expressão fixa na língua-alvo, substitui os segmentos do texto de partida por léxico que implica diferenças assinaláveis no sentido transmitido.

Na primeira transcrição, além do apagamento do léxico popular (“creste”, “ponha”, “potes”) e da pontuação final diferente (reticências no texto de partida e ponto final no texto de chegada), diverge o sentido veiculado nos dois textos:

“para que a alma não se creste nem se ponha a banhar nos potes...” (AID: 122)

"so that the departing soul cannot sip from its surface or bathe in its pores." (TUI: 67)

No texto-fonte dá-se como razão para não se acender o lume, nem se ter água à disposição o facto de a alma não se queimar, nem ceder à tentação de se banhar nos recipientes (potes). No texto de chegada, a razão apresentada para os mesmos costumes é a da alma, qualificada como “departing”, não se pôr a sorver da superfície dos pots, nem se banhar pelos “pores”, poros em português (ver tabela 8, alínea d). A nosso ver, uma gralha de impressão na edição usada pelo tradutor poderá ter levado a uma interpretação errónea.

Os seis exemplos seguintes integram a mesma passagem relativa à festa de S. Marcos e suas tradições jocosas. Embora o tradutor tenha procurado manter o registo popular, parte do sentido de que são imbuídas estas expressões no texto de partida não está patente no texto de chegada. Comentá-las-emos separadamente:

“**apontadas a dedo**” (AID: 166)

“**picked out for special attention**” (TUI: 102)

O ato de apontar as casas a dedo (dirigir aos seus habitantes uma acusação) prende-se com a tradição da festa de S. Marcos em que os homens a quem as esposas tinham sido infiéis eram alvo de chacota em público. A expressão inglesa “picked out for special attention” não deixa perceber que os seus moradores serão acusados, mas apenas que as casas serão alvo de especial atenção.

“**Malandros!**” (AID: 166)

“**Hooligans!**” (TUI: 102)

A tradução de “Malandros” por “Hooligans” corrobora a indução em erro do leitor da cultura-alvo, dado que fica com a perceção de se tratar de uma turba violenta, de rufias e não de gente brejeira, descarada e galhofeira. Para esta falácia interpretativa mais concorre a tradução da próxima expressão:

“Eu nunca lhe **preguei desfeitas**. - **Vocês é que o são!**...” (AID: 166)

“I've never **given** him **cause for offense** - **You're the ones who're doing that!**...” (TUI: 102)

Na versão traduzida, a mulher do picaroto apontado pelos confrades apenas os culpa de ofenderem o marido, quando no texto de partida se trata de um insulto claro em que ela os acusa de sofrerem com a infidelidade das respetivas mulheres.

No exemplo seguinte, a perda semântica deriva do uso de um nome mais específico na tradução:

“**os seres**” (AID: 166)

“**the people**” (TUI: 102)

A tradução de “os seres” por “the people” está isenta da conotação negativa (de inferiorização) que tem em português.

Outra discrepância semântica é a observável na tradução de “alarpadas” por “secretive”:
“**terras alarpadas da província**” (AID: 168)

“**secretive provincial communities**” (TUI: 103)

Consideramos que com “terras alarpadas da província” o autor quer apenas destacar o facto de serem localidades do interior ocultas pelos elementos da paisagem e pela distância dos centros urbanos. Não seriam, certamente, comunidades secretas como a tradução parece sugerir. A propósito deste exemplo é pertinente a consulta do quadro 8, alínea j). Aí se contempla uma passagem mais extensa do excerto, onde se verifica que, embora não se trate de um vocábulo popular, o “funil”, como meio de divulgação dos escândalos, é mais arcaico no texto de partida, tendo sido substituído por uma referência contemporânea – “a loud hailer” (megafone).

No sexto exemplo retirado do excerto que descreve a festa de São Marcos, a divergência de sentido decorre, essencialmente, do apagamento da expressão popular, substituindo-a por um grupo mais genérico, selecionado pelo verbo “take”:

“obrigar as mulheres **a terem tento na bóia**” (AID: 169)

“forcing women **to take care**” (TUI:104)

Esta expressão popular que atribui a origem do costume descrito (tornar públicas as infidelidades da freguesia) à necessidade de obrigar as mulheres a conterem-se, a respeitar os votos matrimoniais (“terem tento na bóia”) é traduzida por uma locução gramatical – “take care” – de uso corrente. Na tradução diz-se apenas que as mulheres eram forçadas a ser cautelosas. “Take care” não é uma expressão idiomática, mas o que em inglês se designa por “phrasal verb” (locução gramatical/ verbo frasal).

O registo corrente derivado da escolha do verbo preposicional e do nome que o segue na reflexão do narrador que a seguir se transcreve poderá, também, contribuir para diferenças interpretativas:

“desde que **pus os pés em terra**” (AID: 170)

“ever since **I stepped back on to mainland**” (TUI: 105)

Considera-se que a tradução de “terra” por “mainland” poderá levar os leitores a pensar que já o autor se encontra em terras continentais quando alude ao episódio narrado nas páginas antecedentes, quando na verdade se prepara para subir à montanha do Pico. Tendo-se consultado vários dicionários de língua inglesa, em todos se verificou que “mainland” se opõe a ilhas ou penínsulas e corresponde à maior extensão de um território. Para manter a

correspondência formal poder-se-ia ter usado a expressão fixa em inglesa “set foot on” que, não obstante a literalidade dos vocábulos, tem o mesmo sentido.

As duas expressões que se seguem integram o capítulo “A Pesca da Baleia” e referem-se ao método tradicional de caça usado pelos açorianos. A tradução das mesmas por linguagem corrente implica a perda de um jogo de palavras, no primeiro caso, e do caráter regional, no segundo caso:

“**As outras canoas ficam a ver navios.**” (AID:192)

“**The other whaleboats are left with nothing.**” (TUI: 122)

“É o que eles chamam **trancar para quebrar.**” (AID:192)

This is what they call **short-cut harpooning.**” (TUI: 122)

Ao usar o adágio popular “a ver navios”, o autor faz também um trocadilho que aponta para a literalidade da expressão usada: ficar a ver navios é ficar sem nada, mas é também ficar a olhar a canoa (bem mais modesta do que um navio, mas que não deixa de ser uma embarcação) que roubou a caça à que estava mais próxima. A tradução para inglês – “left with nothing” – nada contém desse jogo de palavras.

A tradução de “trancar para quebrar”, uma expressão característica dos baleeiros açorianos, traduz-se atendendo ao significado da expressão, mas não à sua especificidade regional, apesar de “short-cut harpooning” ser antecedido por “what they call”, o que pressupõe tratar-se de uma expressão açoriana.

No penúltimo caso em apreço, respeitante aos critérios enunciados, encontra-se na mesma frase uma tentativa de manutenção da forma para a tradução de um grupo frásico, mas maior eloquência de expressão na tradução de outros dois:

“este **rapagão** do Pico, **uma jóia** de rapaz, alto, **seco**” (AID: 202)

“the **lad** from Pico, a **stout-hearted** boy, tall, **weather-beaten**” (TUI: 130)

A tradução de “rapagão” por “lad” mantém o registo informal e popular, mas, ao contrário do vocábulo usado em português, não fornece a caracterização física (forte, robusto) da personagem que aqui se apresenta. Já na tradução de “uma jóia de rapaz” por “stout-hearted boy” há uma mudança a nível de registo, perdendo-se o cariz popular na tradução. Além disso, em termos semânticos também não há convergência dado que “uma jóia” remete para um caráter afável e irrepreensível e “stout-hearted” quer dizer intrépido, corajoso, audacioso. A tradução de “seco” por “weather-beaten” denota a interpretação do tradutor, que associa o vocábulo aos efeitos que os elementos da natureza teriam sobre um pescador, quando, em sentido lato, “seco” significa sem excesso de peso, sem gordura.

No capítulo “Homens e Barcos”, Brandão reproduz em discurso direto as aventuras e desventuras de muitos dos homens do mar com quem travou conhecimento. O último caso de substituição insere-se na passagem em que um marinheiro relata o encontro com um conterrâneo na ilha do Príncipe, evidenciando-se o pendor racista dos seus comentários:

“Estou casado com **o estafermo de uma preta**” (AID: 207)

“I’m married to **a dumb black woman**” (TUI: 133)

Embora o comentário da personagem – “o estafermo duma preta” - pudesse chocar o leitor contemporâneo, Brookshaw mantém o tom depreciativo, mesmo que, em termos semânticos, não se tenha transmitido a aceção em que é usada a palavra “estafermo”. Conquanto “estafermo” também signifique pessoa embasbacada e sem préstimo, o que aponta para a falta de inteligência, era um vocábulo comumente usado pelos portugueses residentes nas colónias africanas e pelos retornados (no pós 25 de Abril) para se referirem depreciativamente ao aspeto físico das africanas. Crê-se que a personagem estava a evidenciar o facto de achar que a sua esposa era muito feia, no entanto as vantagens de ali residir suplantavam esse senão. Para além disso, no início do século XX, o homem português provinciano não relevava a inteligência feminina.

3.4. LINGUAGEM CORRENTE TRADUZIDA POR EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Examinando-se a linguagem utilizada por autor e tradutor, encontraram-se alguns casos curiosos de trechos que em português não constituem exemplo de expressão idiomática, mas a sua tradução para inglês sim. Ao introduzir expressões idiomáticas em passagens textuais que as não continham no texto-fonte, julgamos que David Brookshaw terá usado uma estratégia de compensação, isto é, terá procurado compensar a perda de sentenças noutros locais do texto. Passamos a elencar esses casos:

“**Não há uma questão**” (AID: 101)

“**There are no questions asked**” (TUI: 102)

“**já têm desaparecido, sem mais se saber dos barcos nem dos homens.**” (AID: 255)

“**disappear without a trace.**” (TUI: 167)

“**a fome é devoradora**” (AID: 200)

“**they eat like horses**” (TUI: 128)

“os marinheiros **descobrirem-se** e rezarem a coroa a Nossa Senhora.” (AID: 217)

“for the sailors to **doff their hats** and say prayers to Our Lady.” (TUI: 141)

Sobre a primeira expressão deste grupo, para além da divergência formal, assinalamos o facto de a tradução poder, eventualmente, conduzir os leitores a uma interpretação errónea do

texto, isto é, a pensarem que o povo corvino, aqui retratado, é gente que não faz perguntas e não que não há querelas entre os corvinos, o valor com que é conotada “questão” neste contexto.

No segundo exemplo, a versão portuguesa é bastante mais longa do que a inglesa, resultando a tradução para inglês numa evidente economia de linguagem que elimina alguma informação contextual.

Em “They eat likes horses” a tónica deixa de ser atribuída à fome, que no texto de partida é personificada e no de chegada não, e passa a ser dada ênfase aos pescadores de bacalhau (“They”).

Relativamente ao último, notamos o facto de a expressão “doff the hat” em inglês corresponder, no essencial, à expressão portuguesa “tirar o chapéu” que não é aqui usada pelo narrador, mas a simbologia é a mesma: a de prestar homenagem ou respeito, descobrindo a cabeça.

Encontrando-se perante o quebra-cabeças que constitui traduzir linguagem popular, David Brookshaw tomou diferentes opções, consoante as expressões encontradas no texto de partida, privilegiando nuns casos a forma, noutros o sentido, noutros, ainda, tentando conciliar a aceção da expressão com a reprodução dos seus elementos formais (como a linguagem vernácula, a cadência, a extensão, a rima, entre outros).

Principiámos o capítulo por apresentar variados exemplos de preservação da cadência, da construção frásica e dos sentidos quer denotativos, quer conotativos da linguagem popular, tendo-se substituído uma expressão idiomática portuguesa por outra em inglês.

Vimos também que a manutenção de alguns aspetos formais, pode implicar perdas não só a nível do sentido, como também divergências noutros aspetos da forma. Segundo Berman, o “trabalho tradutivo situa-se exatamente entre estes dois pólos: a tradução ‘palavra a palavra’ do provérbio (...) e a tradução da forma-provérbio, que pode eventualmente ser levada, para atingir os seus fins, (...) a modificar alguns elementos do original. (Berman, 1997:16). Deste modo, concluímos que traduzir uma expressão idiomática por outra não é sinónimo de equivalência total: manter a rima, pode fazer divergir a extensão; manter a extensão pode implicar divergências lexicais; manter a estrutura frásica pode implicar diferenças semânticas, entre variadíssimos outros casos que apresentámos.

Apesar de termos mostrado que isto acontece na tradução de muitos dos ditados populares, provérbios e outras expressões típicas da língua vernácula presentes *n’As Ilhas Desconhecidas*,

reconhecemos também que várias das deformações operadas se revelaram necessárias para a inteligibilidade da mensagem.

Justamente para não correr o risco de cair numa tradução etnocêntrica³⁶ que, ao invés de respeitar o hibridismo linguístico, se pautaria por uma domesticação excessiva ao colocar na boca de todas as personagens do povo ilhéu o registo vernacular da língua inglesa, David Brookshaw utiliza múltiplas estratégias para a tradução das expressões idiomáticas existentes no texto de partida, consciente de que “[t]raduzir não é [unicamente] procurar equivalências.” (Berman, 1997: 54).

³⁶ Berman explica que etnocêntrico, em termos de tradução, é tudo o que “remete para a sua própria cultura, normas, valores, e que considera aquilo que se situa fora dela – o Estrangeiro - como negativo ou simplesmente bom para ser anexado e adaptado de forma a aumentar a riqueza dessa cultura.” (Berman, 1997: 26).

4. FESTIVIDADES

No seu roteiro pelas ilhas, no verão de 1924, Raul Brandão não pôde deixar de notar a profunda religiosidade do povo dos Açores. Num artigo de âmbito sociológico sobre o papel das mulheres nas romarias dos Açores, referindo-se ao povo açoriano, Sandra Silva observa que:

(...) a sua religiosidade é pouco consciencializada e interiorizada, admira o fantástico das narrações populares e acontecimentos extraordinários atribuídos aos Santos, e deleita-se com a expressão ruidosa e a das festas tradicionais. O seu isolamento geográfico, clima morno, atmosfera nublosa, presença sonhadora do mar, predispõem a sua mente para o fantástico e irreal, com reflexos nas suas convicções religiosas. (Silva, 2003a: 243).

Esta ligação genuína com o divino extravasa as paredes da Igreja e alcança as ruas e praças, manifestando-se em tradições religiosas em que o povo é soberano e não o clero, tais como as celebrações em honra do divino Espírito Santo ou de São Marcos, que despertaram a curiosidade e propiciaram o comentário de Raul Brandão.

Na Madeira, pelo contrário, não são as festas religiosas as descritas e escrutinadas sob o olhar crítico do autor. Há cerca de cem anos já a Madeira era um destino de férias, procurada pelo clima ameno, jardins fecundos e brandos, hotéis com todas as comodidades. A Passagem de Ano na Madeira, tão popular hoje em dia, nos anos vinte do século passado era já profícua em grandes e luxuosas festas, cujos principais destinatários, e também protagonistas, eram os turistas.

4.1. CULTO DO ESPÍRITO SANTO

De acordo com o estudo antropológico realizado por João Leal, “as Festas do Espírito Santo constituem em grande medida um traço específico da cultura popular portuguesa” (Leal: 1994: 15), ainda que haja registo de tradições semelhantes noutros locais, nomeadamente em França. Este culto remonta ao século XIV, atribuindo-se a sua origem à Rainha Santa Isabel. Celebrado em território português continental, foi, posteriormente, difundido pelos territórios ultramarinos ocupados pelos portugueses, como o Brasil ou a Madeira, e amplamente disseminado nos Açores, desde os inícios do povoamento. Ao longo dos séculos, foi perdendo força em Portugal continental, mas o inverso aconteceu nos Açores, onde “as Festas do Espírito Santo guardam intacta a sua relevância” (Leal, 1994: 16), celebradas com devoção em todas as

ilhas e, inclusivamente, nas comunidades açorianas de outros países, para onde foram levadas pelos emigrantes.³⁷ Vitorino Nemésio afirma que as Festas do Espírito Santo são “uma verdadeira instituição social (...) que a todas as ilhas se estende” (Nemésio, 1995: 95).

Em ambos os textos – *As Ilhas Desconhecidas* e *The Unknown Islands* – é notório o espanto do narrador na descrição do culto do Espírito Santo, tradição secular (tanto pela antiguidade, quanto pelo caráter profano) abandonada no Continente, mas preservada nos Açores, onde a organização popular se sobrepõe à origem cristã.³⁸ Se Raul Brandão não está familiarizado com esta tradição, maior perplexidade causará ao leitor anglófono. Culto desconhecido na cultura de chegada, excetuando-se as comunidades de emigrantes açorianos, a tradução de algumas passagens do texto de partida, referentes às Festas do Espírito Santo, requer contextualização ou explicitação. Por esta razão, o tradutor afasta-se da fonte, servindo-se de diferentes técnicas de tradução consoante a informação que o autor pretendeu veicular e também aquela de que, no seu entender, o público-alvo não pode prescindir, domesticando até certo ponto, o texto de partida. São variados os recursos usados para operar esta transformação textual. Vejamos um primeiro exemplo em que se destacam na mesma frase duas opções de tradução que importa discutir:

“culto remoto **que vem do fundo dos séculos**, desaparecido no **Continente**” (AID: 115)

“it is an ancient, **time-honored** cult, which as disappeared from **mainland Portugal**” (TUI: 63)

Considerando o primeiro exemplo, verificamos que a expressão popular “que vem do fundo dos séculos” dá lugar na tradução a uma expressão fixa na língua inglesa, porém mais sucinta, contrariando a tendência de alongamento em textos traduzidos. Além disso, o tom popular da expressão perde-se na tradução. No mesmo trecho, o nome “Continente” alude por sinédoque exclusivamente ao território de Portugal Continental, algo claro para o leitor português. Contudo, o leitor da língua de chegada necessita da particularização desse conceito, daí que o tradutor opte por “mainland Portugal”, já que a tradução literal “Continent” remeteria para todo o continente europeu. No segundo exemplo que abaixo transcrevemos, verifica-se a mesma necessidade de clarificação (Berman, 1997: 44) de um conceito subentendido no texto de partida:

³⁷ “Atestada pela sua presença exaustiva em todas as freguesias do arquipélago, esta vitalidade das Festas do Espírito Santo expressa-se ainda no modo como, a partir dos Açores, elas se difundiram nos principais contextos de acolhimento da emigração açoriana: o Brasil, no passado, e os E.U.A. e o Canadá, mais recentemente.” (Leal: 1994: 16).

³⁸ Referindo-se às Festas do Espírito Santo, Vitorino Nemésio explica que a “festa é pagã, de um ruído e de uma cor que desnorteiam e deslumbram; mas lá tem o seu fundo de caridade cristã bem entendida para lavar toda a mancha de profanidade desenvolta.” (Nemésio, 1995: 96)

“Só nas ilhas não há freguesia onde **Ele** não tenha casa com altar e coroa” (AID: 115)

“In the islands alone, every parish has a house of **the Holy Spirit**, with its altar and crown” (TUI: 63)

“Ele”, pronome pessoal que substitui o Santo Espírito, é traduzido pelo seu referente - “the Holy Spirit” – desobscurecendo-se o texto de partida.

Se acima destacámos a necessidade de clarificar conceitos, no exemplo seguinte é notória a estratégia inversa, sendo o texto de chegada mais genérico do que o texto de partida:

“entre quatro varas grossas (...) em que o povo o **encerra...**” (AID: 115)

“between four thick staffs (...) in which people **guard** him...” (TUI: 64)

O narrador d’*As Ilhas Desconhecidas* pretende mostrar que o padre da freguesia não tem controlo sobre o culto, totalmente encabeçado pelo povo. No entanto, o verbo escolhido para a tradução de “encerra” – “guard” – tem uma conotação menos pungente, menos dura, não demarcando tanto essa separação entre a festa popular e a Igreja, configurando-se como uma generalização do sentido que se pretende veicular.

O grupo que se segue reporta-se, igualmente, às festas do Espírito Santo, mas de uma perspetiva analítica e comparativa, estabelecendo o narrador um paralelo entre estas festividades nas ilhas dos Açores e nas comunidades açorianas no Brasil.

Agrupámos os primeiros quatro casos, visto que denunciam as mesmas opções de tradução:

“todos os anos **se elege** um imperador” (AID: 116)

an emperor **is chosen** every year” (TUI: 65)

“Às vezes arruína-se para encher os ventres a **quem o elegeu.**” (AID: 117)

“He sometimes bankrupts himself in order to fill the bottomless stomachs of **the parishioners** who **have chosen** him.” (TUI: 65)

“Este Imperador dos Imperadores tem, porém,” (AID: 117)

“However, this emperor of emperors has” (TUI: 65)

“incensando-o como a um bispo (**Brasil**).” (AID: 117)

“**in the case of Brazil** anointing him as if he were a bishop” (TUI: 65)

Em primeiro lugar, notámos as alterações operadas ao nível da estrutura sintática das frases, tendo-se alterado a ordem de vários constituintes no primeiro (da voz ativa para a voz passiva), terceiro (troca da posição do advérbio conetivo) e quarto (inversão da posição do modificador do grupo verbal locativo) exemplos transcritos, reorganizando-se os elementos da frase no texto de chegada por forma a obter uma organização discursiva mais “natural”.

O recurso à generalização, da qual falámos anteriormente neste capítulo, está também patente na tradução das primeiras duas citações deste grupo. O verbo *eleger* é traduzido duas vezes ao longo desta passagem por “choose” (escolher), verbo mais genérico, que não especifica que essa escolha seja feita por meio de ato eleitoral. No segundo exemplo é notório, ainda, o alongamento (Berman, 1997: 46) da frase, processo também visível na tradução de “Brasil” por “in the case of Brazil”.

No terceiro exemplo, para além da suprarreferida alteração da ordem dos constituintes frásicos, julgamos que a passagem da maiúscula inicial de “Imperador” a minúscula em “emperor” destituiu o organizador das festividades de parte da sua relevância.

Se nuns casos o tradutor generaliza as noções apresentadas, nos dois exemplos seguintes particulariza o âmbito da significação:

“onde **o clero** o recebe” (AID: 116)

“where **the priest** receives him” (TUI: 65)

“como varia no **sertão**.” (AID: 117)

“just as it varies throughout the **Brazilian interior**.” (TUI: 65)

Quando se traduz “o clero” por “the priest” e “sertão” por “Brazilian interior” torna-se o texto de chegada mais específico do que aquele que o originou.

O exemplo seguinte surge isolado, dado que as estratégias de tradução divergem das anteriores, pois que se recorre, simultaneamente, à elipse e ao enobrecimento (Berman, 1997: 47):

“Não é o padre que celebra o culto – **é o povo que o celebra, o povo grosseiro e rude**” (AID: 117)

“It is not the priest who celebrates the cult, **but the coarse, unsophisticated people**,” (TUI: 65)

Nesta passagem, o discurso corrente em língua portuguesa dá lugar a adjetivos de expressão mais cuidada em língua inglesa, para além de se verificar a supressão da segunda ocorrência do nome coletivo “povo”, evitando-se a repetição e “enobrecendo-se” o texto, quando a repetição de vocábulos para lhes conferir maior destaque é uma característica da prosa brandoniana.

Nos dois exemplos que se passam a transcrever verifica-se um desvio das tendências identificadas. Contrariamente ao que foi até agora descrito, na tradução dos dois exemplos seguintes não assoma a naturalização do discurso, mas sim o heterolinguísmo. Assim, inglês e português convivem, na narrativa do texto de chegada:

“As **roscas** do Santo Espírito são aos montões— levadas pelas mulheres em tabuleiros;”
(AID: 117)

“The women carry trays piled with Holy Spirit **roscas (sweetbread rings)**;” (TUI: 65)

“dançam os foliões, de **balandraus** vermelhos e altas coroas na cabeça.” (AID: 117)

“the revelers dance, dressed in red **balandraus (cloaks)** and wearing tall crowns on their head.” (TUI: 65)

Apesar de ser manifesta a presença da língua do Outro no texto de chegada pela preservação em língua portuguesa das palavras (assinaladas a itálico) que denominam singularidades da festa, o tradutor serve-se também de uma estratégia compensatória que permite aos leitores averbarem o sentido dos vocábulos desconhecidos, através da sua explicitação entre parêntesis, o que consiste num acrescentamento ao texto-fonte.

4.2. FESTA DE SÃO MARCOS

Antes do dia 25 de abril ser associado ao Dia da Liberdade em Portugal, fruto da revolução pacífica que deitou por terra a ditadura e instaurou a democracia, já a data era assinalada no calendário religioso como o dia em que morreu o evangelista São Marcos.

Num artigo intitulado “O dia dos cornos na ilha do Pico”, Manuel Tomás da Costa narra o dia em que ele próprio assistiu à festa em rapaz na freguesia de São Mateus, na ilha do Pico, vendo coroar os transeuntes, uns mais cooperantes do que outros, com uma “uma coroa, feita com umas folhas de louro e alguns cornos” e arder “um monte de lenha seca” encimado por “uma considerável quantidade de cornos de vaca e de boi” (Costa, 2016). O colorido relato vai ao encontro do que Raul Brandão descreve: uma festa caricata e profana em que os homens são humilhados pelas alegadas infidelidades das esposas. O autor deste artigo explica que andou “à procura de registos destas festas, mas a melhor e mais pitoresca que encontro[u] é a de Raúl Brandão, em *Ilhas Desconhecidas* (Costa, 2016), referindo-se também aos relatos de Afonso Chaves em *As festas de São Marcos em algumas ilhas dos Açores e a sua origem provável* (1926), fonte de Raul Brandão, e de Renato Ávila em *Recios* (2004).

Embora a data coincida com o dia de S. Marcos, a festa, desaparecida nos dias que correm, não se presta a celebrar o santo, mas a denunciar, nas palavras do próprio Raul Brandão, “os podres ocultos da freguesia” (2018: 167).

Em primeiro lugar, referimo-nos à sintaxe, observando três exemplos:

“e no dia de S. Marcos **acabam** os gestos pautados” (AID: 164)

“and **then** on Saint Mark’s Day **all** the rigid gestures **are jettisoned**”

“**À porta a malta** espera e agarra-se **ao primeiro que passa** na rua lôbrega.” (AID: 164)

“**At the door of the association’s headquarters, the members** lie in wait for **the first passerby** to come down the gloomy street, grab him”

“É da confraria este nosso **compadre!**” (AID: 164)

“**Our friend** here is now in the brotherhood!” (TUI: 100, 101)

No que concerne à organização dos constituintes da frase, é visível uma divergência na ordem frásica dos segmentos em português e em inglês. No primeiro exemplo a voz ativa dá lugar à voz passiva na tradução; no segundo os verbos, que no texto de partida surgem coordenados pela conjunção copulativa “e”, são separados pelo seu predicado no texto de chegada; e no terceiro segue-se a ordem linear dos constituintes no texto traduzido, colocando-se o sujeito no início da frase.

Para além da divergência sintática, no segundo exemplo a expressão “À porta” é expandida na tradução (“At the door of the association”) para melhor clarificação da localização dos participantes na tradição festiva. No terceiro exemplo, o sujeito “our friend” revela-se linguagem corrente, isenta do registo familiar contido em “compadre”.

Importa também referir que alguns vocábulos adquirem um registo mais cuidado na tradução, tais como “are jettisoned”, tradução de “acabam” e “the members”, tradução de “a malta”. O nome “malta” volta a surgir na mesma página de *As Ilhas Desconhecidas*, optando-se por traduzi-lo por outro vocábulo (“participants”), que também retira o cunho popular à passagem:

“os gritos e a chacota da **malta** pertencem mais aos fantasmas que aos vivos.” (AID: 164)

“the shouting and mockery of the **participants** belongs more to **the world of** ghosts than to the living”

Neste exemplo evidenciámos, ainda, a negrito “the world of” por constituir um acrescentamento ao texto de partida.

Outro aspeto formal a destacar é a pontuação do exemplo que segue, a qual se repercute na transmissão de sentido:

“um altar com coroa de cornos **muito bem** ornamentados e um **corn** maior **em evidência** no alto.” (AID: 164)

“an altar, with a crown of horns, all **lavishly** decorated, and with a larger **horn sticking out** on top.” (TUI: 100)

As vírgulas acrescentadas na tradução transformam os modificadores restritivos do nome em modificadores apositivos do nome, secundarizando a importância da descrição de “altar” e de “crown of horns”. Acresce à pontuação, a diferença no nível de língua dos vocábulos selecionados. A tradução de “muito bem” por “lavishly” eleva o discurso, contudo, logo de

seguida, o tradutor torna o discurso mais coloquial do que o original (ao verter “em evidência” para “sticking out”), compensando o enobrecimento operado atrás.

Por último, destacamos uma diferença semântica resultante da escolha de um vocábulo em inglês que partilha somente a denotação do português, mas não a conotação:

“Venha beijar **o corno**, que bem o merece!” (AID: 164)

“Come kiss **the horn**, for you deserve it!” (TUI: 101)

Se é verdade que o choque do narrador perante a festa escarninha que rompe com o recolhimento comezinho do povo é comum aos dois textos, é importante não esquecer também que a descrição de uma tradição importante da festa – a de obrigar um homem casado a beijar um corno enfeitado pela confraria, também ela composta por homens casados – assume uma conotação clara para o leitor de língua portuguesa que o leitor de língua inglesa, apenas com a tradução literal, não captará. Com exceção do território das Índias Ocidentais em que uma das aceções de “horn” é o verbo “cornear” (ser infiel), nos territórios em que o inglês é a língua oficial, “corno” não é aquele que é vítima de infidelidade. Assim, todo o grotesco da situação, bem como o facto de os confrades afirmarem que quem beija o corno merece fazê-lo, é impercetível, ou pelo menos alvo de interpretação divergente, para o leitor da cultura-alvo, algo que uma oração ou expressão explicativa introduzida pelo tradutor poderia suprir.

4.3. CELEBRAÇÕES DO ANO NOVO

São dez os capítulos d’*As Ilhas Desconhecidas*, mas apenas um – “Visão da Madeira” – votado ao arquipélago da Madeira. É provável que, não sendo tão desconhecida, a ilha da Madeira não tivesse exercido marca tão forte no espírito de Brandão. Machado Pires refere no prefácio desta obra que, “mais isolados no Atlântico”, “os Açores continuavam desconhecidos, sempre em razoável desvantagem com a cálida Madeira, ponto já consagrado de turismo ou de terapêutica de pulmões.” (Pires, 1987: 16). Na página d’*As Ilhas Desconhecidas* que antecede a descrição das Festas de Passagem de Ano, o próprio Raul Brandão reconhece a importância do turismo na Madeira, afirmando tratar-se não só de um destino de veraneio, mas “também uma estação de Inverno com alguns magníficos hotéis” (AID, 303).

Discutir-se-ão alguns exemplos retirados da passagem em que, além das festas nos hotéis madeirenses, é referida a tradição do fogo de artifício na noite de Passagem de Ano, atestando a longevidade desta tradição. Como os exemplos comentados são retirados do seu contexto, poder-se-á consultar a alínea d) da tabela 10 para ter melhor noção de que as festividades da Madeira vivem do turismo e do fausto, contrastando com as festas tradicionais dos Açores, já mencionadas neste capítulo. Considerando a totalidade desta passagem, verifica-se que a

tradução é bastante próxima do original, na medida em houve a preocupação em manter a percepção visual da descrição, os recursos expressivos, a pontuação, o tamanho e estrutura das frases. Há, todavia, algumas diferenças a assinalar. Vejamos um segmento em que é acrescentada informação ao original:

“como frutos a cair de maduros.” (AID: 304)

“ripe fruit about to fall **from the tree.**” (TUI: 201)

No texto de partida, a proveniência dos frutos é subentendida, algo que o tradutor sentiu necessidade de especificar no texto de chegada, tornando explícita para o leitor anglófono uma informação deduzida pelo leitor de língua portuguesa.

No excerto abaixo introduz-se, não informação nova, mas uma expressão fixa, quando em português encontramos apenas um adjetivo:

“erguem-se da mesa, e dançam **enlaçadas.**” (AID: 304)

“they rise from the table and dance **cheek to cheek.**” (TUI: 201)

Para além da divergência em termos de forma, a expressão inglesa possibilita uma interpretação ligeiramente distinta da palavra portuguesa, uma vez que “cheek to cheek” significa que as mulheres dançavam com as caras encostadas aos seus parceiros, ao passo que “enlaçadas”, embora geralmente implique também encostar a cara ao parceiro, ressalta que as estrangeiras eram agarradas firmemente pela cintura.

A citação que se segue reporta-se às festividades de fim de ano na Madeira. Comparando texto de partida e texto de chegada, deparamo-nos com um nome antitético:

“No último **dia** do ano,” (AID: 304)

“On the last **night** of the year,” (TUI: 201)

Apesar de “dia” ser traduzido por “night”, um vocábulo de denotação diametralmente oposta, julgamos que, no contexto em que surge, tem sentido concernente, isto é, quando Brandão narra o que se passa no “último dia do ano” está, precisamente, a referir-se à noite da Passagem de Ano, já que na mesma frase menciona os “fogos de Bengala” que iluminam as casas. Assim, o tradutor ter-se-á servido do nome “night” com o intuito de evitar interpretações dúbias.

No último exemplo sobre festividades notámos uma troca na organização dos elementos da oração:

“coroando esta festa de **estrangeiros e de ricos.**” (AID: 304)

“crowning this celebration of the **wealthy and the foreigners.**” (TUI: 201)

Neste caso, tratar-se-á, possivelmente, de uma questão de gosto do tradutor, já que manter a ordem que figura em português em nada contribuiria para a agramaticalidade da oração.

O homem dos Açores é o homem simultaneamente resiliente e resignado, marcado pelo isolamento e pelo negrume dos elementos que teima em vencer. Esse caráter reflete-se em todas as componentes de que se reveste o seu quotidiano, inclusivamente nas tradições e festas características dos Açores, como nota o autor açoriano Vitorino Nemésio quando, a propósito da Festa do Espírito Santo, salienta que:

Para demonstrar o seu poder de ação, basta dizer que tem resistido a tudo, à penúria dos anos escassos de pão como às disciplinas da Igreja, que, sempre ciosa do rigor litúrgico, em vão tenta quebrar o assomo inovador dos imperadores do Espírito Santo. (Nemésio, 1995: 96)

As palavras de Nemésio vêm corroborar algo que os exemplos textuais discutidos evidenciaram: uma singularidade dos ritos religiosos locais, em que os ditames do povo acrescentam às cerimónias clericais. Essa singularidade incrementa a dificuldade inerente ao ato tradutório, pelo que algumas passagens se tornam mais extensas no texto de chegada para fornecer elementos contextuais essenciais à inteligibilidade da mensagem.

Se ainda hoje é manifesta a devoção cristã da população dos Açores, mais o era nos inícios do século XX, tempo histórico da narrativa de Brandão. As festas servem, simultaneamente, para divertir as populações e honrar a Deus, mas também para aplacar a sua ira e expiar a culpa. É que o sentimento religioso que constitui um dos pilares da açorianidade é radicado no temor a Deus. Sacuntala de Miranda nota que os “desígnios desse Deus antropomórfico são insondáveis e a sua bênção só é cativável através das palavras mágicas, como preces e ladainhas, gestos sacramentais, oferendas e o tremular dos círios acesos” (Miranda, 1999: 38) e atribui a piedade do povo, precisamente, à geografia insular e aos fenómenos naturais, quando afirma:

Basta percorrer de relance os jornais micalenses das últimas décadas do século XIX e primeiros anos do século XX para compreender o terrível sentimento de insegurança que existe no quotidiano dessas populações insulares, sujeitas às catástrofes que periodicamente se abatem sobre elas deixando-as de rastos e impotentes sob peso da adversidade. Se este sentimento de insegurança tende a ser comum a todas as populações rurais, directamente dependentes das variações dos elementos, nestas ilhas remotas, isoladas pelo mar de fontes de abastecimento e de

socorros, ele agrava-se e vem contribuir para o profundo sentimento religioso que permeia todos os atos desses povos, indefesos perante a inexplicabilidade dos fenómenos naturais que os castigam. (Miranda, 1999: 37)

Isoladas pelo mar, devastadas pelas intempéries, assoladas pelos terremotos, as ilhas açorianas não se rebelam, antes se entregam aos desígnios divinos, procurando a graça de Deus através da “penitência colectiva” (Miranda, 1999: 38). O povo açoriano impregna os rituais religiosos de uma profunda devoção, mas também de uma vertente laica e jocosa (de que é exemplo a Festa de S. Marcos), derivada da necessidade de extravasar e desoprimir para aguentar nova época de provações.

Das celebrações religiosas da Madeira, Brandão nada notou. Na subida ao Monte, não foi a Igreja de Nossa Senhora que lhe captou a atenção, mas os cursões que transportam os turistas. É um Funchal citadino com festas noturnas, contrastante com o espírito recatado e religioso das ilhas dos Açores, que, não obstante as divergências estilísticas e sematológicas observadas, tanto o leitor d’*As Ilhas Desconhecidas*, quanto o leitor de *The Unknown Islands* gravam na retina.

As discrepâncias observadas num e noutra texto são, portanto, produto de uma realidade cultural e religiosa local que a cultura de chegada não partilha integralmente. Conquanto tenhamos assinalado neste capítulo diversas mudanças operadas pelo tradutor ao texto de partida, tais como o alongamento de expressões, por vezes com introdução de informação nova para especificar determinado conceito, a generalização de outros conceitos, a elipse de alguns vocábulos, a alteração da estrutura sintática e da pontuação, o enobrecimento de alguns excertos e até nuances semânticas diferentes, não deixaremos também de assinalar a preocupação em transmitir ao leitor da cultura-alvo a ambiência e o colorido das festas, bem como as emoções e reações do povo insular.

5. TRADIÇÕES E OFÍCIOS

O âmbito deste capítulo dirá respeito ao quotidiano e organização social do povo das ilhas (sobretudo dos Açores, embora também se aluda brevemente aos costumes madeirenses) porque as “Notas” de Raul Brandão não se encerram nas “Paisagens” que sublimemente descreve. Ao autor interessa de veras o que move, figurativa e literalmente, as gentes humildes, o que vestem, o que comem, o que constroem, o que produzem e o sofrimento com que o fazem. Como salienta Machado Pires:

Brandão concebera um plano de conhecimento e viagem da terra portuguesa: *Os Pescadores, As ilhas Desconhecidas, Portugal Pequenino* e um projetado *Portugal Maior* que já não teve saúde para escrever... O seu grande projeto era, aliás, escrever a *História Humilde do Povo Português*, dedicando sempre a sua atenção aos humildes e aos que sofrem. (Pires, 2007: 43).

O autor não conclui integralmente o seu projeto, mas em todas as regiões que pisa da “terra portuguesa” é impelido por uma sensibilidade para com a gentes e uma curiosidade semelhante à de um etnógrafo. Esse cariz etnográfico assoma n’ *As Ilhas Desconhecidas*, conferindo-lhes interesse do ponto de vista da cultura regional, já que o modo de vida e as tradições de açorianos e madeirenses (embora em menor escala) ganham destaque na obra. “O regionalismo conduz, por via de estudo das tradições, ao conhecimento exacto do modo de ser, das aspirações, das tendências ingénitas e da psychologia do povo”, de acordo com Luís Bernardo Leite de Athaíde (1919, in Oliveira, 2006: 231), e é esse conhecimento, a que não intentamos mensurar a exatidão, que Brandão nos traz.

5.1. TRADIÇÕES E COSTUMES LOCAIS

As ilhas, em particular as dos Açores, às quais Raul Brandão dedica grande parte do livro, marcaram-no pelas suas especificidades, por aquilo que as demarcava da realidade que conhecia, pela “existência de uma realidade açoriana que não só geograficamente se manifesta, mas que sobretudo é viva numa ética própria (...) em muitos pontos especializada e diferenciada.” (Nemésio, 1995: 88) ”.

Atentemos, pois, nos costumes que caracterizam essa realidade açoriana, começando pelo modo de vestir. Enquanto Raul Brandão deambulava por Angra do Heroísmo, o vestuário

feminino, tradicionalmente distinto para mulheres casadas e raparigas solteiras, captou a sua atenção:

“Na rua andam mulheres de **capote** negro, apertado na cinta e formando concha sobre a cabeça, e **raparigas do povo** com o lenço atado só com um nó e deixando ver as **madeixas**: - São as solteiras; as casadas escondem **todo** o cabelo” (AID: 60)

“In the street, the women wear black **cap**es, fastened around the waist **so that** they form a shell over the head, **while lower-class girls** wear a scarf tied with a single knot, leaving their **hair** visible: - these are single girls; married women hide their hair” (TUI: 22)

Analisando esta passagem, começamos por notar que “o capote”, peça de vestuário tradicional dos Açores que o determinante artigo definido “o” singulariza, se traduz pelo padrão “capes”, usado no plural, perdendo-se a idiossincrasia que o distingue da comum capa. Ao descrever a maneira como o capote é envergado pelas mulheres açorianas, o autor de *As Ilhas Desconhecidas* explica que é justo na cintura “e formando concha sobre a cabeça”, uma metáfora que remete para o capuz do manto, uma variação terceirense do capote e capelo. Contudo, o conector usado pelo tradutor não coordena os dois segmentos textuais, antes torna o segundo a finalidade do primeiro ao usar “so that” (para que), atribuindo o formato de concha ao modo como o capote é apertado na cintura. Uma vez que na ilha Terceira o capote divergia do das restantes ilhas, sem o tradicional capelo e partindo o capuz logo da altura da cintura, esta opção de tradução melhor esclarece o formato do traje.

O autor volta a usar a conjunção “e” logo de seguida para introduzir a referência aos penteados das raparigas. Também neste caso o tradutor opta por um conector diferente – “while” (enquanto) que demarca de imediato uma separação de classes que não é visível no texto de partida, isto é, Brandão menciona as mulheres que usam capote, as “raparigas do povo” que usam o lenço no cabelo de forma a não o cobrir completamente e as mulheres casadas que o cobrem por inteiro, mas não afirma que o capote se destine apenas às mulheres de classe alta excluindo as mulheres do povo, o que a tradução parece indiciar. Esta divisão de classes é também corroborada pelo uso do adjetivo “lower” no grau comparativo, colocando as “raparigas” numa classe mais baixa do que as mulheres do capote.

É de assinalar, ainda, nesta passagem a divergência entre “madeixas” e “hair”. O nome usado na língua de partida evidencia que as raparigas apenas revelavam parte do seu cabelo, tapando o restante com o lenço, numa mescla de sensualidade e pudor. O nome “hair” torna este excerto mais genérico, dando a entender apenas que as raparigas solteiras mostram o cabelo, ao passo que as casadas o “escondem”.

Mais adiante no texto, num trecho sobre a ilha do Faial, Brandão volta a mencionar o “capote monstruoso” (AID: 136), desta feita alongando-se em considerações sobre esta peça de vestuário “que pouco varia de ilha para ilha” (ver alínea h), tabela 11). Analisando alguns exemplos dessa passagem, verificou-se que é acrescentada informação ao texto de partida em quase todos, excetuando-se o último. Vejamos o primeiro caso:

“O que dá um grande carácter a esta terra é o **capote**.” (AID: 136)

“What gives these islands their unique character is the **hooded cape**.” (TUI: 80)

Neste caso, o traje tradicional não é traduzido apenas por “cape”, mas é precedido de “hooded” (com capuz). O facto de o tradutor acrescentar este adjetivo a “cape” contribui para melhor caracterizar a peça de vestuário, mas em nada revela a sua singularidade de peça tipicamente açoriana.

Atentemos noutra expressão à qual é acrescentada um adjetivo:

“as raparigas, **metidas na concha** deste vestuário,” (AID: 136)

“young girls, **cozily wrapped** in this item of clothing,” (TUI: 80)

“Metidas na concha”, pelo carácter metafórico, confere ao texto uma expressividade linguística, marca do estilo do autor, que a expressão encontrada na tradução - “cozily wrapped”, cuja tradução literal seria “confortavelmente envoltas” - não contém, dado que o seu sentido não é figurado.

No próximo exemplo, além de se acrescentar um adjetivo à passagem a negrito, acrescenta-se, ainda, um advérbio:

“uma rapariga pode **visitar uma amiga na intimidade**, porque está sempre **vestida**: basta estendê-lo sobre os ombros.” (AID: 136)

“a girl can go and **visit a girlfriend in respectable intimacy**, because she is always **fully dressed**: all she has to do is throw it over her shoulders.” (TUI: 80)

O tradutor acrescenta à descrição o adjetivo “respectable” e o advérbio “fully” que fornecem a caracterização das raparigas açorianas, atribuindo-lhes extremo decoro, o que é compatível com a região e o momento histórico, mas não é visível no texto de partida. É igualmente observável que esta passagem é bastante mais longa na tradução, a dezassete palavras no texto de partida, correspondem vinte e oito no texto de chegada.

O alongamento do texto na tradução também é visível nesta frase:

“Mulher que precisa de ir à rua de repente, **pega nele e sai como está**.” (AID: 137)

“A woman who suddenly needs to go out **will grab it and put it on without another thought**.” (TUI: 80)

Presume-se que a opção do tradutor por uma expressão mais longa, com a mesma função que a expressão portuguesa, isto é, atestar a praticidade do capote, embora sem equivalência literal, tenha o intuito de preservar o registo linguístico popular. Ou seja, procurando preservar um aspeto do texto de partida (o nível de língua), perde-se outro aspeto formal (a extensão).

A alteração da ordem dos constituintes oracionais na tradução do próximo exemplo, conduz a uma diferença semântica:

“pelo sapato e pela meia é que se sabe se é bonita a mulher que vem no capote.” (AID: 137)

“if she is wearing shoes and stockings, people will know that the woman under the cape is pretty.” (TUI: 80)

O verbo “wearing” é acrescentado à frase, tornando-a mais clara, pois o verbo usar está implícito em português. No entanto, não é esta explicitação que provoca a divergência de sentido, mas sim a reorganização dos elementos da frase de forma que o conteúdo do que se expõem na condição introduzida pela conjunção “se” (“if”) seja diferente. Clarificando, ao passo que o narrador do texto de partida pretende dizer que, consoante o tipo de sapato e de meia usada, se adivinha a beleza (ou falta dela) da mulher que os calça, o mesmo trecho em inglês afirma que as pessoas saberão automaticamente que a rapariga debaixo do capote é bonita, se ela calçar sapatos com meias de vidro.

Ao contrário dos exemplos já analisados nesta passagem, a tradução que se segue não acrescenta informação ao texto de partida, antes a omite:

“– Era de um pano inglês escuro” (AID: 137)

““It was made from English cloth”” (TUI: 80)

O adjetivo “escuro” que caracteriza o pano inglês é, estranhamente, suprimido na tradução, visto que não está de forma alguma implícito no texto de chegada.

No extenso capítulo dedicado inteiramente à ilha mais diminuta do arquipélago dos Açores, variados são os costumes que Raul Brandão acrescenta às notas de viagem. Retirámos algumas transcrições, e respetiva tradução, de um trecho sobre a gestão do orçamento familiar na ilha do Corvo, o qual releva o papel da mulher, responsável por guardar a chave da arca contendo os bens mais valiosos do casal (ver alínea b), tabela 11).

A valorização da condição feminina no Corvo está patente em ambos os textos, depreendendo-se que são as mulheres que governam a casa e administram todo o dinheiro. Na citação seguinte reproduz-se o espanto das outras mulheres “quando acontece haver alguma de quem o homem não confia” (AID: 76)

“– Ai Jesus, Maria, José! E ela está com ele!” (AID: 76)

“**Oh, Jesus, Mary, and Joseph! And to think** she’s with him!” (TUI: 34)

A religiosidade do povo corvino é também visível tanto no texto de partida, quanto no de chegada, através da expressão em que é invocada a sagrada família. O facto de se acrescentar à tradução o infinitivo “to think” contribui para melhor denunciar a indignação das mulheres do Corvo perante um marido que não entrega a “chave da caixa” (AID: 76) à esposa.

Para além de reproduzir a voz do povo, tratando-se da descrição de uma tradição popular rural, o narrador aproxima o seu próprio discurso ao das personagens, mas o tom popular, oral e rural não é tão visível na tradução, como atestam os dois exemplos seguintes:

“**Ora isto de ter** a chave da caixa é uma **coisa** muito séria **na lavoura.**” (AID: 76)

“**The fact is that this business of controlling** the key to the box is a very serious **matter in these farming communities.**” (TUI: 34)

“é o **móvel** onde se guardam os melhores panos, as moedas que se juntam **tirando-o à boca**, as **coisas** de maior préstimo e valia” (AID: 76)

“**the box is the item of furniture** where the best pieces of cloth are kept, the coins that are saved up, the **articles** of greatest use and value” (TUI: 34)

O registo popular comprova-se no texto de partida pelo recurso a vocábulos ou expressões tendencialmente orais (o advérbio “ora”), rústicos (“lavoura”) e populares (“tirando-o à boca”). Na tradução verifica-se o uso de linguagem corrente na descrição do narrador e num caso até mais cuidada (na tradução de “coisa” por “matter”). É, ainda, relevante a elisão da expressão popular que permite mostrar que a população do Corvo junta dinheiro a custo, o que, no texto de partida, contribui para a caracterização do seu modo de vida.

O último exemplo deste grupo evidencia aquilo que pensamos tratar-se de uma diferença cultural:

“Já tenho visto lavradores morrerem com os olhos postos na caixa e a chave metida debaixo do **travesseiro.**” (AID: 77)

“I have seen country folk die with their eyes fixed on it and the key kept under the **mattress.**” (TUI: 34)

A palavra “travesseiro” é traduzida por “mattress” (colchão), talvez por causar menos estranheza ao leitor-alvo guardar bens preciosos debaixo do colchão que debaixo da almofada. Não obstante, é um pormenor que se presta a evidenciar os hábitos dos lavradores portugueses, adulterado no texto de chegada.

A surpresa de Raul Brandão com o Corvo não se limita ao isolamento, passa também pelo pacifismo da vida comunitária que o próximo trecho denuncia:

“Vou-me habituando a ficar com a porta aberta. (...) com a janela escancarada, por onde entra o **jorro que sabe a mar** e a que se mistura o cheiro bravo do monte.” (AID: 77)

“I am getting used to leaving my door open. (...) with the wide-open window allowing in **the gentle breeze that smells of the sea** and mingles with the untamed aroma of the hills.” (TUI: 34)

A tradução veicula, tal como o texto de partida, a surpresa do narrador perante alguns hábitos corvinos (que permanecem até aos dias de hoje) como o de deixar a porta da rua destrancada e as janelas abertas. Contudo a expressão sinestésica na descrição da aragem que entra pela janela aberta perde-se na tradução uma vez que o tradutor se reporta tanto ao cheiro do mar como ao dos campos e o autor refere o sabor do mar e o odor campestre. Além disso “jorro” confere maior expressividade ao texto do que “gentle breeze”, dado que a aragem no Corvo, mesmo de verão, raramente é ligeira.

Na mesma página, refere-se outro hábito corvino, as assembleias populares que tinham lugar no largo do Outeiro:

“Também vou com os pastores e os lavradores sentar-me no Outeiro, onde está a Câmara, o Espírito Santo e a cadeia vazia (agora mora lá uma vaca), e ouço-os de roda nas banquetas tomando resoluções.” (AID: 77)

“I also **go up** and sit with the shepherds and farmers at the Outeiro **square**, where the Municipal Hall, the Holy Spirit **House**, and the empty jailhouse (now housing a cow) are situated, and I listen to them sitting in a circle on the stools **discussing matters** and reaching decisions.” (TUI: 34, 35)

Primeiramente, observe-se que o nome “Outeiro” não é traduzido, mas acrescenta-se o complemento do nome “square” que especifica o tipo de topónimo. Em segundo lugar, repare-se que à descrição das reuniões dos agricultores e criadores de gado no Outeiro (nos dias de hoje ainda local de reunião dos mais velhos, mas não já de tomada de decisão) acrescentam-se, na tradução, alguns detalhes explanatórios não incluídos no texto de partida, como o facto de o narrador subir a rua em direção ao Outeiro, a referência à casa (Império) do Espírito Santo e o facto de se discutirem assuntos para além de serem tomadas “resoluções”.

A propósito das assembleias populares corvinas, são evocadas outras reuniões populares do Portugal rural, tradição praticamente extinta nos tempos do autor:

O que está vivo diante de mim é a história, é o passado. São os *homens de fala ou do acordo*, os parlamentos que se juntavam ao ar livre nos adros, na velha terra portuguesa, e que talvez se reúnam ainda nos sítios ermos do **Barroso**, quando cada

povoado era uma república com assembleias populares, *as chamadas*, (...) Não esqueçamos que, dividindo o terreno, uma parte *era de Deus* e cavado por todos. (AID: 79, 80)

What is alive before me is history, the past. They are the *men of parley and consent*, the parliaments that assembled out in the open, in churchyards, **in the country areas** of old Portugal, and who may still meet in isolated parts **of the north**, such as **Barroso**, when each village was a tiny republic with its people's assembly, the *chamada*, (...) Nor must we forget that when dividing up the land for sowing, one part **belonged to God** and was dug by everyone. (TUI: 36)

Raul Brandão destaca a itálico as expressões que fazem parte da gíria dessas assembleias populares. Na tradução, recorre-se a diferentes estratégias: para “*homens de fala ou do acordo*” é mantido o itálico e encontrado um equivalente em inglês, que nos parece, no entanto, conter linguagem mais eloquente; no caso de “*as chamadas*”, o itálico também figura no texto de chegada, mas opta-se pela não tradução, colocando “*chamadas*” no singular, antecedido pelo determinante artigo definido “the”; a expressão “*belonged to God*” não é destacada a itálico, ao contrário do que sucede no texto de partida.

De assinalar, ainda, que na tradução a referência aos “sítios ermos do Barroso” é antecédida por uma expressão (“of the north”), acrescentada ao texto de chegada para elucidar o leitor quanto à localização geográfica de Barroso. O mesmo propósito serve a expressão “in the country areas” acrescentada à tradução antes de “old Portugal”, o de especificar as zonas do continente português onde eram habituais as assembleias populares.

Algumas páginas adiante, põe-se em evidência o carácter atípico do povo corvino, a sua franqueza e religiosidade a par com leviandade:

“- Esta casa era do padre; **tanto andei à volta dele que me fez um filho**. – E ainda não há cinquenta anos **as raparigas tomavam banho nuas diante do povo**.” (AID: 91, 92)

““This was the priest's house; **I was with him so much that he gave me a baby**.’ And less than fifty years ago, **girls took a bath naked, in front of everyone**.” (TUI: 44, 45)

As expressões populares (“tanto andei à volta”; “me fez um filho”) que reproduzem o discurso oral de uma mulher corvina são traduzidas por linguagem corrente. Além disso, suscitam nuances interpretativas diferentes do texto de partida, isto é, a primeira expressão destacada a negrito em português mostra que a senhora Emília, mulher que dialoga com o

narrador, tentou, com sucesso, incansavelmente seduzir o padre, ao passo que a tradução parece indiciar que o filho gerado por ambos foi mero produto da convivência.

Na segunda expressão, ao ler as palavras de Raul Brandão formamos na nossa mente a imagem das raparigas, sem pudor nem malícia, a tomar banhos de mar no porto do povoado. Ao ler a tradução visualiza-se uma cena inteiramente diferente: raparigas exibicionistas a esfregarem-se nuas em tinas em frente a toda a população, visto que “take a bath” é a expressão americana equivalente à inglesa “have a bath” que significa tomar banho de imersão com água e sabão, não sendo sinónimo de dar mergulhos no mar; “took a dip in the sea” ou “went for a swim” são expressões comumente utilizadas no inglês da América com significado equivalente ao da expressão portuguesa. É possível que o tradutor tenha tentado compensar o facto de tornar a afirmação da senhora Emília menos chocante, transferindo esse descaro excessivo para a segunda frase, conferindo, assim, maior impudícia às raparigas do Corvo.

O interesse de Raul Brandão pelas tradições locais é bem visível quando é ele próprio que pede que lhe ensinem “como se canta no Corvo”, pedido a que uma mulher acede:

- Aqui canta-se a *Chama do Ladrão*, a da *Rita Comprida*, a das *Vacas Lavradas*, bailes de outros tempos. Ouça a das *Vacas Lavradas*:

Ó minhas vacas lavradas
Quando vão p’ra a sarradela
Dão meia canada de leite,
Mas **não cabe na panela.**
E bem gordos, bem formosos
Os bezerros atrás delas... (AID: 96)

‘But you teach me some songs from here on Corvo.’

And once again, that tall, quick-witted woman says:

“Round here, we sing ‘**The Robber’s Flame**,’ the song ‘Long Tall Rita’, and ‘Cows in the Plow,’ dances from the old days. Listen to the ‘Cows in the Plow’:

Oh, my cows on the plow
When you feed on weed
Milk, half a ramekin
Not even a cannikin.

Nice and fat, nice and pretty

The calves follow behind a'sucklin'... (TUI:48)³⁹

Na frase que introduz a cantiga das “*Vacas Lavradas*”, a mulher enumera várias cantigas tradicionais corvinas. Numa delas surge a palavra “Chama” que no texto de partida é uma truncção de Chamarrita. Trata-se de um género da cantiga popular açoriana com variantes de ilha para ilha, não está associada a fogo ou labareda pelo que a tradução por “flame” revela que o tradutor não associou esta tradição musical à Chamarrita (embora conheça esta tradição o que é comprovado pela nota da página 67 de *The Unknown Islands* que transcrevemos a propósito do próximo exemplo).

Na tradução da letra da cantiga é nítida a tentativa de aproximação à forma do texto de partida, procurando preservar-se a rima e a extensão aproximada dos versos. Contudo o metro (redondilha maior) e rima populares (cruzada) são substituídos por versos com alguma variação métrica, rima emparelhada e alguns versos brancos. Além disso, a manutenção de alguns traços formais resulta numa pequena alteração de sentido: no texto-fonte o leite é tanto que não cabe na panela; na tradução o leite não chega a metade do seu contentor.

A Chamarrita, como dissemos, tem variantes consoante a ilha do arquipélago. No capítulo seguinte, “A Floresta Adormecida”, há uma referência à versão florentina desta cantiga e dança tradicional:

“É a gente que se esteve a enfeitar e que vem à Chamarrita.” (AID: 120)

“These are people who have been dressing up and are coming to the *Chamarrita*.¹¹ (TUI: 67)

Aqui é notória a presença do heterolinguísmo no texto de chegada. David Brookshaw mantém o nome da dança tradicional em português, destacando a presença do vocábulo estrangeiro na cultura de chegada com recurso a itálico e a uma nota de rodapé para esclarecer o leitor quanto ao seu significado: “¹¹ A traditional Azorean dance during the Festival of the Holy Spirit /(translator’s note)” (TUI: 67).

Em “Raúl Brandão, Íntimo”, Vitorino Nemésio nota que o autor d’*As Ilhas Desconhecidas* “[se]interessava mais pelas ilhas menores” (Nemésio, 1995: 139), entre as quais viajava em modestas embarcações tradicionais (os chamados “barcos de boca aberta”). Analisam-se, pois,

³⁹ Embora seja um pormenor pouco significativo, existe uma diferença na apresentação do grafismo dos dois textos. Há um espaçamento antes (e depois) da letra da canção apenas no texto de chegada. Trata-se de uma mera questão de grafismo, mas que respeitámos na citação.

alguns excertos da narrativa dessa travessia, na qual o autor “lida de perto com o povo” (AID: 216):

Para passar o canal do Corvo para as Flores meto-me num **chaveco** de velhas tábuas com velas triangulares, seguras por duas cordas, uma à proa, que se chama **burro**, e outra, a escota, na mão do cabo do mar. Para içar a vela os homens agarram-se à **urraca**, puxando-a até que o mestre de repente grita, por causa do vento: - **Repica! Repica!** – para eles atravessarem a verga, a que lá chamam **vara**. E lá vamos na **caranguejola**... (AID: 216, 217)

To cross the channel between Corvo and Flores, I climb aboard an **old sailing boat** of worn deck planks and triangular sails, held by two ropes, one at the prow, which is called a **burro (donkey)**, the other, the mainsail is controlled by the captain. To hoist the sail, the men grab the **urraca (gaff)**, pulling it until the master suddenly shouts, because of the wind, ‘**Top the yards! Top the yards!**’ So that they can cross the yard, which they call the ‘**pole**’. And off we sail in the **old crab**... (TUI: 140)

O narrador aproxima-se do registo popular usado pelos mestres da embarcação, incluindo vocábulos coloquiais (“chaveco”; “caranguejola”) no discurso, mas também gíria característica da navegação (“velas”, “proa”, “escota”, etc.). Para a generalidade dos vocábulos, o tradutor encontra termos equivalente na gíria de mareação da língua de chegada, mas os termos populares são traduzidos por expressões em inglês-padrão. Em português, a palavra “caranguejola” não designa unicamente um caranguejo grande, porém a tradução recorre, justamente, ao sentido denotativo de caranguejo para transpor esta passagem para a língua de chegada, obscurecendo-se o sentido figurado de “caranguejola”, que é o que lhe é atribuído no texto de partida: “veículo de fraca apresentação e duvidoso funcionamento” (infopedia); “construção, artefacto, máquina, etc., que tem pouca solidez” (dicionário.priberam.org).

Alguns dos termos que integram a gíria de mareação – “burro”, “urraca”, “Repica” e “vara” correspondem a regionalismos. No que respeita aos dois primeiros termos, opta-se por mantê-los em português, com destaque em itálico no texto de chegada, sendo a sua tradução posposta entre parênteses. O terceiro, que surge como interjeição no *Dicionário de Falares dos Açores* (2008), no qual se cita esta passagem de Brandão à laia de exemplo de uso, é traduzida por uma expressão mais extensa na qual se procura transmitir o sentido do grito do mestre da embarcação. Relativamente ao último termo, o nome, “vara”, é traduzido por “pole”, apesar do tradutor colocar esta palavra entre aspas e nos fornecer a indicação de que se trata de um

regionalismo (“which they call the ‘**pole**’”), à semelhança do que faz o autor do texto de partida (“a que lá chamam **vara**”).

Se na tradução dos regionalismos temos, geralmente, a preservação da heterogeneidade linguística no texto de chegada, com o exemplo que se segue passa-se o inverso:

“as lufadas que se levantam de repente no meio do canal, quase sempre agitado pelo **Gulf Stream**.” (AID: 217)

“the sudden gusts that occur in mid-channel, almost always aggravated by the **Gulf Stream**.” (TUI: 140)

No texto de partida estamos perante heterolinguísmo, na medida em que o autor se serve de anglicismos para se referir à proveniência da agitação marítima, denotando um cosmopolitismo e erudição que a expressão equivalente em português (“corrente do golfo”) não transmitiria. Na tradução, “Gulf Stream” surge no corpo do texto, sem o itálico que demarcava esta expressão do restante discurso no original. Assim, a presença da língua estrangeira nesta passagem d’*As Ilhas Desconhecidas* deixa de ser perceptível para o leitor do texto de chegada que nada pode inferir acerca dos conhecimentos do autor da obra.

Contrariamente às tradições açorianas, extensamente descritas na obra de Brandão, as tradições da Madeira carecem do mesmo tratamento. Comentando cada exemplo separadamente, passamos à análise três exemplos do mesmo excerto, relativo a dois meios de transporte tradicionais causadores do espanto do autor:

“Para viajar no interior da Madeira só há dois processos cómodos – o da rede suspensa por uma vara às costas de dois homens que caminham **apegando-se** a paus, e o carro de bois. Mas a rede faz sono, **o carro é melhor**.” (AID: 290)

“There are only two ways to travel in the interior of Madeira in any degree of comfort – in a hammock suspended on a stick **carried** on the backs of two men who walk **carrying** wooden staffs, or in an oxcart. But the hammock makes you fall asleep, **which is why the cart is preferable**.” (TUI: 191)

Perpassa ambos os textos (ver alínea j), tabela 11) a descrição vívida da originalidade destes meios de transporte: uma rede suspensa na qual o passageiro é transportado por carregadores humanos e um trenó típico puxado por bois.

Desde logo notamos que este excerto é mais longo na tradução do que o texto de partida, seja porque núcleos curtos de constituintes frásicos são desdobrados em segmentos com mais vocábulos, seja porque se acrescentam vocábulos com o objetivo de tornar mais clara a ideia, como é o caso do verbo “carried”. Comparando as redes carregadas por homens com os carros de bois, o narrador d’*As Ilhas Desconhecidas* manifesta de forma sucinta e em linguagem

coloquial a sua preferência pelos últimos: “o carro é melhor”. Esta asserção apresenta uma estruturação frásica mais complexa e um vocábulo mais cuidado na tradução, denunciando a preferência do tradutor por um modo de expressão menos coloquial.

Uma vez que falámos em coloquialismo, nota-se que “apegando-se” (agarrando-se) é uma forma verbal de cariz popular, ao passo que “carrying” (levando) é uma forma corrente, para além de não transmitir exatamente o mesmo significado.

Adiante na descrição das viagens em carruagens ou trenós puxados por bois é usado um regionalismo:

“Assente em travessas de madeira, os **cursões**,” (AID: 290, 291)

“It is set on wooden boards or sleds, called **cursões**.” (TUI: 191)

O nome “cursões” é exemplo de um vocábulo tipicamente madeirense, cujo significado é explicitado em oração antecedente, tanto no texto de partida, quanto no de chegada. Uma vez que se exprime o significado do vocábulo antes de o apresentar, o tradutor segue o critério adotado para grande parte dos regionalismos (capítulo 2: léxico regional): destaque a itálico e não tradução, mantendo-se a palavra portuguesa. Porém, como já notámos aquando da análise do léxico regional, a forma singular de “cursões” surge duas páginas após este exemplo e, nesse caso, o tradutor não segue a mesma estratégia, pois traduz “cursão” por “sled”.

Ainda a propósito dos carros típicos do Funchal, apresentamos um excerto em que o texto de partida foi alvo de alterações que lhe adicionaram elementos:

“**o carro do Funchal**, que nos permite **ver e comentar**” (AID: 291)

“**this little Funchal cart** allows us to notice things and make remarks” (TUI: 192)

Ao “carro do Funchal” o tradutor acrescenta o adjetivo “little” e os verbos coordenados “ver” e “comentar”, com a função de complemento direto exigido por “permite”, passam a conter os seus próprios complementos diretos: “things” e “remarks”.

5.2. OFÍCIOS

Desde as origens do povoamento do arquipélago, que a população açoriana se tem dedicado, essencialmente, ao setor primário, com a agricultura e a pesca como principais motores de uma economia de subsistência, onde as vicissitudes de uma natureza inclemente não deixam lugar a grande margem para lucro.

Por altura da visita de Raul Brandão, já no século XX, continuam a ser estas as principais ocupações nos Açores que, pela sua manifesta ruralidade, contrasta com a Madeira, onde o turismo era já forte impulsor económico.

Excetuando-se a referência à olaria e à fiação, as atividades a que Brandão se reporta confirmam as asserções de Sacuntala de Miranda:

Vivendo exclusivamente da agricultura e da pesca, as populações insulares estão sujeitas - mesmo quando a inclemência dos elementos não atinge foros de calamidade pública, a variações climáticas que, de tempos a tempos, determinam maus anos agrícolas ou piscatórios, em que grassa a fome, ou aos violentos temporais atlânticos, em que as ondas galgam os parapeitos dos cais e vêm destruir habitações e barcos de pesca. (Miranda, 1999: 37)

Seguindo a ordem segundo a qual as atividades são mencionadas nos textos, começamos, precisamente, pela análise das passagens atinentes às atividades açorianas que não pertencem ao setor primário (embora em estreita relação com o mesmo) para depois passarmos à pecuária e à pesca, distinguindo pesca de baleação, atividade que se constitui já como uma pequena indústria nos inícios do século XX. Por fim, reportar-nos-emos às profissões da ilha da Madeira.

Transcrevemos três excertos relativos à olaria na ilha de Santa Maria:

“É aqui que os **barcos de três velas** vêm buscar o barro em bolas, para S. Miguel fabricar **grandes talhas, canecas porosas, vasilhas** de todas as formas e **feitios**.” (AID: 55)

“It is here that the **three masted schooners** come to fetch balls of clay for **the island of S. Miguel**, where they are used to manufacture **great pitchers, terracotta mugs, bowls** of all shapes and **designs**.” (TUI:19)

Neste primeiro excerto, como nos dois subsequentes, verifica-se que o texto de partida é marcado por termos coloquiais genéricos (como “formas e feitios”) e termos usados para designar especificidades das atividades em questão, tais como as embarcações de transporte de mercadorias e as peças de olaria tradicionais. No texto de chegada temos a presença de linguagem corrente (veja-se a tradução de “feitios” por “designs”) a par com outras transformações, nomeadamente: tecnicização do nome do barco; introdução de uma expressão que fornece informação geográfica, mas amplia o texto; generalização de um termo (perde-se a diferença entre vasilha e tigela de barro na tradução por “bowl”); e substituição lexical com mudança de sentido (a tradução de “grande” por “great” caracteriza as “talhas” relativamente à qualidade e não ao tamanho).

Embora mais curto, o próximo exemplo apresenta também vários pontos a confrontar no texto português e no inglês:

“Santa Maria não só fornece **os oleiros dos Açores** mas fabrica também **cântaros, púcaros, caboucos**, numa **ruazinha** escondida da vila.” (AID: 55)

“Santa Maria not only furnishes **the brickyards of the Azores with clay**, but **her people** also make **jugs, pots, and basins** in an inconspicuous **little alley** in the village.” (TUI:19)

Nesta passagem notamos que os nomes de peças de olaria tradicionais desusados hoje em dia – “cântaros, púcaros, caboucos” – são traduzidos por termos de uso corrente do inglês contemporâneo. Também o diminutivo “ruazinha” é exemplificativo de coloquialidade, cuja ausência na língua de chegada se procura compensar pela anteposição do adjetivo “little” ao nome “alley”.

Outro aspeto a referir é a tradução do segmento “os oleiros dos Açores” por meio de sinédoque, isto é, em vez de se referir aos artífices que trabalham o barro, o tradutor refere-se ao local do seu trabalho, à oficina de olaria.

No terceiro excerto sobre este ofício podemos encontrar, novamente, a sinédoque como forma de traduzir determinados segmentos do texto de partida:

“a que outros vão lentamente dando feitio no **engenho. Trabalha a mão e o pé**” (AID: 55)

“which others will gradually model in the **pottery. They work with both hand and foot**” (TUI:19).

Com o nome “engenho”, crê-se que o narrador se refere especificamente à roda do oleiro, ao passo que “pottery” designa a olaria, a totalidade da oficina, dando a parte lugar ao todo no texto de chegada. Na tradução de “trabalha a mão e o pé” o sujeito nulo subentendido singular (embora com valor coletivo) dá lugar a um sujeito plural (“They”) que introduz uma frase mais extensa e explícita.

No capítulo “O Corvo” retratam-se quer atividades masculinas, quer femininas. Dado o isolamento da pequena ilha, a fiação e fabrico de roupa ficava a cargo das próprias corvenses, elogiadas pela sua diligência:

“São mulheres activas e **espertas**.” (AID: 76)

“They are active, **resourceful** women.” (TUI: 34)

Nota-se que o tradutor teve em conta que não é o sentido mais comum do adjetivo “espertas” aquele que o texto de partida apresenta. A esperteza neste contexto remete para o engenho e sentido prático das mulheres e não para a sua astúcia e sagacidade, verificando-se a adequação do adjetivo “resourceful” ao contexto discurso.

A naturalidade da prosa, muitas vezes próxima da linguagem oral, é característica da narrativa de Brandão. As repetições que acentuam determinado aspeto que o cativou são

frequentes, contudo nem sempre são transpostas para o texto de chegada, como o próximo exemplo atesta:

“E fiam **muito bem** e tecem **muito bem**.” (AID: 76)

“And they spin and weave **very well**.” (TUI: 34)

É possível que o facto de o tradutor não repetir a expressão “very well” na tradução, ao contrário do que sucede com “muito bem” no texto de partida, seja revelador do estilo pessoal de David Broodshaw e do gosto do público americano, valorando-se o sentido e a fluência e eliminando-se redundâncias.

A tarefa de fiação da lã a que se dedicavam as mulheres do Corvo denuncia a importância do gado ovino na ilha e relaciona-se diretamente com atividades desempenhadas pelos homens da ilha durante centenas de anos: a pastorícia e a tosquia da lã. O gado ovino, em número significativo⁴⁰, pastava em comum, embora não fosse pertença de todos. Em *Retratos Sociais da Ilha do Corvo*, Carlos Alberto Medeiros esclarece que “os seus donos distinguiam as que lhes pertenciam através de sinais feitos nas orelhas.” Sobre a tosquia, o mesmo autor acrescenta o facto de ser levada a cabo em grupo no “dia da lã”, “que agitava o quotidiano da ilha” e decorria “no final de Maio”, quando se agrupava a totalidade do rebanho (Medeiros, 2016: 21).

Vejamos um exemplo retirado da passagem da obra em análise em que há uma breve referência a esta tradição anual com direito a dia próprio, a que Brandão chama “*dias do fio*”:

“Apegado a um bordão com ponteira de ferro, atravesso os **Pastelos**, onde nos *dias do fio* tosquam as ovelhas, os baldios e mais montes vestidos de queiró escura, mais montes severos.” (AID: 86)

“Clutching a metal-tipped staff, I cross the **Pastelos**, where, on *fleece days* (as they call them), they shear sheep. These are fallow lands, with more hills covered in dark heather, more forbidding hills.” (TUI: 41)

Primeiramente, assinalamos a não tradução do topónimo “Pastelos”, reproduzido na tradução sem qualquer distinção gráfica do restante texto. Já a expressão referente à tradição corvina “*dias do fio*” surge em itálico em ambos os textos, mas no texto de chegada é acrescentada uma expressão parentética para assinalar a sua origem regional. Nota-se ainda que a expressão “*fleece days*” se demarca da tradução literal, pois “fleece” significa tosquia e não fio, provavelmente para melhor clarificar em que consistia a atividade realizada.

No mesmo trecho, notámos uma discrepância relativamente à descrição do espaço. A enumeração dos locais por onde passa o narrador no texto de partida é substituída por um

⁴⁰ “Durante séculos o baldio foi fundamentalmente aproveitado para pasto das ovelhas. O número destas atingia cerca de 3500 cabeças em 1934” (Medeiros, 2016: 21)

espaço uno na tradução, fazendo-se corresponder os baldios e os montes à descrição do Pastelo, quando no texto-fonte são apresentados como espaços que se sucedem uns aos outros. O ponto final após “sheep” (vírgula no texto de partida) marca essa divergência, na medida em que corta a enumeração dos locais percorridos.

Se hoje nos causa pena a morte dos pacatos cetáceos nos lugares do mundo onde ainda são caçados, não podemos esquecer a importância vital que a pesca à baleia exerceu na economia de várias ilhas dos Açores na segunda metade do século XIX e primeira do século XX. Na ilha do Pico, o óleo dos cachalotes era um bem precioso, capaz de resgatar da penúria inúmeras famílias, tanto que os Picarotos interrompiam de imediato qualquer outra ocupação ou tarefa mal ouviam o sinal do vigia, conforme nos relata Brandão dominado pela surpresa (ver tabela 12, alínea d).

Passando o olhar pelo suplemento “Fugas” do jornal *Público* deparámo-nos com um texto da atualidade (muito embora se reporte a acontecimentos passados) que dá conta da mesma realidade:

Seja como for, este é o testemunho de como toda uma povoação vivia para o momento em que o vigia, de olhos postos no mar, lançava um foguete em sinal de baleia à vista. Parava tudo – o barbeiro deixava o corte a meio e corria para o mar. Francisco Joaquim Machado, esse mesmo barbeiro, ainda é vivo e já passa dos 90 anos. (Costa, 2016)

Tão rico e impressionante é o retrato que Brandão faz desta atividade que o capítulo “A Pesca da Baleia”, “Whaling” na tradução, é estudado no âmbito do Currículo Regional da Educação Básica e integra a listagem das leituras recomendadas no Plano Nacional de Leitura para o terceiro ciclo de escolaridade numa edição – *A Pesca da Baleia e Outras Narrativas* – que compila três capítulos d’*As Ilhas Desconhecidas*: “A Pesca da Baleia”; “O Atlântico Açoriano” e “Homens e Barcos”. Destacamos alguns exemplos que integram a narração da caça à baleia nas Lajes do Pico:

“Lá de cima do **poleiro** o vigia ergueu-se de salto, deu sinal de **baleia à vista** com o **búzio** e todos os homens desataram a correr para as **canoas**.” (AID: 181)

“High up on his **post**, the lookout suddenly stood upright, gave the signal of **whale ahoy** high with this **horn**, and all the men ran towards the **boats**.” (TUI: 114)

Ao descrever a importância da pesca à baleia para os habitantes das Lajes e do Cais do Pico, Raul Brandão emprega alguns termos da gíria da baleação nos Açores, a par com

expressões de nível de língua popular. Alguns dos vocábulos técnicos da baleação açoriana da época são traduzidos por vocábulos de uso mais genérico em inglês: “poleiro” por “post”; “canoas” por “boats”; “búzio” por “horn”. É interessante notar que a palavra “búzio” remete para uma época que precede o foguete como sinal de baleia à vista. A tradução por “horn”, porém, torna esta passagem mais contemporânea na língua de chegada.

No exemplo seguinte, para além de atentarmos na tradução do topónimo, destacamos o oposto, um nome que é mais específico no texto de chegada do que no de partida:

“saía o enterro dum baleeiro morto no mar, quando do **Alto da Forca** anunciaram o **bicho**.” (AID: 181)

“the funeral cartage for a whaler killed at sea was setting off when **a whale** was sighted from **Gallows Hill**.” (TUI: 114)

No texto de chegada, esclarece-se de que “bicho” se trata – “whale”, mas o uso deste nome no lugar de baleia tem uma dupla função no texto de partida: conferir coloquialidade à narrativa e um tom valorativo, fazendo o leitor perceber a estranheza do animal. Na mesma frase, verifica-se que “Alto da Forca” é traduzido no texto de chegada, ao contrário do que acontece com grande parte dos topónimos em *The Unknown Islands*. É pertinente referir que um topónimo muito semelhante - “Terra da Forca” (AID: 177) ocorre anteriormente no texto (TUI: 111) e, nesse caso, surge em português no texto de chegada, acrescentando-se a tradução entre parênteses.⁴¹

Nas linhas seguintes do texto, reitera-se o sentimento pesaroso de quem seguia no cortejo fúnebre:

“Ia tudo **compungido** – ia a mulher **compungida** e os pescadores **compungidos**,” (AID: 181)

“Everyone was **grief-stricken** – the widow was **grief-stricken**, the fisherman were **full of grief**,” (TUI: 114)

A razão pela qual incluímos este exemplo prende-se com a repetição do participio passado com função adjetival. No texto de partida “compungido” (com variação em género e número) aparece três vezes na frase, ao passo que no texto de chegada “grief-stricken” ocorre duas vezes, mas no final do exemplo o tradutor evita nova repetição e serve-se da expressão “full of grief”.

O texto segue com a descrição dos homens pesarosos, transcrevendo-se um exemplo de “enobrecimento” (Berman, 1997: 47) do original:

⁴¹ “in a place known as Terra da Forca (Gallows Hill)” (TUI: 111)

“iam aqueles homens rudes e tismados em **passo de caso grave e fatos de ver a Deus**”
(AID: 181)

“those rough, grimy men we’re **advancing solemnly and dressed in their best suits**”
(TUI: 114)

O cunho popular do léxico escolhido por Brandão é notório nesta passagem. Contudo, ambas as expressões que destacámos a negrito são traduzidas por expressões mais explícitas e num registo de língua menos coloquial. Na expressão “advancing solemnly” podemos, até, reconhecer uma linguagem cuidada.

Depois da descrição do funeral suspenso pelo sinal de “baleia à vista”, ficando “só o padre com latim engasgado e o caixão no meio da rua” (AID: 181), Brandão nomeia outras atividades que ficavam a meio quando a baleia era avistada:

“Deixam um **casamento** ou um enterro em meio, um contrato ou uma penhora, as testemunhas e a **justiça**, e **correm desesperados a arrear a baleia.**” (AID: 181)

“They will leave a **celebration** or a funeral halfway through, a contract or a financial deal, witness or judicial **obligations**, and **rush off with all urgency to join a whale hunt.**” (TUI: 114)

Na tradução desta expressão destaca-se a substituição de “casamento” por um nome mais genérico “celebration”, bem como um afastamento do registo popular, tal como já havíamos salientado a respeito do exemplo anterior. Neste caso, verifica-se a prevalência da linguagem corrente em inglês.

O estilo e a linguagem do autor representam, como vimos, complexidades de tradução. Outras vezes, é a própria riqueza lexical que dificulta o trabalho do tradutor. Uma das soluções encontradas para compensar determinadas perdas a nível semântico é a introdução pontual de vocábulos, como acontece na frase abaixo:

“E enquanto falam, comem ou trabalham, lá no fundo **remói** sempre a mesma **preocupação.**” (AID:181, 182)

“And while they talk, eat, or work, deep down, they all **have** the same **nagging concern.**”
(TUI: 115)

Uma vez que o verbo “remoer” tem um âmbito de significação mais pungente do que o “ter”, já que implica pensar insistentemente em algo, o tradutor terá compensado essa carência semântica com a introdução do gerúndio “nagging”, qualificando a “preocupação” (“concern”) como persistente e incomodativa.

Na última expressão referente à baleação no Pico, salienta-se o alongamento de um vocábulo e a elisão de outro:

São tão **apaixonados** que até este cheiro horrível, que faz náuseas e que se entranha na comida e no fato, lhe cheira **sempre** bem.” (AID: 182)

“They are so **wrapped up in the activity** that even this awful, nausea stink, which works its way into food and clothing, smells good to them.” (TUI: 115)

O particípio passado “apaixonados” traduz o vínculo intrínseco e o sentimento forte que os populares nutriam pela faina baleeira. A expressão que encontramos na tradução não transmite uma ligação tão forte a esta atividade para além de ser significativamente mais extensa: faz-se corresponder cinco palavras a uma só. No final da frase, a supressão do advérbio “sempre” retira, também, alguma carga emotiva a esta passagem, pois minimiza o efeito do cheiro sobre os habitantes das Lajes, que centravam o seu quotidiano em torno da baleação.

No mesmo capítulo, “A Pesca da Baleia”, o narrador prossegue com o relato do método tradicional de caça à baleia, usado pelos açorianos, bastante rudimentar, perigoso e algo heroico. A esse método é, inclusivamente, contraposto aquele que usavam os americanos, com grandes navios onde a carnificina era permanente e em larga escala. Discutiremos alguns translados desse relato que parece vivido *in loco*:

“Já outras **canoas** se aproximam... Mas antes que lhe tirem a baleia, o trancador lança o **ferro**.” (AID: 191)

“By now, other **boats** are approaching... But before they can take the whale themselves, the harpooner launches his **weapon**.” (TUI: 121, 122)

“– **Larga! Larga! Larga a manilha!...** E lá vão **no curso, entre as águas rasgadas, no grande sulco aberto com violência**,” (AID: 192)

“‘**Let it out! Let it out! Let the rope out!...**’ And forward they go **in the animal’s troughed wake of water ripped violently apart**,” (TUI: 122)

Nestes dois excertos encontramos vocabulário técnico específico da baleação, não sendo os termos traduzidos por equivalentes da mesma área na língua de chegada. No primeiro exemplo é notório que os vocábulos portugueses “canoas” e “ferro”, aos quais se faz corresponder “boat” e “weapon”, são mais genéricos e sem tecnicismo. O mesmo acontece com a tradução de “manilha” por “rope” no segundo exemplo. Ressalve-se, porém, que o registo discursivo popular é mantido, bem como a pontuação expressiva e o valor semântico das expressões, mesmo que à segunda seja acrescentado o nome “animal”, implícito no texto de partida.

O tradutor procura também emular os recursos expressivos. Para conferir vivacidade à narração desta passagem, Raul Brandão serve-se de tropos contendo uma comparação e uma metáfora inusitadas, preservadas por David Brookshaw:

“O bicho tem um momento de hesitação e surpresa, **como o touro quando lhe cravam as bandarilhas**, o que permite ao barco desviar-se num golpe de remos” (AID: 191)

“There is a moment of hesitation and shock from the creature, **like the bull when they plant the banderillas in him**, and this allows the boat to serve away with the pull of the oars” (TUI: 122)

“A baleia mergulha entre vagas, com o risco de os arrastar para o fundo e leva-os numa **velocidade de expresso**” (AID: 192)

The whale plunges into the waves, and there is a risk that it will drag them to the bottom or carry them at the **speed of an express train**” (TUI: 122)

A comparação e a metáfora usadas pelo autor – entre o lançar o ferro à baleia e colocar as bandarilhas no touro e entre a velocidade da baleia e a de um expresso – estão patentes em ambos os textos; no entanto, destacamos na tradução o recurso ao hispanismo “banderillas”, por falta de vocábulo na língua inglesa para designar esse instrumento da tauromaquia, uma tradição latina. Julgamos que a presença de um estrangeirismo de origem hispânica pressupõe que o leitor anglófono esteja suficientemente familiarizado com o mesmo, ou ter-se-ia mantido o vocábulo em português. Notamos, ainda, que o texto de partida não especifica o tipo de transporte expresso cuja velocidade é semelhante à da baleia, pelo que a alusão ao comboio na tradução tratar-se-á de uma interpretação do tradutor, feita com base na época retratada, altura em que os percursos, as paragens e as vias não permitiam que as camionetas fossem transportes expressos.

No capítulo introdutório mencionamos as origens humildes do autor na Foz do Douro, onde conviveu desde cedo com a atividade piscatória. São essas origens que melhor lhe permitem criar empatia, compreender e dissertar sobre as gentes dos Açores, e, em particular, sobre os pescadores. Machado Pires refere, justamente:

A infância e a adolescência têm uma grande influência no homem, por impregnação das primeiras experiências e embates na vida. (...) A vida dos pescadores (de quem também é descendente) deu-lhe um paradigma existencial de disponibilidade para o risco, de trágica aceitação do Destino e da Morte. (Pires, 2007: 7)

A tragicidade a que se refere Machado Pires ressalta nos capítulos “A Pesca da Baleia”, “O Atlântico Açoriano” e “Homens e Barcos”.

Tendo mencionado já a caça à baleia, reportamo-nos agora à pesca do bacalhau no Atlântico-Norte em navios americanos que empregam açorianos entre os seus tripulantes. Posteriormente, faremos menção a uma passagem que descreve especificamente os locais e técnicas de pesca açoriana, ainda bastante artesanal. Nos exemplos que abaixo analisamos, a personagem Banzé, um velho florentino que fora pescador, descreve a faina do bacalhau ao seu interlocutor: Raul Brandão.

Verificamos que, ao longo desta passagem, se procura manter a linguagem popular e a gíria piscatória (ver alínea f), tabela 12). Não obstante, assinalamos algumas divergências entre os dois textos, começando pelos casos em que o falar característico dos pescadores é atenuado:

“Se não dá **muda-se de sítio e larga-se o ferro**. (AID: 199)

“If there's nothing, **they weigh anchor and try somewhere else**.” (TUI: 128)

“o capitão grita: - **Olá**, tudo a pé!” (AID: 200)

“the captain shouts, ‘Everyone up!’” (TUI: 128)

Atentando na primeira citação e respetiva tradução, vemos que a “ferro” corresponde “anchor”, o nome técnico do objeto que o pescador florentino designa recorrendo à gíria. Mais se deteta uma ligeira divergência semântica na mesma frase: na língua de partida diz-se que, se o peixe não abunda em determinado local, primeiro “muda-se de sítio” e “larga-se” aí a âncora; na língua de chegada é dito que, à falta de peixe, se recolhe a âncora e se muda de sítio. O atenuar do registo popular no segundo caso resulta da supressão da interjeição “Olá” no texto de chegada.

Citamos agora um excerto em que detetámos uma forma de compensar o apagamento do registo popular numa frase, com a introdução de uma expressão idiomática no período seguinte:

“Às vezes é um **falatório pegado** de barco para barco, mas trabalhando sempre. Trabalha-se até à meia-noite, e os que regressam da pesca **caem logo num sono profundo**” (AID: 200)

“Sometimes **folk talk** from one boat to another, but they're always hard at work. We go on working until midnight, and those returning from fishing **sleep like a log straightaway**” (TUI: 128)

Se à tradução de “falatório pegado” não corresponde qualquer expressão popular, a tradução de “caem (...) num sono profundo” acentua o cariz popular da passagem, pois que se optou por eliminar o adjetivo “profundo” que eleva o nível de língua, traduzindo-se este segmento pela expressão idiomática “sleep like a log”.

No caso que se segue, é possível também detetar diferenças no nível de língua, a par com uma questão que denuncia o estilo do tradutor:

“**Trabalham os** da pesca e **trabalham os** de bordo, rapazes *verdes* (são os que embarcam pela primeira vez) e que **escalam, escalam** infatigavelmente, (...) passando-os **ao vizinho**” (AID: 200)

“**They all work, those** fishing and **those** on board; green boys (those at sea for the first time) do the **scaling**, and they **scale** away nonstop, (...) passing them on **to the next person**” (TUI: 128)

As formas do presente do indicativo dos verbos trabalhar e escalar surgem duas vezes no texto de partida, coadunando-se com o discurso oral que se pretende reproduzir, no qual são comuns as repetições. No texto de chegada, o verbo “work” tem apenas uma ocorrência e o verbo “scale” apresenta uma variação no gerúndio, para além da forma do presente, o que torna a tradução mais polida e menos próxima da oralidade. Para este afastamento do discurso oral contribui também a tradução de “vizinho” por “the next person”, que muito embora tenha a mesma aceção neste contexto, é uma expressão despida do tom coloquial e familiar contido no nome empregado em português.

Se a escolha do léxico afasta o discurso da oralidade, o uso dos pronomes pessoais e dos determinantes possessivos no exemplo que passamos a transcrever distancia a própria personagem Banzé dos acontecimentos que narra:

“Ardem as mãos doridas pela linha e salgadas pela água, a humidade trespassa-**nos** de lés a lés, o cheiro mete-**se** no corpo e na **lama** - mas corre tudo bem: a fome é devoradora, os estômagos de ferro.” (AID: 200)

“**Their** hands burn because of the fishing lines and from the saltwater, **they** are damp from top to bottom, the smell sticks to **their** body and to **their** soul- but everything runs smoothly: **they** eat like horses, **they**'ve got bellies of iron.” (TUI: 128)

A tradução usa pronomes e determinantes da terceira pessoa do plural, o que torna a narrativa de Banzé numa heterodiegesis. Todavia, isto não acontece no texto de partida no qual está presente um pronome da primeira pessoa do plural “nos” e nos restantes casos da passagem destacada não são usados pronomes ou determinantes. Importa atentar nesta diferença nos dois textos porque Banzé é um narrador participante na ação. No texto de partida, mesmo que a personagem narre os acontecimentos à distância, esse distanciamento não é visível no seu discurso.

Numa última nota sobre esta personagem, assinala-se o nome “lama” que surge no final do excerto, tratando-se, certamente, de uma gralha de impressão, visto que não apresenta coerência semântica e tanto a tradução como as Edições Vercial se reportam a “soul” / “alma”.

Passando à pesca nas ilhas dos Açores, nos excertos que iremos discutir, incluídos em “Homens e Barcos”, assoma, tanto no texto de partida como no de chegada, o engenho, a diligência e a perseverança dos pescadores açorianos.

As principais questões que se colocam em termos de tradução prendem-se com a gíria dos pescadores e com a toponímia, como a seguir se exemplifica:

“Para os pescadores do Pico o melhor **banco é o banco da Princesa**, mas há também o **baixio de S. Mateus, a restinga de S. Jorge, o mar Velho, o mar Novo e o mar de Fora**,” (AID: 209, 210)

“For the Pico fisherman, the best **waters are the Princesa bank**, but there is also **the São Mateus shoal, the São Jorge sandbar, the Velho, Novo, and Fora seas**,” (TUI: 135)

Verificamos que são enumerados os sítios onde o peixe é abundante ao largo da ilha do Pico, cujos nomes são mantidos em português no texto de chegada traduzindo-se apenas o tipo de local, mas não os nomes próprios. Porém, a forma diverge nos dois textos, notando-se um certo enobrecimento (Berman, 1997: 47) do texto de chegada, na medida em que se evitam as repetições quando se traduz a primeira ocorrência de “banco” por “waters” e se suprime a palavra “mar” duas vezes subentendendo-se na sequência “Velho, Novo and Fora seas”.

Para além de atentarmos nos topónimos, no próximo exemplo o nome que denuncia a atividade profissional descrita merece também o nosso comentário:

“Antes da descoberta do **Príncipe do Mónaco, o mar mais piscoso** era o da **Ponta Negra** até à **Ponta do Hospital**.” (AID: 210)

“Prior to the discovery by the **Prince of Monaco observatory**,¹⁷ **the sea that provided the greatest abundance of fish** was the stretch between **Ponta Negra** and **Ponta do Hospital**.” (TUI: 135)

¹⁷ The ‘Observatório Príncipe Alberto do Mónaco’ situated on the Island of Faial, is a meteorological and oceanographic institute, which was established at the beginning of the 20th century (translator’s note).” (TUI: 135)

A referência ao “Príncipe do Mónaco” é mais extensa na tradução uma vez que se clarifica que se trata do observatório, não do monarca. A referência a este observatório é ampliada em nota de rodapé, na qual o tradutor especifica a sua localização.

Nas páginas das quais se retiraram os exemplos, abunda o vocabulário técnico da pesca (ver alínea g), tabela 12), sendo a tradução fiel ao que é nomeado, excetuando-se os casos em que as palavras pertencem à gíria dos pescadores, sendo estas traduzidas por expressões mais

extensas e em linguagem corrente. São exemplo disso o adjetivo “piscoso” na transcrição acima e a forma verbal “soborralhando” na citação que se segue:

“A isca prepara-se **soborralhando** o peixe e picando-o depois a faca.” (AID: 210)

“Bait is prepared by **rolling the fish in cinders** and pricking it with the tip of a knife.” (TUI: 135)

As últimas duas atividades profissionais cuja narrativa analisaremos têm outro pano de fundo: a ilha da Madeira. Principia-se pela análise de excertos referentes ao turismo, mais precisamente a receção aos grandes paquetes na cidade do Funchal. Nesta passagem, o narrador transmite uma imagem negativa da Madeira quando a começa a conhecer melhor: uma ilha que vive de fachada e monta um cenário cosmopolita e apelativo para os turistas que desembarcam dos paquetes, voltando a cidade do Funchal à “pacatez da vida quotidiana” assim que partem os navios. A visão da farsa cénica é complementada com a descrição dos tipos sociais, através dos quais é dada uma imagem pejorativa dos ingleses e inglesas, à qual o tradutor não se furta.

Fornecemos variados exemplos de tradução em que as repetições são evitadas, suprimindo-se as palavras repetidas, o que denota divergência estilística nos dois textos. No entanto, nem sempre isso se verifica, tal como o próximo exemplo atesta:

“Letreiros em inglês, tabuletas em inglês e tudo preparado e **maquinado para inglês ver** e abrir a bolsa.” (AID: 302)

“Shop signs in English, signposts in English, and everything prepared and **planned with precision for the English to see** and open their purse strings.” (TUI: 199)

A palavra “English” aparece três vezes na tradução, tal como “inglês” no mesmo trecho do texto de partida, daí que a não tenhamos destacado. Contudo a tradução literal da expressão idiomática “para inglês ver” merece o nosso comentário: consideramos que esta expressão é traduzida à letra, visto, não só não ter equivalente em inglês por se reportar, justamente, à cultura de chegada, mas também porque o sentido denotativo da expressão também se aplica ao contexto. O sentido conotativo atribuído à expressão, aplicada a qualquer evento ou situação da qual não advenha resultado profícuo⁴², é que pode não ser notado pelo leitor da cultura de chegada. Destacamos, também, o alongamento (Berman, 1997: 46) do participio passado “maquinado”, cujo valor é tão expressivo que não pode ser transmitido por um único vocábulo da língua inglesa. Ainda assim, o intuito pernicioso contido no verbo “maquinar” não transparece no texto de chegada.

⁴² “In modern Portuguese there is a popular expression which, in referring to an event or situation that has no real consequence or result, declares that such is ‘for the English to see,’ which in Portuguese states that something ‘é para inglês ver.’” (Simas, in Funk, 2003b: 223)

Selecionámos o próximo trecho como exemplo de compensação a nível do estilo, mais concretamente no emprego dos recursos expressivos:

“e logo o Funchal **se arma como um teatro** - secos, graves, dominadores; elas saem do mar **vestidas de noiva**,” (AID: 302)

“and, straightaway, Funchal **becomes a theater** - they are cold, severe, domineering; the women emerge from the sea **dressed like brides**,” (TUI: 199)

A associação entre a cidade do Funchal e um teatro é feita por meio de comparação no texto de partida e de metáfora no texto de chegada; logo em seguida, deparamo-nos com o inverso: a metáfora que aproxima as mulheres inglesas e os seus trajes a noivas é traduzida através de uma comparação, conseguindo manter-se no texto de chegada os mesmos recursos de estilo utilizados pelo autor. De notar que a tripla adjetivação que se presta a caracterizar os homens ingleses é também preservada na tradução.

Nos dois exemplos seguintes discutimos a tradução de estrangeirismos:

“Sentado à porta do *Golden Gate*” (AID: 302)

“Sitting by the door of the Golden Gate,²¹ (TUI: 200)

²¹ The name of a well-known café in downtown Funchal (translator’s note).” (TUI: 200)

“pretas de Cabo Verde com *foulards* vermelhos na cabeça,” (AID: 302)

“black Cape Verdean women with red **foulard scarves** on their head,” (TUI: 200)

Primeiramente, verificamos que os estrangeirismos são italicizados no texto de partida, mas não no texto de chegada. No primeiro caso, isso dever-se-á ao facto de “Golden Gate” ser um anglicismo, estando o leitor familiarizado com o seu significado, perdendo-se o heterolinguísmo desta passagem.

Interessante é o pormenor da nota do tradutor para explicar que se trata de um café conhecido no Funchal. Essa referência não integra o texto de partida e, muito embora nos dias de hoje o “Golden Gate” continue a fazer as delícias dos turistas na capital madeirense, a maioria dos leitores portugueses ignorará a existência deste estabelecimento, deduzindo tratar-se de um café ou restaurante somente através de informação contextual.

O galicismo “foulards” surge igualmente na tradução sem destaque a itálico, o que poderá indiciar uma maior disseminação do vocábulo estrangeiro na cultura de chegada. Para além disso, “foulards” precede o nome “scarves”, ausente no texto de partida, que melhor contribui para clarificar a referência a esta peça de vestuário.

A cor é recorrente na prosa brandoniana, pelo que mesmo as referências a cores na descrição dos tipos sociais constituem um importante traço do estilo autoral, daí ressaltarmos um exemplo em que a escolha vocabular do texto traduzido suprime uma referência à cor. No

mesmo excerto, verificamos ainda a introdução de uma expressão radicada no cristianismo, quando a mesma passagem do texto de partida não contém qualquer referência relativa à religião.

“portugueses **esverdeados** e febris que regressam das colónias, velhas inglesas horríveis que **vêm não sei donde e partem não sei para onde,**” (AID: 302)

“**sickly** febrile Portuguese returning from the colonies, awful old English ladies who have come from **goodness knows where and are going to goodness knows where,**”

O adjetivo “esverdeados” transmite-nos simultaneamente o estado físico e o aspeto dos portugueses retornados dos territórios coloniais, ao passo que “sickly” aponta apenas para a sua condição física.

Aparentemente a segunda expressão a negrito transmite o mesmo em português e inglês, porém no texto de partida é o narrador participante que diz desconhecer a origem e o destino dos portugueses recém-chegados das colónias; no texto de chegada esse desconhecimento é generalizado por não ser atribuído ao “eu” narrativo.

Nas duas últimas transcrições desta passagem, verifica-se que o essencial da mensagem é reproduzido na tradução, mas alguns vocábulos apresentam diferentes nunces semânticas:

“e os vendedores **mergulham** na pacatez da vida quotidiana.” (AID: 303)

“and the hawkers **settle back** into their narrow daily routine.” (TUI: 200)

“**O quadro** está **sempre a repetir-se** com a chegada e a partida dos grandes transatlânticos.” (AID: 303)

“**The scene** is **ever-changing** with the arrival and departure of the great ocean liners.” (TUI: 200)

Assinalamos a expressividade da forma verbal “mergulham” no primeiro exemplo, a qual confere rapidez à ação dos vendedores, conotada com a metáfora do mergulho. O verbo preposicional “settle back” não transmite esse imediatismo, dando a ideia de que os vendedores vão lentamente retornando à rotina.

No último excerto nota-se que “quadro” integra o campo lexical da pintura, tantas vezes evocado por Raul Brandão ao longo desta obra, ao passo que “scene” não pertence ao mesmo léxico. Logo em seguida afirma-se que esse “quadro está sempre a repetir-se”, mas a tradução veicula a ideia contrária de que aquela cena está em permanente mudança com a chegada e partida dos navios.

Contrariamente à imagem austera, respeitável e industriosa que é dada dos pescadores açorianos, o quadro que se pinta dos pescadores da Madeira é desolador. Transmite-se a ideia de uma ilha onde prolifera a degradação dos costumes, o consumo excessivo do álcool e a

preguiça, ilustrada pelo facilitismo dos pescadores. São mencionadas também outras ocupações profissionais, mas apenas para reiterar que todas têm em comum a polivalência de se prestar concomitantemente à tarefa de taberneiros.

Transcreve-se um excerto relativamente extenso, não só porque é notória essa indolência dos pescadores, mas para que se atente no uso do singular com valor genérico no texto de Brandão, que deu lugar ao plural na tradução:

Conheço **o pescador** de Paul, Câmara de Lobos e Machico. (...) Há épocas no ano em que passa compacto e imenso o cardume do **gaiado**, variedade de atum. Abunda o espada preta, a lula enorme, o carapau, **a moreia** sarapintada de amarelo, mas **ele** quase se limita a pescar o peixe-espada que é o mais fácil, tendo perdido a memória dos mares de peixe: - Só o Patudo os conhecia todos, e só o Andorico é que vai ao cherne, porque sabe onde **ele** está. (AID: 306)

I know **fishermen** from Paul, Câmara de Lobos, and Machico. (...) There are times during the year when a vast, dense shoal off **skipjacks**, a variety of tuna, pass through these waters. The black scabbard fish abounds, along with huge squid, mackerel, yellow-speckled moray **eels**, but **they** limit themselves to catching swordfish, which is the easiest, having lost their memory of the seas and their fish: 'Only Patudo knew them all, and only Andorico goes for bass, because he knows where to find **them**.' (TUI: 202, 203)

No texto de partida, tanto as menções aos pescadores como a enumeração dos diferentes peixes são feitas através de nomes e pronomes singulares, que assinalámos a negrito, embora tenham um valor genérico, o que é comum no discurso popular oral. Isso não acontece no texto de chegada, no qual encontramos os nomes e pronomes pluralizados, à exceção de algumas espécies piscícolas às quais não se deu destaque gráfico. Note-se, ainda, que os topónimos são mantidos na língua de origem.

Selecionámos o excerto que se segue porque, apesar de transmitir a mesma imagem negativa dos madeirenses, a tradução difere no sentido de uma das ideias veiculadas:

“- Gasta tudo o que ganha - bebe tudo. **Bebem nacionais e estrangeiros**. No Funchal por toda a parte se vêem tabernas. Há-as no fundo de camisarias, com inglesas a bebericar.” (AID: 306, 307)

“‘He drinks all he earns - he drinks everything.’ **They drink local and foreign liquor.** In Funchal, there are Taverns wherever you look. There are places at the back of clothes shops, with English women sipping **their drinks.**”

Com a afirmação “Bebem nacionais e estrangeiros”, o narrador pretende acentuar o facto de que o consumo do álcool é generalizado, que não são só os madeirenses que se alcoolizam, mas também os estrangeiros, o que as frases seguintes confirmam ao dar-se o exemplo das inglesas que bebericam nas lojas, dos barris que esperam os turistas no porto, etc. Esta afirmação é traduzida por “They drink local and foreign liquor”, asserção que tem um sentido muito diferente da do texto de origem, o de que as bebidas alcoólicas consumidas são, não só nacionais, como também importadas do estrangeiro.

Na última parte desta passagem subentende-se um elogio aos açorianos cujos costumes são louvados, criticando-se os hábitos dos madeirenses por comparação:

“Estou muito longe daquela gente simples, daqueles homens são **de quem me apartei com saudade...**” (AID: 307)

“This is a far cry from those simple people, those stout men **I said farewell to with a heavy heart...**” (TUI: 203)

Salienta-se aqui a tradução da palavra “saudade”, um vocábulo que não tem um correspondente unívoco na língua de chegada, pelo que toda a expressão em que este nome ocorre é parafraseada, atendendo-se ao sentido global da mensagem.

Como foi dito no início deste capítulo, nem só de paisagens se fazem as notas de viagem que dão corpo à obra. Os homens interessam tanto ao autor *d’As Ilhas Desconhecidas* como os cenários. É o próprio Raul Brandão, numa entrevista concedida ao *Diário de Notícias* um dia após o seu regresso da viagem aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, quem refere a necessidade de “falar dos homens, dos baleeiros que arriscam a vida, matando todos os dias um cetáceo; os velhos pescadores que vão para os ranchos da América e voltam ricos, enriquecendo as suas aldeias” (Brandão, *In Rosa*, 2019: 90). Quando *As Ilhas Desconhecidas* eram ainda um projeto na mente e nos cadernos de notas do prosador, já o carácter das gentes e as suas ocupações e tradições se haviam demarcado como tema da escrita, concorrendo em destaque com as descrições impressionantes das paisagens atlânticas.

A tenacidade do açoriano está presente nas atividades do seu quotidiano, quer se prendam ou não com a ocupação profissional a que se dedica: na bravura do baleeiro; no “sonho americano” do emigrante; na persistência do lavrador em tirar da terra o sustento, apesar das frequentes intempéries; na resiliência da população metida nos “barcos de cabotagem que

fazem o tráfego entre as ilhas” (AID: 216), sujeita aos perigos do mar, sobretudo no canal entre as Flores e o Corvo. Nemésio explana bem este modo de ser quando defende que:

Várias circunstâncias – umas, de ordem geográfica; outras, de ordem histórica – podem explicar o ambiente em que se criou e desenvolveu uma população operosa, diferenciada no conjunto português, se não exagero nem deforme, pela sua predominante capacidade de adaptação. Com efeito, se observamos *in loco* um natural dos Açores verdadeiramente típico (...) teremos de concluir por um exemplar aproximado do português da segunda metade de Quatrocentos. (Nemésio, 1995: 91)

Com a comparação do açoriano ao português de Quatrocentos, Nemésio pretende, justamente, ressaltar o estoicismo do primeiro. Mais adiante, no mesmo texto, sublinha a “surda e quixotesca propensão para as maravilhas e os perigos” que “o português dos Descobrimentos” deixou na génese do açoriano. (Nemésio, 1995: 91)

A baleação ilustra perfeitamente esse ímpeto temerário, pois não eram só as dificuldades económicas que arrancavam os homens da lavoura, pois “uma baleia dá muito óleo e o óleo dá muito dinheiro” (AID: 191), mas também “uma ponta de perigo que seduz” (AID: 191), a atração pelo risco de que Nemésio fala e para a qual Brandão encontra a causa:

Mas há principalmente uma “necessidade de lutar (numa vida que é mais monótona do que em qualquer outra parte – duas vezes monótona pelo mar que os circunda e pelos montes que os entaipam), de vencer as contrariedades e os perigos – sentimento com raízes no mais profundo da alma humana. (AID: 191)

O povo madeirense não comunga do elogio tecido por Brandão aos açorianos. Na verdade, a observação dos tipos madeirenses fá-lo tecer críticas e refletir sobre a decadência civilizacional. Para o autor, é o homem simples, intrinsecamente ligado à terra e ao mar, de costumes tradicionais e ancestrais, que merece admiração e, como vimos, através do exemplo final contido neste capítulo, o turismo massificado e os comportamentos ociosos ou servis dos madeirenses despertam-lhe a nostalgia do contacto com o homem dos Açores. Aos hábitos sãos e profissões humildes dos açorianos, Raul Brandão contrapõe os vícios e a degradação dos costumes na Madeira, atribuindo-os ao progresso:

Turismo, álcool e açúcar têm degradado o povo e enriquecido alguns felizes da terra. O homem do Funchal, em contacto com o progresso, transformou-se em hoteleiro, engraxador e *chauffeur*. E o povo? Os homens degenerados e raquíticos que todo o dia desfilam na rua diante de mim? Ponho em confronto o homem da Madeira com o dos Açores, o corvino por exemplo, isolado do mundo e vivendo como há três séculos, e pergunto a mim mesmo o que lucrou com a civilização o habitante da cidade e o vilão. Lucraram os negociantes e hoteleiros, afundam se todos os outros numa abjecção que tem aumentado sempre. (AID: 304, 305).

Ao longo do capítulo fomos destacando “deformações”, segundo a terminologia de Berman (1997), operadas pelo tradutor. Porém, não poderíamos concluir sem salientar que muitas das divergências, tais como certas substituições lexicais, a clarificação e o alongamento de frases, a reorganização de constituintes oracionais, ou a introdução de determinados vocábulos, decorrem de uma tentativa de preservar outros aspetos do texto de partida. Assim, o tradutor compensa o facto de modificar algumas passagens do original de Brandão com a manutenção, em grande parte do texto, da integridade da mensagem, da intenção autoral, do nível de língua do narrador e das personagens, dos açorianismos, da expressividade da linguagem, do tom de comentário, seja apreciativo, seja depreciativo.

Por outro lado, divergências na pontuação, na organização dos elementos da frase, no uso de conetores, com a escolha de conjunções ou locuções conjuncionais e adverbiais mais variadas, a generalização de determinados termos, o evitar de certas repetições, a omissão de pontual de palavras e o enobrecimento de algumas passagens denotam a confluência, consciente ou não, aos padrões da cultura de chegada.

Seja para enaltecer, seja para criticar conduzindo o leitor à reflexão, as “Notas e paisagens” são mais do que impressões e descrições cénicas; a obra tem um pendor sociológico que não escapou ao tradutor, fiel, tanto quanto possível, à descrição dos pitorescos quadros regionais. A descoberta das gentes e do seu modo de vida, tanto pelo leitor português da segunda década do século XX, como pelo leitor anglófono da segunda década do século XXI, é determinante para tornar *As Ilhas [menos] Desconhecidas*.

6. REFERÊNCIAS CULTURAIS

Katan (2020: 133) afirma que a maioria dos teóricos de tradução concorda que o sentido depende de um contexto, o que implica a sujeição da tradução a um filtro cultural e requer competência intercultural por parte do tradutor.⁴³ Deste modo, o tradutor tem um papel ativo na construção do texto de chegada. Não se trata de um mediador isento, situado entre culturas, pelo que as suas estratégias se devem pautar por uma abordagem ética que não anule aspetos da cultura de partida, perpetuando a supremacia cultural do sistema dominante. No caso em estudo, temos verificado que o tradutor assume esse compromisso ético, mas que nem sempre consegue preservar todos os aspetos da cultura de partida, seguindo ora uma linha de tradução mais próxima do “estranhamento”, ora mais próxima da “domesticação”.

Para definir tradução, Berman fala em aproximação entre o que é conhecido, quotidiano ou familiar e o que é desconhecido, partindo-se do conhecimento da própria cultura para ir ao encontro da cultura alheia, do outro, e retornar, depois, ao ponto de partida com a informação decorrente dessa experiência (Berman, 1997). O trabalho do tradutor é, justamente, possibilitar o acesso ao conhecimento que advém do contacto com textos estrangeiros, que sendo externos à língua na qual se processa a tradução acarretam consigo referentes da cultura que lhes deu origem, a par com marcas de outras culturas ou comuns ao cômputo da cultura ocidental.

No caso das referências a outras culturas e línguas, o tradutor depara-se com a questão da transversalidade, da partilha ou não dos mesmos modelos, ícones, expressões, entre outros referentes, o que, necessariamente, condiciona a sua abordagem ao texto e à tradução. Quando as referências culturais patentes no texto não são comuns às da cultura de chegada, nem familiares ao público-alvo, cabe ao tradutor suprir essas lacunas comprometendo-se a apresentar a sua interpretação do texto de partida. No decurso do presente capítulo, veremos como se procedeu a essa avizinhação entre os dois textos no que toca a referências históricas, geográficas, económicas, artísticas e literárias.

Sublinhamos, no entanto, que a globalidade desta dissertação abarca aspetos culturais, pois não podemos concentrar-nos no panorama da língua, cerne dos capítulos dois – léxico regional – e três – linguagem popular – isoladamente do panorama cultural. Mais, os capítulos quatro e cinco, destinados às festividades e às tradições e ofícios, focam aspetos essenciais da cultura dos arquipélagos dos Açores e da Madeira. A maior diferença na matéria deste capítulo é o

⁴³ “Most translation scholars accept that the meaning of a text is context dependent, that some form of cultural filter (Katan 2009a; House 2016:75-76) operate during translation; and that a professional translator should have (inter)cultural competence (Kelly 2005a: 74; EMT 2009), which Katan (2009b: 284) defines in terms of the translator’s ability to perceive and handle difference (Tomozeiu et al. 2016).” (Katan, 2020:133).

enfoque dado pelo autor, isto é, as referências que aqui se apresentam não surgem em passagens descritivas específicas sobre o referente, como acontece nos capítulos quatro e cinco; antes se alude a determinado agente, obra ou característica para ilustrar outro aspeto, estabelecer uma comparação, fortalecer uma imagem, destacar uma curiosidade ou algo que captou a atenção de Raul Brandão.

6.1. HISTÓRIA, MITOS POPULARES E RELIGIÃO

Agruparam-se neste subtema referências a personalidades históricas, entre as quais se contam D. Pedro IV e Alexandre Herculano, mas também alusões a mitos populares criados a partir de personagens históricas e evocados frequentemente pela memória do povo português, como é o caso do mito sebastianista ou da lenda da Rainha Santa Isabel. Acrescentou-se, ainda, uma referência ao Deus cristão, pois que, ao ser atribuída a uma personagem popular que a profere como emoção, à laia de interjeição, denota o enraizamento da doutrina católica no quotidiano dos portugueses, particularmente, dos açorianos.

A primeira referência a uma personalidade da história de Portugal surge aquando da visita de Brandão a Angra do Heroísmo, onde se detém a contemplar o monumento erguido em homenagem a D. Pedro IV (1798-1834) e às lutas liberais:

“donde irrompe a pirâmide amarela, o monumento a **D. Pedro IV.**” (AID: 59)

“from where a yellow pyramid rises up, the monument to **King Pedro IV**⁶.

⁶ Pedro, as the former Emperor Pedro I of Brasil, led a successful liberal revolt, originating in the Azores in 1832, against the absolutist regime of his brother, Miguel, in Lisbon. He subsequently became Pedro IV (translator’s note).” (TUI: 22)

Neste caso, a diferença entre os dois textos é óbvia: o autor não vê qualquer necessidade de referir os feitos de D. Pedro IV, certo de o leitor português conhecer o papel do soberano na implementação do regime liberal; o tradutor, pelo contrário, prevê que o leitor anglófono desconheça o rei mencionado. A solução encontrada por David Brookshaw para elucidar o leitor-alvo quanto à identidade da personagem histórica é a inserção de uma nota de rodapé que esclarece tratar-se do I Imperador do Brasil, bem como Rei de Portugal, após a revolta liberal que encabeçou contra as tropas absolutistas de seu irmão D. Miguel.

É interessante notar que a propósito das restantes personalidades históricas e míticas mencionadas neste tópico não foi incluída qualquer nota de rodapé, sendo o caso de D. Pedro IV uma exceção.

Perplexo com o aspeto físico dos corvinos a que na mesma página chama “figuras de outro século”, descrevendo as suas “mãos enormes e duras apoiadas nos cajados”, e “as barbas de madeira”, o autor detém o olhar num dos lavradores e compara-o a Herculano:

“Um destes lavradores parece **Herculano** e outro tem mãos enormes e gretadas, mãos de terra quase desumanas” (AID: 79)

“One of these farmers looks **Herculean** and another has huge, craggy, barely human hands, hands fashioned from the soil.” (TUI: 36)

Crê-se que Brandão terá comparado um dos lavradores a Alexandre Herculano (1810-1877) pela sua austera figura de outro tempo, não só por ser, efetivamente, do século anterior (XIX) e, além de romancista, historiador, mas sobretudo pela cara magra e ossuda, fisionomia carregada e calvície, aspeto físico em tudo consentâneo com a descrição feita dos corvinos em geral e deste lavrador em particular. Esta referência perde-se inteiramente na tradução, pois David Brookshaw traduz esta referência como se se tratasse de uma comparação entre o lavrador e Hércules, herói da mitologia grega. Se o intento do autor fosse esse, julgamos que teria optado antes pelo adjetivo hercúleo, com letra inicial minúscula, pelo que se considera que esta referência ao autor português tenha passado despercebida ao tradutor.

Na passagem em que se insere a citação abaixo (ver alínea c, tabela 13) encontram-se referências a duas personalidades históricas, mas uma vez que sobre o missionário autor de *Chez lês Peux-Rouges* ambos os textos transmitem parca e conforme informação, centramos na figura da Rainha Santa Isabel (1271-1336) cujas ações, tratando-se muito embora de uma figura histórica, há muito que adquiriram o estatuto de mito:

“foi a **Rainha Santa** quem introduziu o culto do Espírito Santo em Portugal.” (AID: 116)

“it was the **devout Queen Isabel** who introduced the cult of the Holy Spirit into Portugal.” (TUI: 64)

Esta referência à Rainha Santa vem seguida da narração de um milagre que se atribui a Isabel de Aragão, esposa de D. Dinis (ver alínea c, tabela 13). Tomando este exemplo, verificamos que o cognome “Santa” é substituído pelo adjetivo “devota” na tradução, perdendo-se a referência implícita à Rainha Santa Isabel. No texto de partida subentende-se de que rainha se trata, mas na tradução há necessidade de a nomear, dada a falta de familiaridade do público-alvo com a história dinástica portuguesa.

À semelhança da lenda vulgarmente conhecida pelo povo português que conta que a Rainha transformou em rosas o pão que levava aos pobres no regaço, ocultando do marido reprovador a caridade ilícita; conta-se, neste caso, que a Rainha Santa transformava em ouro rosas vermelhas para financiar a construção de um templo em honra do Espírito Santo. No

relato do milagre é notório que algumas expressões descritivas do texto de partida são eliminadas da tradução ou reduzidas a uma expressão mais sintética:

“Então, **por terra**, invocou o seu divino protector numa oração fervorosa. (AID:116)

“And so she invoked her divine protector in a passionate prayer.” (TUI: 64)

“ordenou que todas as manhãs lhe trouxessem braçadas de **pequenas rosas vermelhas do campo**,” (AID: 116)

“she issued an order that armfuls of **wild roses** should be brought to her every morning,” (TUI: 64)

“A catedral, rapidamente construída, cantava pelas flechas e pelas torres, **erguidas até às nuvens**, a **glória** e o poder do Espírito da Luz e do Amor.” (AID: 116)

“The cathedral was soon built, and from its steeples and its towers, she sang of the power of the Spirit of Light and of Love.” (TUI: 64)

Se anteriormente foram introduzidos nomes para clarificação da identidade da Rainha mencionada, nestes exemplos sucede o oposto. Na tradução do primeiro exemplo verifica-se a elisão da expressão “por terra”. No terceiro exemplo ocorre o mesmo com a expressão “erguidas até às nuvens” e com o nome “glória”. No segundo exemplo, não se verifica a total supressão de uma expressão, porém observa-se que a expressão traduzida - “wild roses” - é bastante mais curta e menos descritiva do que “pequenas rosas vermelhas do campo”, pois as duas palavras usadas pelo tradutor não fazem menção ao tamanho nem à cor das flores, atenuando-se o visualismo descritivo tão característico do estilo brandoniano.

A personalidade histórica que se segue está também fortemente vinculada ao misticismo popular. Trata-se de D. Sebastião, o jovem rei português desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, cujo retorno é desde então ansiado pelo povo que vê a figura mítica que assomará num dia de nevoeiro como a solução para os problemas da pátria:

“reparo em quatro velhos, **todos juntos**, muito graves, **todos** de barba branca, **todos** descalços e dois com grandes óculos de aro de folheta.” (AID: 120)

“I notice four stern-faced old men, **all** with a white beard, **all** of them barefoot, and two of them wearing large, tin-framed spectacles.” (TUI: 67)

“**Não era** a atitude nem os óculos enormes. **Era** o ar. **Era** a alma. **Era** um idealismo, ridículo e amargo como o de D. Quixote.” (AID: 120)

“**It is not** their attitude or their huge spectacles. **It is** their general air. Their spirit. **It is** their idealism, as ridiculous and as tragic as that of Don Quixote.”

Ao longo da passagem da qual foram extraídos estes excertos e os dois seguintes, o autor transmite o espanto que experimentou ao deparar-se, em pleno século XX, com a crença

arreigada no mito sebastianista entre um grupo de idosos florentinos, chegando a duvidar do que vê: “Estendo a mão devagarinho e toco-lhes com receio, para ver se estão vivos.” (AID: 120). A mesma surpresa perpassa a tradução que conserva em grande medida os pormenores da descrição dos velhos, usando os mesmos adjetivos e repetindo os mesmos vocábulos. (ver alínea d), tabela 13). Contudo, os vocábulos que se repetem três (“todos”) e quatro (“era”) vezes em expressões sequenciais, surgem apenas duas e três vezes na tradução, respetivamente. Em capítulos anteriores já havíamos denunciado esta tendência para evitar ou suprimir parcialmente as repetições, o que conotamos com a norma e o gosto norte-americanos em que palavras consideradas supérfluas são eliminadas em prol da fluência, clareza e concisão. Neste caso, cremos ser a mesma a razão subjacente a uma tradução com menos repetições, o que pode indicar, ainda, uma dissemelhança nos estilos do autor e do tradutor.

A propósito do segundo exemplo transcrito salientamos também uma referência a D. Quixote de La Mancha, protagonista da obra-prima do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616) que parodia os romances de cavalaria, tão populares na sua época. Como veremos no quarto subtema deste capítulo – 6.4. Literatura: Intertextualidade – as elações que Raul Brandão estabelece entre gentes ou espaços e personagens da literatura nacional e mundial, em trechos breves, sem pretensiosas exibições de cultura, são indicadores do seu vasto conhecimento. No entanto, o autor, aludindo a esse conhecimento de passagem e não se detendo em explanações, crê partilhar com o seu leitor os mesmos referentes culturais.⁴⁴

Na frase abaixo a referência ao mito sebastianista é direta:

“Indaguei e soube que eram **os sebastianistas**.” (AID: 120)

“I discover that they are **the Sebastianists**.” (TUI: 67)

Curiosamente, “Sebastianists” não granjeia nenhuma nota de rodapé na tradução, apesar de grande parte dos leitores de língua inglesa poder não estar familiarizado com esta crença do folclore nacional. Falamos da generalidade dos leitores da cultura de chegada e não de todos, pois que, tendo-se consultado vários dicionários *online* de língua inglesa, se verificou que alguns deles contêm o termo ou outros da mesma família. O *WordSense Dictionary*, por exemplo, fornece a seguinte definição de “Sebastianist”: “Noun. Sebastianist (pl. Sebastianists) A believer in Sebastianism”. A enciclopédia *Britannica* contém o termo “Sebastianism”, o qual define como sendo: “Portuguese messianic faith”.

⁴⁴ Não incluímos este exemplo no quarto ponto por duas razões: para não repetirmos o exemplo e porque, tratando-se de uma personagem de uma obra canónica da literatura ocidental conhecida mundialmente, a comparação estabelecida entre o idealismo dos sebastianistas florentinos e o de D. Quixote é clara para os leitores de ambas as culturas.

Conclui-se, então, que a não inclusão de uma nota poderá estar radicada em duas razões bastante diferentes: possivelmente, dever-se-á ao facto de não tornar a tradução ainda mais longa e desviar a atenção do leitor do fio narrativo; por outro lado é plausível que seja uma evidência de que o público-alvo da coleção em que surge esta tradução é um público académico e/ou com raízes lusas, justamente a fração da população que poderá conhecer este mito português, já que para surgir em dicionários de língua inglesa recentes, esta crença não é completamente ignota na cultura de chegada.

No último exemplo deste grupo destacamos o ditado popular:

“- No ano em que houver três Invernos e um Verão, vem D. Sebastião.” (AID: 121)

“in the year when there are three winters and one summer, King Sebastian will come.” (TUI: 67)

Repare-se que a sentença proverbial do velho florentino é reproduzida em discurso direto no texto de partida e não no texto de chegada, mas não nos parece que este pormenor confira ao texto de chegada um estatuto mais universal que ao de partida, como se a crença no regresso de D. Sebastião estivesse ainda fortemente enraizada nas isoladas ilhas do grupo ocidental dos Açores. A ausência de aspas no texto de chegada deve tratar-se de uma gralha de impressão, pois a frase é precedida de “one of them declares as they bid me farewell”, o que indica que é dita por um dos sebastianistas e não atribuída genericamente à crença popular.

De certa forma, o registo popular é diluído na tradução, pois a rima e a cadência rítmica não são reproduzidas pelo tradutor, que se limita a parafrasear o ditado popular.

Notamos, ainda, uma diferença na sequenciação temporal das ações que não é visível apenas num excerto, mas ao longo de toda a passagem que se reporta aos sebastianistas (ver alínea d), tabela 13). No texto de partida a narração do encontro com os sebastianistas principia (“Estendo”, “toco”, “estão”) e termina (“saem”) com formas verbais no presente do indicativo, mas os restantes verbos são apresentados no pretérito perfeito (“foi”, “atrevi”) e imperfeito (“havia”, “infundiam”, “tinha”, “tinham”, “estremava”, “era”) do modo indicativo. Na tradução é usado o presente ao longo de todo o excerto, talvez como forma de manter a coesão gramatical nesta parte do texto.

A última referência a uma personalidade histórica ou mítica não se trata de uma alusão à sua biografia, obra ou feitos lendários, mas de uma exclamação com raízes cristãs. De tal forma é subtil esta referência, que, tal como aconteceu relativamente à figura de Alexandre Herculano, nos parece ter sido ignorada pelo tradutor:

“Senhor, quando um ou dois bichos daqueles se metem debaixo da embarcação, estragam tudo!” (AID: 269)

Yes, sir, when one or two of those creatures get under the boat, they ruin everything!”
(TUI: 176)

Ao traduzir “Senhor” por “Yes, sir” David Brookshaw poderá ter julgado que o pescador estaria a confirmar a veracidade da história a Raul Brandão, seu interlocutor. No entanto, se atentarmos no resto do testemunho do pescador que antecede esta parte (ver alínea e), tabela 13), verificamos tratar-se de uma interjeição que pretende mostrar o medo sentido nas ocasiões em que, como nesta, peixes de grande envergadura abalroam os barcos de pesca. Tamanho é o receio e a inquietação que o nome do “Senhor”, isto é, Deus, é invocado. “Senhor” como forma de interpelar um interlocutor, com a função sintática de vocativo, não é usado no resto do texto, pelo que julgamos que se o objetivo fosse dirigir-se diretamente a Raul Brandão, o pescador o trataria com maior deferência, por vossemecê ou “Vossa Senhoria”, por exemplo, como acontece no diálogo com o pastor de S. Jorge (AID: 213).

6.2. ECONOMIA E SOCIEDADE

Reuniram-se neste ponto algumas singularidades do quotidiano identitário nacional, embora não especificamente ilhéu, como se de uma coleção etnográfica se tratasse, até porque, hoje em dia, vários destes referentes só têm lugar em núcleos museológicos e coleções de antiguidades, como acontece com as unidades monetárias, de medida, de volume e peso referidas no texto.

Já anteriormente dissemos que Raul Brandão é um prosador atento ao modo de vida do povo, sensível às dificuldades económicas e sociais a que as massas estão sujeitas, daí que as referências ao custo de vida, às medidas dos terrenos, à profundidade das águas, entre outras, derivem diretamente da necessidade de retratar a organização social e profissional das gentes das ilhas.

Principiamos, justamente, pelas referências que dizem respeito a aspetos que se tornaram obsoletos ou pelos menos desusados nos dias de hoje, mas que eram ordinários na época do autor d’*As Ilhas Desconhecidas*.

Transcrevemos abaixo um excerto que denuncia as dificuldades económicas sentidas pela população corvina antes do Ministro da Fazenda, Mouzinho da Silveira, reduzir para metade o pesado imposto a pagar anualmente ao capitão donatário da ilha. Na segunda frase do excerto, figuram quer uma referência a uma unidade de capacidade pouco usual hoje em dia, quer uma referência à moeda corrente na época de Brandão:

“- Fome! Muita fome!... A ilha andava avexada: pagava **moios** de trigo e **oitenta mil réis** em dinheiro ao senhorio de Lisboa” (AID: 92)

“Hunger! Great hunger!... The island was going through vexed times: we paid the landlord in Lisbon **forty moios** of wheat and **eighty mil réis** in money.” (TUI: 45)

O tradutor opta por não traduzir nem a unidade de volume, nem o plural de real, a moeda dominante em Portugal entre 1580 e 1910, destacando em itálico os vocábulos em português. Estranhamente, também mantém em português o quantificador “mil”, apesar de traduzir o quantificador “oitenta”, que o precede, por “eighty”.

O facto da versão da nossa versão de trabalho de *As Ilhas Desconhecidas* (edições Artes e Letras) não referir o número de moios pagos ao senhorio poderá ser uma gralha, dado que na outra edição consultada (Edições Vercial) surge a palavra “quarenta”, que vai ao encontro da tradução.

Algumas páginas adiante, a unidade monetária “réis” surge novamente no texto a par com outras moedas de maior valor e com uma referência a uma unidade de peso pouco usada presentemente:

“Ainda há pouco tempo o **preço da vida** era o seguinte: uma dúzia de ovos custava um **vintém**, uma galinha um **tostão**, a carne de vaca oitocentos **réis a arroba**.” (AID: 103, 104)

“Until only a short time ago, **prices** were as follows: a dozen eggs cost one *vintém*, a chicken one *tostão*, beef eight hundred *réis* per *arroba*.⁸

⁸ *Vintém, tostão and réis* are old units of Portuguese currency. The *arroba* was a unit of weight corresponding to about 15 kilos (translator’s note).” (TUI: 54)

Conquanto o nome “réis” já tenha aparecido antes na obra traduzida (p. 45), só na página 54 dá lugar a uma nota de rodapé, presumivelmente porque esta referência não ocorre aqui isolada, mas juntamente com outras moedas: o “vintém” e o “tostão”. Por uma questão de economia textual e de evitar o recurso sucessivo a notas, o tradutor terá agrupado as três referências na mesma nota explanatória, acrescentando-lhe, ainda, o significado de “arroba”, uma unidade de peso. Pese embora o esclarecimento dado na nota, verifica-se que, inversamente ao que sucede com a “arroba”, o valor das moedas não é referido, pelo que o leitor não terá noção se os preços dos ovos, da galinha ou da carne serão superiores ou inferiores uns aos outros. Caso fosse dito que o vintém equivalia a vinte réis e o tostão a cem, a mensagem adquiriria maior transparência para o leitor. O nome “tostão” surge também na página 144 de *The Unknown Islands*, onde é, igualmente, mantido em português, prescindindo já de qualquer nota.

Ressalta-se, ainda, o facto de a expressão popular “o preço da vida”, que antecede as moedas a ilustrar o seu custo, ser traduzida somente por “prices”, um único nome plural, que,

além de ser um vocábulo corrente, tem uma carga semântica mais genérica e menos emocional, sem a associação direta entre os preços e sua repercussão na vida do povo.

No capítulo “Ilha Azul”/ “The Blue Island”, a propósito da paisagem agrícola faialense, surgem referências a antigas medidas de superfície e de capacidade (de produtos secos, sobretudo cereais):

“A propriedade avalia-se por **alqueires de terra – duzentas braças quadradas** – produzindo, em média, cada uma trinta **alqueires** de cereal.” (AID: 138, 139)

Ownership of land is valued in *alqueires* – **about four hundred square meters** – each producing on average thirty *alqueires* of cereal.¹²

¹² The *alqueire* was a pre-metric measure of capacity introduced in medieval times, corresponding to between thirteen and nineteen liters, depending on the region. It also came to denote a measure of area, with similar wide variations. Here, both meanings are used (translator’s note). (TUI: 81, 82)

“Alqueire” surge no texto de chegada em itálico, sem tradução, esclarecendo-se o significado numa nota de rodapé que explica referir-se esta medida quer à quantidade de cereal, quer à área de terreno ocupada pelo plantio do mesmo. É pertinente o facto de o tradutor notar a variação da capacidade do “alqueire” consoante a região, pois segundo o *Dicionário de Falares dos Açores* essa variação também se verificava de ilha para ilha, embora a margem entre a menor e maior capacidade da medida não seja coincidente com a que David Brookshaw apresenta na nota⁴⁵.

O critério da não tradução com recurso a nota de rodapé não é adotado no caso de “braças”. Esta medida de superfície desaparece no texto de chegada, dando lugar a uma conversão para metros, daí que o numeral seja diferente nos dois textos: “duzentas” e “four hundred” (quatrocentos). Assim, verifica-se no texto em inglês uma contemporaneidade que o leitor do texto de partida não encontrará ao ler “braças” e não metros, anulando-se, neste caso, uma marca da época do autor.

Três capítulos mais adiante, em “Homens e Barcos” / “Men and Boats”, encontramos nova referência a “braças”:

⁴⁵ “**Alqueire**, (do ár. *al-kail*) **1. n. m.** Medida agrária, equivalente a cerca de 1000 metros quadrados¹⁷². **2. n. m.** Medida de capacidade para secos, numas ilhas equivalente a 12 litros^F, noutras a 16SM. (...) ¹⁷² A sua área varia de ilha para ilha.” (Barcelos, 2008:59)

“saindo à meia-noite e chegando a **cento e cinquenta braças** e às vezes, como no Cacete, a **quinhentas braças** de profundidade.” (AID: 210)

“leaving at midnight and getting out to a depth of **150 feet** and sometimes, as in the case of the Cacete waters, **500 feet**.” (TUI: 135)

Neste contexto, “braças” corresponde a uma medida de profundidade, ou seja, esta medida marca as funduras a que poderia chegar a linha dos afoitos pescadores açorianos que saíam alta noite para o mar.

Ao contrário do que se observa na página 81 de *The Unknown Islands*, na qual são convertidas as braças quadradas em metros quadrados duplicando-se o seu número, pois uma braça são aproximadamente dois metros, neste excerto “braças” é traduzido por “feet”, sem que haja uma conversão das medidas. Assim, as grandes profundidades a que pescavam os açorianos tornam-se muito menos significativas para o leitor da cultura-alvo, dado que cada “foot” (pé) corresponde somente a cerca de trinta centímetros.

Detemo-nos agora numa passagem sobre as dificuldades económicas que enfrenta o pastor na ilha de S. Jorge, cognominada “a ilha trágica” (AID: 212). Transcrevemos um excerto mais extenso, uma vez que nele ocorre três vezes a palavra “canadas”, uma antiga medida portuguesa de capacidade para líquidos:

Nesta terra de grandes proprietários, que alugam as pastagens por certo número de **canadas** de leite, há sítios que pagam por ano quinhentas **canadas** de leite por cada vaca e outros menos. Os pastores **levam o leite à fábrica de manteiga**, e no fim do ano pagam em dinheiro ao senhorio. Quanto mais caro for o leite, pior para o pastor, que tem fixo no arrendamento o número de **canadas**. (AID: 212)

On this island of large landowners, who rent out their pastures for a certain number of *canadas*¹⁸ of milk, there are places that pay every year five hundred *canadas* of milk per cow and others less. The cow herds **take their milk to the dairy, where it is turned into butter**, and at the end of the year, they paid the landlord in cash. The higher the price of milk, the worse it is for the cowherd, whose rent is based on a fixed number of *canadas*. (...)

¹⁸ An old measurement for liquids corresponding to about two liters (translator’s note)” (TUI: 137)

O pendor social é manifesto nesta passagem. Raul Brandão denuncia a desigualdade social existente na ilha de S. Jorge, atentando nas condições de vida dos pastores jorgenses. A tragicidade do destino do pastor perpassa igualmente a tradução, mas os valores do custo das rendas são exagerados por David Brookshaw. A medida “canadas” não é traduzida, é mantida em português, destacada em itálico e explicitada em nota de rodapé, procedimento comum ao de muitos dos regionalismos e topónimos. Salientamos, contudo, que, apesar de manter o hibridismo linguístico com o uso de “canadas” na língua de origem, o tradutor não é rigoroso na nota de rodapé, pois faz equivaler uma canada a cerca de dois litros, quando esta medida corresponde a apenas cerca de 1,4 litros. Isto é significativo, tanto mais que se afirma que alguns agricultores pagavam ao senhorio “quinhentas canadas de leite por cada vaca”, cerca de setecentos litros. No caso da tradução, a renda paga seria muito mais alta (mil litros), pelo que, para o leitor do texto de chegada, a exploração dos pastores da ilha de S. Jorge parecerá ainda mais aviltante.

Vimos que algumas das referências a aspetos ou personalidades da cultura portuguesa granjeiam uma nota de rodapé na tradução. O exemplo que se segue não constitui uma idiosincrasia da cultura de partida, mas recebe o mesmo tipo de destaque:

“coberta pintada a **ripolém**, camada de branco, camada de verniz” (AID: 48)

“the **Ripolin**-painted main deck⁴, a coating of white, another of varnish

⁴ A commercially produced brand of ready-mixed paint used on ships, named after the Dutch chemist, Carl Julius Ferdinand Riep, who originally developed it in the late nineteenth century (translator’s note).” (TUI: 13, 14)

A inserção de uma nota de rodapé para explicar de que tipo de verniz se trata e qual a sua origem dever-se-á ao facto de “ripolém” ser uma técnica de envernizamento pouco conhecida presentemente, associando-se mais o vocábulo francês que lhe deu origem – “Ripolin” – a uma marca de tintas e vernizes do que à técnica desenvolvida em finais do século XIX pelo holandês Riep. Provavelmente, o leitor português atual e, possivelmente, o da segunda década do século XX, também não será conhecedor desta técnica, mas no texto de partida não se considera que a nota seja pertinente, até porque o próprio autor fornece uma curta explanação da técnica no corpo do texto. Acresce que a nota de rodapé em nada influi na perceção do panorama inicial da viagem, a bordo do navio S. Miguel.

Num total de apenas vinte e uma notas em mais de duzentas páginas de *The Unknown Islands*, intrigou-nos a inclusão de uma nota sobre este pormenor que não constitui uma

referência da cultura de partida, além do que torna a leitura mais densa, contrariamente ao gosto anglo-americano.

Incluir neste capítulo a emigração, um fenómeno que implica o contacto com uma cultura exógena, e que tem sido apontado com um dos fatores responsáveis pela transformação do modo de vida do povo açoriano e pelo abandono das tradições locais⁴⁶, pode parecer contraditório, mas o que é facto é que a emigração em grande escala para o Novo Continente marcou a vida dos açorianos na segunda metade do século XIX e durante todo o século XX, sendo ainda significativo o número de açorianos que, em pleno século XXI, corre atrás do sonho americano. Assim, a emigração é há muito um fenómeno enraizado na cultura dos Açores. Nos anos vinte do século passado, a América era vista como a terra das oportunidades, da abundância, do sucesso e do progresso, algo que não passou despercebido ao autor. Na passagem seguinte, Raul Brandão vaticina o destino dos Açores décadas mais tarde, durante a administração de John Kennedy, após a eclosão do vulcão dos Capelinhos:

“Se a América abrisse largamente as portas, os Açores despovoavam-se. **Já faltam braços para cultivar as ilhas...**” (AID: 203)

“If America were to open its doors wide, the Azores would become depopulated. **As it is, there is a shortage of manpower for agricultural work in the islands...**” (TUI: 131)

A expressão fixa “faltam braços” é traduzida por linguagem corrente no conjunto destacado. Verifica-se que este excerto é mais explícito e extenso no texto de chegada, em prejuízo do estilo autoral, já que os recursos expressivos não constam da tradução. No texto de partida a ideia é expressa por meio de duas sinédoques: “braços” por agricultores e “ilhas” por terrenos agrícolas. Quanto à primeira sinédoque, no texto de chegada não temos a parte, mas o todo (“manpower”), perdendo-se o efeito estilístico. A segunda sinédoque – o todo das ilhas pela sua parte: os terrenos, só aparentemente se encontra na tradução, pois, na realidade, o que é dito não é que não se cultivam as ilhas, mas sim que falta quem faça trabalho agrícola nas ilhas, remetendo-se de forma direta para os campos em si.

É globalmente conhecido o anual massacre a golfinhos levado a cabo nas ilhas Faroé, mas o facto de já ter havido uma tradição semelhante em terras açorianas é algo ignorado pelo público. Em nenhuma das fontes consultadas se encontrou referência à tradição picarota que consistia em encurralar os golfinhos, empurrando-os para terra em barcos de pesca para depois

⁴⁶ No artigo “Criação da Secção de Etnografia do Museu Carlos Machado”, a professora Margarida Oliveira estabelece essa correlação ao citar Armando Côrtes-Rodrigues no artigo “A Literatura Regionalista e o Congresso Açoriano”: “A pouco e pouco o povo vai perdendo a Poesia das suas tradições, o encanto dos seus trajes e a moral do seu feitio” (Côrtes-Rodrigues, 1921, in Oliveira, 2006: 238). Imediatamente após as palavras do etnógrafo, Margarida Oliveira explicita a causa dessa perda: “Na base desta transformação encontrava-se a emigração, com tendência a transformar as raízes mais profundas da nossa Cultura.” (Oliveira, 2006: 238).

serem chacinados nas águas pouco profundas, golpeados por terra e por mar (ver alínea h), tabela 14). No excerto que principia a narração desta tradição, o horrífico espetáculo é metaforicamente associado a uma tourada:

“Quando os baleeiros nas Lajes do Pico descobrem no mar os **botos** ou **moleiros**, maiores que toninhas, de cabeça romba e corpo acinzentado, oferecem-se **uma mortandade e uma tourada.**” (AID: 271)

“When the whalers from Lajes do Pico come across **dolphins** or **moleiros**, which are bigger than park porpoises, with a flat head and a gray body, these offer themselves up **in a fatal onrush.**” (TUI: 178)

“- **Aí estão os botos!...**” (AID: 272)

“**Dolphins ahoy!**” (TUI: 178)

Na tradução da passagem sobre a matança de golfinhos para divertimento da população das Lajes é reproduzido o mesmo quadro sanguinário de sofrimento dos golfinhos e atrocidade das gentes. Contudo, no primeiro dos excertos acima transcritos, algumas características do texto de partida não estão presentes no texto de chegada. A metáfora da tourada, também ela uma matança para divertimento do povo, clara no texto de partida, é apagada na tradução, usando-se uma expressão mais sintética, talvez porque o público anglófono não esteja familiarizado com touradas a ponto de as equiparar à matança dos golfinhos, quer pelo que têm de sanguinário, quer pelo que têm de festivo. Verificamos também que o nome “botos”, arcaísmo no português europeu, que denuncia o discurso popular, é traduzido pelo atual e corrente “dolphins”, mas o regionalismo “moleiros” é mantido na tradução. No segundo exemplo transcrito, ainda que “botos” seja novamente traduzido por “Dolphins”, a interjeição característica da gíria de navegação “ahoy” procura compensar o facto de se ter usado um vocábulo de uso corrente com a introdução do registo popular na exclamação. Salienta-se, ainda, que as reticências apostas ao ponto de exclamação no texto de partida, acentuando a excitação e expectativa da população, não são reproduzidas na tradução.

6.3. ARTE: PINTURA E ARQUITETURA

Correndo o risco de produzir uma secção demasiado curta relativamente às duas que a antecedem, optámos por apresentar separadamente a pintura e arquitetura e reservar a secção final à arte literária, pois as referências literárias implicam a comunicação do texto alvo de análise com outros textos da cultura ocidental, merecendo uma secção por si só. Assim, em 6.3., analisamos apenas referências a monumentos e ao traço urbano de duas cidades portuguesas e uma referência a dois pintores, pois embora o texto esteja pejado de referências

à pintura e de léxico deste campo das artes, Brandão não alude a outros artistas plásticos, é ele próprio um artista da narrativa, pincelando a obra de cor e luz.

No que à arquitetura respeita, começamos por destacar a referência a duas cidades episcopais que o autor aproxima pela abundância de edifícios eclesiásticos, Angra do Heroísmo e Braga:

“É **Braga, Braga** com mais regularidade nas ruas, mais cal nas paredes, e que lhe deu na veneta para ser **praia**, estendendo até à beira-mar os seus conventos e as suas igrejas pesadas, com um forte em cada extremidade.” (AID: 59, 60)

“It is **Braga, Braga** with greater symmetry in its streets, more whitewash on the walls **of its buildings, a Braga** that, on a whim, has become a **seaside town**, its convents and austere churches extending down to the shoreline, with a fort on either end.” (TUI: 22)

A cidade de Braga, personificada em ambos os textos, capaz de caprichos, é diretamente associada a Angra do Heroísmo, embora se distinga a principal cidade terceirense pela brancura das casas e pelo traço mais regular das ruas. Se a propósito de Angra não surpreende o facto de não se incluir qualquer nota na tradução, pois a narrativa em si já discorre sobre os Açores, o mesmo não acontece quando se verifica que Braga também não é alvo de qualquer nota por parte do tradutor, já que esta cidade, pese embora a sua longa história e considerável densidade populacional para as dimensões do nosso país, não será suficientemente conhecida para o público-alvo perceber a alusão. É possível que David Brookshaw tenha considerado que o paralelo entre as duas cidades, feito no corpo do texto, seria suficientemente claro para que o leitor percebesse a referência a uma segunda cidade portuguesa que o narrador bem conhecia, para além de não pretender tornar o texto demasiado denso com a introdução de nova nota de rodapé.

Acresce que também se destacou a negrito a expressão “of its buildings” no texto de chegada, por se tratar de informação adicionada pelo tradutor, porventura para compensar a ausência de uma nota de rodapé e desvelar em que se assemelhavam e distinguiam as duas cidades. Evidenciámos, ainda, a palavra “praia” e a respetiva tradução, “seaside town”, por resultar num afastamento do estilo do autor, isto é, ao traduzir-se “praia” pelo seu significado e não por “beach” perde-se a sinédoque, cuja expressividade enriquece o texto de partida.

No capítulo “Visão da Madeira”, encontramos novo paralelo com a realidade com que o narrador está familiarizado. Neste caso, encontramos uma referência ao monumento mais célebre da cidade do Porto, a Torre dos Clérigos:

“até à calçada a pique, onde os bois estacam segurando o carrito sem rodas, como se descessem a prumo a **Torre dos Clérigos.**” (AID: 295)

“until the steep track, where the oxen serve as a break for the little cart without wheels, as if they were descending the sheer face of the **Clérigos Tower**.²⁰

²⁰ The tower of the eighteenth-century Clérigos church in Oporto is one of the landmarks of Brandão’s native city (translator’s note).” (TUI: 195)

Após a visita ao Monte, Raul Brandão segue para Nordeste, transportado no carro de bois típico da Madeira. Vai percorrendo os caminhos íngremes, cortados a pique, que o levarão ao Faial, freguesia do município de Santana, passando pelas montanhas luxuriantes que circundam Poiso e Ribeiro Frio. Aí, equipara uma descida mais abrupta, ao ato (inexequível) de descender verticalmente a fachada da Torre dos Clérigos. É certo que Brandão é natural da Foz, daí que a inclinação da calçada lhe lembre um monumento que bem conhece, mas é de notar que o leitor português está também familiarizado com este marco arquitetónico portuense, pelo que a comparação feita é transparente. O mesmo não acontece com o leitor da língua de chegada. Assim, o tradutor insere uma nota de rodapé a respeito da Torre dos Clérigos, acrescentando também a informação de que o autor é natural da cidade do Porto. Devido ao facto de o leitor da cultura-alvo não estar, presumivelmente, familiarizado com esta torre, o tradutor adiciona também uma curta descrição da mesma - “sheer face” – que se presta a salientar que a fachada é completamente vertical, validando a comparação com a calçada de Ribeiro Frio, na ilha da Madeira.

A título de curiosidade, é interessante assinalar que *As Ilhas Desconhecidas* contém exatamente trinta ocorrências das palavras “quadro” e “tinta/s”. Se a estes nomes juntarmos “tela”, “pincel”, “pintor”, “cenário”, também repetidos ao longo do texto, torna-se clara a abundância de termos do campo lexical da pintura. Porquê, então, fazer referência apenas a dois pintores? É que na nota de abertura “Em três linhas” em que o próprio autor que lamenta “não poder (...) pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nos leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos” (AID: 43) está já contido o prenúncio de que não será senão Brandão o artista impressionista que fará justamente aquilo que não almeja intentar.

Já nos referimos várias vezes à parte do capítulo “O Pico” em que se descreve “O Dia dos Cornos”, celebrado a vinte e cinco de abril. O escárnio profano, o exotismo cénico e a perplexidade causada ao narrador e ao leitor marcam de tal forma esta passagem que a tornam riquíssima em termos de léxico, semântica, tradições e referências culturais, daí que tornemos novamente a estas páginas. A festa que se prolonga noite dentro e em que se ouvem “os brados,

os gritos, a risota” e em que “o delírio cresce” (AID, 166) lembra cenas de quadros do pintor Barroco Peter Paul Rubens (1577-1640) e de outros pintores da Escola da Flandres:

Eu já vi isto – melhor que nas quermesses de Rubens, onde homens e mulheres em pêlo se escancaram de riso – nos quadros flamengos do sabat, em que o diabo feito bode preside a cenas nocturnas de delírio e velhas feiticeiras chegam pelos ares montadas em cabos de vassoura. (AID: 167)

I have already seen this - even better in Rubens's feasts, where naked men and women roar with laughter - in the Flemish paintings of the 'Sabbath', in which the devil in the form of a goat presides over nocturnal scenes of delirium and old witches fly through the air riding on broomsticks. (TUI: 102)

A referência a cenas de devassidão e desgraça representadas quer nas telas de Rubens, como a *Queda do Inferno dos Malditos* (1577) ou *A Queda dos Malditos* (1620), quer noutros quadros do mesmo período estético de pintores da Escola de Antuérpia que reproduziram a cena do Sabat das Bruxas, como *Hecate: Procession to a Withces' Sabbath* (1620), de Jusepe de Ribera (1591-1652), presta-se a ilustrar o deboche e a profanidade que caracterizavam a festa do “Dia dos Cornos” na ilha do Pico. Esta comparação com as cenas infernais dos pintores flamengos é feita de forma muito similar nos dois textos, não havendo acréscimo de informação relativamente àquela que é fornecida pelo autor.

Finda a descrição da festa, o autor procura encontrar as motivações para o comportamento da população, concluindo que será o resultado de um ano inteiro de resignação e obediência à regra que leva à necessidade de um dia para extravasar (ver alínea b), tabela 15); ou então, trata-se de uma herança dos primeiros povoadores da ilha:

“ou são os primeiros habitantes flamengos da ilha que espreitam pelos olhos dos vivos e os obrigam a **gestos seculares**?... (AID: 167)

“or is it the first Flemish settlers on these islands peering through the eyes of the living, and impelling them to carry out **acts of profanity**?...” (TUI: 102)

Seguindo-se este exemplo ao vívido e perturbador retrato da festa, saído de uma noturna tela de Rubens, Brandão apresenta uma das possíveis origens dos festejos de forma eufemística, depreendendo-se pelo emprego de “gestos seculares” o pendor crítico que pesa sobre as ações de quem primeiramente residiu na ilha. No exemplo traduzido não há qualquer eufemismo:

David Brookshaw torna esta passagem mais explícita, denunciando direta e abertamente os atos profanos dos povoadores oriundos da Flandres.

Na descrição da “Ilha Azul” deparamo-nos com nova referência às artes plásticas e a um ilustrador, o francês Gustave Doré (1832-1883), na qual, embora haja uma envolvimento bucólica, se podem também encontrar tons soturnos:

Paro assombrado diante dos cenários uns atrás dos outros, erguidos **no ar** e dissolvidos **no ar**, dos valezinhos, que parecem ainda mais isolados e concentrados, mais fundos, que rochas temerosas defendem e esmagam, e por onde deve correr no Inverno a torrente com um rebramir furioso. É a realidade ou a névoa?... São paisagens de **Doré** - sítios ao mesmo tempo atropelados, bravios e poéticos. Um caos com pormenores líricos. (AID: 296, 297)

I pause, awestruck before the scenes, one after the other, rising **into the air** and dissolving, the narrow valleys that seem even more isolated and compact, even deeper, protected and crushed by fearsome rocks, and through which torrents must flow with an angry roar during winter. Is it reality or mist?... These are landscapes by **Doré** - places at once tormented, untamed, and poetic. A chaos with some lyrical touches. (TUI: 196)

Contribuindo para o estilo impressionista da obra, a descrição da natureza nesta passagem remete para o campo da pintura. As paisagens mais inóspitas do Norte da ilha do Faial, nas quais os efeitos dos elementos da natureza são mais visíveis, são metaforicamente associadas às lúgubres gravuras de Gustave Doré. A referência cultural é mantida como na fonte, não se acrescentando qualquer informação adicional, visto tratar-se de um desenhista francês bastante ilustre.

De salientar, ainda, que há uma repetição que é omitida na tradução. A reiteração de “no ar” não é um mero capricho retórico do autor, presta-se a ressaltar a sucessão rápida de cenários resultante, não só da geografia do Faial, como também do facto de ser esta uma das poucas ilhas que o autor visita de automóvel, pelo que a observação das paisagens segue uma cadência mais rápida, desaparecendo as primeiras à vista das que se lhes seguem.

6.4. LITERATURA: INTERTEXTUALIDADE

À semelhança de outros conceitos aqui discutidos, a noção de intertextualidade é complexa e plural, tendo sido usada com aceções distintas consoante as visões de diferentes teóricos. Segundo Sakellariou (2020: 266), Julia Kristeva, que cunhou o termo em finais dos anos 60, remete para as permutas intertextuais que se estabelecem ordinariamente entre os textos, estabelecendo-se um diálogo em que são transpostos signos de um sistema para outro. Barthes, ainda que forneça uma definição mais concreta de intertextualidade, reporta-se também ao termo de forma abrangente. Sakellariou (2020: 266) salienta que, para ele, nenhum autor é verdadeiramente original, limitando-se a imitar textos anteriores, na medida em que todo o discurso tece uma teia de relações com outros discursos que o precederam. Inversamente, Genette restringe o âmbito da intertextualidade à presença de um texto noutra texto, isto é, à existência de alusões, citações, paráfrases, plágios (Genette, 1997).

Na presente dissertação, discorreremos sobre referências intertextuais do tipo das que Genette identificou, logo não serão identificadas relações intertextuais no sentido lato, isto é, no sentido em que qualquer texto é produto de um determinado sistema linguístico, cultura e momento histórico-social e, portanto, é sempre possível desvelar influências de outros textos que com ele partilhem uma ou mais dessas condicionantes. Servir-nos-emos do conceito de intertextualidade relativamente a referências diretas e alusões claras a outros textos e autores que figurem n' *As Ilhas Desconhecidas*.

Principiamos pelas referências literárias externas à cultura de partida, isto é, que não dizem respeito à literatura portuguesa. Os exemplos em que atentaremos denunciam as preocupações sociais do autor da obra, consistindo numa reflexão que parte da teoria do contrato social formulada por Rousseau:

“Ao contrário do que diz Rousseau, o que nós temos a fazer é arredar a natureza para confins ilimitados e tender para o homem ideal. Deus nos livre do homem **descarnado, sós a sós** com a sua tragédia,” (AID: 83)

“Contrary to what Rousseau says, what we must do is to expel nature to the farthest limits and focus on ideal man. God deliver us from **unadulterated** man, **left to his own devices** in the face of his tragedy,” (TUI: 38)

“**O preto, num meio ubérrimo**, não foi **condenado** - este homem é que foi **condenado** à solidão e ao **trabalho**.” (AID: 83)

“**The black man, surrounded by abundance**, never **experienced such a curse** - it was this man here who **was doomed** to solitude and **toil**.” (TUI: 39)

Em primeiro lugar, note-se que nenhum dos textos faz qualquer esclarecimento acerca de Rousseau, subentendendo-se que os leitores de ambas as culturas estão familiarizados com este filósofo humanista.

Brandão, contesta aqui a premissa de Jean Jacques Rousseau (1712-1778) de que todo o homem é bom por natureza. Confrontado com as dificuldades que o homem corvino enfrenta no seu tempo e com as agruras que enfrentou durante séculos, encontra naqueles homens algo de animal, uma ausência, uma “ânsia” que eles mesmos “não sabem interpretar” (AID: 82), mas que o autor atribui ao facto de a sua vida não ser mais do que uma sucessão de tarefas, onde o sonho não tem lugar (ver alínea b), tabela 16). Nos parágrafos anteriores o autor já caracterizara os Corvinos como “figuras trágicas”, escravos do Tempo, sob cujo “domínio todos caminham, repetindo os mesmos gestos e as mesmas palavras, e arrastando o mesmo fardo sem levantarem a cabeça nem desatarem aos gritos.” (AID: 82).

As preocupações sociais e humanas estão igualmente patentes na tradução, mas a tragicidade da existência dos corvinos não assoma com tanta intensidade, em face da escolha de alguns dos vocábulos. Repare-se que “O preto” é traduzido por “The black man”, isentando a versão inglesa da conotação racial negativa que o vocábulo português contém. O adjetivo “descarnado” e a expressão “sós a sós”, na primeira citação contêm uma crueza que falta a “unadulterated” e a “left to his own devices”, léxico mais cuidado. O mesmo acontece com “ubérrimo” no segundo exemplo, verificando-se que o uso do adjetivo no grau superlativo absoluto sintético é mais impactante do que o nome “abundance”, ainda que precedido pelo participio passado “surrounded” que procura aumentar o alcance dessa abundância. Por outro lado, na mesma frase pode encontrar-se “toil” um vocábulo mais expressivo do que o nome que figura no texto de partida. É que “toil” não é qualquer “trabalho”, mas trabalho árduo. Assim, procura-se compensar o uso de linguagem mais cuidada em determinadas passagens com a introdução de uma palavra mais dura, concernente com a aspereza das vivências da população corvina. Note-se, ainda, o facto de “condenado” ser traduzido de duas formas distintas – “experienced such a curse” e “was doomed” – por forma a evitar a repetição.

Após teorizar a respeito da filosofia de Rousseau, Brandão reflete sobre o progresso civilizacional, partindo de uma afirmação de Chateaubriand:

Será então Chateaubriand que tem razão quando diz esta coisa **horrível**: - «É certo que ninguém pode gozar de todas as faculdades do espírito senão quando se desembaraça dos cuidados materiais da existência – o que só é possível nos países onde os ofícios e as ocupações materiais são exercidas por escravos» -? (AID: 83)

Perhaps Chateaubriand is right when he makes the following **outrageous** statement: «What is certain is that no one can enjoy all the faculties of his spirit alone, unless he free of the material concerns of his existence – which is only possible in those countries where material tasks and activities are carried out by slaves.» (TUI: 39)

Embora ambos os textos confluem no essencial, certas expressões na tradução denunciam divergências de interpretação relativamente à problemática da existência. Primeiramente, Raul Brandão questiona-se quanto à possibilidade de a afirmação de Chateaubriand, a qual considera “horrrível” por afigurar-se verdadeira. Na tradução, não há autoquestionamento (o ponto de interrogação é, inclusivamente, substituído por um ponto final), mas o advérbio “perhaps” coloca também a asserção do escritor francês no campo das possibilidades. Além desta diferença na estrutura frásica que decorre da transformação de uma frase interrogativa numa frase afirmativa, assinalamos também que o adjetivo escolhido para qualificar a afirmação é “outrageous”, que revela sublevação e indignação, quando no texto de partida as emoções do narrador são o horror e a repulsa.

Analisemos, pois, algumas das conclusões a que chega o autor após refletir sobre as palavras de Chateaubriand:

“Toda a civilização é um produto de dor. **Para manter a vida artificial sem a qual não podemos passar,**” (AID: 83)

“All civilization is the product of pain. **In order to sustain a life of culture, without which we cannot excel,**” (TUI: 39)

“Já não concebemos a vida sem arte, sem livros de capa amarela, sem **bodegas de teatro** – até ao dia do terramoto universal.” (AID: 84)

“We can no longer conceive of life without art, without fine-quality books, without **theatre auditoria** – this side of Armageddon.” (TUI: 39)

“Mas era preciso perguntar aos **desgraçados** qual a sua opinião,” (AID: 84)

“But we need to ask **those less fortunate** for their opinion,” (TUI: 39)

A tradução de “vida artificial” por “life of culture” implica uma interpretação por parte do tradutor que terá procurado veicular o sentido da expressão neste contexto, ao invés de optar pela tradução literal “artificial life”. Apesar desta interpretação se mostrar semanticamente adequada, a aceção veiculada no seguimento desta expressão torna-se eufemística na tradução quando confrontada com o texto de partida visto que se faz corresponder “without which we

cannot excel” a “sem a qual não podemos passar”, isto é, o texto de Brandão diz-nos que o Homem não pode viver sem a civilização, ao passo que o texto de David Brookshaw refere somente que o Homem não pode vingar, suplantar-se sem a civilização.

Ligeira diferença de sentido há, igualmente, entre as humildes e despretensiosas “bodegas de teatro” e os “theater auditoria”, a que o uso do latinismo contribui para elevar o registo.

No último exemplo deste grupo, é visível novo eufemismo na tradução de “desgraçados” por “those less fortunate”. No nosso entender, esta expressão que amplia o adjetivo usado no texto de partida não ilustra com veemência suficiente as preocupações sociais de Raul Brandão, cuja inquietação face às condições de vida dos menos afortunados é temática unificadora de toda a sua produção literária.

Mais adiante no texto, no capítulo “Homens e Barcos”, a propósito da Graciosa, surge nova referência a este autor:

“É uma ilha ilustre e literária. Dela fala Chateaubriand nas *Memórias* e nas *Revoluções Antigas*,” (AID: 212)

“It is an illustrious literary island. Chateaubriand talks of it in his *Memoirs from beyond the Tomb* and in his *Essai sur les revolutions*,” (TUI: 137)

Neste exemplo, inserido numa passagem elogiosa sobre a Graciosa e as suas gentes letradas que lutam pelos seus direitos, o autor alude a duas obras de Chateaubriand e, também na mesma frase, a escritos de Almeida Garret sobre esta ilha, na época das lutas liberais (ver alínea f), tabela 16).

Em primeiro lugar, notamos que a conjunção coordenativa copulativa “e” foi suprimida na tradução, o que torna “literary” o nome ao qual “illustrious” se refere, quando no texto de partida “ilustre” e “literária” são ambas palavras usadas como adjetivos qualificativos de “ilha”. Mais relevante, porém, é o facto de a segunda obra de Chateaubriand, cujo título se encontra traduzido para português no texto de partida, ser designada pelo título original no texto de chegada. A presença da língua francesa no texto de chegada, cuja reminiscência se encontra no primeiro título através do francesismo “memoirs”, derivado do francês “mémoires”, embora ausente da mesma passagem do texto de partida, não colide com o estilo autoral. Brandão revela a sua vasta cultura em vários outros pontos do texto e os empréstimos são pontualmente usados, pelo que a heterogeneidade linguística aqui patente poderá ser encarada como uma forma de compensar outros trechos em que *As Ilhas Desconhecidas* contém, por exemplo, anglicismos já que, não havendo necessidade de os verter para a língua de chegada, em *The Unknown Island* figuram como exemplos de apagamento do heterolinguísmo. O recurso ao título original em *Essai sur les revolutions* poderá, ainda, ser

indicativo do público-alvo desta tradução e da coleção em que se insere: leitores do meio acadêmico, com vasta cultura literária.

Na descrição da beleza bucólica da freguesia das Furnas, no capítulo “As Sete Cidades e as Furnas”, pode ler-se uma referência ao autor francês do século XIX Alphonse Daudet (1840-1897). Citamos dois exemplos dessa passagem, um deles antecedendo a alusão a Daudet, visto que a contextualiza:

“uma falsa tranquilidade, o ar de quem faz isto com espalhafato para nos iludir e atordoar – talvez para nos apanhar desprevenidos... **Mas eu tranquilo é que não durmo em cima do vulcão...** (AID: 244, 245)

“a false tranquility, the air of one who does this ostentatiously in order to delude us and leave us dizzy – possibly to catch us unawares... **But I am calm and collected, and I am certainly not going to sleep on top of a volcano...** (TUI: 159)

“Lembro sempre, e tenho-a diante de mim, aquela floresta de Daudet que acaba por devorar uma vila.” (AID: 245)

“I always remember, and I can see it right in front of me, that forest of Daudet’s which ends up devouring a town.” (TUI:159)

Começamos por notar que no primeiro exemplo a expressão destacada a negrito tem sentido oposto nos dois textos. No texto de partida, o narrador afirma que não seria capaz de dormir tranquilo nas Furnas, justamente por estar em cima de um vulcão ativo. Na tradução, o narrador assume-se calmo, tranquilo e ciente de que não dormiria em cima de um vulcão.

Relativamente a Daudet, é importante assinalar que não é fornecida na tradução qualquer informação adicional sobre este escritor naturalista, fornecendo-se para tal duas possíveis explicações: ou o tradutor não quis adicionar à descrição notas ou segmentos textuais parentéticos, acrescentando simultaneamente à densidade e à divergência relativamente ao texto de partida; ou ter-se-á depreendido que o leitor da cultura de chegada teria sensivelmente o mesmo grau de familiaridade com a referência literária (o conto *Wood’s town*) que o do leitor da cultura de partida.

Na página 300 de *As Ilhas Desconhecidas* e 198 de *The Unknown Islands* volta-se a mencionar Daudet, desta feita, crê-se que se tratará de uma referência ao romance *Tartarin de Tarascon*, em que a ação, ou parte dela, é passada em Argel, cujos jardins são comparados aos da ilha da Madeira por partilharem o mesmo apelo à lassidão e estado contemplativo.

Dante Alighieri (1265-1321) e o seu poema épico *A Divina Comédia* são mencionados para melhor ilustrar a visão que o narrador tem da Gruta dos Enxaréis, na ilha das Flores.

Transcrevemos três exemplos da descrição da gruta que permitem perceber em que medida é associada ao inferno dantesco:

“A Gruta dos Enxaréus (**Flores**) abre para o mar a grande boca negra. Pedra, abóbada escura, estreada de branco com **relevos bordados** a preto.” (AID: 273)

“The Enxaréus Cave, **on Flores**, opens its gapping black mouth onto the sea. Rocky, a dark dome, strict with white and **crisscrossed** with black ridges.” (TUI: 179)

“em baixo, na água dum azul carregado, nadam milhares de **enxaréus**” (AID: 273)

“down below, in the deep blue water swim thousands of **black-tailed trevallies**” (TUI: 180)

“Na caverna de pedraria trágica, que parece a entrada do **inferno de Dante**, repercute-se o eco das vozes num tom que põe medo.” (AID: 273)

“In this dramatically rocky cavern, which looks like the entrance to **Dante’s Inferno**, voices reverberate in a chilling echo.” (TUI: 180)

A descrição da Gruta dos Enxaréus, que surge no capítulo “Atlântico Açoriano”, pinta em poucas linhas um retrato vívido de uma natureza prolífica, porém dramática, em resultado da escuridão das águas ensombradas pela rocha e da grande densidade da população de enxaréus, formando uma massa compacta que mal deixa entrever o oceano. Ainda que esse misto de pasmo e receio pela vida que pulula na gruta esteja igualmente presente na tradução, assomam algumas diferenças estilísticas. Na primeira transcrição notamos que a informação parentética que fornece a localização da gruta, dá lugar a um grupo preposicional colocado entre vírgulas e também que a expressividade do particípio passado “bordados”, apontando para o engenho da própria natureza, não cabe em “crisscrossed” que apenas revela o padrão da rocha e não a forma como lá foi gravado.

Verifica-se que o nome da gruta não é traduzido, mas no segundo exemplo, quando se menciona o peixe que dá nome à gruta, encontramos a tradução “black-tailed trevallies”. No entanto, o leitor da cultura-alvo não é esclarecido quanto ao facto de a gruta ter o mesmo nome do peixe, ignorando esse facto.

No seguimento do texto, esta gruta é comparada à entrada para o Inferno de Dante. Tal como no texto de partida, a referência ao inferno de Dante no texto de chegada carece de nota de rodapé ou explanação no próprio texto (à semelhança do que acontece com os restantes autores que não fazem parte da literatura portuguesa) por se tratar de uma obra que integra o cânone clássico, suficientemente conhecida em ambas as culturas.

A última referência literária com que nos deparámos no decurso da análise da obra foi a *Paulo e Virgínia*, romance do escritor francês Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814):

“Vivem ali juntinhas e abrigadas, a anã mais baixa, a oiro e a prata que deita o tronco mais alto, e lá em cima um penacho de folhas decorativas que lembram **Paulo e Virgínia**.” (AID: 299)

“They live cozily together in this sheltered spot, the dwarf much shorter, the gold and silver one, whose trunk grows much taller, and which has a plume of decorative leaves at the top, reminiscent of a scene from *Paul et Virginie*.” (TUI: 197, 198)

Esta e outras referências antecedentes, a Doré, Rousseau, Chateaubriand, Daudet, denotam a influência e o relevo da cultura francesa na época de Raul Brandão. Em ambos os textos é claro o paralelo estabelecido entre as plantações de bananeiras na ilha da Madeira e o cenário exuberante da ilha Maurícia, espaço da ação do romance de Bernadin de Saint-Pierre ao qual se alude. Como acontece com as referências literárias até agora apresentadas, não é fornecida na tradução qualquer contextualização para além do que o autor refere. É igualmente relevante notar o facto de o título da obra – “*Paulo e Virgínia*” – ser traduzido no texto de partida, mas na tradução surgir o título original, em francês, não obstante existir uma tradução inglesa desta obra. Anteriormente, já havíamos discutido esta opção a propósito da referência a obras de Chateaubriand e consideramos que se possa apontar as mesmas razões – notoriedade universal do autor e da obra e/ ou estratégia de compensação do apagamento do heterolinguísmo noutros pontos do texto, introduzindo-o nesta passagem – para a presença da língua francesa no exemplo mencionado. Salienta-se, ainda, que o lirismo da descrição do espaço circundante é mantido na tradução, o que pode ser comprovado pela consulta da passagem transcrita na alínea k) da tabela 16.

Quando Brandão se reporta a escritores e a textos estrangeiros, o tradutor não adiciona qualquer informação sobre esses autores ou sobre as suas obras, mas esta tendência não se verifica no que a obras nacionais diz respeito, com exceção da referência a Garrett, autor sobre o qual não é inserida qualquer nota de rodapé na tradução, como veremos adiante.

A primeira referência não diz respeito a um texto literário, mas à transcrição de um excerto do testamento do estadista e político português da Regeneração Mouzinho da Silveira (1780-1849):

*Quero que o meu corpo seja sepultado no cemitério da **ilha** do Corvo, a mais pequena **ilha** dos Açores, e se isto não puder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamenteiro carregar com esta trabalhadeira (...)* (DO TESTAMENTO DE MOUSINHO DA SILVEIRA) (AID: 71)

*I want my body to be buried in the cemetery of Corvo, the smallest **Island** in the Azores, and if, for some reason, this is not possible, or even **if the executor of my will cannot be bothered to carry out this task** (...) (FROM THE WILL AND TESTAMENT OF **MOUZINHO** DA SILVEIRA) (TUI: 30)*

É esta citação que Brandão escolhe para abrir o capítulo “O Corvo”. A tradução reproduz integralmente, mantendo o grafismo: as palavras do ministro da Fazenda do Reino surgem em itálico, com espaçamento relativamente ao restante texto, e a referência bibliográfica encontra-se entre parênteses, em letras maiúsculas. Não obstante esta semelhança na apresentação, é possível detetar uma diferença a este nível: a grafia adotada para “Mousinho” não corresponde ao português atual, mas sim ao do século XIX, sendo a forma usada pelo próprio autor do testamento quando o firmou a doze de março de 1849. No texto de chegada, porém, optou-se pela grafia atualmente em vigor na língua portuguesa. Destacámos também o nome “ilha” por se encontrar repetido no texto de partida, ao passo que no texto de chegada “Island” tem uma única ocorrência nesta mesma passagem. Por último, demarcou-se a negrito todo o final da citação em ambos os textos, por se tratar de um caso de enobrecimento (Berman, 1997: 47) do texto traduzido, dado que a escolha de formas verbais (“querer”; “carregar”) e de nomes coloquiais (“testamenteiro”) e populares (“trabalheira”) dá lugar na tradução a um registo mais cuidado, tal como atestam os seguintes vocábulos: the executor of my will; be bothered to; carry out; task.

As restantes referências bibliográficas portuguesas mencionadas na obra pertencem ao campo da literatura. No capítulo sobre as Flores – “A Floresta Adormecida” – os habitantes daquela ilha remota e retrógrada lembram ao autor tipos queirosianos:

“Certos **seres mortos** na minha mocidade, e que eu não sabia onde se tinham metido, foram desterrados para as Flores.” (AID: 109)

“Certain **people** who had **disappeared** in my youth, and of whose whereabouts I was unaware, have been banished to Flores.” (TUI: 59)

Até personagens de romance! Até a D. Felicidade de Eça aqui habita e exala os seus gases, e outras damas antediluvianas com broches ao pescoço e barrigas tão grandes como já hoje não existem barrigas no mundo! (AID: 109, 110)

Even characters from novels! Even **Eça's Dona Felicidade** lives here, with her bouts of wind, and other antediluvian ladies with brooches at their neck and bellies larger than any bellies one sees elsewhere nowadays! ⁹

⁹ José Maria de Eça de Queirós (1845-1900) was Portugal's greatest exponent of realism in the novel. The bigoted, superstitious Dona Felicidade is a character in his novel, *O Primo Basílio* (1878) (translator's note) (TUI:59)

O primeiro dos dois exemplos contribui para a caracterização e tipificação dos florentinos: um povo perdido no tempo, eco de gerações anteriores. Esta ideia de reminiscência do passado no caráter dos habitantes das Flores, de uma forma de estar e de se apresentar que já não tem lugar no Portugal da década de 1920, extinta na “mocidade” do autor, não é tão flagrante no texto de chegada quanto no de partida, isto porque o tradutor de serve de um eufemismo para aludir ao cariz antiquado dos Florentinos. Afirmar que os “seres” que se lhe deparam já estavam “mortos” quando era jovem transmite uma ideia de absoluto anacronismo, não sendo o mesmo que dizer apenas que desapareceram na sua juventude (“disappeared in my youth”).

Sendo a mocidade do autor em finais do século XIX, não espanta que aqueles tipos anacrónicos lhe recordem personagens de romances de Eça de Queirós (1845-1900). Uma senhora em específico, possivelmente por ser obesa e sofrer de dispepsia, lembra-lhe D. Felicidade, personagem do romance realista *O Primo Basílio*. Sendo Eça um ficcionista incontornável da literatura portuguesa, David Brookshaw reserva-lhe uma nota de rodapé, na qual explica ao leitor da cultura-alvo quem foi o romancista português. Esclarece ainda quem é D. Felicidade e qual o romance em que figura. De notar, ainda, que no texto de chegada a forma de tratamento “Dona” é mantida em português, mas não é abreviada. Quanto ao nome “Basílio”, é curioso notar que o tradutor procedeu de forma inversa àquela que norteou a reprodução do excerto do testamento de Mouzinho da Silveira, ou seja, enquanto na página 30 de *The Unknown Islands* optou por atualizar a grafia de Mouzinho, nesta nota redige Basílio com a letra Z, a grafia corrente na altura da primeira edição desta obra queirosiana.

Também a referência a uma personagem da epopeia camoniana logra uma nota de rodapé por parte do tradutor:

É mais que uma ilha – é uma estátua erguida até ao céu e amoldada pelo fogo – é outro **Adamastor** como o do **cabo das Tormentas**. (AID: 179)

It is more than an island – it is a statue raised to the sky and shaped by fire – it is another **Adamastor**,¹⁵ like that of the **Cape of all the Storms**.

¹⁵ Adamastor, the giant of Greek mythology turned to stone by Doris for falling in love with her daughter Tethys, was used to personify the Cape of Good Hope by Camões, in his epic poem, *Os Lusíadas* (1572) (translator’s note).” (TUI: 113)

Confrontado com a paisagem inóspita e negra do Pico, em que avulta a imponente montanha, o autor estabelece uma comparação entre esta ilha e Adamastor, remetendo para o Canto V d’*Os Lusíadas* de Luís de Camões (1524-25 – 1580). Por sua vez, a obra épica de Camões dialoga frequentemente com textos clássicos greco-latinos e, neste caso, recupera a figura mítica do gigante Adamastor, transformado em cabo como castigo pela sua sublevação contra os deuses.

No texto de chegada, tanto a referência intertextual quanto a associação da costa rochosa do Pico ao Adamastor são explicadas em nota de rodapé, fazendo-se referência às origens da figura mitológica e ao cabo que ele personifica n’*Os Lusíadas*, bem como ao seu autor – Camões – e à gênese da obra (“epic poem”). Salienta-se, contudo, que o antigo “Cabo das Tormentas”, cujo nome foi cunhado pelo navegador português Bartolomeu Dias⁴⁷, ficou conhecido em inglês por Cape of Storms, desconhecendo-se a razão pela qual terá o tradutor acrescentado “all the” antes de “Storms”, uma vez que não contribui para esclarecer o leitor da língua-alvo quanto ao cabo de que se trata.

Neste exemplo, inserido numa passagem elogiosa sobre a Graciosa e as suas gentes letradas que lutam pelos seus direitos, o autor alude a duas obras de Chateaubriand e, também na mesma frase, a escritos de Almeida Garret sobre esta ilha, na época das lutas liberais (ver alínea f), tabela 16).

Na sequência da menção a Chateaubriand e às obras em que este autor menciona a Graciosa, surge uma referência a Almeida Garrett (1799-1854):

“**e Garrett** habitou numa destas casinhas, no tempo da expedição de **D. Pedro**.” (AID: 212)

⁴⁷ Bartolomeu Dias liderou uma expedição com a finalidade de descobrir uma rota marítima para a Índia, após várias tentativas infrutíferas de expedições anteriores. Em 1488, enfrentou vários dias de forte tempestade no extremo sul da África, até que, passadas muitas tormentas, dobrou o cabo, chegando ao oceano Índico. O monarca D. João II reprovou o nome o capitão da expedição lhe dera, apelidando-o de Cabo da Boa Esperança, na sequência do sucesso de Bartolomeu Dias, não obstante, a escolha do capitão português popularizou-se e foi traduzida de forma literal para várias línguas (inglês, holandês, afrikaans).

“and **Garret** lived in one of the cottages there at the time of **Dom Pedro's expedition.**”
(TUI:137)

Além de poeta, dramaturgo e romancista, Garrett, acérrimo defensor do liberalismo, assumiu destaque na política portuguesa, tendo, inclusivamente, participado na revolução liberal de 1820 e, posteriormente, integrado o corpo académico de voluntários que, partindo da ilha Terceira, desembarcaram no Mindelo e libertaram, em 1832, o Porto do domínio miguelista. A ligação do autor romântico aos Açores precede as lutas liberais, já que Garrett fora educado na Terceira, onde a sua família se refugiou aquando das invasões napoleónicas. Para além de estudar sob a alçada de seu tio D. Frei Alexandre da Sagrada Família, Bispo de Angra, passou também uma temporada na Graciosa, em 1814, onde outro tio, João Carlos Leitão, exercia as funções de Juiz de Fora. Foi aí, na mais pequena ilha do grupo central, que escreveu os primeiros versos, pelo que a alusão a Almeida Garrett a respeito da Graciosa seja bastante significativa numa obra que se presta a tornar conhecidas as ilhas dos Açores. Assim, não deixa de ser intrigante o facto de não se fornecer qualquer elucidação a respeito de Garrett ou da revolução liberal liderada por D. Pedro. Terá David Brookshaw menosprezado o relevo de Garrett nesta passagem ao não lhe reservar uma nota de rodapé, como acontece com outros autores portugueses, ou será este um indicador do público-alvo desta tradução e da coleção em que se insere: leitores do meio académico, com grande cultura literária e conhecimentos da história de Portugal? Inclino-nos mais para a segunda hipótese, dada a, já mencionada, cultura e formação do próprio tradutor, acrescentando outro fator que, possivelmente, contribuiu também para esta omissão: a referência a Garrett não é acompanhada de intertextualidade com qualquer das suas obras ou personagens em particular, contrariamente ao que sucede com Eça ou Camões.

Do poeta que se segue, Antero de Quental (1842-1891), também não é mencionada a obra. Não obstante, o texto de chegada contém uma nota de rodapé a seu respeito:

Esta impressão talvez a sentisse **Antero**, porque foi aqui num banco encostado à muralha, que, depois de olhar para todos os lados sem poder fugir, se libertou da vida.” (AID:229)

This, perhaps, was the impression left on **Antero**,¹⁹ for it was here, sitting on a bench under its walls, that, after looking everywhere for a way out, he released himself from life.

¹⁹ Antero de Quental (1842-91) was a philosopher and poet from the Azores. He committed suicide in his native city of Ponta Delgada (translator's note)" (TUI:148)

Na visita a Ponta Delgada, o Convento da Esperança causa em Brandão uma “impressão” pungente, pois “mais forte, mais pesado que uma prisão, oprime o peito e tira o ar”. A imponência da torre, que lhe parece “construída para a eternidade”, e as grades das janelas chegam a meter-lhe medo (AID:229). É esta sensação opressiva que permite ao autor d’*As Ilhas Desconhecidas* compreender emocionalmente Antero que se suicidou nas imediações deste convento. É notória na tradução a preocupação com a manutenção do estilo do autor, uma vez que a comparação entre o Convento da Esperança e uma prisão é mantida no texto de chegada, assim como a sugestão da “impressão” negativa que o local desperta no narrador e o eufemismo que alude ao suicídio de Antero. Sendo este um nome incontornável da literatura e cultura portuguesa e açoriana, o tradutor inclui uma breve nota de rodapé sobre Antero de Quental.

A última referência literária diz respeito à literatura oral e à cultura açoriana:

“Ali deve estar **a princesa encantada da lenda**, em que tanto ouço falar, escondida no fundo das águas, emergindo nas noites túmidas de lua para tomar posse do seu reino...” (AID: 233)

“**The enchanted princess of the legend** I hear so much about must dwell there, hidden beneath the waters, emerging on nights pregnant with moonlight to take possession of her realm...” (TUI: 152)

A referência à Lenda das Sete Cidades, protagonizada pela Princesa de olhos azuis e pelo Pastor de olhos verdes cujas lágrimas terão dado origem à lagoa sita nesta localidade, não é alvo de qualquer explanação ou nota de rodapé por parte do tradutor. É verdade que a alusão a esta lenda poderá intrigar o leitor da língua de chegada que não compreenderá na íntegra esta descrição, mas o mesmo deverá ter acontecido com o leitor português do tempo de Brandão, já que o autor pouco diz acerca dela. Muito embora seja razoavelmente conhecida em Portugal continental hoje em dia, dado o turismo crescente a que a região autónoma tem assistido na última década, esta lenda da tradição oral açoriana não estaria tão divulgada quando *As Ilhas Desconhecidas* foram primeiramente publicadas, mesmo porque Brandão dá a entender, pelo uso do presente do indicativo “ouço”, que teve conhecimento da lenda *in loco*.

É interessante assinalar que a poeticidade da imagem transmitida pelo autor perpassa inteiramente na tradução desta passagem, com adjetivos igualmente expressivos e com a

manutenção do animismo das “noites” e da “lua” pela escolha do vocábulo “pregnant” para a tradução de “túmidas”.

Da análise das referências culturais encontradas na obra, concluímos que para várias das referências históricas, míticas e religiosas, David Brookshaw optou por introduzir notas de rodapé que familiarizassem o leitor da cultura chegada com a cultura da partida.

No caso das referências a aspetos da sociedade e economia das ilhas, a par com as notas, surge a estratégia de não tradução, reproduzindo-se muitos vocábulos portugueses em *The Unknown Islands*. Desta forma, o heterolinguísmo contamina o texto de chegada, visto que vários vocábulos são mantidos em português, esclarecendo-se o leitor não familiarizado com a língua do texto de partida por meio de notas de rodapé. No capítulo destinado ao léxico regional, vimos que esta mesma estratégia – a não-tradução seletiva – foi aplicada no caso de grande parte dos regionalismos. No entanto há aqui uma diferença significativa: no caso dos regionalismos, o significado esclarece-se parenteticamente, subentende-se ou relega-se para a capacidade interpretativa e dedutiva do público-alvo, não origina notas de rodapé.

No caso das referências artísticas e literárias, mostrou-se que o tradutor recorre a notas de rodapé para as referências a arte e a literatura portuguesas, mas não no caso das referências a artistas e obras universalmente difundidos, comuns a toda a cultura ocidental ou no caso da literatura francesa, que muito influenciava o pensamento e a estética literária portuguesa em finais de século XIX e inícios do século XX, antes da massificação da cultura americana.

CONCLUSÃO

As Ilhas Desconhecidas são uma obra incontornável da literatura portuguesa de viagens e da literatura sobre os Açores. O retrato deste arquipélago, simultaneamente abrangente e repleto de pormenores, pleno de impressões do espaço e do povo, nunca antes de Brandão fora pintado com palavras. A “visão da Madeira”, que é como se intitula o último capítulo da obra, embora substancialmente mais breve, tem também o colorido das gentes, a par com descrições da geografia e da natureza da ilha.

Esse conhecimento da açorianidade e da portugalidade é levado, por via da tradução, ao público anglófono e à diáspora onde lusodescendentes podem reconhecer o que os irmana às ilhas de então e de hoje através do inglês fluído e contemporâneo de *The Unknown Islands*, consentâneo com a modernidade e singeleza da prosa brandoniana. Vasco Medeiros Rosa reconhece, justamente, essa capacidade da obra se manter atual ao notar que “90 anos de *As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens* não envelheceram em demasia o livro” que “[p]ode ainda ser lido e comentado com a mesma frescura e intensidade de antanho” (Rosa, 2019: 55).

Tardou quase um século a tradução d’*As Ilhas Desconhecidas* para inglês, mas com *The Unknown Islands* a literatura portuguesa e a cultura açoriana alcançam novo público e vasto território, não só entre os leitores que tenham o inglês como primeira língua, mas também entre leitores de outras nacionalidades que sejam fluentes na língua inglesa. A tradução desta obra é, sem dúvida, um importante contributo para que as ilhas dos Açores possam, definitivamente, deixar de ser desconhecidas.

No nosso estudo comparativo entre a obra de Brandão e a sua tradução para inglês, principiámos por mostrar a relevância dos elementos extratextuais, antes de nos centrarmos no texto propriamente dito, isto é, procurámos evidenciar a importância do contexto em que esta tradução foi produzida e a forma como esse contexto foi determinante para que *The Unknown Islands* chegasse ao público anglófono. Deste modo, apontámos a hegemonia da cultura americana a nível mundial e o facto de esta ser maioritariamente exportadora de produtos culturais. Efetivamente, as obras escritas em inglês são traduzidas para muitas outras línguas, mas, em comparação, poucas são as obras estrangeiras que conseguem penetrar no mercado editorial dos países anglo-saxónicos. Dominique Faria salienta que (2016: 181), “[n]um mundo globalizado, em que as culturas nacionais se assemelham cada vez mais entre si, a tradução pode ser um meio precioso de dar a conhecer o Outro”. Consideramos que *The Unknown Islands*, para além de propiciar esse conhecimento do “Outro”, dando a notoriedade à cultura

portuguesa e açoriana, contraria a tendência de americanização cultural a que se tem assistido nas últimas décadas.

Da importância desta tradução enquanto veículo de transmissão da cultura portuguesa assomou a necessidade de evidenciar o papel dos patronos na publicação desta tradução. A Tagus Press é uma editora académica dedicada ao estudo da lusofonia, cujo fim primordial não visa o lucro, mas a difusão da literatura e da cultura lusófonas. Trata-se do ramo editorial do Centro de Estudos Portugueses da UMASS Dartmouth (University of Massachusetts Dartmouth) e a coleção a que pertence este volume, *Bellis Azorica*, é especificamente votada à publicação de obras relativas à cultura açoriana. Com raízes nos Açores, os responsáveis pela coleção, Mário Pereira e Onésimo Teotónio de Almeida têm privilegiado, ao longo da sua carreira, a divulgação da literatura em língua portuguesa nos Estados Unidos da América. É ao interesse e ao campo específico de estudos deste núcleo editorial que devemos a publicação de *The Unknown Islands*, bem como ao Governo dos Açores e à Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas da República Portuguesa (DGLAB) que cofinanciaram esta edição, o que mostra, uma vez mais, o enfoque dos patronos na promoção da literatura portuguesa no estrangeiro, ao invés de motivações editoriais de índole económica.

Pusemos também em evidência a visibilidade conferida a David Brookshaw, o que raramente sucede aos tradutores. A sua projeção no campo dos estudos lusófonos, a par com o seu trabalho como tradutor de obras literárias de diversos autores renomados da lusofonia contribui para esse destaque, manifestado no facto de o seu nome constar da capa da obra traduzida (onde figuram muito poucos elementos), para além de estar presente na folha de rosto e na contracapa, onde se encontram, inclusivamente, alguns dados biográficos sobre o tradutor. Mais salientámos que a autoridade do tradutor é reconhecida pelo facto de o próprio afirmar que lhe fora dada total liberdade de ação quando lhe foi confiado este projeto.

Ressalvados os aspetos paratextuais, expusemos os fundamentos teóricos que permitissem enquadrar os aspetos a discutir. Ao atentarmos na proximidade e afastamento entre *As Ilhas Desconhecidas* e *The Unknown Islands*, tivemos sempre em mente que a tradução envolve, impreterivelmente, escolhas por parte do tradutor, sendo, inerentemente, parcial e inviabilizando a total correspondência, o que não é necessariamente negativo, pois não resulta só em perdas, mas também em ganhos.

Não obstante termos ressalvado a impossibilidade de correspondência integral entre os dois textos, colocando lado a lado o texto de Raul Brandão e o texto que David Brookshaw produziu a partir do primeiro, analisámos os pontos de contacto entre eles, ao nível da envolvimento contextual, do léxico, do significado ou significados (denotativos e conotativos),

das normas e estruturas formais das duas línguas e até do potencial efeito nos respectivos leitores.

Ainda que tenhamos destacado passagens em que assomam divergências ao nível do significado, salientámos a preocupação do tradutor com a semântica textual, preocupando-se em manter, tanto quanto a língua de chegada o permitisse, o/s sentido/s veiculado/s no texto de partida. Ao nível do estilo, David Brookshaw pautou-se pelos mesmo critérios, mantendo, na maioria dos casos, os recursos expressivos e retóricos de que Brandão se servira. É este emular do estilo autoral que permite à crítica literária britânica asseverar que “Brandão’s writing is notable for its sensual richness and descriptive precision” (Malkmus, 2021).

Como o próprio tradutor reconheceu, no email que nos endereçou, o qual já citámos no Capítulo 1: Os Desafios da Tradução Literária: Fundamentos Teóricos, verificámos que muitas opções de tradução se nortearam por uma estratégia domesticante, uma vez que a fluência discursiva com que David Brookshaw consegue dotar grande parte do texto é notória, “communicating it in transparent language to a reader from a different culture” (Venuti, 1995: 24). Por outro lado, embora o tradutor tenha notado que evitou tanto quanto possível ““foreignize” the English” (Brookshaw, 2022), não cremos que tenha usado sistematicamente uma estratégia domesticante. Ao manter uma extensa panóplia de vocábulos em português, referentes a aspetos socioculturais, tais como festividades, tradições, ocupações profissionais, literatura, ou ainda a formas sentenciosas e regionalismos, o código, as regras e a fluência da língua de chegada foram, inevitavelmente, perturbados. Venuti afirma que não é possível preservar o que marca a diferença no texto estrangeiro, sem perturbar o sistema cultural da língua de chegada:

Foreignizing translation signifies the difference of the foreign text, yet only by disrupting the cultural codes that prevail in the target language. In its effort to do right abroad, this translation method must do wrong at home, deviating enough from native norms to stage an alien reading experience—choosing to translate a foreign text excluded by domestic literary canons, for instance, or using a marginal discourse to translate it (Venuti, 1995: 20)

Ao longo dos capítulos 2 a 6, procurámos evidenciar que a heterogeneidade linguística presente em muitas passagens da tradução de David Brookshaw atesta uma tentativa de preservação de aspetos característicos do sistema cultural e linguístico do texto de partida, do que é estrangeiro à cultura anglófona, causando, necessariamente, “estranhamento” ao leitor-

alvo, pelo que não podemos concordar que uma tendência domesticante subjaza à totalidade do texto de chegada. Como intermediário entre as línguas e culturas de partida e de chegada, David Brookshaw recorreu a diferentes estratégias, algumas delas diametralmente opostas nos estudos de tradução, intercalando discurso em que há alguma naturalização do texto de partida, com excertos textuais em que as marcas identitárias do texto de partida são preservadas e, ainda, com passagens em que são usadas várias técnicas como forma de compensar determinado efeito linguístico que não tem correspondência na língua ou na cultura-alvo. A despeito dessa confluência entre estranhamento e domesticação, o resultado é uma tradução de leitura agradável e fluída para o leitor-alvo, ainda que tendencialmente mais longa do que o texto de Brandão.

Reconhecendo que a tradução é impreterivelmente sujeita a contingências de ordem linguística, cultural, económica e ideológica e uma correspondência total em textos de línguas e culturas diferentes é, não só inatingível, como também indesejável, David Brookshaw assume a “responsabilidade do tradutor enquanto mediador entre culturas” (Faria, 2016: 181), sem esquecer o seu objetivo de tentar fazer jus às qualidades descritivas da prosa literária brandoniana, o que lhe granjeou, em setembro de 2021, uma crítica lisonjeira do *Times Literary Supplement* (TLS)⁴⁸.

Nos capítulos supramencionados, dissertámos sobre o que considerámos relevante tanto no texto de partida, como na sua tradução. Sendo muitas e variadas as temáticas que poderíamos abordar a respeito desta obra, procurámos limitar o nosso escopo a temas recorrentes ao longo do texto e que merecessem comentário por mostrarem algum tipo de divergência nas versões portuguesa e inglesa ou evidenciassem uma estratégia de tradução que se diferenciasse da usada noutros casos similares. Assim, focámo-nos nos aspetos do discurso que considerámos mais desafiantes em termos de tradução: o léxico regional, característico das ilhas dos Açores e da Madeira, reproduzido pelo autor; a linguagem popular, atentando, sobretudo, em formas sentenciosas, mas discutindo também alguns vocábulos que apenas se demarcavam pelo registo de língua; as festas populares e as celebrações próprias dos Açores e da Madeira; as tradições e as ocupações profissionais dos naturais destes arquipélagos; e as referências culturais, algumas das quais partilhadas com a cultura de chegada, porque integradas num património cultural ocidental comum, outras características da cultura portuguesa e algumas referentes, especificamente, à cultura açoriana. Por vezes, comentámos

⁴⁸ “Above all, I wanted to help convey Brandão's literary descriptive qualities, and I was very pleased when the translation got a positive review in the *Times Literary Supplement* here in England.” (Brookshaw, 13/05/2022)

o estilo impressionista de Brandão ou as preocupações sociais que o moviam, mas ao serviço de aspetos textuais concretos dos dois textos e não como tópico autónomo.

Com este estudo comparativo entre *As Ilhas Desconhecidas* e *The Unknown Islands* procurámos refletir sobre a importância da tradução como veículo de transmissão da cultura portuguesa e insular (madeirense e, sobretudo, açoriana). Julgamos ter abordado questões pertinentes no que concerne à tradução de textos literários e à forma como podem promover não só a disseminação da cultura portuguesa, mas também contribuir para a sua preservação. Esperamos, ainda, ter dado um contributo, mesmo que limitado, para despertar interesse pela prosa de Brandão aquém e além-fronteiras.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

- BRANDAO, Raul. 2020a. *The Unknown Islands*. North Dartmouth: Tagus Press.
- BRANDAO, Raul. 2018. *As Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*. 2.^a Edição. Açores: Artes e Letras.
- BRANDAO, Raul. 2012. *As Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*. Lisboa: Edições Vercial.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- “O testamento de José Xavier Mousinho da Silveira.”, in: *Jornal do Commercio*. Edição: n.º 3431. Lisboa, 24/03/1865.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude. 2008. “Les formes sentencieuses : peut-on traduire la sagesse populaire?”, in: *META, Journal des traducteurs/ Translators’ Journal*. Vol. LIII, 2. Les Presses de l’Université de Montréal, pp.253-268.
- ARRUDA, Jorge. 2015. *Sete cidades: lendas, contos e factos*. Ponta Delgada: Nova Gráfica.
- BRANDAO, Raul. 2020b. *Os Pescadores*. Great Britain: Amazon. E-Prelum.
- BARCELOS, J. M. Soares de. 2008. *Dicionário de Falares dos Açores – Vocabulário regional de todas as ilhas*. Coimbra: Edições Almedina.
- BERMAN, Antoine. 1997. “A tradução e a Letra ou a Pousada do Longínquo”, in: JORGE, Guilhermina (coord.), *Tradutor Dilacerado: Reflexões de autores franceses sobre tradução*. Lisboa: Colibri, pp. 15-56.
- BETTENCOURT, Urbano. 2020. “Introduction: Raul Brandão in the Azores: Between Wonder and Enchantment”, in: *The Unknown Islands*. North Dartmouth: Tagus Press, pp. 1-6.
- COSTA, Elisa Maria Lopes da. 2007. “Peregrinando com Provérbios pelas Quatro Partidas do Mundo”, in: FUNK, Gabriela (coord.), *Estudos Sobre Património Oral*. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, pp. 63-74.
- COSTA, Sandra Silva. 2016. “A Baleação na Ilha do Pico”, in: “Fugas”, *Público*, 28/05/2016.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. 2000. “The position of Translated Literature Within the Literary Polysystem”, in: VENUTI, Lawrence (ed.), *The Translation Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge, pp. 192-198.
- FARIA, Dominique. 2016. “De *Mau tempo no canal* a *Stormy Isles*: a açorianidade em tradução”, in: FRAGA, Maria do Céu, SILVA, Maria Madalena M. C. Teixeira e FUNK, Gabriela, *Da literatura e da Cultura*. Açores: Letras Lavadas, pp. 169-181.

- FAGUNDES, Francisco Cota. 2019. "Introduction". in: NEMÉSIO, Vitorino, *Stormy Isles: An Azorean Tale*. 1.^a edição. Portugal: Letras Lavadas, pp. vii-xxiii.
- GENETTE, Genette. 1997. *Palimpsests: Literature in the second degree*, trad. C. Newman e C. Doubinsky, Lincoln: University of Nebraska Press.
- HARVEY, Keith. 2001. "Compensation", in: BAKER, Mona (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 37-40.
- JONES, Francis R. 2020. "Literary Translation", in: BAKER, Mona e SALDANHA, Gabriela (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 294- 299.
- KATAN, David. 2020. "Culture", in: BAKER, Mona e SALDANHA, Gabriela (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 133-138.
- KENNY, Dorothy. 2001. "Equivalence", in: BAKER, Mona (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 77-80.
- LEAL, João. 1994. *As Festas do Espírito Santo nos Açores: Um Estudo de Antropologia Social*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LEFEVERE, André. 2003. "Introduction". *Translation, history, culture: a sourcebook*. Londres, Nova Iorque: Routledge, pp. 1-10.
- JAKOBSON, Roman. 1971. "Aspectos linguísticos da tradução", in: *Linguística e comunicação*. (Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.) São Paulo: Cultrix, pp. 63-72.
- MARTINS, Oliveira J. P. 2009. *Portugal Contemporâneo I*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MEDEIROS, Carlos Alberto. 2016. "Introdução Geográfica", in: MATOS, Artur Teodoro de e LEITE, José Guilherme Reis, *Retratos Sociais da Ilha do Corvo (do povoamento ao século XIX)*. Núcleo Cultural da Horta/ Câmara Municipal do Corvo, pp. 13-27.
- MIRANDA, Sacuntala de. 1999. *A Emigração Portuguesa e o Atlântico – 1870 -1930*. Lisboa: Edições Salamandra.
- NEMÉSIO, Vitorino. 1995. "O Açoriano e os Açores", in: *Obras Completas de Vitorino Nemésio, Vol. XIII - Sob os Signos de Agora*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 88-101.
- NEMÉSIO, Vitorino. 1995. "Raúl Brandão, Íntimo", in: *Obras Completas de Vitorino Nemésio, Vol. XIII - Sob os Signos de Agora*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 135-146.

- OLIVEIRA, Margarida. 2006. “Criação da Secção de Etnografia do Museu Carlos Machado”, in: FUNK, Gabriela (coord.), *Estudos Sobre Cultura Popular*. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, pp. 229-240.
- PIRES, António M. B. 2018a. “Nota a esta edição”, in: BRANDÃO, Raul. *As Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*. 2.^a Edição. Açores: Artes e Letras, pp. 7-8.
- PIRES, António M. B. 2018b. “Prefácio”, in: BRANDÃO, Raul. *As Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*. 2.^a Edição. Açores: Artes e Letras, pp. 11-39.
- PIRES, António M. B. 2007. *O Essencial sobre Raul Brandão*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PYM, Anthony. 2013. *Teorias contemporâneas da tradução: uma abordagem pedagógica*. (Trad. Ana Maria Chaves, Eduarda Keating, Fernando Ferreira Alves.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- QUEIROZ, Sônia (Org.). 2008. *Glossário de Termos de Edição e Tradução*. Belo Horizonte: Fale/Universidade Federal de Minas Gerais.
- REYNAUD, Maria João. 2001. “Raul Brandão e Vitorino Nemésio: afinidades espirituais e estéticas”. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*. XVIII. Porto, pp. 221-230.
- ROCHA, Gilberta e FERREIRA, Eduardo. 2013. “A População Açoriana e a Diáspora: Factos e Contextos (1930-2000)”, in: CID, Teresa (ed.), *Portugal Pelo Mundo Disperso*. Lisboa: Tinta-da-China, 53-82.
- ROSA, Vasco Medeiros. 2019. *Raul Brandão E Os Açores: Motivo, edição e receção de As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens, de 1927*. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas.
- RUY, José. 2018. *A ilha do Corvo que venceu os piratas*. 1.^a edição. Ponta Delgada: Âncora Editora.
- SAKELLARIOU, Panagiotis. 2020. “Intertextuality”, in: BAKER, Mona e SALDANHA, Gabriela (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 266- 270.
- SARAMAGO, João. 2016. “Falar corvino”, in: MATOS, Artur Teodoro de e LEITE, José Guilherme Reis, *Retratos Sociais da Ilha do Corvo (do povoamento ao século XIX)*. Núcleo Cultural da Horta/ Câmara Municipal do Corvo, pp. 167-181
- SILVA, António de Moraes. 1948-1959. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. I. 10.^a edição. Lisboa: Editorial Confluência.

- SILVA, Sandra. 2003a. “Romeiras ocultas: a mulher num ritual masculino de São Miguel”, in: SIMAS, Rosa Maria Neves (ed./ coord.) *A Mulher Nos Açores e Nas Comunidades*. Ponta Delgada, pp. 241-249.
- SIMAS, Rosa Maria Neves. 2003b. “Made in Portugal: Americanisms in Contemporary Portuguese”, in: FUNK, Gabriela (coord.), *Azorean Popular Culture Today*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, pp. 225-241.
- TAYLOR, James L. 1985. *Portuguese-English Dictionary*. Rio de Janeiro: Stanford University Press e Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.
- VALE DE GATO, Margarida. 2018. “*Lolita’s* Love Affair with the English Language: Heterolingualism and Voice in Translation”, in: *META, Journal des traducteurs/ Translators’ Journal*. Vol. LXIII, 2. Montreal: Les Presses de l’Université de Montréal, pp. 322-341.
- VALE DE GATO, Margarida. 2015. “Will the Aliens Come Home? Diaspora and Translation in Portuguese-American Literature”, in: MAIA, Rita Bueno, PINTO, M. P. e SOARES, M. (ed.). *How Peripheral Is the Periphery? Translating Portugal Back and Forth. Essays in Honor of João Ferreira Duarte*. Newcastle UponTyne: Cambridge Scholars Publishing, pp. 275-295.
- VENUTI, Lawrence. 2001. “American Tradition”, in: BAKER, Mona (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 305-316.
- VENUTI, Lawrence. 1995. *The Translator’s Invisibility*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

WEBGRAFIA

- BROOKSHAW, David. 2020. “A reflection on culture & confinement – Every Man is an Island”. *British Comparative Literature Association*. Acedido em 01/01/2021, in: <https://bcla.org/reflections/every-man-is-an-island/>
- BROOKSHAW, David. “David Brookshaw”. PELTA: independent, global network of Portuguese to English literary translators. Acedido em 29/06/2022, in: <https://pelta.wip.llc/translator/david-brookshaw>
- BROOKSHAW, David. “Research summary”. Acedido em 01/01/2021, in: <http://www.bristol.ac.uk/sml/people/david-r-brookshaw/overview.html>
Cambridge Dictionary, in: <https://dictionary.cambridge.org>
- COSTA, Manuel Tomás Gaspar da. 2016. “O dia dos Cornos na Ilha do Pico.” *O Património Perto de Si: 13.º art*. Cultura Açores. Cresaçor. *Açoriano Oriental*, 19/03/2016.

Acedido em 07/12/ 2021, in:
https://ww.cresacor.pt/media/files/13_Artigo_O_dia_dos_cornos_na_ilha_do_Pico.pdf.
Dicionário Priberam Online de Português Contemporâneo. Acedido em 2021 e 2022, in:
<https://dicionario.priberam.org>

Gávea-Brown Publications. Brown University. Acedido em janeiro de 2022, in:
<https://www.brown.edu/academics/portuguesebrazilianstudies/publications/g%C3%A1vea-brown-publications>

Ebiografia. Acedido em 2022, in: <https://www.ebiografia.com/>

Encyclopedia Britannica. Acedido em 2022, in: <https://www.britannica.com>

Infopédia, Dicionários Porto Editora. Acedido em 2021 e 2022, in:
<https://www.infopedia.pt/apoio/artigos>

MALKMUS, Bernhard. 2021. “Fault lines - The social and natural history of the Azores archipelago”. *TLS – Times Literary Supplement*. 3 de setembro de 2021. Acedido em julho de 2022, in: <https://www.the-tls.co.uk/articles/the-unknown-islands-raul-brandao-book-review-bernhard-malkmus/>

Merriam-Webster Dictionary/ Thesaurus. Acedido em 2021 e 2022, in: <https://www.merriam-webster.com/>

Tagus Press. Center for Portuguese Studies & Culture. Acedido em janeiro de 2022, in:
<https://www.umassd.edu/portuguese-studies-center/tagus-press/>

The Free Dictionary: Idioms. Acedido em 2021, in: <https://idioms.thefreedictionary.com/>

VIÇOSO, Vítor. “Raul Brandão”, in: Camões Instituto da Cooperação e da Língua Portuguesa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Acedido em 02/08/2021, in: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/raul-brandao-35424.html#.YQkgGo77TIU>

WordSense Dictionary: Synonyms, word origin & meanings. Acedido em 25/06/2022, in:
<https://www.wordsense.eu>

ANEXOS

TABELA 1. VOCÁBULOS REGIONAIS NÃO TRADUZIDOS

PORTUGUÊS-PADRÃO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) Sardinheiras	Solteiras: “Subo por um caminho entre figueiras-do-diabo e solteiras, como se chamam aqui as sardinheiras ” (AID: 54)	Solteiras: “I climb a path among devil’s snare and solteiras, which is what they call geraniums here ”(TUI:18)
b) vinho morangueiro; vinho doce de uva americana	Vinho de cheiro: “Espreitei o recanto abrigado da vinha baixa, que produz com duas castas, a Isabella e o Verdelho, o vinho de cheiro e o branco que tem fama.” (AID:61)	Light red <i>cheiro</i> wine: “I glimpse a sheltered corner with stunted vines that produce the light red cheiro wine as well as the well-known white from two varieties of grape, the Isabelle and the Verdelho. (TUI:23)
c) amanhecer	Alpardo: “Já cozeram a carne e as sopas. Ainda de noite, vazou-se numa terrina – a sopeira do encontro – a primeira carne e as primeiras sopas do caldeirão e uma rapariga saiu ao alpardo (amanhecer) e ofereceu-as à primeira pessoa que encontrou ao caminho.” (AID: 118)	Alpardo: “The meat and the soup are already cooked. While it is still night, the cook for the event has already emptied the first pieces of meat and the soup from the cauldron into a tureen, and as dawn approaches (the alpardo, as they call it) a girl as gone out and offered it to the first person she encounters on the way.” (TUI: 66)
d) carro de bois sem rodas	Gorjão: “Desce-se a calçada de pedra no gorjão , carro de bois sem rodas.” (AID: 124)	Gorjão: “One descends the cobbled lane in a gorjão , an oxcart with no wheels.” (TUI: 70)
e) limonete	Luísa: “O ar cheira a limonete, que aqui se chama Luísa .” (AID: 130)	Luísa: “The air smells of lemon beebrush, which they call luísa here.” (TUI: 74)

f) armário de cozinha; bancada	Amassaria: “Reparo na casinha de lavoura , com a cabana ao lado formada de varas, onde se guardam as espigas de milho em camalhões para secar, na cozinha limpa, com o armário, a que chamam amassaria , o alguidar do pão e o lar. Aqui fabricam a manteiga, o queijo e o crostes .” (AID: 131)	Amassaria: “I notice the diminutive farming cottage , with a lean-to abutting it, built of sticks, where the cornhusks are kept on large pallets to dry, the clean kitchen, with a cupboard, which they call an amassaria, or dough store , the bread basin, and the hearth. Here, they make butter, cheese, and new curd .” (TUI: 74)
g) pescador	“-Fui sempre terraço (pescador) e quanto ganhei quanto comi. Minha vida na América, para onde fui moço, foi sempre na pesca do bacalhau... A gente sai no fim de Abril e larga para os bancos num iate” (AID: 198)	“ ‘I was always a fisherman, a terraço , and whatever I earned paid for my food. My life in America, where I went as a boy, was always spent in cod fishing... We set off in April for the banks in a schooner” (TUI: 127)
h) baleia de bossa, baleia preta	Ambaque: “Contam que a mãe acompanhada pelo filho, que nasce logo com quatro ou cinco metros de comprido, é mais fácil de subjugar, chegando o ambaque (baleia preta) a deixar-se matar quando lhe apanham o pequeno: basta feri-lo ao pé do rabo e puxá-lo para o bote. A mãe já não o larga e prefere, se não pode fugir com ele metido debaixo da asa , que a acabem às lançadas. Quer dizer: esta coisa monstruosa e zincada, com óleo na cabeça, não só come e digere, não só	Ambaque: “They say that a mother accompanied by her calf, which is four of or five meters long when it is born, is easier to subjugate, and the ambaque, or black whale , even allows itself to be killed when her offspring is caught: it is enough to wound it near its tail and haul it over alongside the boat. The mother will not abandon it and, if she cannot escape with it under her fin , prefers to die under the thrusts of the whaler’s lance. In other words, this monstrous blue-gray creature, with a head full of oil, does not only eat and digest, sleep and digest – it is

	dorme e digere - é capaz de ternura e sacrifício.” (AID: 187)	capable of tenderness and self-sacrifice.” (TUI: 119)
i) género de luva (feita de brim para proteger as mãos dos baleeiros do atrito); j) peça cilíndrica (encastrada no leite do bote baleeiro)	Nepa; moirão: “A baleia mergulhou. Corre agora a linha de manilha americana, muito bem enrolada dentro de duas selhas, e os homens, pálidos e imóveis, com o coração do tamanho de uma pulga , esperam. A baleia pode desaparecer durante vinte minutos. Um deles tem nas mãos, para se não cortar, um pano chamado nepa , por onde a corda passa e pelo moirão , pau saliente à proa, que chega a fazer fumo com o atrito. (AID: 192, 193)	Nepa; moirão: “The whale has dipped. The hemp line, which has been neatly coiled in two tubs, is now paying out, and the men, ashen-faced and motionless, their hearts constrained , wait. The whale may disappear for twenty minutes. One of the crew holds a cloth called a nepa so that the hemp will not cut his hands as he pays it out through the moirão , a wooden chock on the boat's bow, which sometimes even smokes with the friction.” (TUI: 122)
k) casa velha	Rautilha: “- Deixe me dizer... o leite é para o senhorio, e se as vacas o não dão, temos de o pagar na mesma e pelo preço que a fábrica quiser. O que pode ficar ao pastor, que vive pobre numa rautilha (casa velha) , é alguma criação muito mal criada, porque é preciso tirar o leite à mãe para levar a fábrica. Acontece que às vezes morrem os bezerros – bôei – credo - andar! -; acontece também que no fim do ano, para a gente se me remediar, tem de vender uma vaca para pagar a renda.	Rautilha: ““Let me tell you... The milk is for the landlord, and if the cows don't produce any, we have to pay the same, and at whatever price the dairy wants to set. What's left for the cowherd, who lives with his family in a rautilha (little old cottage) , are a few calves that are hard to rear, because we need to take the mother's milk to the dairy. What happens in is sometimes these calves die - So help me, God! - And sometimes at the end of the year, to make ends meet, we have to sell a cow to pay the rent. we never, never earn enough to pay the landlord.

	Nunca, nunca se ganha para pagar ao senhorio. Isto está em termos de não se poder viver!” (AID: 215, 216)	We've got two a point where we can't live like this!” (TUI: 139)
l) Lavas escoriáceas ou aa. (geologia)	Biscoitos: “A terra está bem aproveitada; até os biscoitos – restos de lava – produzem lenha. O ananás cultiva-se nas partes fundas, em terrenos abrigados; o chá em terras mais altas e mais húmidas, e o milho em todos os vales.” (AID: 234)	Biscoitos: “Good use is made of the land; even the biscoitos – the remains of lava fields – produce timber. Pineapples are cultivated in the deeper, more sheltered terrain; tea on the higher, more humid parts; and corn in all the valleys.” (TUI: 152)
m) pequeno celeiro; estrutura de madeira para secar e armazenar o milho	Cafuão: “Fora erguem-se os granéis com quatro pernas caiadas de branco, o cafuão – colmado onde seca o milho e que serve de arrumo e muitas vezes de habitação, ou o toldo, aos manchos amarelos, que é a quantidade de espigas que a mão pode abranger, - quadrinho familiar e rústico da pequena lavoura, que Deus abençoou e onde tudo está nos seus sítios desde que a vida é vida.” (AID: 235)	Cafuão: “Outside are the granaries built on four whitewashed legs, the cafuão , a thatched shelter where the corn is laid to dry and which is used for storage and sometimes even as a room, or covered with a tarpaulin, speckled with yellow, corresponding to the number of ears of grain that can fit in one’s hand, a familiar, rustic scene in small-scale farming, blessed by God, and where everything has been put in its appropriate place since time immemorial.” (TUI: 152, 153)

TABELA 2. VOCÁBULOS AÇORIANOS SUJEITOS A DOMESTICAÇÃO

PORTUGUÊS-PADRÃO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) névoa	Alforra: “céu inalterável, névoa que se chama alforra ” (AID: 57)	Mildewy mist: “a changeless sky, a mildewy mist ” (TUI:20)
b) Mar encrespado, mexido	Mar chocalhado: “Ainda de noite, seguimos a caminho do Corvo, com o mar chocalhado , como se diz nos Açores.” (AID: 69)	Sea rattling: “While it is still night, we continue our journey to Corvo, with the sea rattling , as they say in the Azores.” (TUI: 29)
c) mimada	Mamantona: “Traz uma pequenita pela mão, que se esconde atrás dela. - É muito mamantona – explica.” (AID: 131)	Milksoap: “She is leading by the hand a little girl, who hides behind her. ‘She’s a little milksoap ,’ she explains.” (TUI: 74)
d) vento brando	Vento geral: “O pior vento para velas é o oeste-sueste, e o leste, de que dizem: - Vento leste não dá nada que preste – mas hoje está nordeste fresco e sem sacadas, a que lá chamam vento geral . (AID: 219)	General wind: “The worst winds for sailing are the west-southwesterlies, and the easterlies, of which they say, ‘ An east wind brings no good ’, but today it is a northeasterly, fresh but not gusting too hard, what they call a ‘ general wind .’” (TUI: 142)
e) reorganizar f) outro lado	Descaldear; outra banda: “Muitos homens passaram a vida sempre no mar e ignoram tudo no mundo. Chega a ser difícil entendê-los. Um velho baleeiro do corvo teimava em me contar um grande drama - o que mais o interessa durante a existência - mas que eu nunca o	Detach; another direction: “Many men have spent their whole lives at sea and have no knowledge of the world outside. It is even hard to understand what they are saying. An old whaler on Corvo insisted on telling me of some great dramatic event-something that had been the most

	<p>cheguei a entender, porque não tinha princípio nem fim:</p> <p>- Estávamos à cavala fresca. Tínhamos a luz acesa e estávamos na lida de aviar o peixe, quando vem um navio arriba da gente, bateu na proa e agarrou-nos o ferro. Quebrou-nos o pica-peixe. E fomos para descaldear o ferro e desviar-nos... E vimos outro navio correndo à popa, que mareou para outra banda. Já nos faltava a comida. Içámos uma bandeira a meio mastro, mas a galera...</p> <p>- Que galera?</p> <p>- A galera francesa não se importou e correu sempre no seu ponto...</p> <p>-Ah!...</p> <p>calou-se e eu fiquei a olhar para ele, e ele, de olhos ingénuos e cheios de entusiasmo a olhar para mim, muito contente.</p> <p>- Ah, sim!..." (AID: 202, 203)</p>	<p>interesting episode in his existence - but that I never got to understand, because it had neither beginning nor end:</p> <p>‘We were fishing for fresh mackerel. We had the lamps lit and were getting ready to haul the fish in, when a ship bore down on us, hit our bows, and dragged our anchor. It snapped our boom. So we went over to detach our anchor and get out of the way... Then we saw another ship on our bow that turned away in another direction. We were low on food stocks. We hoisted the flag at half-mast but the barque...’</p> <p>‘What barque?’</p> <p>‘The French barque ignored us and continued on its course...’</p> <p>‘Oh!...’</p> <p>He stop talking and I looked at him, and he, his candid eyes full of enthusiasm, happily gazing at me.</p> <p>‘Oh, of course!...' (TUI: 130)</p>
g) alpercatas	Albarcas: “Sento-me à popa e ponho-me a olhar para isto tudo: para o mestre, que é um rapaz, para o contramestre, velho de oitenta anos, de cara engelhada e forte como uma	Sandals: “I sit at the stern and take this all in: the master, who is a boy; the first mate, an old man of eighty, deeply etched face and as stout as a beam , who sits next to me and tells me his name, José

	<p>trave, sentado ao pé de mim e que me diz o seu nome, José Faria – para os tremendos rapagões do Pico, tismados como negros; para as mulheres, aninhadas no fundo da caverna, para os cesteiros e negociantes das diferentes freguesias do Pico, que vieram mercadejar e regressam a casa. Todos eles usam na cabeça o chapéu de palha de bordo revirado e fita preta e albarcas nos pés – um pedaço de sola grossa, segura por tiras de couro, uma presa aos dedos e a outra dando a volta ao tornozelo.” (AID: 219, 220)</p>	<p>Faria; the big, burly, dark-skinned lads of Pico; the women, huddled in the well of the vessel; the basket weavers and traders from different Pico parishes, who came to sell their wares and are returning home. All of them wear a straw hat on their head, with the brim turned up and tied with a black ribbon, and sandals on their feet – a thick sole attached by leather straps, one over the toes and one round the ankle.” (TUI: 142)</p>
h) obstinado	<p>Aprofiadeiro: “- Como arranja o senhor a estar assim forte como um moço? - Eu lhe dou a receita... Casar tarde, enviuar cedo, não comer salgado nem azedo, nem ser aprofiadeiro.” (AID: 221)</p>	<p>Stay out of arguments: “How do you manage to stay as fit as a young boy, sir?” ‘I’ll tell you how it’s done... Marry late, get widowed early, don’t eat salty or sour things, and stay out of arguments.” (TUI: 143)</p>

TABELA 3. LÉXICO CORVINO TRADUZIDO POR MEIO DE EQUIVALÊNCIA FORMAL

PORTUGUÊS-PADRÃO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
<p>a) Sucessão de vocábulos e expressões populares corvinas</p>	<p>“- Emprestas-me uma carrada de lenha?</p> <p>- Poda puz! (com o que tu vens agora!)</p> <p>- Então?</p> <p>- Duas, até.</p> <p>- Axe! (inda melhor).</p> <p>Um a quem falo do padre explica:</p> <p>- É uma bás de virtude! E este a meu lado conta-me a morte da filha pequena e conclui:</p> <p>- Morreu, mas engraçada! Engraçada criança que foi para o Céu! (engraçada é sinónimo de feliz).</p> <p>Isto dito com pausas e silêncios compenetrados – todas as figuras em roda a olhar para mim, e numa língua gasta como as velhas moedas que passam de mão, já não têm curso, mas ainda retinem com um som muito puro. Os homens são estátuas por concluir, as frases rudimentares. Mas fisionomias e palavras exprimem outra vida que quer falar e não pode, outra vida que não compreendo... Diz-se</p>	<p>“ ‘Will you lend me a cartload of wood?’</p> <p>‘Wouldn’t I now?!’ (What are you on about now?!)</p> <p>‘So?’</p> <p>‘Two, even.’</p> <p>‘Tidy!’ (Good, all the better.)</p> <p>One of them, when I mention the priest, explains:</p> <p>‘He’s proper wholesome!’</p> <p>And the fellow next to me tells me about the death of his little daughter, concluding:</p> <p>‘She died, but wondrous! My wondrous child who’s gone to heaven!’ (Wondrous is a synonym for happy).</p> <p>All this said with pauses and penetrating silences – all these figures in a circle and looking at me, and in a language that is worn like old coins passed from hand to hand, that no longer have currency but still tinkle with a pure sound. The men are statues that are still unhewn, their speech is rudimentary. But their faces and their words express another life that wishes to speak and cannot, another life that I do not</p>

	<p><i>avezada</i> por habituada, emprega-se <i>bradou</i> por chamou, <i>guindo</i> por salto, <i>adregar</i>, etc. Beija-se uma criança e a mãe diz-nos: - Deus lhe queira bem! Deus lho pague! – Exclame-se: - Vai-te a requer e Deus diante! (vai para o Diabo mas com Deus!) E empregam-se frases e termos que nunca ouvi e desconheço.” (AID:78, 79)</p>	<p>understand... They say <i>wonted</i> for accustomed, they use <i>holler</i> for call, <i>buck</i> for jump, <i>happenstance</i>, etc. We kiss a child and the mother says to us: ‘God love you! God pay you!’ They exclaim: ‘Go whistle before God!’ (Go to hell but God be with you!). And they say things and use terms that I have never heard before and are completely unknown to me.” (TUI: 35, 36)</p>
<p>b) Ora vejam! (interjeição de espanto)</p>	<p>Alhore: “- Alhore... - diz-me um. Acordo. - Alhore o quê?! E não há mais nada!” (AID: 80)</p>	<p>Well, now: “ ‘Well, now...,’ one of them says to me. I awaken to my surroundings. ‘Well, now what?!’ And that is all!” (TUI: 36)</p>
<p>c) Sim</p>	<p>Uai: “- Vai ao peixe? - Uai – como quem diz: sim.” (AID:99)</p>	<p>Hey: “ ‘Going for fish?’ ‘Hey,’ as if the reply were ‘yes’ ” (TUI: 50)</p>

TABELA 4. VOCÁBULOS MADEIRENSES NÃO TRADUZIDOS

PORTUGUÊS-PADRÃO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
<p>a) neve</p>	<p>Folhelho: “O interior da ilha é montanha em osso, com excepção do Paul da Serra. A parte onde se fazem as culturas ricas, a mais agasalhada e onde</p>	<p>Folheto: “The interior of the island is bare mountain, with the exception of Paul da Serra. The best, most sheltered area for agriculture, where snow, which</p>

	não cai neve a que eles chamam folhelho , é o sul, que produz a cana no litoral e a vinha nas encostas.” (AID: 288, 289)	they call <i>folheto</i> here, never falls, is the south, where sugarcane is cultivated on the coast, and vines on the slopes.” (TUI: 190)
b) canal de irrigação ladeado por um trilho pedestre	Levada: “Irrrompe outra vez e de toda a parte a verdura em catadupas, carvalhos, faias, castanheiros, e encontro logo a água minha amiga numa levada que gela e refresca todo o caminho.” (AID: 295)	Levada: “Once again, greenery breaks out in great cascades everywhere, oak trees, beech, chestnut, and I come across my beloved water in a <i>levada</i> , which cools and refreshes us throughout the journey.” (TUI: 195)

TABELA 5. VOCÁBULOS MADEIRENSES SUJEITOS A DOMESTICAÇÃO

PORTUGUÊS-PADRÃO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) espécie de trenó característico da Madeira	Cursão: “- Iá! Iá! O cursão desliza sobre os seixos. O rapaz vai adiante dos bois com o enxota-moscas na mão, e ao lado caminha o homem, que fala aos bichos:	Sled: “ ‘ Yaah! Yaah! ’ The sled slips over the cobblestones. The boy walks in front of the oxen with a fly whisk in his hand, and the man who talks to the creatures walks alongside:
b) Interjeição de incitamento à marcha dos animais de carga	- Iá! Iá! Não os agrilhoou, nem é preciso: com cuidado extraordinário, pondo os pés e retesando os músculos, vão subindo os degraus sucessivos da calçada íngreme que é o caminho do Monte. De quando em quando o rapaz mete um	‘ Yaah! Yaah! ’ He does not prod them, nor is there any need: with incredible care, placing their feet and tautening their muscles, they gradually climb each stage of the steep lane, which is the way to reach Monte. From time to time,

	<p>rolo de pano ensebado debaixo do cursão, para as travessas da caranguejola deslizarem melhor.</p> <p>- Iá! Iá!” (AID: 293)</p>	<p>the boy places a roll of waxed cloth under the sled, for the old cart’s boards to slide more smoothly.</p> <p>‘Yaah! Yaah!’ (TUI: 193)</p>
c) batata	<p>Semilha: “Encontro depois pela calçada, entre o ruído das regas - as águas correm sempre na valeta ao lado do caminho estreito - Mulheres carregadas à cabeça e apegadas a varas, moços com cestas de batata doce ou de semilha, leiteiros com um pau que tem o jeito curvo dos ombros e no qual levam duas bilhas, uma a cada ponta...” (AID: 294)</p>	<p>Seed potatoes: “Later, further along the cobbled lane, amidst the noise of running water - water is always flowing along the gullies by the sides of the narrow thoroughfare - I encounter women carrying gloves on their head and clutching wooden staffs, young boys with baskets of sweet or seed potatoes, milkman with curved shoulder poles, at either end of which hang two pails...” (TUI: 194)</p>

TABELA 6. TRADUÇÃO DE INCORREÇÕES LINGUÍSTICAS

TIPO DE INCORREÇÃO/ PORTUGUÊS PADRÃO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) deturpação da interjeição houlá ou oulá	<p>“As raparigas acodem com as cabeças oferecendo-nos o leite espumoso e morno e gritam às vacas: - Ougá trigueira! – para elas porem os pés a par e as ordenharem melhor.” (AID: 91)</p>	<p>“Girls offer us warm, frothy milk out of gourds, and shout at the cows, ‘Mind yourself, blondie!’ in order to get them to stand with their hind legs apart so as to make milking easier.” (TUI: 44)</p>

<p>b) deturpação de manjares</p>	<p>“Depois do casamento os convidados juntam-se em casa dos noivos, à volta dos ovos cozidos, vinho e massa da noite, que estão na mesa. E vão comendo e pondo as cascas de lado, dizendo uns para os outros compenetrados: - Manares de Deus!” (AID: 98)</p>	<p>“After a marriage, guests assemble at the bride and groom’s home, around the table, upon which there are boiled eggs, wine, and overnight bread. And they start eating, putting the shells to one side, while solemnly commenting to each other: ‘Manna from Heaven!’ (TUI: 50)</p>
<p>c) deturpação de alça</p>	<p>“Às vezes a linha acaba-se quando a baleia mete muito para o fundo. Se está outro perto, fornece-lhe mais linha, senão a baleia perde-se: têm de cortar a manilha ou são arrastados para o abismo.</p> <p>- Lá vai a arça! – exclamam.</p> <p>A arça é o fim da linha, e é com pena que eles a vêem acabar-se. Passam a ponta de mão em mão, até ao último tripulante, que só a larga com desespero.</p> <p>- Lá vai a arça!” (AID: 193)</p>	<p>“Sometimes the line runs out if the whale goes down very deep. If there is another boat nearby, they will provide more line, otherwise the whale will be lost: they have to slash the hemp or they will be dragged into the abyss.</p> <p>‘There goes the ark!’ – they exclaim.</p> <p>The ark is the end of the line, and they are reluctant to see it go. They pass the tip round from hand to hand, until the last crew member, who tosses it away in despair.</p> <p>‘There goes the ark!’” (TUI: 122, 123)</p>
<p>d) falta de concordância entre sujeito e predicado</p>	<p>“Às vezes o mar obriga-nos a arribar aos Biscoitos – explica-me este ruivo e tostado a quem pergunto:</p> <p>- Como se guiam no mar?</p>	<p>“Occasionally, sea conditions force them to make for Biscoitos, as the ginger haired, sunburnt fellow explains when I ask him:</p> <p>‘How do you know where you are when you're at sea?’</p>

	<p>- A gente estando no nordeste e começando-se a cerrar a terra, a gente marca-se pela vaga, porque a gente estando fora do Queimado, é sempre a mesma, ainda que ventando...</p> <p>- Mas com mau tempo?</p> <p>- Se a vaga nova desfaz a vaga velha, a gente não somos vivos – o que quer dizer que o temporal seria tanto que não se aguentariam na canoa.” (AID: 210, 211)</p>	<p>‘If we’re northeast and land is beginning to get faint, we know where we are by the waves, because once we’re outside the Queimado, the waves are always the same, even with a wind blowing...’</p> <p>‘But what happens in bad weather?’</p> <p>‘If the new wave undoes the old one, then we’re done for,’ which means the storm is going to be so strong that the boat will be unable to withstand it.” (TUI: 135, 136)</p>
<p>e) omissão da conjunção subordinativa temporal “quando”</p>	<p>“Este que me fala é um tipo anesgrestado e maciço, de rabiça na cabeça, capuz de abas caídas sobre as orelhas, e capa até ao joelho.</p> <p>- Vossa senhoria como vai mais a sua obrigação? (família)</p> <p>Estaco diante da figura primitiva e pergunto-lhe pela mulher.</p> <p>- Anda muito somenos, porque teve há dias uma família (filho).</p> <p>Está à espera dum dos filhos para ir buscar água para o gado:</p> <p>- Coma (quando) ele vier...” (AID: 213)</p>	<p>“This fellow talking to me is dark-skinned and huge, his hair in a ponytail, a bonnet with ear flaps, and a knee-length cape.</p> <p>‘How is your lordship and his obligation (meaning his family)?’</p> <p>I pause in front of this primitive figure and ask after his wife.</p> <p>‘She is half spent, on account of having some family a few days ago (she had a baby).’</p> <p>He is waiting for one of his sons to go and fetch water for the cattle:</p> <p>‘As (when) he comes...’ (TUI: 137)</p>

TABELA 7. EXPRESSÕES COM EQUIVALÊNCIA NA LÍNGUA-ALVO

TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
<p>a) “Toda a roupa da ilha é cortada pelas suas mãos, e das que não sabem talhar dizem: - Coitadinha, tem pouco préstimo!” (AID: 76)</p>	<p>“All the clothes on the Island are cut by their hands, and of those girls who cannot cut cloth, they say, ‘Poor wee thing, she’s not much use!’” (TUI: 34)</p>
<p>b) “Compreendo o Corvo, não compreendo os interesses mesquinhos, moídos e remoídos numa pequena vila isolada a cem léguas do mundo.” (AID: 109)</p>	<p>“I understand Corvo, but I do not understand the parochial interests, mulled over again and again, in a tiny, isolated town hundreds of miles from anywhere.” (TUI: 59)</p>
<p>c) “Hoje o imperador é um americano que voltou à terra com dinheiro e que mandou matar dois bois e cozer quatro sacos de farinha. Vá de encherem-se até lhe tocarem com o dedo!” (AID: 118)</p>	<p>“Today, the emperor is an American who has returned to his native land with money and has arranged for two oxen to be slaughtered and four sacks of flour to be cooked. There is enough for everyone to eat to their heart’s content!” (TUI: 65, 66)</p>
<p>d) “Quando uma pessoa está para morrer, a casa enche-se-lhe de gente (...) Chegado o momento trágico da agonia, uma das velhas que rodeiam a cama como avantesmas, salta para cima do moribundo, já de olho vidrado, e abraça-se a ele, repetindo: - Jesus! - Jesus! - Jesus! – para espantar os maus espíritos e obrigá-los a afastarem-se do leito.” (AID: 121, 122)</p>	<p>“When someone is about to die, their house fills with people (...) When the final tragic moment arrives, one of the old women sitting round the death bed as avantesmas, or death witnesses, jumps on top of the dying person, his eyes already glazed, and hugs him, repeating, ‘Jesus! Jesus! Jesus!’ in order to frighten away the evil spirits and force them away from the bed.” (TUI: 67)</p>
<p>e) “Já vejo a Horta ao fundo da baía limitada por dois morros, o Monte Queimado numa extremidade e na outra um Monte da Espalamaca. É uma cidade de uma só rua, como eles dizem, a branco e cinzento.</p>	<p>“I can already see Horta at the back of the bay which is enclosed by the sides of two hills, Monte Queimado at one extremity and Monte da Espalamaca at the other. It is a one-horse town, as they say, all white and</p>

<p>Alguns conventos, algumas igrejas pesadas, velhas e simpáticas casas de província com varandas de madeira e reixas: às vezes na varanda um postiguinho para a mulher falar ao namoro acocorada no chão. - Cheguei-me ao ralo - dizem as meninas.” (AID: 135)</p>	<p>gray. A couple of convents, one or two solid churches, pleasant old provincial houses with wooden verandas and grilles: occasionally the veranda has a tiny lattice door for the woman to talk to her suitor, while crouching on the floor. ‘I went to the confessional’, as the girls say.” (TUI: 79)</p>
<p>f) “A existência obscura das plantas, que não tiram os olhos de mim, faz-me perder a consciência da própria personalidade; (...) Caminho, caminho sempre, entre renques brancos, assombrados pelos espectáculo de brancura e sonho. Uma senhora americana não teve mão em si que não desatasse a beijá-las transportada... Eu de mim não me atrevo.” (AID: 156)</p>	<p>“The obscure existence of the plants that do not take their eyes off me makes me lose awareness of my very personality; (...) I walk and walk, ever forward, between whitened ranks, dazzled by the sight of whiteness and chimera. An American lady was so transfixed, there wasn’t a hand she didn’t throw herself at in order to kiss... As for me, I do not have the courage.” (TUI: 94)</p>
<p>g) “A noite no Cais do Pico, fiada de casas negras à beira do mar onde bóiam carcaças de baleia, Terra que cheira a uma légua, besuntada de fumo e de gordura, aumenta-me tristeza mortal.” (AID: 163)</p>	<p>“Night time at Cais do Pico, a row of dark houses along the shore, whale carcasses bobbing in the waters, a place you can smell from miles away, bathed in smoke and blubber, adding to my bitter sadness.” (TUI: 99, 100)</p>
<p>h) “As panças cheias de vinho rebolam-se de prazer. - Venham cá para fora! - Viva! Viva! - Ide Para as vossas mulheres! Ponham as mãos na cabeça!” (AID: 166)</p>	<p>“The wine-sated paunches sway with pleasure. ‘Come on out!’ ‘Hooray! Hooray!’ ‘Go home to your wives! Hang your heads in shame!’” (TUI: 102)</p>
<p>i) “Mas fulano – pergunta - de tanta consideração, que é?... j) - É cornudo! - brada num entusiasmo toda a turba.</p>	<p>“But so-and-so - he asks - so well respected, what is he?... ‘He’s a cuckold!’ The throng yells enthusiastically.</p>

<p>- Fulano, nosso vizinho e nosso amigo, onde devia estar, que o não vejo? - Aqui!...</p> <p>k) E viva! E viva!” (AID: 167, 168)</p>	<p>‘So-and-so, our friend and neighbor, where is he supposed to be, I can't see him?’ ‘Here!...’ Hooray! Hip-hip hooray!” (TUI: 103)</p>
<p>l) “Todo dia lhe viam a sotaina agitada no alto, a ajudar os pedreiros como um pedreiro – ou – ou - oupa- empurrando as lascas negras.” (AID: 178)</p>	<p>“Every day, he could be seen high up, his cassock flapping in the wind, helping the stone masons as if he were a mason himself – heave – heave – heave ho - pushing the chunks of lava into place.” (TUI: 112)</p>
<p>m) “- Nosso Senhor vá com eles! - Nosso Senhor lha dê sem perigo! – dizem as mulheres. - O pão do meu José vai na canoa - grita outra, debruçada para os homens que empurram o barco a toda a pressa. (AID: 182)</p>	<p>“ ‘May Our Lord go with them!’ ‘Lord deliver it to them and keep them save from peril!’ The women say. ‘That boat is my José’s bread and butter,’ another woman shouts, pushing towards the men who are hurriedly hauling the boat into the water.” (TUI: 115)</p>
<p>n) “Do alto do monte o vigia tem guiado a canoa, acendendo fogueiras para os dirigir com o fumo - para a direita, para a esquerda, para o largo - até encontrarem o bicho, e toda a população em terra seguiu ansiosa o espetáculo. - Já arrearam as velas!... - Trancou a baleia! Trancou a baleia! - Foi o mestre Francisco que trancou a baleia. - Ai, se foi o meu homem que trancou a baleia, é hoje um dia de S. Pedro! E o grito corre de casa em casa pela povoação. - Trancou a baleia! Trancou a baleia!” (AID: 194)</p>	<p>“From the top of the hill, the lookout has guided the whaleboat, with beacons lit for the smoke to direct it - to starboard, port, out of sea - until they find the animal, and the entire population has watched the spectacle nervously. ‘They’ve furled the sails!’ ‘The whale’s harpooned! The whale’s harpooned!’ ‘It was Master Francisco who harpooned the whale.’ ‘Hey, if it was my man who harpooned the whale, today is Saint Peter's Day!’ And the cry is relayed from house to house throughout the village. ‘The whale’s harpooned!’” (TUI: 123, 124)</p>

<p>o) “ - (...) Minha vida na América, para onde fui moço, foi sempre na pesca do bacalhau... A gente sai no fim de Abril e larga para os bancos num iate que leva capitão e cozinheiro, cinco botes e dois homens para cada bote, tudo gente do diabo, pretos e chineses, portugueses e sei lá – o mundo!... Só o capitão é americano.” (AID: 198, 199)</p>	<p>“ ‘(...) My life in America, where I went as a boy, was always spent in cod fishing... We set off in April for the banks in a schooner with a captain and a cook, five dories, and two men for each dory, the devil of a mixture, blacks, Chinese, Portuguese, and goodness know what else – the world!... Only the captain is American.” (TUI: 127)</p>
<p>p) “Ardem as mãos doridas pela linha e salgadas pela água, a humidade trespassa-nos de lés a lés, o cheiro mete-se no corpo e na lama - mas corre tudo bem: a fome é devoradora, os estômagos de ferro.” (AID: 200)</p>	<p>“Their hands burn because of the fishing lines and from the saltwater, they are damp from top to bottom, the smell sticks to their body to their soul - but everything runs smoothly: they eat like horses, they've got bellies of iron.” (TUI: 128)</p>
<p>q) “No fundo do barco reparo na lança, atirada para ali a esmo e, pergunto para que é. – Para matar o tubarão, que às vezes se atreve a saltar dentro do barco – agacho-me logo a um canto ao pé das mulheres enrodilhadas, de saco, de dois porcos, dum novilho com pernas atadas, dum grande caixa, e dum molho de gente que aproveitou a ocasião para ir às Flores.” (AID: 217)</p>	<p>“At the bottom of the boat I notice a lance, lying there casually, and I ask what it is for: ‘To kill sharks, sometimes they leap aboard.’ Then I crouch in a corner next to a clutch of women, sacks, two pigs, a young heifer with its legs tied, a large crate, and a crowd of people who have taken advantage of the occasion to take a ride over to Flores.” (TUI: 140, 141)</p>
<p>r) “O pior vento para velas é o oeste-sueste, e o leste, de que dizem: - Vento leste não dá nada que preste”(AID: 219)</p>	<p>“The worst winds for sailing are the west-southwesterlies, and the easterlies, of which they say, ‘An east wind brings no good’” (TUI: 142)</p>

TABELA 8. EXPRESSÕES SEM EQUIVALÊNCIA NA LÍNGUA-ALVO

<p>a) “- A gente semeia e o vento leva! O vento é a preocupação constante desta gente. - Ele é o poder do mundo!” (AID: 76)</p>	<p>“ ‘We sow and the wind blows it away!’ The wind is a never-ending worry for these folk. ‘It is the most powerful force in the world.’” (TUI: 33)</p>
<p>b) “Vem o jantar para a mesa num grande alguidar, sopa com toucinho e batatas. Bebem o leite perfumado do cabaço que anda de mão em mão. O leite trabalha sempre, como eles dizem; bebem-no de manhã, ao fim da tarde com sopas, e <i>lá em cima</i> com queijo e pão.” (AID: 96, 97)</p>	<p>“Dinner is brought to the table in a large bowl, soup with bacon and potatoes. They drink the sweet, scented milk, passed around in a gourd. Milk <i>never stops working</i>, as they put it: they drink it in the morning, in the late afternoon with soup, and, when at work, <i>up along</i>, with bread and cheese.” (TUI: 48, 49)</p>
<p>c) “O Santo Espírito festejam-no as irmandades no dia próprio, mas quem faz um voto e o cumpre, recebe a coroa em casa, e se é abonado dá uma vasta comezaina a toda a freguesia em qualquer domingo até S. Pedro. Hoje o imperador é um americano que voltou à terra com dinheiro e que mandou matar dois bois e cozer quatro sacos de farinha.” (AID: 118)</p>	<p>“It is the brotherhoods that celebrate the Holy Spirit on the day itself, but those who make a promise and fulfil it receive the crown in their home, and if the recipient is a person of means, he gives the whole parish a huge feast on any Sunday up until Saint Peter’s Day. Today, the emperor is an American who has returned to his native land with money and has arranged for two oxen to be slaughtered and four sacks of flour to be cooked.” (TUI: 65, 66)</p>
<p>d) “E logo que diz: - Morreu! – a gritaria dos espectadores é ensurdecadora. Também, desde que a criatura agoniza, não se acende mais o lume nem se bebe mais água, que se despeja em cântaros, para que a alma não se creste nem se ponha a banhar nos potes...” (AID: 121, 122)</p>	<p>“And the moment the words ‘He’s dead!’ are uttered, there is a deafening cry from the spectators. In addition, the moment the person enters their death agony, no more fires are lit and no more water drunk, the pots are emptied, so that the departing soul cannot sip from its surface or bathe in its pores.” (TUI: 67)</p>

<p>e) “Isto parece despovoado. Só encontro uma mulher do campo magra e triste, que se queixa da sua pobreza e diz: - O homem trabalha e uma mulher cobre os filhinhos com a sua sainha.” (AID: 130, 131)</p>	<p>“All this area seems deserted. I only encounter one thin, solemn countrywoman, who complains about her poverty and tells me: ‘A man works and a woman shelters her children behind her skirt.’” (TUI: 74)</p>
<p>f) “Alguns conventos, algumas igrejas pesadas, velhas e simpáticas casas de província com varandas de madeira e reixas: às vezes na varanda um postuguinho para a mulher <i>falar ao namoro</i> acorçada no chão. - Cheguei-me ao ralo - dizem as meninas.” (AID: 135)</p>	<p>“A couple of convents, one or two solid churches, pleasant old provincial houses with wooden verandas and grilles: occasionally the veranda has a tiny lattice door for the woman to talk to her suitor, while crouching on the floor. ‘I went to the confessional’, as the girls say.” (TUI: 79)</p>
<p>g) “Do Cabeço Gordo vê-se toda a ilha à roda: os Flamengos no interior, e no litoral Praia do Almocharife, Pedro Miguel, Ribeirinha, o Salão- celeiro da ilha dividido em retalhos de cores – Cedros, Praia do Norte, Capelo, Castelo Branco, Feteira, todas entre chãs de centeio e trigo e farrapos esverdeados de milho. A propriedade está muito dividida e quase toda nas mãos de remediados. O dinheiro da América tornou estes homens independentes.” (AID: 138)</p>	<p>“From Cabeço Gordo, one obtains a view of the whole island: Flamengos in the interior, and the coastal area of Praia do Almocharife, Pedro Miguel, Ribeirinha, Salão – the grain-growing parts of the island divided into patches of color – Cedros, Praia do Norte, Capelo, Castelo Branco, Feteira, all amid plantations of rye and wheat, and greenish strips of corn. Land is divided up in abundance, and almost all properties belong to owners who have made good. Money from America has made these men independent.” (TUI: 81)</p>
<p>h) “Uma pausa. Aquieta-se a canalha. Começa o sermão. Aquele sobe a um muro, a uma pedra, a uma mesa que é puxada para a rua, e toda a multidão espera em volta que aponte os podres ocultos da freguesia. E ele não recua... (...)</p>	<p>“A pause. The rabble comes down. The sermon begins. The preacher climbs up onto a wall. A rock. A table pulled into the street, and the crowd around him waits for the hidden dissolutes of the parish to be</p>

<p>E o sermão lá segue, até que a canalha, com toldo, a tripeça e o coro de piteireiros, se esgueira por uma ruela mais escura e a primeira luz da madrugada dissolve o quadro, de que não ficam vestígios, como se pertencesse ao domínio do pesadelo ou do sonho.” (AID: 167, 168)</p>	<p>named and shamed. And he does not hold back... (...) And the sermon continues until the rabble, with its mantle, its tripod, and its chorus of drunken revelers, slips off down one of the darker lanes and the first light of day dissolves the picture, leaving no traces whatsoever, as if the whole thing belonged to the realm of dreams and nightmares.” (TUI: 102, 103)</p>
<p>i) “Vale-me alguém que se põe a falar na extraordinária festa de São Marcos, que se faz no Pico, no Faial, no Corvo no dia 25 de abril...” (AID: 163)</p>	<p>“Someone comes to my succor when he starts telling me about the extraordinary festival of Saint Mark celebrated on April 25 on Pico, Faial, Corvo and Flores...” (TUI: 100)</p>
<p>j) “E a gritaria atinge o auge quando chegam em frente das casas apontadas a dedo - a malta nessa noite percorre toda a Vila. Param. Reclamam o irmão que está lá dentro e que eles entendem que pertence de direito a confraria. - Venha! Venha! - Aí surge a mulher, furiosa, que abre de repente o postigo e os cobre de insultos: - Malandros! O meu homem!... Eu nunca lhe preguei desfeitas. - Vocês é que o são!... Redobram os brados, os gritos, a risota, e o delírio cresce. Os archotes empunhados sacodem-se na noite, enformam e incendeiam os farrapos escuros, que tomam corpo e se agitam e dançam com os seres, fazendo parte da festa. As panças cheias de vinho rebolem-se de prazer.” (AID: 166)</p>	<p>“And the screaming and shouting reaches its height when they arrive in front of the houses they have picked out for special attention - the crowd crosses the whole town on that night. Here, they stop. They call for the brother shut away inside and whom they believe should belong to the association. ‘Come on! Come on!’ At that point, an angry woman appears, opens the door, and showers them with insults: ‘Hooligans! My man!... I’ve never given him cause for offense - You’re the ones who’re doing that!...’ The shrieking, the shouts, the guffawing, and the delirium redouble in intensity. The brandished torches wave around in the night; they fill the patches of shadow with smoke and fire, which then assume a shape, and shimmy and dance with the</p>

	<p>people, becoming part of the festival. The wine-sated paunches sway with pleasure.” (TUI: 102)</p>
<p>k) “Era uso antigamente nas terras alarpadas da província alguém ir para cima dos montes clamar por um funil os escândalos da vila cheia de terror- fulano dorme com fulana!- e o eco amplificava o som no côncavo dos vales. Talvez o acto fosse a maneira de corrigir os costumes e de obrigar as mulheres a terem tento na bóia. (AID: 168, 169)</p>	<p>“In the olden days, it was the custom in secretive provincial communities for someone to go up into the hills and broadcast through a loud hailer the scandals of the terrified town – so-and-so is sleeping with such-and-such a woman! - and the echo amplified the sound in the valley floors. Maybe this act was a way of correcting habits and forcing women to take care.” (TUI; 103, 104)</p>
<p>l) “O Pico perdi-o. A maravilha em negro e cinzento saída das entranhas do mar, nunca mais, desde que pus os pés em terra, a tornei a ver. Tudo se reduziu a fragmentos, a quadros restritos e recantos de paisagem.” (AID: 170)</p>	<p>“As for Pico, I have lost it. That marvel of black and gray emerging from the very depths of the sea, I have never seen it again, ever since I stepped back on to mainland. Everything has been reduced to fragments, limited scenes, and little snippets of landscape.” (TUI: 105)</p>
<p>m) “Pediu dinheiro a toda a gente, aos da América, aos ricos, aos pobres, para realizar aquela massa em ogivas abertas, onde toda a povoação ficaria sumida num canto. Gastou o seu e o alheio. Trabalhou como um negro.” (AID: 178)</p>	<p>“He asked everyone for money, the whalers, the Americans, the rich, the poor, in order to complete his open-vaulted colossus, where the entire village would fit modestly into one tiny corner. He spent his own and other people’s money, he worked like a slave.” (TUI: 112)</p>
<p>n) “- E aquela canoa não larga? - Está à espera do trancador. Já um grupo de velhos, com a mão enconchada sobre os olhos, espreita para o largo, a ver se descobre os esguichos de vapor que o bicho resfolga. (AID: 182)</p>	<p>““And isn't that boat there going to set off?” ‘It’s waiting for the harpooner.’ By now, a group of older men, their hands shielding their eyes, are peering out over the water, to see if they can catch sight of</p>

	the plumes of vapor expelled from the creature's blowhole. " (TUI: 115)
o) “ As outras canoas ficam a ver navios. Às vezes há balbúrdia: todos os barcos querem trancar a mesma baleia e dirigem-se pela cauda, pela cabeça, pelos lados; já tem acontecido remeterem às cegas sobre o bicho, encalharem no lombo e meterem o arpão na cabeça. Outras vezes um trancador impaciente, vendo fugir-lhe a presa, atira o ferro por cima do barco que está mais perto da baleia para a roubar. É o que eles chamam trancar para quebrar. ” (AID:192)	“ The other whaleboats are left with nothing. Sometimes there is a squabble: all the boats want to catch the same whale and make for its tail, its head, its flanks; they have even, on occasion, fallen blindly on the animal, landing on its back and harpooning its head. On other occasions, an impatient harpooner, seeing his prey escape, has thrown his lance onto the boat nearest to the whale in order to steal it. This is what they call short-cut harpooning. ” (TUI: 122)
p) “Outros, como este rapagão do Pico, uma jóia de rapaz, alto, seco e alegre, que caminhou para a América aos dezassete anos, vão para a cavala e só regressam para casar. É sempre a mesma vida. Embarcou num iate, pescou dias atrás de dias com redes na costa da América. A cavala é aberta, salgada e metida em barris. Às vezes vão vendê-la a Boston. - Foi também um irmão meu na minha companhia que está ainda para os bancos . Andou na baleia quatro anos e volta agora também para casar.” (AID: 202)	“Others, such as the lad from Pico, a stout-hearted boy, tall, weather-beaten , and merry, who went to America when he was seventeen, go to fish mackerel and only return home to get married. It is always the same life. He sailed on a schooner, fished for days on end with nets off the coast of America. The mackerel is filleted, salted and packed in barrels. Sometimes it is taken to Boston and sold fresh. ‘A brother of mine went with me, and he's still there on the Grand Banks . He worked for four years on whaling ships and is coming home to get married.” (TUI: 130)
q) “- Duma vez fui parar à costa da ilha do Príncipe no navio em que era contramestre. (...) - Pois és tu, João?! -	““One time I was the quartermaster on a ship that visited the island of Príncipe. (...) ‘Is that you, João?’ It was someone

<p>Era um desaparecido há muitos anos do faial. - Sou eu. - Volta comigo no navio para a nossa terra. Todos supõem que és morto. - Isso volto eu! Aqui tenho que comer e que beber. Estou casado com o estafermo de uma preta mas não me falta nada. Se voltasse para o Faial tinha que trabalhar para comer.” (AID: 206, 207)</p>	<p>who had left Faial many years before. ‘That’s me.’ ‘Come back home with me on the ship. Everyone thinks your dead.’ ‘Not a chance of that! Here, I’ve got food and drink. I’m married to a dumb black woman, but I have all I need. If I went back to Faial I’d have to work in order to eat.’” (TUI: 133)</p>
<p>r) “Este que me fala é um tipo anesgrestado e maciço, de rabiça na cabeça, capuz de abas caídas sobre as orelhas, e capa até ao joelho. - Vossa senhoria como vai mais a sua obrigação? (família) Estaco diante da figura primitiva e pergunto-lhe pela mulher. - Anda muito somenos, porque teve há dias uma família (filho).” (AID: 213)</p>	<p>“This fellow talking to me is dark-skinned and huge, his hair in a ponytail, a bonnet with ear flaps, and a knee-length cape. ‘How is your lordship and his obligation (meaning his family)?’ I pause in front of this primitive figure and ask after his wife. ‘She is half spent, on account of having some family a few days ago’ (she had a baby).” (TUI: 137)</p>
<p>s) “ - Para cima, custa – diz o homem que me acompanha – para baixo, até cabra manca faz viage...” (AID: 64, Edições Vercial; 230. Artes e Letras)</p>	<p>“ ‘Going up is the difficult part,’ the man accompanying me says. ‘Even a lame goat can make the journey down...’ (TUI: 149)</p>
<p>t) “O canal do Faial para o Corvo é perigoso e o do Corvo para as Flores está quase sempre de má catadura.” (AID: 255)</p>	<p>“The crossing from Faial to Corvo is dangerous and from Corvo to Flores is almost always menacing.” (TUI: 167)</p>
<p>u) “Toda a noite não pude pregar olho. Duas, três horas sem dormir. Na rua passam guitarras e rodam automóveis com mulheres. A noite é uma volúpia e o ar deste clima tropical uma carícia logo que desaparece o sol.” (AID: 288)</p>	<p>“I have been unable to get to sleep these last few nights. Two, three hours without sleeping. In the street, serenades with guitars and automobiles rolling by with women in them. Night is voluptuous and the air of this tropical climate a caress the moment the sun goes down.” (TUI: 189)</p>

TABELA 9. LINGUAGEM CORRENTE TRADUZIDA POR EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

<p>a) “Todos os dias se fazem as mesmas coisas desde o nascimento à morte. Não há uma questão – vivem unidos como irmãos – quem precisa dum arado vai buscá-lo a casa do vizinho.” (AID: 101)</p>	<p>“Every single day, the same things are done from birth until death. There are no questions asked – they live together like brothers: if someone needs a plow, he goes and gets it from his neighbor.” (TUI: 52)</p>
<p>b) “Vão lá às vezes pequenas embarcações, iates e escunas, mas já têm desaparecido, sem mais se saber dos barcos nem dos homens.” (AID: 255)</p>	<p>“Sometimes small vessels such as sailboats and schooners set out and disappear without a trace.” (TUI: 167)</p>
<p>c) “Ardem as mãos doridas pela linha e salgadas pela água, a humidade trespassa-nos de lés a lés, o cheiro mete-se no corpo e na lama - mas corre tudo bem: a fome é devoradora,” (AID: 200)</p>	<p>“Their hands burn because of the fishing lines and from the saltwater, they are damp from top to bottom, the smell sticks to their body and to their soul - but everything runs smoothly: they eat like horses,” (TUI: 128)</p>
<p>d) “E não tiro os olhos do mar. É costume a meio do canal, com a vela panda, os marinheiros descobrirem-se e rezarem a coroa a Nossa Senhora.” (AID: 217)</p>	<p>But I cannot take my eyes off the sea. It is the custom, halfway across the channel, with the sail full, for the sailors to do off their hats and say prayers to Our Lady.” (TUI: 141)</p>

TABELA 10. FESTIVIDADES

<p>FESTA DESCRITA</p>	<p>TEXTO DE PARTIDA</p>	<p>TEXTO DE CHEGADA</p>
<p>a) Origem do culto ao Espírito Santo</p>	<p>“A única devoção do povo açoriano, ou pelo menos a mais arraigada, é o Santo Espírito, que tem por fim principal dar de comer aos pobres – culto remoto que vem</p>	<p>“The only object of devotion for people in the Azores, or at least the most deeply rooted one, is that of the Holy Spirit, whose main purpose is to feed the poor</p>

	<p>do fundo dos séculos, desaparecido no Continente, mas que, levado pelos primeiros colonos, perdura nos Açores. A abadia do Paraclete fundada por Abailard com esmolas do povo, foi a primeira e a última igreja elevada em França ao Santo Espírito. Não sei de outra no mundo. Só nas ilhas não há freguesia onde Ele não tenha casa com altar e coroa, sem imagens, fora da igreja e independente da igreja. O padre tolera o culto e assiste às festas – mas vão buscá-lo a casa e marcha entre quatro varas grossas, simbolizando os quatro apóstolos, em que o povo o encerra...” (AID: 115)</p>	<p>– it is an ancient, time-honored cult, which as disappeared from mainland Portugal, but which still survives in the Azores, having been taken there by the first settlers. The abbey of Paraclete, founded by Abelard with alms from the people, was the first and last church erected in France to the Holy Spirit. I know of no other in the world. In the islands alone, every parish has a house of the Holy Spirit, with its altar and crown, but no images, distinct and independent from the church. The priest tolerates the cult and attends its festivals – but he is collected from his house and marched between four thick staffs symbolizing the four apostles, in which people guard him...” (TUI: 63, 64)</p>
<p>b) Comparação entre o culto do Espírito Santo nos Açores e no Brasil</p>	<p>“Nas ilhas e no Brasil todos os anos se elege um imperador para fazer a festa que dura da Páscoa ao Pentecostes do ano seguinte. Procura-o em casa a multidão e leva-o coroadado e de ceptro até à igreja, onde o clero o recebe sentando-o no trono ao lado do santuário e incensando-o como como a um bispo (Brasil). Este Imperador dos Imperadores tem, porém, uma missão que lhe</p>	<p>“In the islands and in Brazil, an emperor is chosen every year to preside over the festival, which lasts from Easter to Pentecost of the following year. The crowd fetches him from his home, and takes him with his crown and scepter to the church, where the priest receives him and seats him on the throne next to the sanctuary, in the case of Brazil anointing him as if he were a</p>

	<p>impõem os pobres: dar de comer a toda a gente nos dias de festa. Às vezes arruína-se para encher os ventres a quem o elegeu. As roscas do Santo Espírito são aos montões – levadas pelas mulheres em tabuleiros; a casa do culto é transformada em açougue. Ao lado dos carros de folhagem, dançam os foliões, de balandraus vermelhos e altas coroas na cabeça. De ilha para ilha a festa varia de pormenores, como varia no sertão. O que não varia é o seu extraordinário carácter popular. Não é o padre que celebra o culto – é o povo que o celebra, o povo grosseiro e rude, que traz para diante do Santo Espírito a Santa Matéria. O padre apenas colabora” (AID: 116, 117)</p>	<p>bishop. However, this emperor of emperors has a mission imposed upon him by the poor: to give everyone food on the days of the festival. He sometimes bankrupts himself in order to fill the bottomless stomachs of the parishioners who have chosen him. The women carry trays piled with Holy Spirit roscas (sweetbread rings); the house belonging to the cult is transformed into a butcher’s. Alongside the carts bedecked with foliage, the revelers dance, dressed in red balandraus (cloaks) and wearing tall crowns on their head. The festivity varies in detail from one Island to the other, just as it varies throughout the Brazilian interior. What does not vary is its extraordinary popular character. It is not the priest who celebrates the cult, but the coarse, unsophisticated people, who parade the Holy Matter in front of the Holy Spirit. The priest merely collaborates.” (TUI: 65)</p>
<p>c) Festa de S. Marcos</p>	<p>“Tudo está assolapado, tudo obedece a mesma regra, tudo se subordina às mesmas leis – e no dia de S. Marcos acabam os gestos pautados, as palavras medidas, e</p>	<p>“Everything is subdued, everything is subject to the same rule, everything subordinated to the same laws – and then on Saint Mark’s Day all the rigid gestures</p>

	<p>vem outro mundo cá para fora, mais grotesco que o entrudo, mais profundo que o entrudo, porque a acção neste dia é representada pelos mortos – painel onde se vêem as fisionomias gastas dos piteireiros e atrás delas outras caras que tem mão em vir à superfície; folia estranha, onde além do homem há outro homem no tablado, onde os gritos e a chacota da malta pertencem mais aos fantasmas que aos vivos. A irmandade de S. Marcos, só de homens casados, armou um altar com coroa de cornos muito bem ornamentados e um cornio maior em evidência no alto. À porta a malta espera e agarra-se ao primeiro que passa na rua lôbrega e que é obrigado a beijar o emblema retorcido.</p> <p>- Venha beijar o cornio, que bem o merece!</p> <p>- É da confraria este nosso compadre!” (AID: 164)</p>	<p>are jettisoned, all the carefully chosen words, and another world emerges into the open, more grotesque than carnival, more profound and carnival, because on this day all action is represented by the dead – it is a picture in which one sees the exhausted faces of the revelers and, behind these, other bonelike faces that persistently come to the surface; this is a strange celebration in which, beyond the man, there is another man performing, where the shouting and mockery of the participants belongs more to the world of ghosts than to the living. The brotherhood of Saint Mark consists solely of married men, and has erected an altar, with a crown of horns, all lavishly decorated, and with a larger horn sticking out on top. At the door of the association’s headquarters, the members lie in wait for the first passerby to come down the gloomy street, grab him, and force him to kiss the crooked emblem.</p> <p>‘Come kiss the horn, for you deserve it!’</p>
--	--	---

		‘ Our friend here is now in the brotherhood!’” (TUI: 100, 101)
d) Festas nos hotéis madeirenses; fogos de artifício da Passagem de Ano na Madeira	“As mulheres perdem a cabeça e bebem o vinho cor de âmbar com as bocas entreabertas como frutos a cair de maduros. Por trás da cidade o Monte ergue-se para o céu, aberto ao meio e endurecido de volúpia. Com a noite vem o frenesi. Nos grandes hotéis, vestidas de branco e decotadas, inebriadas de música e com deslumbramento do panorama em frente, erguem-se da mesa, e dançam enlaçadas . No último dia do ano, todas as casas se iluminam com fogos de Bengala, coroando esta festa de estrangeiros e de ricos .” (AID: 304)	“Women lose their head and drink the amber-colored wine, their mouths half open like ripe fruit about to fall from the tree . Behind the city, Monte rises skywards, open to the spirit of the place and hardened in its carnality. At night, the frenzy begins. In the large hotels, in their white, low neckline dresses, inebriated by the music and with that magnificent view before them, they rise from the table and dance cheek to cheek . On the last night of the year, all the houses are illuminated by Bengal flares, crowning this celebration of the wealthy and the foreigners .” (TUI: 201)

TABELA 11. TRADIÇÕES/ COSTUMES LOCAIS

TRADIÇÃO /COSTUME	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) Vestuário feminino (terceirense)	“Na rua andam mulheres de capote negro, apertado na cinta e formando concha sobre a cabeça, e raparigas do povo com o lenço atado só com um nó e deixando ver as madeixas : - São as solteiras; as	“In the street, the women wear black capotes , fastened around the waist so that they form a shell over the head, while lower-class girls wear a scarf tied with a single knot, leaving their hair

	<p>casadas escondem todo o cabelo e atam duas vezes o lenço no pescoço.” (AID: 60)</p>	<p>visible: - these are single girls; married women hide their hair and tie their scarves with a double knot.” (TUI:22)</p>
<p>b) Gestão do orçamento familiar no Corvo; chave da arca dos bens mais valiosos</p>	<p>“E quando acontece haver alguma de quem o homem não confia, logo as outras exclamam num espanto: - Ai Jesus, Maria, José! E ela está com ele! Ora isto de ter a chave da caixa é uma coisa muito séria na lavoura. A caixa da limpeza, sempre duma madeira dura para não lhe entrar o rato, e no Corvo de cedro petrificado que se encontra no fundo da terra, ou de tabuões de naufrágio que dão à costa, é o móvel onde se guardam os melhores panos, as moedas que se juntam tirando-o à boca, as coisas de maior préstimo e valia e as recordações dos mortos. A caixa herda-se. E puída de tantas mãos, é quase sagrada. Já tenho visto lavradores morrerem com os olhos postos na caixa e a chave metida debaixo do travesseiro. Ter a chave da caixa é ter o ceptro e o prestígio. E uma vez entregue à mulher, nunca mais se lhe pode tirar...” (AID: 76,77)</p>	<p>“And if ever there is a woman whom the man mistrusts, the other women immediately exclaim, bewildered: ‘Oh, Jesus, Mary, and Joseph! And to think she’s with him!’ The fact is that this business of controlling the key to the box is a very serious matter in these farming communities. The storage box, always made from hard wood so that mice cannot get in, and on Corvo from fossilized cedar, which can be dug up, or from the planks of wrecked ships washed upon the coast, the box is the item of furniture where the best pieces of cloth are kept, the coins that are saved up, the articles of greatest use and value, and the mementos of the dead. The box is passed on as inheritance. And timeworn by so many hands, it is almost sacred. I have seen country folk die with their eyes fixed on it and the key kept under the mattress. To hold the key is to hold the sceptre and prestige.</p>

		And once it is in the woman’s hands, no one will be able to prise it away from her...” (TUI: 34)
c) Assembleias populares (no largo do Outeiro da Vila do Corvo)	“Vou-me habituando a ficar com a porta aberta. Na primeira noite tive medo. Agora durmo de um sono num colchão de palha milha, com a janela escancarada, por onde entra o jorro que sabe a mar e a que se mistura o cheiro bravo do monte. Também vou com os pastores e os lavradores sentar-me no Outeiro, onde está a Câmara, o Espírito Santo e a cadeia vazia (agora mora lá uma vaca), e ouços de roda nas banquetas tomando resoluções sobre a lavoura e a terra.” (AID: 77)	“I am getting used to leaving my door open. On the first night, I was scared. Now, I sleep right the way through the night on a bristlegrass mattress, with the wide-open window allowing in the gentle breeze that smells of the sea and mingles with the untamed aroma of the hills. I also go up and sit with the shepherds and farmers at the Outeiro square , where the Municipal Hall, the Holy Spirit House, and the empty jailhouse (now housing a cow) are situated, and I listen to them sitting in a circle on the stools discussing matters and reaching decisions relating to the land and cultivation. (TUI: 34, 35)
d) Assembleias populares portuguesas	“O que está vivo diante de mim é a história, é o passado. São os homens de fala ou do acordo , os parlamentos que se juntavam ao ar livre nos adros, na velha terra portuguesa, e que talvez se reúnam ainda nos sítios ermos do Barroso , quando cada povoado era uma república com assembleias populares, <i>as chamadas</i> , que superintendiam nas sementeiras	“What is alive before me is history, the past. They are the men of parley and consent , the parliaments that assembled out in the open, in churchyards, in the country areas of old Portugal, and who may still meet in isolated parts of the north , such as Barroso , when each village was a tiny republic with its people’s assembly, the chamada , which

	<p>para lhes fixar a época, no concerto dos caminhos, do moinho ou do forno comum, resolvendo os pleitos e as questões das águas. Não esqueçamos que, dividindo o terreno, uma parte <i>era de Deus</i> e cavado por todos.” (AID: 79, 80)</p>	<p>oversaw planting by fixing its schedule, clearing paths, carrying out repairs on the mill or the community oven, resolving disputes and problems of water supply. Nor must we Forget that when dividing up the land for sowing, one part belonged to God and was dug by everyone.” (TUI: 36)</p>
<p>e) Carácter atípico do povo corvino</p>	<p>“Estes não, estes olham-nos nos olhos e falam com desassombro. Nenhuma hipocrisia. A senhora Emília diz-me: - Esta casa era do padre; tanto andei à volta dele que me fez um filho. – E ainda não há cinquenta anos as raparigas tomavam banho nuas diante do povo.” (AID: 91, 92)</p>	<p>“With these people, it is not the case. They look us straight in the eye and speak to us without any inhibition. No hypocrisy. A lady called Emília tells me: ‘This was the priest’s house; I was with him so much that he gave me a baby.’ And less than fifty years ago, girls took a bath naked, in front of everyone.” (TUI: 44, 45)</p>
<p>f) Cantigas tradicionais do Corvo</p>	<p>“- Ensinem-me vocês como se canta no Corvo. E sempre aquela mulher alta e esperta diz: - Aqui canta-se a <i>Chama do Ladrão</i>, a da <i>Rita Comprida</i>, a das <i>Vacas Lavradas</i>, bailes de outros tempos. Ouça a das <i>Vacas Lavradas</i>: Ó minhas vacas lavradas Quando vão p’ra a sarradela Dão meia canada de leite, Mas não cabe na panela.</p>	<p>““But you teach me some songs from here on Corvo.” And once again, that tall, quick-witted woman says: “Round here, we sing ‘The Robber’s Flame,’ the song ‘Long Tall Rita’, and ‘Cows in the Plow,’ dances from the old days. Listen to the ‘Cows in the Plow’: <i>Oh, my cows on the plow When you feed on weed</i></p>

	<p>E bem gordos, bem formosos Os bezerros atrás delas... Toada e palavras inexpressivas” (AID: 96)</p>	<p><i>Milk, half a ramekin</i> Not even a cannikin.</p> <p><i>Nice and fat, nice and pretty</i> <i>The calves follow behind</i> <i>a 'sucklin'...</i></p> <p>The ditty and its words are meaningless” (TUI:48)</p>
g) Chamarrita (cantiga/ dança popular) das Flores	<p>“É a gente que se esteve a enfeitar e que vem à Chamarrita.” (AID: 120)</p>	<p>“These are people who have been dressing up and are coming to the <i>Chamarrita</i>.¹¹ (TUI: 67)</p> <p>¹¹ A traditional Azorean dance during the Festival of the Holy Spirit /(translator’s note)”</p>
h) Vestuário feminino: capote	<p>“O que dá um grande carácter é esta terra é o capote. A gente segue pelas ruas desertas, e, de quando em quando, irrompe dum porta um fantasma negro e disforme, de grande capuz pela cabeça. São quase sempre as velhas que o usam, mas as raparigas, metidas na concha deste vestuário, que pouco varia de ilha para ilha, chegam a comunicar encanto ao capote monstruoso. É um ser delicado e loiro e o contraste realça a figurinha que saltita em passo de ave condenada àquele pesadelo, como certos bichos de aspecto estranho que trazem a carapaça às costas. Começo a achar interesse a</p>	<p>“What gives these islands their unique character is the hooded cape. We wander down the desert deserted streets and, from time to time, a black, unshapen specter emerges from a doorway, its head covered by a huge hood. The wearers of these are almost always old women, but young girls, cozily wrapped in this item of clothing, which varies little from island to island, manage to endow this monstrous cape with charm. They are delicate, fair- haired beings and the contrast emphasizes their slender figures as they hop along like birds, condemned to their nightmare,</p>

<p>este fantástico negrume e resolvo que devia ser o único traje permitido às mulheres açorianas. À saída da missa gosto de ver a fila de penitentes que se escoia pelas ruas... Também me explicam que é uma coisa ao mesmo tempo monstruosa e cómoda: vai-se com ele pela manhã à missa, usam-no as velhas aferradas aos seus hábitos, e uma rapariga pode visitar uma amiga na intimidade, porque está sempre vestida: basta estendê-lo sobre os ombros. Envolve todo o corpo, e, puxando o capuz para a frente, ninguém a conhece. O que uma mulher que usa o capote precisa é de andar muito bem calçada, porque tapada, defendida e inexpugnável, só pelos pés é que se distingue; pelo sapato e pela meia é que se sabe se é bonita a mulher que vem no capote. O capote herda-se, deixa-se em testamento e passa de mães para filhas. O capote numa casa serve às vezes para toda a família. Mulher que precisa de ir à rua de repente, pega nele e sai como está. – Este já foi de minha avó – diz-me uma rapariga. – Era de um pano inglês escuro, de um pano magnífico que dura vidas.” (AID: 136, 137)</p>	<p>like those strange-looking creatures that carry a carapace on their backs. I begin to find this peculiar black bulk interesting and have decided that this is the only outfit Azorean women should be allowed to wear. As people leave mass, I enjoy watching the line of penitents emptying into the streets... I also come to realize that, while it is grotesque, it is also comfortable: they can go to morning mass in it, old women clinging to customs can wear it, and a girl can go and visit a girlfriend in respectable intimacy, because she is always fully dressed: all she has to do is throw it over her shoulders. It envelops the whole body, and by pulling the hood forward over her head, she knows that no one will recognize her. What a woman wearing a hooded cape must do is to have a good pair of shoes, because while she is well covered, protected, and impregnable, she can be recognized by her feet; if she is wearing shoes and stockings, people will know that the woman under the cape is pretty. A cape is inherited; it is left in wills, and passed on by</p>
---	--

		<p>mothers to their daughters. Sometimes one cape is used by the whole family. A woman who suddenly needs to go out will grab it and put it on without another thought. ‘This one belonged to my grandmother,’ one girl tells me. ‘It was made from English cloth, a magnificent cloth that lasts for ages.’” (TUI: 80)</p>
<p>i) Travessia do canal entre Corvo e Flores</p>	<p>“Onde se lida de perto com o povo é nos barcos de cabotagem que fazem o tráfego entre as ilhas. Para passar o canal do Corvo para as Flores meto-me num chaveco de velhas tábuas com velas triangulares, seguras por duas cordas, uma à proa, que se chama burro, e outra, a escota, na mão do cabo do mar. Para içar a vela os homens agarram-se à urraca, puxando-a até que o mestre de repente grita, por causa do vento: - Repica! Repica! – para eles atravessarem a verga, a que lá chamam vara. E lá vamos na caranguejola... A travessia tanto leva três horas como onze, conforme o vento, as águas, as lufadas que se levantam de repente no meio do canal, quase sempre agitado pelo Gulf Stream.” (AID: 216, 217)</p>	<p>“Where you live at close quarters with the people is on the ferries that ply between the islands. To cross the channel between Corvo and Flores, I climb aboard an old sailing boat of worn deck planks and triangular sails, held by two ropes, one at the prow, which is called a burro (donkey), the other, the mainsail is controlled by the captain. To hoist the sail, the men grab the urraca (gaff), pulling it until the master suddenly shouts, because of the wind, ‘Top the yards! Top the yards!’ So that they can cross the yard, which they call the ‘pole.’ And off we sail in the old crab... The crossing can take anything between three and eleven hours, depending on the wind, the waters, the sudden gusts that occur in mid-channel, almost</p>

		always aggravated by the Gulf Stream. ” (TUI: 140)
j) Meios de transporte característicos da Madeira: carregadores humanos; bancos assentes em trenós típicos puxados por bois	<p>“Para viajar no interior da Madeira só há dois processos cómodos – o da rede suspensa por uma vara às costas de dois homens que caminham apegando-se a paus, e o carro de bois. Mas a rede faz sono, o carro é melhor. Assente em travessas de madeira, os cursoes, este lindo meio de transporte tem dois sofás de verga forrados de paninho com pequenas flores azuis e é protegido do sol e da chuva pelo toldo com cortinas. Ao lado vai o homem, de aguilhão em punho, que fala aos bois, e à frente um pequeno boieiro. É o meio mais original de correr as ruas e as estradas, e ao mesmo tempo o mais rápido, porque os bois trotam e galopam quando é necessário. Sem a brutalidade inexpressiva da máquina nem a rapidez estúpida do automóvel, o carro do Funchal, que nos permite ver e comentar, dá-me a impressão de que voga e de que regressámos aos tempos primitivos e heróicos – é conjuntamente carro e barca.” (AID: 290, 291)</p>	<p>“There are only two ways to travel in the interior of Madeira in any degree of comfort – in a hammock suspended on a stick carried on the backs of two men who walk carrying wooden staffs, or in an oxcart. But the hammock makes you fall asleep, which is why the cart is preferable. It is set on wooden boards or sleds, called cursoes. This pretty method of transport has two wicker chairs padded with cloth, decorated with a blue flowery pattern, and is protected from the sun by an awning with curtains. A man walks alongside, carrying a cattle prod, and talks to the oxen, while a little cowherd boy walks in front. This is the most original way to travel along the streets and roads, and at the same time it is the fastest, because the oxen trot and even gallop when necessary. Without the brutality and impersonality of machinery, or the silly speed of the automobile, this little Funchal cart allows us to notice things and make remarks while giving the impression that it is floating and that we have</p>

		returned to a primitive, heroic age – it is both a cart and a boat.” (TUI: 191, 192)
--	--	--

TABELA 12. OFÍCIOS/ PROFISSÕES

OFÍCIO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) olaria em Santa Maria	<p>“É aqui que os barcos de três velas vêm buscar o barro em bolas, para S. Miguel fabricar grandes talhas, canecas porosas, vasilhas de todas as formas e feitios. Santa Maria não só fornece os oleiros dos Açores mas fabrica também cântaros, púcaros, caboucos, numa ruazinha escondida da vila. Processos primitivos: o homem numa oficina escura prepara e amassa o barro, a que outros vão lentamente dando feitio no engenho. Trabalha a mão e o pé: o pé na grande roda que faz girar o prato com o barro ainda informe, e a mão dando-lhe forma.” (AID: 55)</p>	<p>“It is here that the three masted schooners come to fetch balls of clay for the island of S. Miguel, where they are used to manufacture great pitchers, terracotta mugs, bowls of all shapes and designs. Santa Maria not only furnishes the brickyards of the Azores with clay, but her people also make jugs, pots, and basins in an inconspicuous little alley in the village. The processes are primitive: a man in a murky workshop prepares and kneads the clay, which others will gradually model in the pottery. They work with both hand and foot: the foot operating the large wheel that turns the disc on which the still amorphous lump of clay sits, while the hand shapes it.” –(TUI:19)</p>
b) fiação e fabrico de	<p>“São mulheres activas e espertas. Todas cardam e fiam, e quase</p>	<p>“They are active, resourceful women. All of them dress the</p>

roupas (mulheres corvinas)	todas, num tearzinho rudimentar, fabricam o pano de que se vestem a si e aos homens. E fiam muito bem e tecem muito bem. ” (AID: 76)	wool and spin it, and almost all of them, by means of a rudimentary loom, make the cloth they and their men wear. And they spin and weave very well. ” (TUI: 34)
c) dia da lã (ilha do Corvo)	“Apegado a um bordão com ponteira de ferro, atravesso os Pastelos , onde nos <i>dias do fio</i> tosquiavam as ovelhas, os baldios e mais montes vestidos de queiró escura, mais montes severos.” (AID: 86)	“Clutching a metal-tipped staff, I cross the Pastelos , where, on <i>fleece days</i> (as they call them), they shear sheep. These are fallow lands, with more hills covered in dark heather, more forbidding hills.” (TUI: 41)
d) baleação (ilha do Pico)	“Lá de cima do poleiro o vigia ergueu-se de salto, deu sinal de baleia à vista com o búzio e todos os homens desataram a correr para as canoas . Nas Lajes, noutro dia, saía o enterro dum baleeiro morto no mar, quando do Alto da Forca anunciaram o bicho . Ia tudo compungido – ia a mulher compungida e os pescadores compungidos , o padre o sacristão, a cruz e a caldeira – iam aqueles homens rudes e tismados em passo de caso grave e fatos de ver a Deus – e logo a marcha compassada parou instantaneamente e mudaram instantaneamente de atitude: ficou só o padre com latim engasgado e o caixão no meio da rua, e os outros, enrodilhados, levaram sacristão, de abalada, até a praia.	“High up on his post , the lookout suddenly stood upright, gave the signal of whale ahoy high with this horn , and all the men ran towards the boats . The other day at Lajes, the funeral cartage for a whaler killed at sea was setting off when a whale was sighted from Gallows Hill . Everyone was grief-stricken – the widow was grief-stricken, the fisherman were full of grief, the priest, the sacristan, the cross, and the vessel of holy water, - those rough, grimy men we’re advancing solemnly and dressed in their best suits – and then the slow rhythm of the march came to a sudden halt and their mood changed immediately: the priest was left by himself, stuttering in Latin,

	<p>Baleia! Baleia!... Deixam um casamento ou um enterro em meio, um contrato ou uma penhora, as testemunhas e a justiça, e correm desesperados a arrear a baleia. No Cais do Pico e nas Lajes ninguém se afasta da praia. (...) E enquanto falam, comem ou trabalham, lá no fundo remói sempre a mesma preocupação. São tão apaixonados que até este cheiro horrível, que faz náuseas e que se entranha na comida e no fato, lhe cheira sempre bem.” (AID: 181, 182)</p>	<p>the coffin lying in the middle of the street, while the rest, in a throng, and taking the sacristan with them, rushed towards the beach. Whale! Whale!... They will leave a celebration or a funeral halfway through, a contract or a financial deal, witness or judicial obligations, and rush off with all urgency to join a whale hunt. At Cais do Pico and Lajes, no one strays far from the beach. (...) And while they talk, eat, or work, deep down, they all have the same nagging concern. They are so wrapped up in the activity that even this awful, nauseous stink, which works its way into food and clothing, smells good to them.” (TUI: 114, 115)</p>
<p>e) método tradicional (açoriano) de caça à baleia</p>	<p>“Já outras canoas se aproximam... Mas antes que lhe tirem a baleia, o trancador lança o ferro. O bicho tem um momento hesitação e surpresa, como o touro quando lhe cravam as bandarilhas, o que permite ao barco desviar-se num golpe de remos, antes de ser abafado na cauda ou envolvido no redemoinho das águas. Não há um segundo de dúvida ou movimento falso. A baleia mergulha entre vagas, com o risco de os arrastar</p>	<p>“By now, other boats are approaching... But before they can take the whale themselves, the harpooner launches his weapon. There is a moment of hesitation and shock from the creature, like the bull when they plant the banderillas in him, and this allows the boat to serve away with the pull of the oars, before it gets flattened by the flukes or caught in the ensuing whirlpool. There is not so much as a second</p>

	<p>para o fundo e leva-os numa velocidade de expresso, pelo mar fora porque aquela grande massa é de uma agilidade espantosa. – Larga! Larga! Larga a manilha!... E lá vão no curso, entre as águas rasgadas, no grande sulco aberto com violência, tomando tento na linha.” (AID: 191, 192)</p>	<p>of doubt or one false move. The whale plunges into the waves, and there is a risk that it will drag them to the bottom or carry them at the speed of an express train out into the open seas, because that huge mass is astoundingly agile. ‘Let it out! Let it out! Let the rope out!...’ And forward they go in the animal’s troughed wake of water ripped violently apart, keeping a close eye on the line.” (TUI: 121, 122)</p>
<p>f) pesca do bacalhau</p>	<p>“Então começa a pesca. Levantamo-nos às três da manhã (lá tanto faz ser dia como noite, é tudo um) e depois de comer armam-se os botes para a pesca, dois homens em cada um, e procura-se o peixe onde ele bate. Se não dá muda-se de sítio e larga-se o ferro. Ao meio-dia, nos dias mais claros o navio levanta um farrapo no topo do mastro e os outros tocam o sino - sinal de jantar. E depois de jantar volta-se para a pesca, de pé no barco, com duas linhas em cada mão, sueste na cabeça, casacos e calças oleados e grandes botas nos pés - sempre sobre o banco do peixe e os barcos a curta distância uns dos outros. Às vezes é um falatório pegado de barco para barco, mas trabalhando</p>	<p>“Then the fishing begins. We get up at three in the morning (there, it doesn't matter whether it's day or night, it's all the same) and, after we eat, the dories are gotten ready for fishing, two men in each, and they go wherever the fish is biting. If there's nothing, they weigh anchor and try somewhere else. At midday on clear days, the ship hoists a rag at the top of its mast and others ring a bell - that's the call for dinner. Then, after dinner, we go back to fishing again, standing in the boat, two lines in each hand, sou'wester on our head, oilskin jacket and trousers, and big boots on our feet - always over the fishing banks and the boats not far from each other. Sometimes</p>

	<p>sempre. Trabalha-se até a meia-noite, e os que regressam da pesca caem logo num sono profundo até às três da madrugada, hora a que o capitão grita: - Olá, tudo a pé! – Trabalham os da pesca e trabalham os de bordo, rapazes <i>verdes</i> (são os que embarcam pela primeira vez) e que escalam, escalam infatigavelmente, com grandes facas na mão, cortando a cabeça aos peixes, abrindo-os e passando-os ao vizinho que lhes tira as tripas e separa o fígado. Logo outro atira o peixe pela escotilha ao porão, onde é salgado e metido em barris. Só aos domingos se descansa. E nunca ninguém está doente.... Ardem as mãos doridas pela linha e salgadas pela água, a humidade trespassa-nos de lés a lés, o cheiro mete-se no corpo e na lama - mas corre tudo bem: a fome é devoradora, os estômagos de ferro.” (AID: 199, 200)</p>	<p>folk talk from one boat to another, but they're always hard at work. We go on working until midnight, and those returning from fishing sleep like a log straightaway, until three in the morning, when the captain shouts, ‘Everyone up!’ They all work, those fishing and those on board; green boys (those at sea for the first time) do the scaling, and they scale away nonstop, big knives in their hands, cutting the heads of the fish, slipping them, passing them on to the next person, who guts them and separates the liver. Then another throws the fish through the hatch into the hold, where it's salted and packed in barrels. The only rest day is Sunday. And no one ever falls ill... Their hands burn because of the fishing lines and from the saltwater, they are damp from top to bottom, the smell sticks to their body and to their soul - but everything runs smoothly: they eat like horses, they've got bellies of iron.” (TUI: 128)</p>
<p>g) atividade piscatória nos Açores</p>	<p>“Para os pescadores do Pico o melhor banco é o banco da Princesa, mas há também o baixio de S. Mateus, a restinga de S.</p>	<p>“For the Pico fisherman, the best waters are the Princesa bank, but there is also the São Mateus shoal, the São Jorge sandbar, the</p>

	<p>Jorge, o mar Velho, o mar Novo e o mar de Fora, que dão muito peixe. Antes da descoberta do Príncipe do Mónaco, o mar mais piscoso era o da Ponta Negra até à Ponta do Hospital. As bogas apanham-se com o enxalavar, a cavala à cana e a agulheira, a anchova, a dourada e o írio a pau e alinhavões. A isca prepara-se soborralhando o peixe e picando-o depois à faca.” (AID: 209, 210)</p>	<p>Velho, Novo, and Fora seas, where the fish are plentiful. Prior to the discovery by the Prince of Monaco observatory,¹⁷ the sea that provided the greatest abundance of fish was the stretch between Ponta Negra and Ponta do Hospital. Bogues are caught using a landing net; mackerel with a rod and single hook line; bluefish, golden bream, and amberjack with a rod and big hooks. Bait is prepared by rolling the fish in cinders and pricking it with the tip of a knife.</p> <p style="text-align: center;">17 The ‘Observatório Príncipe Alberto do Mónaco’ situated on the Island of Faial, is a meteorological and oceanographic institute, which was established at the beginning of the 20th century (translator’s note).” (TUI: 135)</p>
<p>h) turismo na Madeira: receção aos grandes paquetes</p>	<p>“Agora conheço melhor a Madeira. Passado o primeiro entusiasmo vejo tudo a frio. Esta ilha é um cenário e pouco mais - cenário deslumbrante com pretensões a vida sem realidade e desprezo absoluto por tudo que lhe não cheira a inglês. Letreiros em inglês, tabuletas em inglês e tudo preparado e maquinado para</p>	<p>“Now, I am better acquainted with Madeira. After my initial enthusiasm, I see things in the cold light of day. This island is a spectacle and little else - a dazzling spectacle with aspirations to a life devoid of reality and an absolute scorn for anything that does not have the whiff of being English. Shop</p>

<p>inglês ver e abrir a bolsa. Eles saem dos paquetes - e logo o Funchal se arma como um teatro - secos, graves, dominadores; elas saem do mar vestidas de noiva, de bengala na mão e blusa de croché, passeando a sua importância e as suas libras esterlinas em terreno conquistado. O inglês é talvez o povo mais nobre do mundo - mas não têm o sentimento do grotesco. Sentado à porta do Golden Gate, ouço apito do vapor, e já sei o que se vai passar: muda a armação como um cenário de mágica. Surgem homens com grandes chapéus de palha para vender bordados, colares falsos de coral, cestos de fruta; iluminam de repente as lojas, e segue o desfile de tipos - pretas de Cabo Verde com foulards vermelhos na cabeça, mulheres planturosas, alemães maciços, portugueses esverdeados e febris que regressam das colónias, velhas inglesas horríveis que vêm não sei donde e partem não sei para onde, desaparecendo para sempre no mistério insondável do mar; criaturas inverosímeis que rodam a toda a força nos automóveis num frenesi que dura momentos e se passa na única rua onde há um café</p>	<p>signs in English, signposts in English, and everything prepared and planned with precision for the English to see and open their purse strings. They come ashore from ocean liners – and, straightaway, Funchal becomes a theater - they are cold, severe, domineering; the women emerge from the sea dressed like brides, walking stick in hand and crochet blouses, flaunting their self-importance and their pounds sterling in their conquered land. The English are possibly the most upstanding people in the world - but they have no sense of the grotesque. Sitting by the door of the Golden Gate,²¹ I hear the ship's siren, and I already know what is about to happen: the scene changes as if in some conjuror's trick. Men with big straw hats appear in order to sell needlework, spoof coral necklaces, baskets off fruit; the shops are lit up all of a sudden, and a parade of different types begin - black Cape Verdean women with red foulard scarves on their head, corpulent women, massive Germans, sickly febrile Portuguese returning from the colonies, awful old English</p>
---	--

	<p>que transborda de luz. Mas as máquinas de bordo dão o sinal e uma hora depois esta vida fictícia desapareceu e tudo reentra no isolamento e no silêncio. Apagam-se as luzes, correm-se os taipais e os vendedores mergulham na pacatez da vida quotidiana. O quadro está sempre a repetir-se com a chegada e a partida dos grandes transatlânticos. (AID: 302, 303)</p>	<p>ladies who have come from goodness knows where and are going to goodness knows where, disappearing forever in the phantomless mystery of the sea; unbelievable creatures who roll by at full speed in automobiles, in a momentary frenzy, and all this happens in the one street where there is a café overflowing with light. But the ship blasts its signal, and an hour later this fictitious world has disappeared and everything returns to silence and isolation. The lights are switched off, the shop window blinds are pulled down, and the hawkers settle back into their narrow daily routine. The scene is ever-changing with the arrival and departure of the great ocean liners.</p> <p>²¹ The name of a well-known café in downtown Funchal (translator’s note).” (TUI: 199, 200)</p>
<p>i) ocupações profissionais na Madeira</p>	<p>“Conheço o pescador de Paul, Câmara de Lobos e Machico. Nenhum mar mais pródigo do que este. Há épocas no ano em que passa compacto e imenso o cardume do gaiado, variedade de</p>	<p>“I know fishermen from Paul, Câmara de Lobos, and Machico. There is no sea more fertile than this. There are times during the year when a vast, dense shoal off skipjacks, a variety of tuna, pass</p>

	<p>atum. Abunda o espada preta, a lula enorme, o carapau, a moreia sarapintada de amarelo, mas ele quase se limita a pescar o peixe-espada que é o mais fácil, tendo perdido a memória dos mares de peixe: - Só o Patudo os conhecia todos, e só o Andorico é que vai ao cherne, porque sabe onde ele está. - Gasta tudo o que ganha - bebe tudo. Bebem nacionais e estrangeiros. No Funchal por toda a parte se vêem tabernas. Há-as no fundo de camisarias, com inglesas a bebericar. Os ourives são ao mesmo tempo ourives e taberneiros, as modistas têm balcão e copinhos... Há, logo à entrada do porto, uma de cada lado, com os barris já preparados para o consumo... Estou muito longe daquela gente simples, daqueles homens são de quem me aparteí com saudade...” (AID: 306, 307)</p>	<p>through these waters. The black scabbard fish abounds, along with huge squid, mackerel, yellow-speckled moray eels, but they limit themselves to catching swordfish, which is the easiest, having lost their memory of the seas and their fish: ‘Only Patudo knew them all, and only Andorico goes for bass, because he knows where to find them.’ ‘He drinks all he earns - he drinks everything.’ They drink local and foreign liquor. In Funchal, there are Taverns wherever you look. There are places at the back of clothes shops, with English women sipping their drinks. Goldsmiths are simultaneously goldsmiths and tavern keepers; dressmakers have a counter and the row of glasses ... At the entrance to the port, there is one on each side, with barrels ready to dispense drink... This is a far cry from those simple people, those stout men I said farewell to with a heavy heart...” (TUI: 202, 203)</p>
--	--	--

TABELA 13. REFERÊNCIAS HISTÓRICAS, MÍTICAS E RELIGIOSAS

REFERÊNCIA / CONTEXTO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) D. Pedro IV	“Demoro-me a olhar a cidade, donde irrompe a pirâmide amarela, o monumento a D. Pedro IV. ” (AID: 59)	“I pause to look at the city, from where a yellow pyramid rises up, the monument to King Pedro IV .” “ ⁶ Pedro, as the former Emperor Pedro I of Brazil, led a successful liberal revolt, originating in the Azores in 1832, against the absolutist regime of his brother, Miguel, in Lisbon. He subsequently became Pedro IV (translator’s note).” (TUI: 22)
b) Alexandre Herculano	“Pertencem a outras idades. Parecem, pela fixidez, animadas por sentimentos e ideias fora do ambiente. Moldou-as pouco a pouco a solidão e o silêncio. Quase me metem medo, como se o passado se pusesse a olhar para mim e a interrogar-me. (...) Um destes lavradores parece Herculano e outro tem mãos enormes e gretadas, mãos de terra quase desumanas.” (AID: 79)	“They belong to other ages. By the fixity of their look, they seem fired by feelings and ideas that are alien to our world. They have been molded over the years by solitude and silence. I find them almost fearsome, as if the past had started to observe me, question me. (...) One of these farmers looks Herculean and another has huge, craggy, barely human hands, hands fashioned from the soil.” (TUI: 36)
c) Rainha Santa Isabel	“Dizem nos Açores, e di-lo também o missionário P. Marie H. Taque , no seu livro recente	“In the Azores, they say, as does the missionary, P. Marie H. Taque , in his recent book on the

	<p>sobre o sertão brasileiro*, que foi a Rainha Santa quem introduziu o culto do Espírito Santo em Portugal. Tentara erguer um templo ao divino Paraclete, mas a obra, por falta de recursos, ia ser abandonada. Então, por terra, invocou o seu divino protector numa oração fervorosa. Ao acabá-la ordenou que todas as manhãs lhe trouxessem braçadas de pequenas rosas vermelhas do campo, e todas as manhãs orando transformava em moedas de oiro as flores bravas do regaço. A catedral, rapidamente construída, cantava pelas flechas e pelas torres, erguidas até às nuvens, a glória e o poder do Espírito da Luz e do Amor.” (AID: 116)</p>	<p>Brazilian interior,¹⁰ that it was the devout Queen Isabel who introduced the cult of the Holy Spirit into Portugal. She had tried to erect a church to the Divine Paraclete, but the work was on the point of being abandoned because of lack of resources. And so she invoked her divine protector in a passionate prayer. Upon finishing it, she issued an order that armfuls of wild roses should be brought to her every morning, and every morning as she prayed, the wildflowers in her lap were turned into gold coins. The cathedral was soon built, and from its steeples and its towers, she sang of the power of the Spirit of Light and of Love.” (TUI: 64)</p>
<p>d) Mito sebastianista</p>	<p>“A meu lado, sentados num banco, reparo em quatro velhos, todos juntos, muito graves, todos de barba branca, todos descalços e dois com grandes óculos de aro de folheta. Indaguei e soube que eram os sebastianistas. Estendo a mão devagarinho e toco-lhes com receio, para ver se estão vivos. A nossa conversa foi muito simples. Nos olhos daqueles</p>	<p>“Next to me, seated together on a bench, I notice four stern-faced old men, all with a white beard, all of them barefoot, and two of them wearing large, tin-framed spectacles. After some enquiries, I discover that they are the Sebastianists. I hold out my hand and touch them apprehensively to make sure they are alive. Our conversation is a simple one. In those men’s eyes,</p>

	<p>homens havia uma candura e uma fé que me infundiam respeito. Tinham alguma coisa de diferente. Alguma coisa de extraordinário que os estremava – como fidalgos da plebe. Não era a atitude nem os óculos enormes. Era o ar. Era a alma. Era um idealismo, ridículo e amargo como o de D. Quixote. Não me atrevi a discutir com eles. Todos esperam pelo D. Sebastião como esperam pelo reino dos céus, e um asseverame à despedida: - No ano em que houver três Invernos e um Verão, vem D. Sebastião. – E saem pela porta fora, descalços, graves, agarrados aos paus, e vivendo aquele sonho desconforme. E eu fiquei a olhar para eles espantado...” (AID: 120, 121)</p>	<p>there is an expression of candor and a faith that fills me with respect. There is something different about them. Something extraordinary that makes them stand out – like plebeian gentlemen. It is not their attitude or their huge spectacles. It is their general air. Their spirit. It is their idealism, as ridiculous and as tragic as that of Don Quixote. I do not dare argue with them. All of them await King Sebastian just as they await the kingdom of heaven, and one of them declares as they bid me farewell: in the year when there are three winters and one summer, King Sebastian will come. And they walk out together through the door, barefoot, grave, clutching their sticks, and living for their unconventional dream. I stand there, looking at them in amazement...” (TUI: 67)</p>
<p>e) Interjeição que invoca Deus/ Jesus Cristo</p>	<p>“- Cheguei ao pé dele e perguntei-lhe pelo charro aí ele respondeu-me que o que queria era ver-se livre dos tubarões que andavam sobre o rilheiro. Reparei e vi tanta cabeça que não me atrevi a meter o enxalavar. Era medonho o que se passava na água. Ao cimo</p>	<p>““I reached him and asked him about the mackerel, and he answered that what he wanted was to get away from those sharks that were chasing the shoal. Then I noticed them and I saw so many heads that I didn't dare put my net in. What was happening there in the water was</p>

	<p>não se via senão um levante de peles e de bocas. Veio um grande albar e botou a boca ao merraxo levando-o atravessado nos dentes. Veio uma albacora e deu tamanha trombada na canoa que Manuel caiu na caverna e andou dias sem poder trabalhar... vimo-nos ali todos perdidos e o levante foi tão grande que as canoas de S. Jorge e do Faial chegaram a arrear, pensando que era baleia... Senhor, quando um ou dois bichos daqueles se metem debaixo da embarcação, estragam tudo!” (AID: 268, 269)</p>	<p>frightening. All you could see on the surface was a mass of seething skin and mouths. A big cow shark arrived and bit the <i>merraxo</i>, lifting it up between its teeth. Then an albacore came and butted the boat so hard that Manuel fell into the well and was unable to work for days... We thought we were done for, and the upheaval was so big that boats from São Jorge and Faial rushed to the spot thinking it was a whale... Yes, sir, when one or two of those creatures get under the boat, they ruin everything!” (TUI: 176)</p>
--	--	--

TABELA 14. REFERÊNCIAS À ORGANIZAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL

REFERÊNCIA/ CONTEXTO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) técnica de pintura/ envernizamento	“Volto e acabo por me fixar durante alguns momentos na cobertura pintada a ripolém , camada de branco, camada de verniz” (AID: 48)	<p>“I return and eventually spend some minutes contemplating the Ripolin-painted main deck⁴, a coating of white, another of varnish”</p> <p>⁴ A commercially produced brand of ready-mixed paint used on ships, named after the Dutch chemist, Carl Julius Ferdinand</p>

		Riep, who originally developed it in the late nineteenth century (translator’s note).” (TUI: 13, 14)
b) antigas unidades de capacidade e moedas portuguesas	“-Fome! Muita fome!... A ilha andava avexada: pagava moios de trigo e oitenta mil réis em dinheiro ao senhorio de Lisboa” (AID: 92)	““Hunger! Great hunger!... The island was going through vexed times: we paid the landlord in Lisbon forty moios of wheat and eighty mil réis in money.” (TUI: 45)
c) antigas moedas portuguesas e unidade de peso	“Ainda há pouco tempo o preço da vida era o seguinte: uma dúzia de ovos custava um vintém , uma galinha um tostão , a carne de vaca oitocentos réis a arroba .” (AID: 103, 104)	“Until only a short time ago, prices were as follows: a dozen eggs cost one <i>vintém</i> , a chicken one <i>tostão</i> , beef eight hundred <i>réis</i> per <i>arroba</i> . ⁸ ⁸ <i>Vintém</i> , <i>tostão</i> and <i>réis</i> are old units of Portuguese currency. The <i>arroba</i> was a unit of weight corresponding to about 15 kilos (translator’s note).” (TUI: 54)
d) medidas de capacidade: alqueire/s; braça/s	“A propriedade avalia-se por alqueires de terra – duzentas braças quadradas – produzindo, em média, cada uma trinta alqueires de cereal.” (AID: 138, 139)	“Ownership of land is valued in <i>alqueires</i> – about four hundred square meters – each producing on average thirty <i>alqueires</i> of cereal. ¹² ¹² The <i>alqueire</i> was a pre-metric measure of capacity introduced in medieval times, corresponding to between thirteen and nineteen liters, depending on the region. It also came to denote a measure of area, with similar wide

		variations. Here, both meanings are used (translator's note).” (TUI: 81, 82)
e) emigração em massa para a América	“Quase todos os homens, e até as mulheres, emigram para a América, e os que não emigram é porque não podem fugir. Se a América abrisse largamente as portas, os Açores despovoavam-se. Já faltam braços para cultivar as ilhas... ” (AID: 203)	“Almost all the men, and even the women, emigrate to America, and for those who do not immigrate, it is because they cannot escape. If America were to open its doors wide, the Azores would become depopulated. As it is, there is a shortage of manpower for agricultural work in the islands... ” (TUI: 131)
f) braça (unidade de medida)	“Vão ao mar do Nordeste, ao mar da Prata, ao Cabeço de Esquiola, ao Baixio, aos Aregos, aos Palheiros, ao Invés, ao mar Novo, saindo à meia-noite e chegando a cento e cinquenta braças e às vezes, como no Cacete, a quinhentas braças de profundidade.” (AID: 210)	“They go out to the Nordeste and Prata seas, Cabeço de Esquiola, Baixio, Aregos, Palheiros, Invés, and to the Novo sea, leaving at midnight and getting out to a depth of 150 feet and sometimes, as in the case of the Cacete waters, 500 feet. ” (TUI: 135)
g) canada/s (antiga medida portuguesa de volume/ capacidade para líquidos)	“Em S. Jorge, a ilha trágica, vale a pena ouvir a voz do pastor, a queixa baixinha do homem mais desgraçado dos Açores. Nesta terra de grandes proprietários, que alugam as pastagens por certo número de canadas de leite, há sítios que pagam por ano quinhentas canadas de leite por cada vaca	“On São Jorge, the tragic island, it is worth listening to the voice of the cowherd, the quiet complaint of the most unfortunate man in the Azores. On this island of large landowners, who rent out their pastures for a certain number of canadas ¹⁸ of milk, there are places that pay every year five

	<p>e outros menos. Os pastores levam o leite à fábrica de manteiga, e no fim do ano pagam em dinheiro ao senhorio. Quanto mais caro for o leite, pior para o pastor, que tem fixo no arrendamento o número de canadas. Vivem em povoados e de manhã e de tarde vão aos baldios ordenhar as vacas.” (AID: 212)</p>	<p>hundred <i>canadas</i> of milk per cow and others less. The cow herds take their milk to the dairy, where it is turned into butter, and at the end of the year, they pay the landlord in cash. The higher the price of milk, the worse it is for the cowherd, whose rent is based on a fixed number of <i>canadas</i>. They live in villages and every morning and evening they go out to the fields to milk their cows.</p> <p>¹⁸ An old measurement for liquids corresponding to about two liters (translator’s note)” (TUI: 137)</p>
<p>h) tradição já extinta de matança de golfinhos na ilha do Pico</p>	<p>“Quando os baleeiros nas Lajes do Pico descobrem no mar os botos ou moleiros, maiores que toninhas, de cabeça romba e corpo acinzentado, oferecem-se uma mortandade e uma tourada.</p> <p>Descem o Atlântico e entram pelo Mediterrâneo em bandos de centenas e milhares, sempre unidos como irmãos e uns atrás dos outros. Onde um mete o focinho, todos metem o focinho, se um dá à costa, todos dão à costa e morrem. (...)</p> <p>- Aí estão os botos!...</p>	<p>“When the whalers from Lajes do Pico come across dolphins or moleiros, which are bigger than porpoises, with a flat head and a gray body, these offer themselves up in a fatal onrush.</p> <p>They migrate across the Atlantic and enter the Mediterranean in their hundreds and thousands, always together like brothers and one behind the other. Where one puts its snout, the others follow suit, and if one ends up on the coast, all the others follow to their death. (...)</p> <p>‘Dolphins ahoy!’</p>

	<p>Toda a população excitada acode à praia. Atiram-se para dentro dos barcos num alarido ou apanham pedras e atam-nas a cordas para chapinharem na água e atemorizarem o boto, que é muito tímido. Os do mar, nos barcos, cercam-nos pouco a pouco, assobiando-lhes, e pouco a pouco os empurram para a costa, até os poderem fechar em roda com grandes redes que largam entre os Ilhéus da Carreira e Palmeirim. Então ecoa o grito da chacina. (...)</p> <p>À volta a excitação cresce e os risos, os gritos que saem das bocas abertas - o alarido, as palmas da gente que se mete na água para melhor matar. Um grupo lança e puxa os bichos para si. Rapazes esperam nos penedos com facas na mão. Gemem os botos arrastados pela costa - gemem como homens na agonia. A água é um charco de sangue entre rochas decorativas.” (AID: 271-273)</p>	<p>The whole population rushes to the beach in a clamor of excitement. They throw themselves into the boats, making a hell of a racket, or grab stones and tie them to string to splash the water and scare the dolphins, which are very timid creatures. Those out on the sea in the boats gradually hem them in, whistling at them, slowly pushing them towards the coast, until they can encircle them with large nets that are thrown out between the Carreira and Palmeirim rocks. At that point, the shouting and the carnage begin to reverberate. (...)</p> <p>All around, the excitement grows and the laughter, the shouts coming from gaping mouths - the hubbub, the folk clapping their hands as they climb into the water to kill more effectively. One group casts ropes and pull the creatures nearer. Boys wait on the rocks clutching knives. The dolphins dragged along the coast moan - they moan like men in their death agony. The water is a lake of blood between ornate rocks.” (TUI: 178, 179)</p>
--	---	--

TABELA 15. REFERÊNCIAS À ARTE (PINTURA E ARQUITETURA)

REFERÊNCIA/ CONTEXTO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
a) Angra do Heroísmo e Braga	“Num plano mais afastado alguns montes escalvados. É Braga, Braga com mais regularidade nas ruas, mais cal nas paredes, e que lhe deu na veneta para ser praia , estendendo até à beira-mar os seus conventos e as suas igrejas pesadas, com um forte em cada extremidade.” (AID: 59, 60)	“Further away, there are one or two bare hills. It is Braga, Braga with greater symmetry in its streets, more whitewash on the walls of its buildings, a Braga that, on a whim, has become a seaside town , its convents and austere churches extending down to the shoreline, with a fort on either end.” (TUI: 22)
b) Peter Paul Rubens; escola da Flandres	“Eu já vi isto – melhor que nas quermesses de Rubens, onde homens e mulheres em pêlo se escancaram de riso – nos quadros flamengos do sabat, em que o diabo feito bode preside a cenas nocturnas de delírio e velhas feiticeiras chegam pelos ares montadas em cabos de vassoura. Foi lá que me apareceu também um homem extraordinário, que se ria com um riso doloroso – um homem que nunca mais esqueci, um morto a rir-se dos vivos. É o estranho prazer de chafurdar na vasa que leva a besta, todo o ano dentro da regra e da lei, aos excessos de S. Marcos, ou são os primeiros	“I have already seen this - even better in Rubens’s feasts, where naked men and women roar with laughter - in the Flemish paintings of the ‘Sabbath’, in which the devil in the form of a goat presides over nocturnal scenes of delirium and old witches fly through the air riding on broomsticks. It was there that I also saw an extraordinary man laughing with pain - I man I never forgot, a dead man laughing at the living. It is the strange pleasure of wallowing in the slime that causes these beasts, forced to obey rules and laws during the year, to indulge in the excess zone St. Marks’s day, or is it the first Flemish settlers on

	habitantes flamengos da ilha que espreitam pelos olhos dos vivos e os obrigam a gestos seculares? ... (AID: 167)	these islands peering through the eyes of the living, and impelling them to carry out acts of profanity? ...” (TUI: 102)
c) monumento da Cidade do Porto: Torre dos Clérigos	“Seguimos para Arrebentão e depois para o Poiso, paragem obrigatória para o café matutino a quem vai a Ribeiro Frio. (...) Paragem no descampado da taberna para homens e bichos descansarem, e começa-se a descer por uma solidão cada vez maior até à calçada a pique, onde os bois estacam segurando o carrito sem rodas, como se descessem a prumo a Torre dos Clérigos . (AID: 295)	“We continue towards Arrebentão and then later to Poiso, a habitual stop for morning coffee for anyone traveling to Ribeiro Frio. A stop in the open space by the inn for men and animals to take a rest, and then we begin our descent through increasing solitude until the steep track, where the oxen serve as a break for the little cart without wheels, as if they were descending the sheer face of the Clérigos Tower . ²⁰
d) Gustave Doré: pintor e ilustrador francês do sec. XIX	“Aquilo perdido lá em baixo é a Ribeira da Ametade, a povoação que mal se distingue, o Faial, e um grande penedo aguçado na minha frente, o Mirante. Paro assombrado diante dos cenários uns atrás dos outros, erguidos no ar e dissolvidos no ar , dos	“That place lost at the bottom is Ribeira da Ametade, the village that can barely be distinguished, Faial, and a huge jagged rock in front of me, known as the Mirante. I pause, awestruck before the scenes, one after the other, rising into the air and dissolving, the narrow valleys

²⁰ The tower of the eighteenth-century Clérigos church in Oporto is one of the landmarks of Brandão’s native city (translator’s note).” (TUI: 194, 195)

	<p>valezinhos, que parecem ainda mais isolados e concentrados, mais fundos, que rochas temerosas defendem e esmagam, e por onde deve correr no Inverno a torrente com um rebramir furioso. É a realidade ou a névoa?... São paisagens de Doré - sítios ao mesmo tempo atropelados, bravios e poéticos. Um caos como pormenores líricos.” (AID: 296, 297)</p>	<p>that seem even more isolated and compact, even deeper, protected and crushed by fearsome rocks, and through which torrents must flow with an angry roar during winter. Is it reality or mist?... These are landscapes by Doré - places at once tormented, untamed, and poetic. A chaos with some lyrical touches.” (TUI: 196)</p>
--	---	---

TABELA 16. REFERÊNCIAS INTERTEXTUAIS

REFERÊNCIA/ CONTEXTO	TEXTO DE PARTIDA	TEXTO DE CHEGADA
<p>a) testamento de Mouzinho da Silveira</p>	<p>“<i>Quero que o meu corpo seja sepultado no cemitério da ilha do Corvo, a mais pequena ilha dos Açores, e se isto não puder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamenteiro carregar com esta trabalhadeira (...)</i> (DO TESTAMENTO DE MOUSINHO DA SILVEIRA)” (AID: 71)</p>	<p>“<i>I want my body to be buried in the cemetery of Corvo, the smallest Island in the Azores, and if, for some reason, this is not possible, or even if the executor of my will cannot be bothered to carry out this task (...)</i> (FROM THE WILL AND TESTAMENT OF MOUZINHO DA SILVEIRA)” (TUI: 30)</p>
<p>b) Rousseau</p>	<p>“A natureza descarnada mete medo, a natureza só nos impele a atos horríveis de instinto. Ao contrário do que diz Rousseau,</p>	<p>“Nature in all its starkness terrifies, nature by itself impels us to horrifying acts of instinct. Contrary to what Rousseau says,</p>

	<p>o que nós temos a fazer é arredar a natureza para confins ilimitados e tender para o homem ideal. Deus nos livre do homem descarnado, sós a sós com a sua tragédia, diante do acaso e do absurdo – do homem subjugado pelas necessidades elementares sobre a fraga no meio do mar, para dela extrair o necessário à vida, sem poder levantar a cabeça! Reconheço agora nestas figuras, escavadas a enxó, outra expressão e leio-lhes nos olhos ânsia que elas não sabem interpretar... O preto, num meio ubérrimo, não foi condenado – este homem é que foi condenado à solidão e ao trabalho. Ora na vida o essencial não é o pão, é outra coisa sem a qual mais nos valia morrer. O essencial é o sonho que transforma o homem.” (AID: 83)</p>	<p>what we must do is to expel nature to the farthest limits and focus on ideal man. God deliver us from unadulterated man, left to his own devices in the face of his tragedy, confronted by chance and the absurd – from the man who is subjugated by the most basic needs on an outcrop in the middle of the ocean, left to extract from it all that is necessary for life without being able to raise his head! I now acknowledge in these figures, carved with an adze, another type of expressiveness, and I read in their gaze an angst that they themselves are unable to articulate... The black man, surrounded by abundance, never experienced such a curse – it was this man here who was doomed to solitude and toil. The most basic thing in life is not bread, it is something else without which one might as well die. Men's basic need is a dream through which to transform himself.” (TUI: 38, 39)</p>
c) Chateaubriand	<p>“Será então Chateaubriand que tem razão quando diz esta coisa horrível: - «É certo que ninguém pode gozar de todas as faculdades do espírito senão</p>	<p>“Perhaps Chateaubriand is right when he makes the following outrageous statement: «What is certain is that no one can enjoy all the faculties of his spirit alone,</p>

	<p>quando se desembaraça dos cuidados materiais da existência – o que só é possível nos países onde os ofícios e as ocupações materiais são exercidas por escravos» -? Toda a civilização é um produto de dor. Para manter a vida artificial sem a qual não podemos passar, é preciso que muitos sofram. Já não concebemos a vida sem arte, sem livros de capa amarela, sem bodegas de teatro – até ao dia do terramoto universal. Mas era preciso perguntar aos desgraçados qual a sua opinião, consultá-los e consultar a nossa própria consciência, para saber se o progresso material se não tem feito à custa do progresso moral e espiritual...” (AID: 83, 84)</p>	<p>unless he is free of the material concerns of his existence – which is only possible in those countries where material tasks and activities are carried out by slaves.» All civilization is the product of pain. In order to sustain a life of culture, without which we cannot excel, it is necessary for many to suffer. We can no longer conceive of life without art, without fine-quality books, without theatre auditoria – this side of Armageddon. But we need to ask those less fortunate for their opinion, consult them and also consult our own consciences so as to find out expense of our moral and spiritual progress...” (TUI: 39)</p>
<p>d) <i>O Primo Basílio</i>, de Eça de Queirós</p>	<p>“Certos seres mortos na minha mocidade, e que eu não sabia onde se tinham metido, foram desterrados para as Flores. Até personagens de romance! Até a D. Felicidade de Eça aqui habita e exala os seus gases, e outras damas antediluvianas com broches ao pescoço e barrigas tão grandes como já</p>	<p>“Certain people who had disappeared in my youth, and of whose whereabouts I was unaware, have been banished to Flores. Even characters from novels! Even Eça’s Dona Felicidade lives here, with her bouts of wind, and other antediluvian ladies with brooches at their neck and bellies larger</p>

	<p>hoje não existem barrigas no mundo!” (AID: 109, 110)</p>	<p>than any bellies one sees elsewhere nowadays!⁹</p> <p>⁹ José Maria de Eça de Queirós (1845-1900) was Portugal’s greatest exponent of realism in the novel. The bigoted, superstitious Dona Felicidade is a character in his novel, <i>O Primo Bazilio</i> (1878) (translator’s note)” (TUI: 59)</p>
<p>e) <i>Os lusíadas</i> de Luís de Camões (Canto V, episódio do Adamastor); mitologia greco-romana</p>	<p>“Esta ilha negra e disforme apoderou-se dos meus sentidos. Tudo o que a princípio me repelia, o negrume, o fogo que a devora, o <i>mistério</i>, tudo me seduz agora. O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, dum beleza que só a ela lhe pertence, dum cor admirável e com um estranho poder de atracção. É mais que uma ilha – é uma estátua erguida até ao céu e amoldada pelo fogo – é outro Adamastor como o do cabo das Tormentas.” (AID: 179)</p>	<p>“This black, deformed island has taken charge of my senses. Everything that at first repelled me, the murkiness, the fire devouring it, the <i>mistério</i>, everything seduces me. Pico is the most beautiful, the most extraordinary island in the Azores, of a beauty that is unique, of a marvelous color and possessing an uncanny power of attraction. It is more than an island – it is a statue raised to the sky and shaped by fire – it is another Adamastor,¹⁵ like that of the Cape of all the Storms.</p> <p>¹⁵ Adamastor, the giant of Greek mythology turned to stone by Doris for falling in love with her daughter Tethys, was used to personify the Cape of Good Hope by Camões, in his epic poem, <i>Os</i></p>

		<i>Lusiadas</i> (1572) (translator's note)." (TUI: 113)
f) Chateaubriand e Almeida Garret	<p>“Os da Graciosa exportam milho e trabalham com diligência, fartos nos seus campos e nas suas vinhas, não se deixam submeter a abusos. Há anos, quando um senhorio de Lisboa, quis aumentar as rendas, não as pagaram. Foi lá a tropa - não pagaram senão o que era justo. Nunca vi campos tão bem tratados, entre os dois montes redondos com a povoação branca no centro, um dos montes amarelo com a giesta em flor e outro dum verde tão tenro que escorre pela encosta abaixo. É uma ilha ilustre e literária. Dela fala Chateaubriand nas <i>Memórias e nas Revoluções Antigas</i>, e Garrett habitou numa destas casinhas, no tempo da expedição de D. Pedro. (AID: 212)</p>	<p>“The islanders on Graciosa export corn and work hard, sustaining themselves well among their fields and vines, refusing to allow themselves to be abused. Years ago, when a landlord in Lisbon attempted to increase their rents, they refused to pay. Soldiers were sent - they only paid what was fair. I have never seen such well-tended fields between the two hills with the white village in the middle, one of the hills is covered in flowering broom, the other such a gentle green in hue that it seems to flow down the slopes. It is an illustrious literary island. Chateaubriand talks of it in his <i>Memoirs from beyond the Tomb</i> and in his <i>Essai sur les révolutions</i>, and Garret lived in one of the cottages there at the time of Dom Pedro's expedition. (TUI: 136, 137)</p>
g) Antero de Quental	<p>“As casas são sempre as mesmas casas, os homens os mesmos homens de toda a parte. Os jardins não. Nem os jardins nem o convento da Esperança, de que também não esqueço mais a torre enorme e</p>	<p>“Houses are always the same, men the same everywhere you go. But this is not the case with gardens. Neither the gardens nor the convent of Esperança, whose tall, dense tower I cannot forget, built for eternity, and the grated</p>

	<p>maciça, construída para a eternidade, e as janelas tão gradeadas que metem medo. Mais forte, mais pesado que uma prisão, oprime o peito e tira o ar. Esta impressão talvez a sentisse Antero, porque foi aqui num banco encostado à muralha, que, depois de olhar para todos os lados sem poder fugir, se libertou da vida.” (AID: 229)</p>	<p>windows that fill us with fear, stronger, heavier than a prison, it weighs on our chest and deprives us of air. This, perhaps, was the impression left on Antero,¹⁹ for it was here, sitting on a bench under its walls, that, after looking everywhere for a way out, he released himself from life.</p> <p>19 Antero de Quental (1842-91) was a philosopher and poet from the Azores. He committed suicide in his native city of Ponta Delgada (translator’s note)” (TUI: 148)</p>
<p>h) literatura oral: lenda da princesa e do pastor (das Sete Cidades)</p>	<p>“É por isto que eu lhe sinto não sei o quê de estranho. Pertence à vida espiritual – é um fantasma de paisagem. As tintas são ténues e trespassadas de sentimento, a vida suspensa e extática. Ali deve estar a princesa encantada da lenda, em que tanto ouço falar, escondida no fundo das águas, emergindo nas noites túmidas de lua para tomar posse do seu reino...” (AID: 233)</p>	<p>“This is why I feel there is something eerie about it. It belongs to a life of the spirit – it is the ghost of a landscape. The hues are fragile and shot through with feeling; life is static and motionless. The enchanted princess of the legend I hear so much about must dwell there, hidden beneath the waters, emerging on nights pregnant with moonlight to take possession of her realm...” (TUI: 152)</p>
<p>i) Alphonse Daudet</p>	<p>“Alguns parques de maravilha, algumas casinhas caiadas de branco, duas ou três com aspeto fidalgo – e uma falsa tranquilidade, o ar de quem faz</p>	<p>“There are one or two marvelous parks, some little white-washed houses, two or three with a gentlemanly air – and a false tranquility, the air of one who</p>

	<p>isto com espalhafato para nos iludir e atordoar – talvez para nos apanhar desprevenidos... Mas eu tranquilo é que não durmo em cima do vulcão... E também não ficava muito tempo ao pé destes seres mudos e enormes, destes colossos que me enchem de apreensão. Lembro sempre, e tenho-a diante de mim, aquela floresta de Daudet que acaba por devorar uma vila. Há aqui gigantes diante dos quais a gente hesita e que nos arrastam para o desconhecido.” (AID: 244, 245)</p>	<p>does this ostentatiously in order to delude us and leave us dizzy – possibly to catch us unawares... But I am calm and collected, and I am certainly not going to sleep on top of a volcano... And I would not spend much time next to these huge, mute creatures, these hulks that fill me with apprehension. I always remember, and I can see it right in front of me, that forest of Daudet’s which ends up devouring a town. There are giants here, before which one pauses, and which drag us towards the unknown.” (TUI: 159)</p>
<p>j) <i>A Divina Comédia</i> de Dante</p>	<p>“A Gruta dos Enxaréus (Flores) abre para o mar a grande boca negra. Pedra, abóbada escura, estreada de branco com relevos bordados a preto. Pesa-lhe em cima uma montanha; em baixo, na água dum azul carregado, nadam milhares de enxaréus. Naquele refúgio encontram-se às vezes mais peixes que água, tornando-a quase compacta. Na caverna de pedraria trágica, que parece a entrada do inferno de Dante, repercute-se o eco das vozes num tom que põe medo.” (AID: 273)</p>	<p>“The Enxaréus Cave, on Flores, opens its gapping black mouth onto the sea. Rocky, a dark dome, strict with white and crisscrossed with black ridges. It bears above it the weight of a whole mountain; down below, in the deep blue water swim thousands of black-tailed trevallies. In this sheltered spot one sometimes finds more fish than water, making it an almost compact mass. In this dramatically rocky cavern, which looks like the entrance to Dante’s Inferno,</p>

		voices reverberate in a chilling echo.” (TUI: 179, 180)
k) <i>Paulo e Virgínia</i> , de Bernardin de Saint-Pierre	<p>“Refugiar-me-ia naquele canto sombrio onde corre um fio de água entre meia dúzia de bananeiras, que nunca vejo sem ficar atónito. Vivem ali juntinhas e abrigadas, a anã mais baixa, a oiro e a prata que deita o tronco mais alto, e lá em cima um penacho de folhas decorativas que lembram Paulo e Virgínia. Algumas têm o cacho pendurado, outras o grande botão a escorrer sangue - folhas em camadas sobrepostas, com a flor dum amarelo desbotado escondida lá dentro. Além de belas, são pródigas. Produzem todo o ano, dão fruto, morrem, mas os rebentos sucedem-se. São duma fecundidade prodigiosa.” (AID: 299)</p>	<p>“I would seek refuge in that shady corner where there is a trickle of water amid half a dozen banana trees, that I can never look at without being astonished. They live cozily together in this sheltered spot, the dwarf much shorter, the gold and silver one, whose trunk grows much taller, and which has a plume of decorative leaves at the top, reminiscent of a scene from <i>Paul et Virginie</i>. Some have dangling bunches, others a great bleeding bud - leaves in overlapping layers, with a faded yellow flower hidden inside. Apart from being beautiful, they are prolific. They produce their fruit throughout the year, then die, but new shoots follow. They are prodigious in their fertility.” (TUI: 197, 198)</p>

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal

As Ilhas Desconhecidas e The Unknown Islands: um estudo comparativo

Verónica Gil Alves Pereira Lázaro



DM